

MAGIA DO FOGO

— Composto e impresso na —
Tip. da Livraria Progredior
Av. Rod. de Freitas, 383-Pôrto

T-Doc-Oli

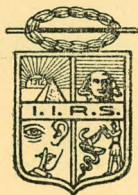
MARTINS OLIVEIRA

Membro titular da Sociedade Astronómica de França
Director da Delegação Portuguesa da
Sociedade Internacional de Recreações Científicas

Magia do Fogo

O homem pode suportar as maiores temperaturas e até, a 1510 graus,
banhar-se em ferro fundido!

Explicação científica de todos os mistérios ígneos dos fakires da Índia, dos aïssaua da África e dos domadores do fogo da América e da Europa, incluindo os prodígios maravilhosos dos célebres «Diabos Vermelhos», as manipulações com ferros em brasa, o forno crematório, o mistério da prisão em chamas, os relâmpagos provocados, o homem incombustível, o vulcão humano e o incêndio aparente de um teatro.



1942

LIVRARIA PROGREDIOR - Editora
158, Rua de Passos Manuel, 162 - Porto

DO MESMO AUTOR

Em português :

- O rei das diabruras — 1917 (esgotado)
- O ilusionista, 2 vol. — 1921
- Inaudismo científico — 1924
- Recreações científicas — 1925 (esgotado)
- Recreações científicas (excerto) — 1925
- Os grandes perigos do hipnotismo — 1925 (esgotado)
- Mundo científico, 3 vol. — 1925-26
- Blacaman e os seus trucs — 1926
- Marte é habitado ? — 1926 (esgotado)
- A astrologia é uma ciência ? — 1927 (esgotado)
- Descoberta do planeta Plutão — 1930 (esgotado)
- Como se calculam as fases da Lua (até ao ano 3.000) — (1930)
- Os filtros de amor e a ciência, 2 vol. — 1936 (2.^a edição)
- Khronos — 1940
- Magia teatral — 1940
- Magia do fogo — 1942

Em francês :

- Inaudisme scientifique — 1924
- Le monde occulte — 1924 (esgotado)

Em espanhol :

- Educación científica de la voluntad — 1912 (esgotado)
- Instrucción y recreo — 1912 (esgotado)
- El gran diablo — 1914 (esgotado)

Traduções :

- O vingador — 1925 (esgotado)
- As duas irmãs — (esgotado)
- O atleta invencível — 1926 (esgotado)



Como nasceu a piromagia



A piromância, velha como o mundo, tem uma história vasta, complicada e cheia dos maiores horrores, que a adivinhação pelo fogo, ao serviço de paixões torpes e de pensamentos impuros, constantemente originava. A piromagia, muito mais jovem, nasceu há pouco mais de dois séculos e teve como engendrades da sua existência a sábia «dúvida», que sempre nos inspira o incompreensível, e a imperiosa «necessidade» de explicar à face da razão aquilo que a razão não percebe.

O suplício do fogo, executado a partir das eras mais remotas e levado a um exagêro inconcebível desde os princípios do século XVI a meados do século XIX, fez com que os cientistas das várias épocas, para explicarem a si próprios certos factos notáveis a que assistiam, acreditassem, especialmente depois de 1500, na existência de processos misteriosos para se domar o fogo e preservar do calor determinados pseudo bruxos condenados à ignição. Havia ainda casos mais singulares que corroboravam de forma eloquente a suposição que nascia : Muitas das pessoas acusadas de hipotéticos crimes,

cuja prova testemunhal não se podia fazer, eram submetidas ao «julgamento do fogo», para se poder deduzir, com certeza absoluta, da sua culpabilidade ou inocência. Alguns dos supliciados resistiam de tal modo ao calor e ao próprio ferro em brasa, que eram imediatamente ilibados de toda a culpa e tidos como inocentes das acusações imputadas. Mas os próprios algozes, embora possuidores de toda a ciência do tempo, não adregavam com a explicação do mistério e como, no seu íntimo, não admitiam o milagre, eram levados a concluir que se tratava de qualquer segredo que eles não logravam penetrar. Essa conjectura, alimentada de ano para ano e densificada de século para século, criara a piromagia.

Um facto recente, respigado da história de Inglaterra por Julia de Fontenelle e inserto por elle próprio a pag. 103 e seguintes do «Nouveau Manuel Complet des Sorciers», é bem elucidativo sobre o que acabo de expor :

A mãe de Eduardo IV, rei de Inglaterra, fôra acusada de manter relações demasiado íntimas com o bispo de Winchester. O rei, crédulo e supersticioso, quis que ella fosse julgada pela «infalível» prova do fogo ; e a princesa Ema, gritando a sua inocência, consentiu em submeter-se ao tremendíssimo martírio. Ficou assente que ella daria nove passos, a pés nus, sobre nove pedras elevadas ao rubro pelo fogo. Depois disso, para que o juízo não pudesse oferecer dúvidas, daria ainda mais cinco passos pelo bispo de Winchester. Se no fim da prova não se tivesse queimado, a sua inocência mostrar-se-ia evidente e a sua absolvição não poderia deixar de ser um facto ; mas se, pelo contrário, o fogo lhe torturasse as carnes, o seu crime não ofereceria discussão e em face de não existir a menor dúvida, seria queimada viva em gigantesca fogueira.

Ema, banhada em lágrimas, passava as noites em claro, quasi sempre de joelhos, rezando, aos pés de S. Secundino.

No dia do julgamento, a que assistiu o rei e os grandes dignatários da corte, procedeu-se às cerimónias habituais em casos de semelhante grandeza e, após tudo, a rainha, de pés nus e pernas ao leu até ao joelho, caminhou sobre as nove pedras rubras exactamente como o faria numa passadeira de veludo! Dois bispos, um de cada lado, procuravam auxiliá-la, embora, pelo que se via, ela não carecesse de auxílio absolutamente nenhum. De facto, os seus pés ficaram tam frescos, que ela, logo a seguir ao julgamento, abandonou a igreja e dirigiu-se a passo natural aos seus aposentos privados. Então o rei, chamando os bispos, caiu de joelhos aos pés de sua mãe e suplicou-lhe perdão. A seguir, ardendo em remorsos, pediu às autoridades eclesiásticas que o punissem e o absolvessem depois do pecado que cometera.

Fenómenos como este, aliados a ensinamentos já existentes desde os princípios da era cristã, acabaram por implantar sólidamente nos cérebros cultos a hipótese da piromagia.

Realmente, M. Grebe diz-nos que em fins do século XIX, portanto quasi nos nossos dias, experimentara os segredos de Simão o Mago e que com elles obtivera uma incombustibilidade perfeita.

Grebe refere-se à «*Clavis Secretorum coelisterræ*», mas Antephius no seu livro «*Claves Majores Sapientiae*» e Alberto o Grande em «*Alberti Parvi Lucii*» (*Libellus mirabilibus naturæ arcanis*), oferecem-nos processo idêntico para nos libertarmos dos tremendos efeitos do fogo. Na segunda parte desta obra tenciono voltar ao assunto e descrever aos meus leitores o sistema que Grebe diz

ter experimentado e de cuja eficácia o Dr. Moorne tece os maiores elogios.

Creio que foram os trabalhos de Artephius, de Simão o Mago e de Alberto o Grande que contribuíram para o alicerce do que hoje podemos classificar a verdadeira piromagia. Mais tarde, a 15 de fevereiro de 1677, «Le Journal des Savants» deu-nos, enfim, a primeira explicação científica das manipulações do ferro em brasa, devida inteiramente à traição do criado de Richardson, o primeiro ilusionista europeu que descobrira, na realidade, um processo engenhoso para nos defendermos do fogo (1). Esse processo, deficientemente exposto em livros contemporâneos, mostra-se perigoso e mau, porque os seus plagiadores, desconhecendo a razão científica do facto, limitam os ensinamentos a fórmulas imprecisas e vagas, o que pode conduzir ao erro e por isso à própria morte. Nenhum dos autores, para melhor ocultar o plágio, se refere ao «Journal des Savants». Exceptua-se desta pleiade de ladrões o grande Robert-Houdin, mas até o insigne Mestre, depois de nos aguçar o apetite de estudarmos a obra, absolutamente «introuvable», muda abruptamente de assunto, sem nos fornecer o mais ligeiro detalhe sobre o magnífico sistema. Eu não procederei assim e em lugar adequado, na segunda parte d'este

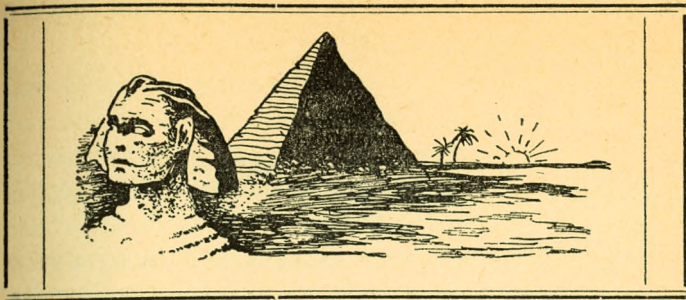
(1) «Le Journal des Sçavans», chez Pierre Witte, rue Saint-Jacques, vis-à-vis de la rue de la Parcheminerie, à l'Ange Gardien, que se publicou em Paris, «avec privilege du Roy» desde 2 de janeiro de 1675 a 21 de dezembro de 1682. Desta magnífica obra existem três edições: A primeira (1675) insere o curiosíssimo estudo a pág. 41 e seguintes; a segunda (1677-1680) publica-o a pág. 97, 102, 147 e 148; a terceira (1680) dá-nos o mesmo interessantíssimo trabalho a pág. 24, 142, 252 e seguintes.

livro, focarei as próprias palavras do vil criado de Richardson.

Após a traiçoeira revelação, todos os livros modernos que abordam a piromagia falam do ácido sulfúrico, mas são tam estúpidos nas afirmações produzidas que, se lhes déssemos crédito, morreríamos logo a seguir à execução da experiência! «Carteira de satan», por exemplo, aconselha, como veremos mais adiante, a friccionar o corpo todo com ácido diluído em água, para podermos, sem perigo, entrar num forno de padeiro! Se David de Castro soubesse quais são as funções do ácido e porque é que se utiliza em determinadas proporções, nunca daria aos seus leitores conselho tam criminoso. Mas êle ignorava tudo sôbre a piromagia e foi a sua ignorância que o levou a ensinar um sistema, infelizmente copiado por outros autores, que obtura os poros cutâneos e dá origem a uma das mortes mais horrorosas que se possam imaginar. Citei, de propósito, uma obra portuguesa, mas não oculto que no estrangeiro ainda as há muito piores.

Os próprios livros especializados, como «Mysteries of fire», de Barnello, e «Feurzauber», de Conradi, que tratam exclusivamente de piromagia, pouco têm que nos mereça atenção. Conradi ensina-nos só brincadeiras sem valor algum e Barnello, apesar de tôda a sua competência no assunto, mostra-se reservadíssimo, salvo para aqueles que, dirigindo-se-lhe, provem não fazer questão de preço...

«Magia do Fogo», que é um livro escrito pelo autor a pedido do I. I. R. S., tem outros objectivos, porque se destina a ser uma autêntica obra de estudo.



PRIMEIRA PARTE



luta pelo prestígio — Fôrça, Inteligência
e Virtude — Origem dos domadores
do fogo — Autêntica virtude e virtude
fictícia — Funesto prestígio de re-
quintada sedução — Pegar em ferros
em brasa com as mãos nuas, pô-los

em cima dos cabelos e em directo contacto com o rosto
— Um homem queimado vivo — O delírio do brazeiro —
Pisar brasas com os pés nus — Danças de loucura —
Cremação oriental — Destruição, pelo fogo, de um grande
«bruxo», que ressuscita momentos depois do sacrifício
— Hipóteses e conjecturas — Testemunho de viajantes
ilustres — O que escrevem os jornalistas e afirmam os
escritores — O que pensam os sábios que visitaram o
Oriente — Confissão extraordinária de uma aïssaua —
Explicação científica do mistério.

I

A luta pelo prestígio

Segundo as leis de persistência do mais forte sobre o mais fraco, logo no início da aparição das espécies, começa imediatamente a fazer-se uma rigorosa selecção. A luta com os elementos, com as feras e com o próprio homem fornece, após tremendíssimas pelejas, a raça pura dos valentes, dos ousados, dos atletas e, volvidos uns tempos, dá origem ao prestígio primitivo — na sua forma mais natural, sem deixar, contudo, de ser também a mais grosseira: O animal mais forte ensaia impôr-se aos mais fracos pela energia brutal dos seus músculos, o poder dilacerante das suas garras, o império esmagador dos seus dentes.

É o «prestígio da força» que nasce e a fraqueza começa a compreender que é indispensável respeitar.

Surge então, na raça humana, o primeiro soberano, que exige pesado tributo e impõe aos seus vassallos a mais degradante escravidão. Mas, com o rodar dos tempos, os anos enfraquecem-lhe os músculos, as garras tornam-se-lhe trémulas e os dentes, já abalados, não lhe merecem a confiança de outrora. O «prestígio da força» vai, pois, ainda que pouco e pouco, aproximando-se de zero.

E o tirano, covarde como todos os fortes em declínio que abusaram do seu poder, começa a notar dentro de si o fantasma tremendo de pavor. Cerca-se então de vassallos robustos e fiéis que, em paga de tentadoras mercês, lhe juram fidelidade eterna e garantem que o poder só lhe será arrebatado por quem conseguir, primeiro,

destruir-lhes as próprias vidas. Mas a ascensão cria imprevistas necessidades ; e desejos inéditos, acompanhados de ambições nunca até ali sonhadas, tecem a conspiração. Uma ânsia enorme de grandeza começa a germinar-lhes no peito e, em consequência disso, a calúnia abjecta e vil é posta ao serviço da intriga — que tudo consporca e desvirtua. A revolução estala e o detentor do «prestígio da força» é abatido, como reptil que se desprespa, a golpes horríveis de silex. A luta continua e com ela a destruição de todos os obstáculos que se oponham às ambições daqueles cérebros em fogo. Os próprios lutadores, num delírio crescente de triunfo, aniquilam-se uns aos outros — até se ver surgir de entre êles o «specimen» da raça que mais coragem ou mais traição revelou. Êste, após a vitória, empunha por sua vez o látigo do comando e impõe-se, como o outro, pela força brutal dos seus braços e a crueldade sanguinária dos seus instintos. Contudo, o declínio espreita-o e êle começa a compreender, pelo próprio exemplo, que será também esmagado logo que a energia dos seus músculos tenha deixado de existir.

E temos, naturalmente, por consequência lógica dos factos, o primeiro lampejo da inteligência. Ela, para manter o «prestígio da força» e prolongar o seu império, cria então o primeiro «gabinete» de sub-chefes, que a função torna odiosos e a ligação com o poder central — responsáveis. O arдил começa a surtir os seus efeitos : Os novos atletas não destroem o chefe, porque temem ser destruídos, também, pelos fortes afastados do poder. Assim, o soberano, já convertido num farrapo do que fôra, consegue, sem o «prestígio da força» pessoal, continuar a ser obedecido. A divisão criteriosa das responsabilidades e dos ódios criara interesses múltiplos de

estabilidade e são precisamente êsses interêsses, mantidos em vários graus, que fazem com que os satélites, temendo a treva e o frio, nem sequer pensem em destruir o Sol que os ilumina e aquece. O «prestígio da força» começa, pois, a ceder terreno e acaba por se refugiar num plano distante do primeiro.

É assim que nasce o «prestígio da inteligência», que se impõe à própria força. Uma vez, poucas, fá-lo com a justiça cristalina da verdade; outras, muitas, emprega para o mesmo fim a doirada mentira que lhe apraz. A força, poderosa e bruta, limita-se a obedecer, visto que lhe é impossível discutir ou criticar: A inteligência é a exclusiva detentora da «razão» e a força apenas se pode gabar de ser a senhora absoluta da «energia»!

E eis os pródromos da política — mixto de intrigas, de ambições e de invejas.

A luta — indispensável, porque sem luta não há vida — manifesta-se agora no campo intelectual. Os degladiadores já não se utilizam da força nos seus combates formidandos: Preferem a calúnia bem urdida, que desprestigia o chefe; a promessa bem architectada, que cria esperanças de império; a sedução da grandeza, que faz delirar os imbecis — que nunca puderam ser alguém. A revolução volta a fazer tremer a terra, o soberano é de novo esmagado e substituído por outro, ainda mais perverso, mais ardiloso e mau. As lições da História começam, porém, a fazer-se notar e o novo chefe principia a compreender que não basta a inteligência para se impor a um povo, como já compreendera o outro que o «prestígio da força» não era suficiente para garantir e manter a estabilidade do mando. Além da força, que é cega, e da inteligência, que muitas vezes é surda, era preciso a virtude, que exteriorisa bondade e sabe fazer justiça.

Nascera o «prestígio moral» !

A partir desse momento, o homem começa a impor-se mais pela virtude, aliada à inteligência, do que pela inteligência, de mãos dadas com a força. E a justiça, na sua forma mais bela, aparece pela vez primeira à superfície do nosso mundo. Surge, pois, o verdadeiro chefe, o autêntico soberano, que sabe dirigir a força e purificar a inteligência. A sua obra grandiosa e bela faz crer na inspiração divina e a fama dos seus milagres excelsos, repletos de beleza e de bondade, atravessa continentes.

A inteligência, esmagada pela virtude, já não pode, só por si, ter império sobre a força.

II

Origem dos domadores do fogo

Notando a sua impotência, faz então fervilhar a inveja; e, alimentada pela intriga, a ânsia de poder e de grandeza volta a germinar em todos os peitos — sedentos de arrogância vil.

A força, porém, já nada pode, nem mesmo aliada a uma inteligência perversa, ao mesmo tempo disciplinada e luminosa, que a seduz com promessas impregnadas de utopia e a leva a visionar, com requintes de premeditada maldade, estonteantes momentos de ventura. Tudo em vão, trabalho estéril — que nada consegue produzir.

A inteligência, furibunda com a noção consciente do próprio aniquilamento, resolve equacionar o problema da reabsorção do prestígio. Mas os «dados» de que dispõe

mostram-se com aderências em avançadíssimo estado de putrefacção moral. Contudo, sàbiamente ordenados, fornecem uma solução pasmosa — digna da equação abjecta — ao mesmo tempo inesperada, assombrosa e surpreendente !

Ei-la :

Competiria com a autêntica virtude, opondo-lhe a virtude fictícia : Os seus «milagres», obedecendo ao critério deduzido, seriam muito mais belos, porque, escapando aos princípios sacrossantos da verdade, não estariam submetidos às leis edénicas da pureza. Seriam coloridos do modo mais encantador, mesmo que na arquitectura do conjunto se escondesse a maldade, a vilania e o crime.

E foi assim que nasceu o «prestígio da justiça», especialmente da justiça de alguns homens, de quási todos os homens, que sabem alindar a mentira e cobrir de sédas o mal. O funesto prestígio nascente, aninhado à sombra de verdades da mais requintada sedução, começa, a partir dêsse momento fatal da História, a guerrear a virtude. Os seus triunfos chegam a originar hipotéticos axiomas, que atravessam séculos e séculos com aparências de verdade !

Os falsos inspirados, volvidos uns tempos de ensaio, levam a ousadia mais longe e, para que os creiam em comunhão directa com Deus, manejam o próprio fogo e cobrem-se com o prestígio transcendente do milagre. É a forma mais grosseira do ilusionismo vil, da prestigiação mascarada com deslumbrantes roupagens de púrpura. Com o decorrer dos séculos e após milénios de evolução moral, o entrudo maldito cessa em parte e dá origem a uma verdade nua, maravilhosa de beleza e deslumbrante de grandiosidade, — a ciência da ilusão.

Nascera, assim, o primeiro «domador do fogo», que não guerreia a virtude, não se impõe à inteligência nem deseja o domínio da força.

III

A prova do fogo

Em tempos, felizmente bem distantes do nosso, existia no Oriente um processo «infalível» de distinguir o eleito do réprobo. Consistia na «prova do fogo» e na realização de «milagres». A primeira, satanicamente dolorosa até ao martírio aniquilador da morte, mostrava à turba ignorante e perversa o «pecador» mergulhado em trevas, que era indispensável esclarecer e purificar pelo fogo; os segundos, de uma espectacularidade que fazia vergar à idolatria, impunham-se pela majestade aparentemente divina das suas práticas sobrehumanas e davam origem a concepções fantásticas de admirativo respeito e de religioso acatamento dos que não possuíam ainda, em grau suficientemente elevado, a sublime faculdade de pensar.

Os brahmanes primitivos e ainda muitos dos actuais crêm em milhões e milhões de deuses, porque imaginam que os livros sagrados dos Vedas garantem que são divindades os elementos e as coisas. A idolatria é, pois, facto naturalíssimo entre eles, especialmente há séculos, quando os próprios animais de sangue branco tinham honras de divindades. Hoje, porém, há na Índia, como em toda a parte, homens inteligentes e cultos. Existe mesmo naquele país de maravilha uma classe de sábios hindús, cujo saber, em ciências naturais, por exemplo, ultrapassa em alguns séculos o dos sábios da Europa.

Mas essa nobreza da inteligência sublimada nunca se mostra, porque nunca deseja o aplauso nem anseia a celebridade. Para êsses homens superiores, verdadeiros Zoistas de eleição, apenas uma coisa tem valor — o isolamento quási total do mundo. É por isso que os seus estudos da fenomenologia natural atingem por vezes tal grandeza, que se tornam inconcebíveis para quem os não possa compreender. O seu domínio interno e externo chega então a parecer autênticos milagres aos ignorantes e verdadeiras fraudes habilíssimas aos cérebros cultivados pelas universidades europeias. Estes espíritos cheios de luz, após o noviciado («brahmachari»), convertem-se em iniciados («dwidjas»), renunciam a todos os prazeres do mundo, merecendo a honrosa classificação de «sannyassi», e acabam por obter sôbre si próprios o mais perfeito domínio. São, nesta altura, «yatis», que mais tarde, sem passarem por «grihastas», visto que preferem o celibato, se elevam logo a «gourous» ou chefes supremos de certo número de «vanaprasthas», «parivrajacas» ou «yoghis» de requintado saber.

Quando atingem o excelso grau de cultura, dominam os próprios «pourohitas» e, passados uns anos, podem considerar-se Adeptos. Um dêstes grandes génios, Koot-Houni, de quem Sinnett e Leadbeater nos têm dado páginas formosíssimas, recebeu há tempos uma carta de Saint Yves d'Alveydre, o sábio autor de «La Mission des Juifs», que lhe fazia um sem número de perguntas sôbre as ciências orientais.

Koot-Houni, com a bondade sublime que o caracteriza, respondeu em extensíssimo documento, hoje considerado precioso pela enorme soma de ensinamentos que encerra. Tenho pena de o não poder inserir aqui, mas é-me impossível fazê-lo, porque nem o lugar é próprio

nem o espaço de que disponho me permite liberdades dêsse género. Contudo, para ilucidar os meus leitores sobre as minhas próprias afirmações, que podem, sem um esclarecimento, ser tomadas como falsas ou extremamente exageradas, permito-me respigar uns ligeiros passos do notável documento :

«Exora-me que lhe ensine a verdadeira ciência, a parte desconhecida do inverso conhecido da Natura, e entende ou finge entender que é tão fácil a resposta como a pergunta !

«Parece-me que vossa excelência não faz uma idéia exacta das terríveis dificuldades que haveria a vencer para expôr, mesmo os mais simples elementos da nossa ciência, àqueles que foram vasados cerebralmente no molde dos métodos comesinhos das ciências ocidentais. Não repara em que, quanto mais se julgam conhecedores dos segredos de umas, menos estão habilitados para compreenderem a outra.

«Realmente, qualquer homem apenas pode pensar consoante a receptividade da sua categoria intelectual e se não puder ir mais além, como tem sucedido no ocidente, será forçado a acatar os velhos erros em que labora e continuar, de olhos quási vendados, na estreita esfera cultural em que gravita.

«Permita-me a liberdade de citar alguns exemplos. Em conformidade com as ciências ocidentais, os senhores apenas reconhecem uma energia cósmica. Não notariam, por isso, nenhuma diferença entre a força vital dispendida por qualquer viajante, que afasta dos caminhos os silvados que lhe dificultam a dolorosa marcha, e o mesmo e equivalente dinâmico gasto por um sábio que, após muitos anos de estudo e de canseiras, põe, finalmente, uma pêndula em movimento. Nós sabemos fazer

essa distinção ; sabemos que existe um abismo entre o viajante e o sábio.

«Um dissipa e arruína a fôrça, sem nenhum ou quási nenhum proveito ; outro concentra-a e armazena-a. Nesta altura convém notar, para boa interpretação do meu pensamento, que de forma alguma aprecio a utilidade relativa dos nossos dois homens, como poderia supor-se. No primeiro caso existe simplesmente emissão de fôrça impensada, sem que esta última seja voluntariamente transformada numa forma mais elevada de energia mental ; no segundo caso, nota-se justamente o contrário do que se observa no primeiro. Mas não vá, pelo que afirmo, tomar-me por qualquer nebuloso metafísico, visto que o meu objectivo foi unicamente o de formular a síntese que segue :

«Quando um cérebro trabalha de forma absolutamente científica, a consequência da sua mais elevada actividade intelectual é o desenvolvimento, a evolução de uma forma sublimada da energia mental e esta última, como poderia demonstrar, produz na actividade cósmica resultados ilimitados. Por outro lado, o cérebro influenciado por uma ciência puramente mnemotécnica, não sabe criar e funciona automaticamente, apenas armazenando ou acumulando um determinado equivalente de energia bruta, absolutamente improdutiva tanto para o individuo como para a humanidade.

«O cérebro humano é um gerador inesgotável de uma fôrça cósmica da espécie mais delicada e superior a tôdas as energias brutas da natureza física. O Adepto completo é um centro de emanação, do qual irradiam fôrças pasmosas, potencialidades formidandas que, de correlação em correlação, penetram nos próprios ciclos dos tempos futuros ! Se conhecesse as propriedades ma-

ravilhosas da «akasa», agente muito mais subtil e infinitamente mais poderoso do que a electricidade, poderia utilizar-se da sua energia pasmosa e compreenderia muito melhor o que acabo de revelar.

«A industriosa formiga, a activa abelha, o pássaro que constrói o ninho, acumulam, no grau das forças de que dispõem, tanta energia cósmica em determinado sentido específico da Natura, como Hayden ou Platão ou ainda como um simples lavrador conduzindo a charrua ou colhendo os frutos dos seus campos. Mas o caçador que mata por prazer ou o positivista que fatiga a mentalidade a provar que $+\times+=--$ (1), êsses perdem a energia cósmica, tal como os tigres dos juncaes quando saltam sobre a presa.

.....
«Eis a chave do mistério das faculdades que tem o cérebro humano de projectar e tornar sensíveis, no mundo chamado invisível, as forças que o seu poder criador gerou e faz surgir dos elementos do mundo que no ocidente ignoram.

«O Adepto nada cria de novo, mas utiliza e aproveita os materiais que a natureza acumulou em torno dêle e que, durante eternidades, revestiram tôdas as formas possíveis, conhecidas ou ignoradas, que chegaram até nós ou, por transformações subtis, se diluíram

(1) Como a multiplicação algébrica $+\times+$ nos dá um produto positivo, não negativo, devemos concluir que toda a energia tendente a propagar o erro, mesmo que êle se deva à ignorância do autor e, portanto, a má fé possa ser inteiramente posta de parte, influe no «cosmos-vital» em sentido diametralmente oposto, isto é, em vez de criar e ser útil, destrói e torna-se abjecta. (N. do T.).

no passado. Resta apenas escolher aquilo de que se carece e dar-lhe, em pensamento-fôrça, a existência objectiva. Mas a educação científica da vontade só agora começa a ser conhecida no Ocidente ! (1).

«Os sábios ocidentais, por se imaginarem detentores de tóda a ciência do Universo, reputam certamente o que fica dito como autêntico sonho de um infeliz alucinado.

«Afirmam os senhores que poucos ramos da ciência deixam de lhes ser familiares e julgam poder ser úteis à humanidade, graças às capacidades que conquistaram em muitos anos de trabalho e de estudo ? É possível, mas permita-me vossa excelência que eu esboce ainda com mais clareza a diferença que existe entre os processos das ciências que reputam exactas, embora muitas vezes o façam por mera delicadeza, e os métodos dos nossos filósofos.

«Tais métodos, como vossa excelência certamente não ignora, saiem do habitual e negam-se, por isso, a tóda a verificação vulgar do «controle» grosseiro a que os querem submeter. O facto, como deve ser do seu conhecimento, levou Tyndall a classificá-los entre as ficções da poesia, o que faz crer que as ciências das coisas físicas se acham, no Ocidente, condenadas sem remissão a uma prova absoluta. Entre nós, pobres filantropos ignorados das multidões, nenhum fenómeno de qualquer destas ciências é interessante, senão em aten-

(1) Zoismo Superior, conhecido no Ocidente desde 1912 e para o qual não há livros de ensino colectivo, mas unicamente leccionações redigidas de propósito para um estudo individual absolutamente seguro. (N. do T.).

ção à sua capacidade de produzir efeitos morais — e na razão directa da sua utilidade humana (1). Ora que mais indiferente pode haver para todos e para tudo, que de menos necessário seja para quem fôr e para o que fôr, do que essa ciência materialista dos factos, no seu isolamento desdenhoso de tudo quanto se ignora ?».

«No Oriente sabe-se que a energia cósmica é «uma coisa» eterna e incessante e que a matéria, apesar da teoria electrónica, continua a mostrar-se indestrutível. E os factos científicos, tal como os observam, não ultrapassam jamais este limite ! (2). Contudo, toda esta nomenclatura de factos científicos nunca pôde fornecer aos investigadores uma única prova de que, na sua misteriosa «consciência», a natureza prefere que a matéria seja mais destrutiva na forma orgânica do que na inorgânica. Nenhum facto material e materialmente observado pôde jamais negar que a Natura trabalha lenta, mas incessantemente para a eclosão da vida consciente — de que a matéria inerte é apenas um denso véu.

«Disto resulta a profunda ignorância dos homens de ciência do Ocidente sobre a dispersão e concentração da energia, encarados debaixo do ponto de vista hiperfísico. As desinteligências sobre as teorias de Darwin e sobre toda a biologia ; as incertezas relativamente ao grau de vida consciente contida nos elementos, nos estádios dis-

(1) Carrel, um dos maiores cérebros do Ocidente, demonstrou já que a ciência, desconhecendo inteiramente o homem, tem-lhe preparado um «meio» impróprio, em que ele, como se sabe, dificilmente pode viver ! (N. do T.).

(2) A constituição atômica da anti-matéria continua, por ora, um autêntico enigma para os sábios ocidentais.

tintos da substância: o desprezo por todo o fenómeno que se permite sair da esfera da classificação vulgar e, *à fortiori*, por tudo quanto o cientista do Ocidente não sabe nem pode compreender — são as causas principais da ignorância do excelso mundo de forças, cuja existência os senhores não podem admitir, porque estão infinitamente longe de compreender.

«Nós, orientais, vemos uma enorme diferença entre duas qualidades de duas quantidades iguais de equivalentes dispendidos por dois homens, dos quais um, supunhamos, caminha tranqüilamente para o trabalho quotidiano e um outro que se dirige para qualquer esquadrão policial, afim de denunciar um seu semelhante.

«Para os cientistas do Ocidente não existe entre ambos diferença alguma!

«Nós fazemos, ainda, outra distinção específica entre a energia do vento e a de uma turbina. Porquê ? Porque, na sua evolução invisível, todo o pensamento humano passa no ponto onde a natureza física representa precisamente o inverso e torna-se, por isso mesmo, uma entidade activa, associando-se, unindo-se intimamente, com um elemento especial, isto é, com uma das formas semi-intelectuais dos reinos da vida. Êste pensamento sobrevive com inteligência activa, como criatura engendrada pelo espírito, durante um período mais ou menos duradouro e proporcional à intensidade da acção cerebral que a gerou. É, pois, fácil de concluir, pelo que acabo de expôr, que um pensamento bom, tal como um pensamento mau, tem o dom de se perpetuar e até, em certos casos, o poder de converter-se numa entidade semi-pensante -- capaz do bem e do mal.

«Por consequência, é fácil de compreender, pelo

menos para nós, que o homem povoa constantemente o espaço que percorre — de um mundo, a sua imagem, repleto das exteriorizações das suas fantasias, onde se amalgamam os desejos, os impulsos e as paixões (1).

«Mas, por seu turno, este meio invisível reage, pela vibração à frequência conveniente, sobre toda a organização sensitiva ou nervosa, proporcionalmente à sua intensidade dinâmica. É o que os Boudhistas chamam «sanda» e os hindús designam por «karma».

«O Adepto cria cientemente formas-pensamento repletas de bondade e de beleza ; portanto as suas reacções só podem ser de beleza e de bondade. Os outros geram essas formas ao acaso e é por isso mesmo que não passam de joguetes nos acasos aparentemente misteriosos do destino».

Koot Houni, depois de nos instruir sobre a metodologia seguida no Oriente para o desenvolvimento das faculdades nobres do homem, sistema esse que não tem valor algum nas nossas latitudes, porque o seu estudo prático é absolutamente impossível entre nós, prossegue (2):

«E eis a razão porque, devido à nossa esfera científica lhes ser absolutamente desconhecida, nos recusamos a sair do nosso mutismo e não permitimos que os senhores nos triturem em qualquer das engrenagens da ciência ocidental. Não compreendemos como os senhores podem afirmar que o calor é apenas um modo de movi-

(1) Zoismo Superior.

(2) Compreende-se que no Ocidente não se possam empregar os sistemas orientais de desenvolvimento do ser. Por isso existem outros («Neohipnotismo-Zoismo») especialmente estudados para as nossas latitudes (N. do T.).

mento e que o movimento gere o calor! Sendo assim, como é possível explicar-se a razão pela qual o movimento mecânico de uma roda que gira sobre si mesma, tenha na ordem hiperfísica, um valor mais alto do que o calor em que se transforma e absorve gradualmente?! As ciências ocidentais não resolveram ainda este singular problema!

* * * * *

«A noção transcendente dos orientais de que o progresso final do trabalho da humanidade, auxiliado pelas incessantes descobertas do homem, há-de chegar a imitar a energia solar e que dêse facto hão-de resultar enormes vantagens para todos os habitantes da Terra, a menor das quais será, por exemplo, a transformação da matéria inorgânica em elementos nutritivos, parece, com certeza, absurda no Ocidente. Mas se o Sol, o grande alimentador do nosso Sistema Planetário, convertesse os frangos em carvão e o fizesse de modo acessível à observação e à experiência, os sábios do Ocidente aceitariam o fenómeno como um facto científico e não lamentariam o despovoamento dos galinheiros nem perderiam tempo a estudar se a misteriosa conversão privaria de alimento os homens que têm fome! Todavia, se um Shaberon atravessar os Himaláias em tempos de seca e multiplicar os sacos de arroz, para impedir que pereçam as populações famintas, como pode certamente fazê-lo, então, como o facto não foi submetido ao «controle» dos cientistas ocidentais nem mostra nenhum acôrdo com o que elles estudaram nas suas universidades, tais efeitos maravilhosos serão atribuídos ao lirismo de qualquer poeta sonhador ou a exagêro ou inexactidão da pessoa que os descreve. Seria até possível, se o facto a que aludo fôsse dado como real, que os magistrados ociden-

tais mandassem meter na cadeia o mísero Shaberon — para que êle confessasse de onde roubou e como roubou o arroz !

«Eis no que consiste a vossa ciência ocidental, a vossa sociologia positiva e . . . prática !».

Após uma extensíssima lição, que conclue afirmando que os hindus, logo que se capacitem da boa fé dos ocidentais, trarão o problema à luz do dia, Koot-Houni continua :

«Quando se lhes provar que as velhas manifestações de ordem divina não eram milagres, no sentido vulgar do vocábulo, mas sim resultados científicos de ordem transcendente, a superstição científica ocidental cairá por si mesma — sem que ninguém a empurre.

«Quando a vossa atitude mudar perante a nossa remota intelectualidade, os príncipes da Índia não deixarão de fundar escolas para a educação dos «Pundits» e os velhos e preciosos manuscritos, até hoje inacessíveis às pesquisas dos europeus, surgirão de novo à luz do dia e nêles se encontrará a chave de muitas coisas que durante séculos e séculos têm permanecido ocultas às inteligências do Ocidente. A ciência lucraria muito com isso e a humanidade também».

Resolvo ficar por aqui . . . porque a carta é enorme e o lugar dos mais impróprios para a sua transcrição. O que fica exposto é, contudo, suficientemente claro para corroborar o que afirmei. Compreende-se, porém, que um Adepto não é um homem qualquer — que se exhiba nas ruas ou queira falar em público. Evidentemente que não se trata de fakires, dessa pléiade misteriosa de pobres e miserandos hindus que, em troca de meia dúzia de moedas, executam ao ar livre os seus mais extraordinários «prodígios» do ilusionismo de outrora. Os seus

«trucs», todos de explicação singela, são o seu único ganha-pão. Só assim se explica que, não sendo maus, os fakires não hesitem em matar, se lhes surpreendem um segredo e demonstram que podem realizar prodígio idêntico ao seu. Mas estes pobres diabos, cuja paciência natural chega a fazer pasmar os próprios mestres do ilusionismo, só me interessam, de momento, no que diz respeito ao fogo e, neste capítulo, os hindus de há milénios são-lhes infinitamente superiores, porque também o eram na maldade, na inteligência e na cultura que os seus altos cargos exigem.

Para que se ajuíze da minha preferência e se aprove a minha escolha, bastará seguir com atenção as cenas tremendas que descrevo. Começarei pela autêntica prova do fogo, por êsse martírio destruidor, cuja lembrança, só por si, parece fazer germinar dentro de nós os prodromos arrepiantes da loucura!

*

*

*

Numa tarde escaldante de sol vertical, do enorme templo politeísta Bhrahmane, um pagode rendilhado e lindo, saíam para o recinto da «prova decisiva» os mentores da humanidade de então. Indumentados com delirante grandeza e rostos carminados de sábios atlantes, que havia milhares de anos tinham desaparecido da Terra, êles faziam-se conduzir, como deuses, em «hoio-dahs» de metais preciosos, recamados de pedraria rara, a tribunas construídas em alabastro e atapetadas com tapeçarias multicores de uma riqueza incalculável. O pseudo hereje — um desgraçado em quem recaíra o ódio dos grandes da época — já se achava. prêso com grossas

cadeias de ferro, no torturante recinto do sacrifício sagrado.

A multidão ígnara, inconsciente do seu poder e da sua responsabilidade, apupava com barbarismo inconcebível o infeliz condenado à destruição pelo fogo!

Em dado momento a chusma agitava-se nervosa, como se fôra na realidade um mar imenso de cabeças. Ouvira-se, lá ao longe, o rufar prolongado de tambores, seguido das notas agudas dos clarins, que anunciavam para muito breve o início tam ansiosamente esperado da tremenda cerimônia. Um tam-tam gigantesco reduz toda aquela massa humana a uma quietude que suplanta a das estátuas de granito. A música, logo a seguir executada em cadência misteriosa e cruel, verga todos ao silêncio e à meditação profunda; odores excitantes, arrastados pela diferença térmica do ar, ondulam em pleno espaço, perturbando os pensamentos e exaltando a razão; palavras monótonas, ditadas majestosamente por um dos hindús côr de fogo, mergulham a multidão em hipnótico êxtase e criam um ambiente de louca idolatria.

A subjugação é total. A própria imaginação adormece e os sentidos, até aí tam exaltados, começam a perder o detalhe da sensação exterior. Só notam o conjunto, um todo impossível de narrar, composto de múltiplas sobreposições sensoriais, que fazem da inteligência um autómato e da razão um farrapo.

A voz monótona, lúgubre, sepulcral, cessa de fazer-se ouvir e um homem semi-nu, desmesuradamente alto, ossudo e feio, obedecendo a um gesto imperioso de um «grihasta», corre para a forja de Vulcano e, com uma tenaz, retira de entre os carvões em fogo um ferro totalmente em brasa. A voz do «gourou», cadenciada e

misteriosa, volta a fazer vibrar as moléculas gasosas do espaço ; mas, desta vez, com vivacidade e clareza, mostrando a cada palavra, que exige compreensão e obediência cega :

— A virtude — explica o fingido asceta — distancia o homem da matéria e eleva-o à grandiosidade divina. Quando se atinge tal glória, nem os elementos nem as coisas nem os seres podem desrespeitar o nosso poder inexcedível !

Depois, como quem vai submeter-se a uma prova de excepcional envergadura, prossegue :

— Este pedaço de ferro virgem, que o fogo incandesce e devora, não pode ser tocado por mãos humanas, que não sejam, ao mesmo tempo, as de um sábio e de um deus, em perfeita comunhão com a Divindade Suprema.

E, num gesto de triunfo, o pseudo «gourou» que assumira a presidência da cerimónia, arranca com os próprios dedos de entre as garras da tenaz o pedaço de ferro chamejante. A água fria, posta em contacto com ele, ferve com enorme ruído. Apesar disso, o «grande iniciado» que o aperta nas mãos, passa-o, sedento de prestígio que se imponha, por tôdas as partes nuas do seu corpo. A seguir, como ente superior que pretende demonstrar ser, põe-no repetidas vezes em contacto com a própria pele do rosto e deixa-o em repouso, durante mais de trinta segundos, sobre os seus cabelos de ébano !

A concluir, num rápido movimento teatral, acompanhado de um gesto majestoso do mais profundo desprêso, mergulha-o num vaso de rocha, que um dos escravos, momentos antes da conclusão do maravilhoso espectáculo, havia enchido de água.

Após a fantástica cena, todos ajoelham submissos e curvam a cabeça até ao chão. Os clarins (1) fazem-se ouvir de novo, a multidão ergue-se de um pulo, como impelida por uma só mola, e o «excelsus brahmane» pronuncia, a seguir, a terrível sentença do tribunal. Esta, recebida por todos com o mais estúpido júbilo, declara friamente :

«O hereje, no seu próprio interesse e para bem da colectividade, que elle poderia «contagiar», tem de ser purificado pelo fogo.

Depois, num tom piedoso, acrescenta :

«Como o infeliz não é um deus nem um «grande iniciado», perecerá ; mas, em compensação divina, a sua alma pecadora, liberta da matéria vil, subirá ao reino dos céus».

Logo a seguir à leitura solene do presidente do «juri», as labaredas começam a destruir o desgraçado, que se debate desesperadamente, prêso por grossas ca-

(1) Para melhor me fazer compreender, eu procuro substituir sempre o instrumental de antanho por outro de idêntica função utilizado em nossos dias, com o qual os meus leitores estejam familiarizados. No presente caso, por exemplo, aquilo a que chamo clarins, não passa de trombetas especiais e, até em muitos casos, de simples cornos acústicos — hábilmente soprados por guerreiros atléticos da época. A substituição terminológica facilita tanto a compreensão dos textos, que eu não hesito em fazê-la, persuadido mesmo de que, fazendo-a, obtenho a aprovação absoluta de todos quantos me lêem. De facto, se eu não empregasse linguagem da actualidade e dissesse aos meus leitores que para se conseguir a incombustibilidade cutânea bastaria friccionarmos com um pouco de «kaly-mu-já», cometeria uma barbaridade, porque dois terços dos leitores de «Magia do Fogo» não sabem sequer o que isso é.

deias de ferro, no cimo de uma fogueira enorme. Os seus gritos de dôr são abafados pelos berros de prazer daquela multidão bestializada e pela música selvagem que ecôa no espaço. A cabeça, já sem cabelos e de rosto desfigurado pelo martírio, caíra-lhe inconscientemente sôbre o peito e as carnes, calcinadas pelo fogo, começam a derreter-se — como banha informe de um animal sem razão. O esqueleto, apenas recoberto de músculos semi-devorados pelas chamas, estava prestes a reduzir-se a montão de cinzas negras.

Tudo em redor denunciava contentamento. A festa, com as suas danças macabras e a gritaria infernal que acompanha o ruído dos tambores e dos mil instrumentos exóticos que tomam parte no concêrto, achava-se em declínio. Os perfumes, com o decorrer das horas, haviam-se fundido no espaço e o ar, saturado por um cheiro especial, tornara-se nauseabundo e predispunha para o vômito. Os selvagens «mevlevis», entre os quais abundavam milhares e milhares de «parivrajacas», ascetas errantes, começavam a debandar, entoando cânticos monótonos em rigoroso sincronismo entre si. O fogo extinguiu-se pouco e pouco e convertera-se lentamente num monte de pó cinzento, onde tilintavam, ao contacto dos pés que o calcavam, umas correntes de ferro, que a temperatura e o fumo tinham mudado de côr.

Lá ao longe, na fimbria do horisonte, espreitava o clarão dia.

IV

Cremação oriental

O Sol atingira o ponto mais elevado do céu e como o facto, naquelas paragens, só se realiza quando o astro

radioso é observado no zenith, os homens concluíram que, precisamente naquele instante, era meio dia solar. O som dos clarins, anunciando o momento solene, cruza, por ordem do astrólogo da côrte, o espaço em tôdas as direcções e a multidão, vergada a um costume várias vezes secular, cai de joelhos, rostos colados ao chão, em torno do «recinto sagrado».

É ali que, uma vez em cada ano, se efectua o tremendo sacrifício de um novo iniciado nos mistérios do fogo.

Do grande templo a Brahma começa então a sair, em passo ritmado e processional, um imponente cortejo. No centro de um grupo de magos, composto por numerosos «brahmacharis», «grihastas» e «gourous», caminha, de cabeça baixa e mãos cruzadas sôbre o peito, um jovem brahmane, suposto «dwidja» — recém iniciado na Magia.

Por ordem do chefe supremo, um grande número de escravos circunda o novo «deus», que penetrara no «recinto sagrado», logo após o cerimonial do estilo e a imposição solene do pseudo «gourou», com funções, naquele momento, de um excelso «sannyassi». As paredes que o ocultam, affectando a forma cilíndrica, são de uma combustibilidade pasmosa e elevam-se a mais de dois metros e meio de altura. Nesta prisão torturante existe apenas uma porta, por onde os escravos entram e saem constantemente, conduzindo óleos sagrados. No fim, os «grandes iniciados», aqueles que em anos pretéritos haviam sido submetidos também à tremenda prova do fogo, rodeiam o circuito do martírio e um dêles, o que veste com mais requintado luxo e desempenha as funções de «pourahita», penetra no interior. Depois de espargir com essências raras o sentenciado ao suplício, o

exorcista brahmane cai de joelhos e... reza — secundado pelos outros. A seguir, lança fogo ao «recinto sagrado» e afasta-se lentamente, com a solenidade que impõe o acto que acaba de realizar.

No espaço ergue-se então, no meio de espessos rolos de fumo, grande labareda rubra, enquanto o supremo «gourou» e os seus acólitos, de novo sentados na tribuna, onde se agitam ricos «pankashs» (1), entoam cânticos monótonos e fazem vergar à oração a chusma idólatra que os venera.

Em menos de quinze minutos aquela pilha enorme de lenhos é devorada pelo fogo. O «dwidja» que se ocultara lá dentro fica também reduzido a cinzas... No solo do «recinto sagrado» só se vê agora um montão de pó negro, salpicado aqui e ali por alguns vimes incandescentes. Do jovem «iniciado» não é possível descobrir nem vestígios do esqueleto.

No espaço ondula uma atmosfera de assombro, que faz vergar à veneração e ao respeito aquela multidão dominada pelo medo.

V

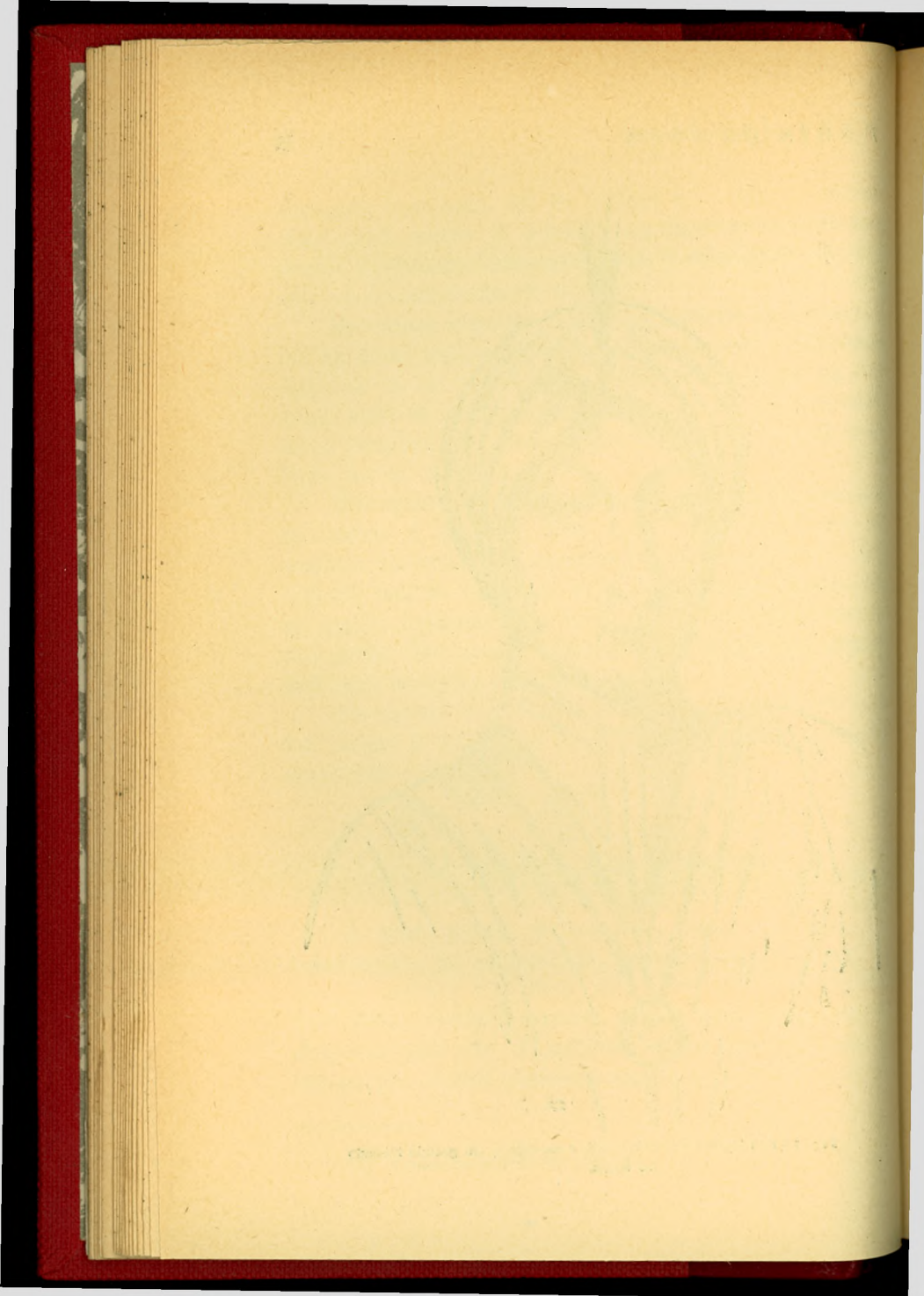
O delírio do braseiro

A uma ordem do «cheik», chefe supremo dos «mevlevis», os «derviches», semi-doidos, penetram no recinto sagrado e saltam para cima do braseiro, que atravessam vertiginosamente, a pés nus, com profundo desprêso pela dór. A multidão, a um gesto do «derviche-pachá», invade também o recinto do martírio e, como

(1) Enormes leques de plumas.



Fig. 1—«Dwidja» convertido, após o sacrifício, em grande iniciado na magia



os «mevlevis» e os «derviches», parece resistir com prazer à incandescência torturante do solo.

Momentos volvidos, os «derviches», detêm-se e, a seguir, ao som duma gritaria infernal, começam a girar sobre si próprios, como se uma força estranha à sua os mantivesse em equilíbrio. E os «mevlevis», delirando em fogo, continuam assim por muito tempo, sem que o cansaço amortença o brilho dos seus olhos, um simples queixume lhes saía do peito ou o menor gesto de dôr se lhes divise no rosto !

Os clarins tocam de novo e tudo cessa. Na tribuna, em lugar de honra, acaba de reaparecer, misteriosamente, o «bruxo» que havia sido devorado pelo fogo. Êle, agora portador do título de «grande iniciado», toma, por ordem do «iniciado supremo», a inteira direcção da festa. E após a execução de vários prodígios, tidos pela multidão como autênticos milagres, o novo «grande iniciado» põe termo às cerimónias públicas e penetra majestosamente no templo, onde continuam, com grande imponência, as solenidades secretas.

A grandiosidade ragi-bioghy, rindo talvez da miséria intelectual dos crentes, oculta-se agora, descuidada, entre as paredes impenetráveis do seu templo, que grandes lampadários de ouro e prata, alimentados por essências odoríferas, enchem de luzes de mil côres.

Cá fora, como que a medo, as trevas caminham lentamente, enquanto o Sol, envolto em labaredas côr de púrpura, mergulha no horizonte.

VI

Hipóteses e conjecturas

São muitos os livros, especialmente em francês, inglês e alemão, que nos descrevem as maravilhas observadas no Oriente e atribuídas, sem o menor alícerce que se imponha, a certas faculdades especiais dos mendigos que se exibem nas grandes praças da Índia. Em nenhum dêles, porém, é possível encontrar nem mesmo o esboço de uma explicação lógica dos factos — fora do terreno puramente conjectural da concepção sobrehumana.

Ducret, para citar só um autor, apresenta-nos um trabalho magnificamente ilustrado e de uma riqueza descritiva que se pode qualificar de verdadeiramente admirável. Mas... só nos dá «efeitos» e, mesmo assim, deturpados consciente ou inconscientemente pela sua imaginação de poeta das idéias. O facto, vulgaríssimo em escritores que sacrificam a verdade à beleza do estilo, não deve surpreender-nos, pois é notória a dificuldade com que se luta para se manter o equilíbrio do belo, sem sairmos da rigidez, por vezes demasiado árida, que impõe ao observador uma descrição exacta. Só um Flammarion, com o seu génio prodigioso, seria capaz de nos descrever, com fidelidade e formosura, as supostas maravilhas que jornalistas e escritores se limitam a colorir. Mas o grande lírico do céu nunca foi ao Oriente e, por essa razão, nunca nos descreveu as exhibições dos fakires.

Claro que não ponho inteiramente em dúvida as magníficas descrições de Etienne Ducret. Acuso-o apenas de fantasista e de exagerar consciente ou in-

conscientemente, para obter maior beleza emocional, a veracidade dos factos. Igual acusação faço a todos os outros que se ocuparam do mesmo assunto e cometeram idêntico pecado (1). Fazer beleza, faltando à verdade, é facilimo, porque nos permite liberdades que a exactidão condena e a História mais tarde repudia. Que os escritores que têm talento para isso nos dêem páginas de lindo recorte literário, é digno de admiração e de elogio ; que faltem ao rigor da verdade para nos forcarem ao pasmo dos seus dotes de estilistas, é indubitavelmente criminoso, porque pode classificar-se de fraudulento e, portanto, de beleza refrangida. Mas há ainda a acrescentar à deturpação que tem por causa as preocupações do estilo e o alheamento quási total da verdade, aquela que a incompetência na especialidade forçosamente origina.

Que idéia exacta da verdade pode um olho inexperiente fornecer ao cérebro de um escritor, após uma observação do imenso campo microscópico ? O que nos diria um jornalista se, pela primeira vez na sua vida, espreitasse as maravilhas celestes através de um equatorial como o gigante do Monte Wilson ? Ninguém ignora, pelo menos ninguém que conheça as leis da psicologia da ilusão, que é impossível dar crédito ao espectador que, após uma sessão de ilusionismo, nos descreve com entusiasmo o «tour» que o maravilhou. Pela sua descrição, seja qual fôr o nosso grau cultural sôbre o assunto, nunca poderemos descobrir as causas, porque o «efeito» que nos enunciam se acha fantasiado. É precisamente o que sucede com os escritores orientais : Mesmo que

(1) Max Müller, Louis Jacolliot, Charles Godard, Chaboseau, Lamairesse, Guymiot, Calebrook, Sédir, Alveydre, Sinnett, Lanédan, Huc, Zeffar, etc.

queiram ser exactos e não sacrifiquem o rigor ao estilo, falta-lhes competência especializada, para que à razão não escape aquilo que os olhos não vêem.

Apesar do exposto, eu não duvido inteiramente, como já disse, das afirmações de Ducret nem dos «efeitos», embora exagerados, descritos por Vergnaud, Seabrook, Pellenc, Betelson e muitos outros que pisaram, de facto, o ardente solo da Índia. De resto, viajantes conhecidíssimos de outrora, tam lidos e admirados como William Layd, confirmam as cerimónias terríficas a que êles aludem e acrescentam até grande número de pormenores sobre a selvajaria de muitas outras, de que apenas focam o lado aparente, por ter sido êsse o único a impressionar-lhes de modo notável as faculdades sensoriais.

Um dos exploradores mais modernos, o coronel Cooks Lands, depois de nos dizer que nunca acreditou nas descrições dos viajantes de antanho, acrescenta que o que verdadeiramente o levou à Índia fôra o exclusivo propósito de «acabar com as lendas criadas pela imaginação doentia de certos escritores sem escrúpulos». Crooks Lands esclarece-nos, porém, num outro livro que, logo que chegou ao Oriente, a sua opinião modificou-se. Em resultado dessa modificação, mostra-se ainda mais exagerado do que os seus antecessores. Mas é impossível pôr em dúvida a sua boa fé ao referir-se, por exemplo, à destruição total do «iniciado» que, segundo êle, ressurge das próprias cinzas, «como ninguém é capaz de ressurgir e muito menos de compreender» !!! As suas descrições extensíssimas e, portanto, repletas de detalhes, apresentam-nos, com a convicção do crente — não do sábio — tôda a pseudo fenomenologia dos fakires, como o «enterrado vivo», à «levitação em pleno dia», a

«germinação instantânea», a «desaparição no espaço», o «mistério da corda», etc., e conclue por nos «instruir» sobre o «poder extraordinário desses homens sublimes, cuja vontade fantástica chega a desintegrar a matéria»!

É evidente que se trata de uma opinião conjectural e, por consequência, de nenhum valor prático ou teórico (1). Em «Magia do Oriente», onde estes aparentes mistérios são descritos em detalhe pelo mesmo autor de «Magia do Fogo», analisam-se as várias hipóteses expostas, entre as quais, a do domínio do «akasa» (2) e a da exteriorização da motricidade, que só verdadeiros iniciados podem fazer, e conclue-se por apresentar explicações que merecem toda a garantia de veracidade, não só porque reproduzem os fenómenos enunciados pelos viajantes, mas ainda porque têm a corroborá-las «trucs» de autênticos fakires, arrancados habilmente pelo autor em troca de outros «segredos» de fascinante exibição.

No próximo capítulo, ao explicar o «Delírio do brasileiro», apresentarei uma pequena amostra do muito que se tem feito, para que não reste a menor dúvida de que os fakires, os mendigos do Oriente, apenas executam «trucs» de ilusionismo inferior. Distingue-os, é claro, um dom natural especialíssimo, exclusivo quasi absoluto da sua raça — uma paciência sem limites. Mas isso não deve pasmar-nos, visto que todas as raças têm os seus lados fortes e fracos. Os persas, por exemplo, não se

(1) Cooks Lands confunde os vulgares fakires com os invulgaríssimos Adeptos!

(2) «Akasa» ou «agasa», fluído cosmo-vital que se acha em todo o universo. A sua manipulação consciente, segundo os Mestres hindus, pode produzir maravilhas milhões de vezes superiores àquelas que os sábios obtêm com a electricidade.

mostram equilibristas colossais logo que saiem do berço ?!

Charles Godard, embora não saiba explicar-nos as causas dos efeitos observados, há ocasiões em que duvida — pelo menos da tradição. Assim, depois de nos fazer um sincero elogio dêsses homens singulares que nunca se mostram em público — os Adeptos — exprime-se do modo seguinte :

«Os fakires, segundo se diz, possuem, apesar da sua condição humilde, o poder de secar os rios e os mares, de abater as montanhas, dominar o fogo, as chuvas e as tempestades ; de conhecerem o passado, o presente e o futuro e de encerrarem num círculo mágico todos os espíritos maus do universo».

E comenta :

«É espantoso que tais semi-deuses não tenham feito cair o Himalaia sobre as cabeças dos conquistadores mussulmanos e cristãos do Hindustão!»

Mais adiante, referindo-se à célebre feiticeira de Apúlia e depois de nos explicar que ela, segundo a tradição, tinha o poder de baixar o céu, acorrentar a Terra, deter o caudal dos rios, fender as montanhas, escurecer o brilho das estrélas e iluminar o Tártaro, mostra-se igualmente cético e até um pouco violento na forma de exprimir o seu cepticismo que, com muita razão, brota da sua intelligência e baseia-se nos factos registados pela História. Realmente, se uma simples bruxa podia realizar e realizava tais prodígios, como se explica que nós, simples mortais, não nos sentíssemos dominados por tanta grandiosidade ? A própria Terra, se aquilo fôsse verdade, estaria estigmatizada por sinais eternamente indeléveis de semelhante poder !

Godard refere-se ainda à feiticeira de Petrônio e

diz-nos que ela, segundo certos escritores, podia fazer brotar água de um rochedo, agitar os mares e secar as flores e as plantas, os arbustos e as árvores gigantescas apenas com os raios destruidores emitidos num segundo pelos seus olhos de bruxa !

A concluir, como que revoltado com tanta mentira, comenta fora de si :

«Tais gabarolices são tam dignas de crédito como as de muitos fakires».

VII

Explicação científica do mistério

A hipótese da vontade, que pode realmente levar o auto-domínio a um grau extraordinariamente elevado (Zoismo Superior), é a que os viajantes, jornalistas e escritores, apresentam, na sua quasi totalidade, como causa dos apparentes milagres que presenciaram na Índia.

Não posso fazer aqui o estudo crítico da tese, porque a maioria dos «fenómenos» que a impõem por base está fora dos objectivos que motivaram este livro. Contudo, sem me desviar um milímetro da rota que sou forçado a seguir, eu posso, mesmo assim, apresentar um pequeno esboço do que poderia realizar e, em meia dúzia de linhas, destruir um erro que já subjugou alguns cérebros de mérito.

Ora vejamos...

Se coloco sobre a pele um pedacito de gelo, as células cutâneas, sensíveis ao frio, advertem-me logo de que o contacto observado se acha muito abaixo da temperatura habitual do corpo. Se, em lugar do gelo, expe-

rimento um objecto ligeiramente aquecido, as células sensíveis ao calor avisam-me no próprio momento de que estão a ser flageladas por elevado grau térmico — de torturante sensação.

No primeiro caso, a impressão sensorial, que será tanto mais desagradável quanto maior fôr o grau negativo da matéria em contacto, é nitidamente fria; no segundo, que igualmente varia com o grau térmico positivo que empreguemos na experiência, a sensação mostra-se, como não pode deixar de ser, nitidamente de calor. Se, porém, empregarmos instrumentos a temperaturas muito baixas ou demasiado elevadas, então não sentiremos frio nem calor, mas uma impressão dolorosíssima que o cérebro não poderá qualificar, porque as células sensíveis de todos os grupos serão simultâneamente destruídas.

Admitamos agora que, quer por via anestésica vulgar, quer pelo esforço de uma vontade poderosa, conseguimos uma insensibilidade absoluta. Neste caso, como facilmente se compreende, não sentiremos sensação alguma, incluindo a da própria dôr (1).

(1) Mas a Dôr — quem o ignora? — é a parte mais nobre da sensação. Se a Dôr não existisse, a moral, tal como a conhecemos, não existiria também. A própria filosofia dos povos achar-se-ia deturpada e as ciências biológicas, incluindo a arte de curar, apresentar-se-nos-iam com barreiras impossíveis de vencer!

Robustece o que afirmo o facto notável, imprevisto, surpreendente, que descrevo a seguir:

Walter Easler, jovem americano nascido no Estado de Ohio, gozava de um privilégio fantástico. — Era insensível à dôr. Chamavam-lhe até a... «pregadeira de alfinetes». Com essa classificação espectacular, exhibia-se em público, orgulhoso da sua insensibilidade e das quantias enormes que os empregários lhe pagavam.

De facto, podiam retalhá-lo à vontade que o jovem artista

E que conclusão poderemos tirar do facto? Seremos capazes, por não sentirmos a dôr, de pegar em ferros em brasa? Não, porque o acto é uma coisa e a sensação é outra. Mesmo que esta se domine, aquêlê produz os seus efeitos e, em consequência dêles, ficaríamos com as mãos devoradas pelo fogo.

Parece demonstrado que os cadáveres não sentem. Apesar disso, no forno crematório, são convertidos em cinzas. Pinóchio não sentia, porque era de pau. Mas a sua curiosidade ia-lhe fazendo perder o indicador direito!

Fica, pois, demonstrado que a vontade, por mais poderosa que seja, não serve para explicação do fenómeno ígneo apontado, visto que a insensibilidade não evita a destruição dos tecidos dérmicos — nem a dos próprios ossos — postos em contacto com o fogo. Admitir que a vontade influe na própria chama e lhe diminue a temperatura, é êrro ainda mais grosseiro, porque, se tal se pudesse realizar fâcilmente, nunca o fenómeno pode-

nada sentia. Um médico seu amigo, aterrado com semelhante anomalia, chegou aconselhar-lhe cuidados especiais, pois temia que uma enfermidade, sem se fazer anunciar pela dôr, o pudesse aniquilar.

O médico tinha razão: Walter Easler foi atacado de apendicite; mas, como a sintomatologia da doença dormitava no sistema nervoso, o insensível continuava a folgar e a rir, como a pessoa mais ditosa do mundo! Um dia, inesperadamente, falta-lhe força para se levantar da cadeira onde, havia momentos apenas, se tinha sentado à mesa.

Surpreendido, Easler perguntou a si mesmo:

— Mas que diabo tenho eu?!

E foram as suas últimas palavras, porque a morte, rápida, fulminante, nem lhe deu tempo a despedir-se dos amigos!

ria ser classificado de ordem ígnea, mas unicamente de exteriorização da motricidade humana (Zoismo) ou da concentração de certa força («akasa») — manejada pelo homem. Estará essa fenomenologia ao alcance dos mendigos do Oriente? Deus nos livre que assim fôsse, porque até o direito internacional chegaria a sentir-lhe os tremendíssimos efeitos!

Resta-nos, portanto, o auxílio da química e da física ou, se quizerem, o do ilusionismo puro, do «truc» engenhoso ou simples, natural ou cheio de artifícios técnicos, para explicarmos e podermos executar essas extraordinárias maravilhas do Oriente.

Começarei, para ser metódico, pela tremenda «prova do fogo». Depois, sistematicamente, explicarei o resto.

*

* *

O sacrifício, que foi um verdadeiro crime e diz eloqüentemente do fanatismo e da estupidez incomensurável da época, não merece a minha atenção; as manipulações teatrais, feitas com o ferro em brasa pelo bruxo sedento de prestígio, explicam-se em poucas linhas:

Os Vedas conheciam um mineral de propriedades curiosíssimas, cujo nome nunca foi escrito, porque só era confiado, de geração em geração, aos grandes iniciados na Magia. Esse mineral, extremamenie oxidável ao contacto do ar, não era duro e podia ser facilmente convertido em tiras com um simples objecto cortante. As partes cortadas mostravam-se de uma brancura de prata polida, maravilhosamente linda. Volvidos uns dias, perdiam, porém, tôda a beleza e chegavam até a pôr-se

negras. O misterioso corpo simples, que o fogo não inflamava, punha-se imediatamente a arder ao contacto com a água ! Como era menos denso do que esta, lançado num riacho, ficava a nadar à superfície e o calor que o contacto originava chegava a inflamar o hidrogénio que a combustão deixava em liberdade, visto que o curioso metal, à semelhança dos animais, só se utilizava do oxigénio do líquido. Além destas propriedades, que já de si constituem um mundo de invulgaridades notáveis, o precioso metal, mergulhado na água de um vaso, mostrava-se como o ferro em brasa, tanto no ruído, como nos vapores que se desprendiam ao contacto de ambos, como ainda na elevação brusca da temperatura do líquido ! A ilusão tripla do ferro em brasa, notada pela

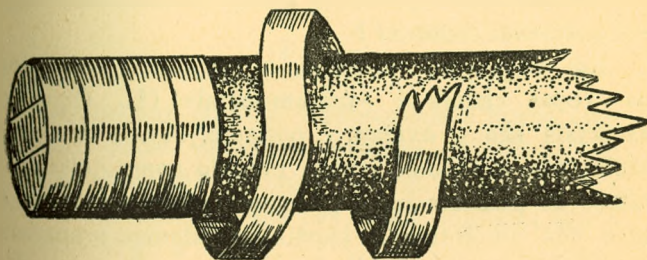


Fig. 2—Pedaço de ferro envolto numa tira larga e longa de sodium-metal

visão e confirmada pelo tacto e pelo ouvido, era verdadeiramente assombrosa !

Pois bem. Um pedaço de ferro qualquer, depois de lhe darem, pelo verdadeiro fogo, uma forma conveniente, era envolvido numa tira, tão larga quanto fôsse necessário, do metal que acabo de descrever. Após o habilíssimo trabalho, era tudo pintado com óleos côr de fogo e salpicado no fim, aqui e ali, com pequeninas pa-lhetas de metal vermelho-rubro, de um brilho tão estra-

nho como o da incandescência pura ! O ferro assim preparado era então posto na forja, entre o pó e as pedras de carvão, mas distante do núcleo ígneo, que poderia destruir o artifício.

Quanto ao resto — pegar nêle com a tenaz ou com as mãos, pô-lo sôbre os próprios cabelos e em estreito contacto com o rosto —, é «teatro» que eu, para não alongar o capítulo, me abstenho de explicar... se alguma explicação merece aquêle ilusionismo vil. Que dificuldades poderemos encontrar nas manipulações já descritas, sabendo, como sabemos, que se trata de um ferro à temperatura ambiente ? Só estas, que se sintetizam numa única pergunta :

Que produto curioso era aquêle, cujas propriedades são tam notáveis e que só os hindus iniciados na Magia demonstravam conhecer ?

Em linguagem moderna, a substância misteriosa dos Vedas chama-se «sodium-metal» (1). Os óleos essenciais não o oxidam e portanto, depois de convenientemente coloridos, podem pintá-lo como quisermos. Quanto às palhetas rubras, fulgurantes, elas chamam-se entre nós simplesmente papéis de estanho, preparados de forma especial para simularem a incandescência. Encontram-se, em abundância, em todos os bazares de brinquedos. Certas pontas de charutos que inundam os

(1) O «potassium» tem as mesmas propriedades, assim como elevado número de «piróforos», obtidos por calcinação, como os de Sérullas, de Decrepas, de Glauber, etc. Creio até que no Oriente, ignorando a existência daqueles metais, o «sodium» e o «potassium», isolados na Europa há pouco mais de um século, se utilizariam, como os Mestres antigos do Ocidente, de «piróforos» semelhantes aos dos sábios que cito. O «sodium», por exemplo, só foi isolado, por Davy, em 1807.

mercados por ocasião do carnaval, têm entre a pasta branca que finge de cinza, vários pedacitos de estanho— para darem a ilusão de acesos... sôbre uma toalha de valor. Fragmentos de lantejoulas vermelhas podem substituí-los, porque a ilusão da incandescência mostra-se igualmente fiel ao efeito que se pretende obter.

O processo, como se vê, é de um engenho admirável, mas os ilusionistas do Ocidente dispõem de coisa melhor, visto que podem operar, como explicarei a seu tempo, com autênticos ferros em brasa. No capítulo próprio veremos e pasmaremos da singeleza do «truc». Agora, para levar tudo a seguir, vou dedicar umas linhas à «Cremação Oriental».

*

* *

Começemos por nos lembrar que o futuro «grande iniciado», como verdadeiro espírito de eleição, indifferente ao martírio e às grandezas do mundo, se achava ligeiramente vestido : Nos pés, umas humildes sandálias de escravo e, a resguardar-lhe o corpo dos ardentes raios do sol, uma túnica branca muito longa, que ia da cabeça ao chão.

Cabelos ao vento, porque se achava sob uma espécie de pálio, o herói do dia, num gesto de extrema resignação, penetrara com passo firme no recinto dos sacrifícios. Porém, logo que se viu oculto pela improvisada muralha, deu aos olhos a liberdade de brilhar e ao rosto a de sorrir. Um escravo fingido, previamente misturado com os outros, sorria também.

Quando tudo ficou concluído e os escravos, após a colocação das essências raras, começaram a sair do re-

cinto, o «iniciado» tirou a bata num relâmpago e converteu-se num dos servos que tinham abandonado o edifício de vime.

Compreende-se que a bata branca tinha apenas como objectivo ocultar a indumentária de escravo que o pseudo bruxo vestira. Depois de se livrar do disfarce, que ficava na barraca, enquanto o colega que ia rezar lá dentro não o trazia oculto nas vestes, o novo escravo abandonava o recinto e misturava-se com os outros. A seguir a êle, safa o escravo cúmplice, que era, como se compreende, também um dos grandes da época.

Entre vinte ou trinta escravos, nenhum dos presentes, nem mesmo europeu, seria capaz de notar mais um. Ora êsse «um» era precisamente o «bruxo» que, logo após a destruição das paredes de vime pelo fogo, apparecia na tribuna ricamente vestido e com as ordens de... «iniciado supremo» !

*

* *

E só resta, para explicar todos os «mistérios do fogo» que descreví, expôr também os segredos do «Delírio do braseiro».

Estes, naturais, sem artificios, vamos nós ouvi-los dos próprios lábios de um autêntico fakir.

Aí por 1913 — tinha eu quási dezóito anos — desembarcou na Corunha uma «troupe» de fakiros, que um emprezário alemão trouxera em «tournée» pela Europa, Lembrando-me do que fizera Karl Willmann nos fins do século XIX, eu quis, em circunstâncias idênticas, obter êxito semelhante. Meti, pois, ombros ao empreendimento; mas, porque não era tam culto como o

grande investigador berlinense, a compreensão da língua dos fakires constituía uma dificuldade que se me afigurava, a cada momento, verdadeiramente invencível. A simpatia dos pobres diabos tinha-a eu angariado já, quer pela convivência no Teatro Rosália Castro, onde me davam acesso livre, quer pela execução, propositadamente espectacular, de algumas ilusões pseudo orientais — que os enchia de assombro.

Muitas vezes, a julgar pelo que eu supunha, faziam-me grandes perguntas a respeito dos meus «segredos». Porém, como os não podia interrogar, para estabelecer permuta — o que é o egoísmo! — nunca me arrancavam coisa alguma.

Um dia, depois da hipnotização quási instantânea de um coelho, tentei fazer-me compreender e durante mais de meia hora atirei-lhes com todo o meu «latim-mímico» — sem resultado algum!

Desesperado, prestes a abandonar tudo, lembrei-me de que se matriculara havia pouco no Instituto um rapaz índio, filho de espanhóis, que tinha nascido nas regiões escaldantes do misterioso Oriente. Lembrar-me do simpático mancebo e correr a solicitar-lhe que me servisse de interprete foi quási uma única coisa. Mas os fakires exprimiam-se num dialecto horrível e o pobre do índio, não obstante os seus esforços e a boa vontade que punha nas suas funções de tradutor, só ao cabo de muito tempo conseguia compreendê-los e fazer-se compreender. Enfim, depois de um trabalho fatigante que seria longo narrar, eu propuz aos orientais a troca de vários «tours». Zangaram-se e iam cortando relações comigo por eu os supor... ilusionistas!

Tratei de ser amável com eles e fingi acreditar no seu poder sobrehumano. Voltei a ganhar-lhes a con-

fiança e a apossar-me, de novo, da sua interesseira simpatia. No dia seguinte já confraternizávamos outra vez, como se nada tivesse havido entre nós. Mas o tempo voava e eu não conseguia arrancar-lhes o que queria. Lembrei-me então de lhes executar alguns dos próprios «tours» que elles exhibiam e que eu estava cheio de conhecer, mas a solução não me pareceu boa, porque os podia irritar novamente contra mim.

Foi nessa altura que me ocorreu o processo de Willmann e que eu, sem perder um momento, puz imediatamente em prática.

Sem os outros saberem, perguntei a um dos fakires mais espertos do grupo, ao ladino Bhagat-Muri-Ali, se gostaria de assistir a uma sessão completa de magia occidental. Respondeu logo afirmativamente. Depois, reflectindo melhor, disse não poder aceitar o convite, por se achar prêso, de tarde e à noite, com os seus trabalhos no teatro. Como o vi dominado pela curiosidade, apressei-me a garantir-lhe que o «espectáculo» só começaria de madrugada e, portanto, só depois de concluídas as suas obrigações teatrais. A seguir, em voz muito baixa e com certo mistério, acrescentei que era preciso guardar o mais absoluto segredo, não só relativamente ao que visse, mas ainda — com muito mais razão — sobre todos os «segredos» que lhe fossem revelados...

O deslumbramento, a partir dêsse instante, começou a chicotear-lhe o cérebro e eu, para manter a excitação que o devorava, resolvi operar nessa mesma noite — minutos depois de terem cessado as exhibições no Rosália Castro. O programa, que fôra cuidadosamente esboçado, originara-lhe o maior assombro e elle, totalmente subjugado pelo que vira, quási mendigava que o ins-

truísem nos segredos maravilhosos que permitiam a realização de tam fantásticos «milagres».

Seguindo as pisadas de Willmann, não só o instruí sobre a forma de executar duas ou três ilusões espectaculosas, mas ainda lhe fiz presente de vários instrumentais, que efectuava, só por si, curiosíssimos efeitos.

Porém, não obstante a promessa feita, a vaidade que lhe trasbordava na alma levou-o, como eu esperava, a exhibir os seus novos talentos aos companheiros da «troupe». Estes, surpreendidos pelo ineditismo das exhibições, mostraram-se maravilhados e quizeram conhecer as causas. Como êle se negou a revelá-las, os colegas passaram do pedido à exigência e desta a vias de facto. Momentos volvidos, o nosso homem era conduzido ao hospital, onde o pensaram de um hematoma na cabeça e de contusões múltiplas pelo corpo!

Contudo, apesar da violência do interrogatório, Ali nada revelou, o que preocupava de modo visível todos os componentes do grupo, cuja instrução sobre o assunto não permitia esperanças de se obter, sem auxílio estranho, o mais ligeiro vestígio de explicação do mistério.

Logo que saíu do hospital, o jovem Bhagat-Muri correu imediatamente ao Instituto e pediu-me que nada revelasse aos colegas, porque, se o não fizesse, quando todos regressassem à Índia êle seria o único a realizar «tamanhos milagres», e, por essa razão, classificá-lo-iam «... maior fakir do Universo»! Respondi que não podia oferecer-lhe garantia semelhante, porque, precisamente naquele momento, estabelecera negociações com um dos seus camaradas para a troca de segredos de grande importância para ambos. Fora de si, num estado de excitação que o tornava de um ridículo atroz, colocou solenemente uma das mãos sobre o peito e jurou que me

explicaria tudo, que não me ocultaria nem o mais ligeiro detalhe das suas exibições misteriosas, se eu promettesse não fazer revelações a nenhum dos outros fakires. Depois de uma resistência fingida, que seria longo descrever, acedi. Êle, satisfeitíssimo, narrou-me então os seus «trucs», entre os quais me descreveu em detalhe aquêle que permite a realização do «Delírio do braseiro».

A sua explicação, extraordinariamente simples como a de tôdas as ilusões orientais, é a que eu sintetizo nas poucas linhas que seguem :

Quási todo o povo da Índia, incluindo os próprios fakires, anda constantemente descalço. Por êsse motivo, a planta dos seus pés é desmesuradamente calosa e de uma resistência tam grande, que nenhum natural do Ocidente é capaz de calcular e muito menos de compreender. O chão, muitas vezes calcinado pelo sol vertical, engrossa ainda mais aquela pele, já de si de uma dureza pasmosa e de uma espessura muitas vezes superior à das solas dos sapatos que os europeus usam nos pés ! E assim, qualquer pessoa está habilitada a passar, correndo, por cima de um braseiro, mesmo que êle não esteja em parte sem brasas ou que estas não sejam, como é costume, de madeira que se destrói a temperaturas baixas. Escolhendo a madeira e esperando, ainda assim, que o grau térmico desça, o facto reduz-se então a uma brincadeira de crianças.

Ê preciso acrescentar que o povo da Índia ignora tudo isto e não attribue à calosidade imensa dos seus pés a resistência que êles manifestam em contacto com o fogo. Tudo se deve — não se esqueça isto ! — ao poder sacrossanto do «derviche-pachá» ou de qualquer outro personagem com dons especiais de domínio sôbre os elementos, os animais e as coisas... Os «milagreiros»

é que sabem com quem tratam, como tratam e porque motivo tratam.

A explicação é curiosa e tem a corroborá-la o cheiro a corno queimado que muitos viajantes afirmam ter sentido, sempre que presenciavam qualquer cerimônia da fenomenologia ígnea. Não é menos curioso nem oferece menor interesse o conhecimento do grau térmico, variável segundo os casos, da carbonização das madeiras. Os «domadores de fogo» do Ocidente sabem, por exemplo, que o pinho entra em ignição e se carboniza por completo a uma temperatura muito mais baixa do que outra madeira qualquer.

No Oriente, esta noção elementar da química é tida como grande segredo e por esse facto a sua revelação constituiu para mim uma prova eloqüentíssima da sinceridade que o jovem fakir punha nas suas palavras. Apesar disso, não me mostrei satisfeito e garanti que continuava persuadido de que elle me ocultava certos segredos curiosos, que permitem aos «verdadeiros» fakiros agüentar um grau térmico muito mais elevado do que aquêle que poderia registar-se nos braseiros em questão. Bhagat-Muri-Ali, continuando a mostrar-se com evidente lealdade, acrescentou ao que já dissera umas grandes explicações que, traduzidas e sintetizadas, se podem reduzir a estes termos :

Os fakiros, para aumentarem a resistência natural que o contacto permanente com o solo desenvolve nos seus pés, põem-nos, durante progressivos espaços de tempo, sobre diversas fontes de calor, o que faz com que, após determinado número de exercícios, a sua pele chegue a atingir a dureza formidável do corno. Além disso, antes da «prova do fogo», elles friccionam os peitos dos pés e as pernas até ao joelho com várias gordu-

ras apropriadas, que na Europa se podem substituir, como de facto se substituem, por vulgar sebo de carneiro. Êste, quanto mais duro fôr, melhores resultados proporcionará na execução do trabalho. As velas de sebo têm também as suas vantagens e não há um único fakir, em «tournée» pela Europa, que ignore as suas propriedades e não tenha friccionado com essas velas algumas partes do seu corpo.

E eis tudo... pelo menos quanto ao fogo. O que Ali me revelou sobre outras modalidades das ciências da ilusão não interessam a êste livro.

Antes de concluir, quero afirmar honestamente que embora os nossos processos, os europeus, sejam muito superiores e permitam, como se verá a seu tempo, o contacto da chama e do próprio ferro em brasa, acho absolutamente admiráveis as revelações que acabo de descrever e confesso-me sinceramente pasmado com a soma de conhecimentos que os fakires demonstram possuir, não obstante a sua humílima classe — mendigos do Oriente.





SEGUNDA PARTE



s primeiras exhibições no Ocidente —
Como se pega em ferros em brasa —
Os devoradores de pedras e de vi-
dros — Os aïssaua de 1889 — Cenas
de sangue — Andar sôbre o gume
das espadas — Elevação do aïssaua —

Atravessar as faces com um espadim — O alfange que
penetra no ventre — Engolir uma espada sem «truc» —
Fascinação de serpentes — Espetar pregos nos olhos —
Um homem atravessado por uma espada — Entrar num
forno a grande temperatura — O segrêdo de Martínez —
Métodos modernos — O segrêdo de Simão o Mago — O
segrêdo de Richardson — O segrêdo de Leonetto — Sis-
tema contemporâneo — Lavar as mãos com ferro em fu-
são — Os contemporâneos.

VIII

As primeiras exhibições do Ocidente

As primeiras exhibições no Ocidente devem-se talvez aos componentes de uma tribo de aïssaua que, dirigidos por um tal Ben-Ki-Bey, após o naufrágio do seu veleiro-pirata nas proximidades da Mancha, resolveram desembarcar na Europa. Forçados pelas circunstâncias, os bandidos disfarçaram-se em altos iniciados nos mistérios de Allah e apresentaram-se em Paris como embaixadores da verdadeira Magia africana.

Um empresário da época (1590) assinou contrato com Ben-Ki-Bey e fêz exhibir os aïssaua no Teatro Tivoli.

O trabalho dos filibusteiros, que abria por uma cerimónia pseudo-religiosa de grande espectáculo e fechava com a execução de autênticos prodígios, agradou tanto aos parisienses de então, que foi preciso elevar o preço das entradas, para que os burgueses e os nobres não vissem os «seus» lugares invadidos pelo povo!

Eis uma síntese ligeira da majestosa descrição que o coronel Mayers Prince nos faz, maravilhado, a propósito de uma dessas extraordinárias sessões :

Os aïssaua entram lentamente no palco, de braços cruzados sôbre o peito, sentam-se depois em círculo fechado e, logo a seguir, começam a cantar em coro. A música, de uma cadência que faz vergar ao sono hipnótico, é acompanhada por um cortejo de súplicas monótonas e preces cantadas a meia voz, de um ritmo estranho — que faz lembrar os lamentos dolorosos de algum ente que sofre. Terminada a reza, começam os

louvores em honra de Sidi-Mohammet-Ben-Aïssa, o santo fundador da Ordem dos aïssaua. Só depois disso é que os irmãos e o próprio Mokaddem pegam nos tambores e nos tímbores e começam a animar-se, acelerando cada vez mais o ritmo selvagem dos sons, até que as preces se convertem em autênticos gritos de loucura.

Em dado momento, aos gestos rápidos de todos — rapidez essa que aumenta de minuto para minuto — vem juntar-se a cadência dos gritos, cada vez mais acelerada. Quando tudo — música, gestos e canto — chega ao delírio, os aïssaua põem-se de cabeça para baixo; andam sobre os pés e as mãos e produzem movimentos, gestos e gritos que os assemelham a doidos hiperexcitados ou a animais inferiores, atacados de qualquer doença misteriosa muito peor que a raiva.

É que os aïssaua, crendo na metempsicose, imaginam-se possessos de múltiplos animais das primeiras escalas da Natura. Por essa razão, consciente ou inconscientemente — conforme os casos — imitam os gestos, os gritos e os movimentos da criatura que supõem ter-se-lhes apossado do corpo.

De longe a longe ouve-se-lhes pronunciar com toda a força dos seus pulmões o nome sagrado de Allah. Mas a invocação saída das bocas dos aïssaua parece mais um tremendo rugido feroz, do que uma prece de crente dirigida por fiéis à Divindade Suprema. O barulho, já ensurdecedor, aumenta ainda mais e a desordem, elevada ao cúmulo, ultrapassa tudo quanto se possa imaginar. Os turbantes caem-lhes das cabeças, que alguns apresentam rapadas e polidas como bolas de bilhar, e as faixas de cores vivas e desmesurado comprimento, desenrolam-se-lhes da cinta e caem também ao chão, enquanto as vestes, sem amparo, lhes deixam a desco-

berto um ventre, por vezes, volumoso e de pele extremamente grossa. A exaltação mostra-se agora inultrapassável. O cérebro, fatigado, começa a perder a noção das coisas e os nervos, elevados ao máximo de uma vibração estranha, ameaçam perder o contacto entre si. É neste momento que principiam os «milagres».

Os aïssaua chamam aflitivamente pelo Mokaddem, o pai, e pedem-lhe de comer. Este, em gestos vertiginosos, entrega a uns, objectos de vidro, que elles devoram pouco e pouco, numa attitude de quem goza o mais extraordinário prazer; a outros dá elle pedras, que igualmente são ingeridas com avidez; na bôca daqueles introduz o Mokaddem vários pregos e na dêstes pequenos bichos exóticos, descendo tudo, pelo menos, aparentemente, para o interior dos seus estômagos. Uns comem folhas espinhosas, arrancadas de uma pequena «figueira do diabo», e outros carvões em chamas, prèviamente soprados para tornar o fogo mais vivo e o gôsto do «manjar» talvez mais apetitoso!...

Após a fantástica refeição, começam as exhibições, que tendem a demonstrar a invulnerabilidade dos misteriosos aïssaua.

Um dêles põe-se, com evidente prazer, a lamber um ferro em brasa; outro, arrebatando-lhe das mãos a barra chamejante, executa com ela várias evoluções a braços nus e, depois disso, põe-se também a lambê-la, mas com gestos de soberba e em attitude ameaçadora, como quem defende qualquer coisa verdadeiramente indispensável à vida. Enquanto uns batem com o punho direito no antebraço esquerdo, fazendo abrir longa ferida e projectar sangue em várias direcções, outros cortam os dedos pelas articulações e outros ainda submetem-se à tortura de grandes espadas, apoiando o ventre nu sôbre os



Fig. 3—Mokaddem vestido com grande pompa

seus gumes e fazendo-as desaparecer quási totalmente entre a enorme fenda que se abria nas carnes. Um outro, depois de mandar examinar uma espada sem «truc», enfia-a inteiramente pela garganta abaixo, enquanto dois «irmãos», um de cada lado, soltam gritos horrorosos. Após o exame de uma outra espada, cujas dimensões espantam, pois tem uma lâmina flexível de mais de metro e meio, o Mokaddem deixa-se atravessar por ela, podendo os assistentes vê-la espetar pouco e pouco no abdomen, até a respectiva ponta fazer a sua aparição nas costas !

No fim, o primeiro mostra o seu braço como se nada o tivesse magoado ; o segundo apresenta-nos os dedos sem o menor vestígio dos tremendos lanhos sofridos e o terceiro exhibe-nos um ventre onde apenas se pode notar uma ligeiríssima impressão. Quanto ao Mokaddem, êsse não se mostra, mas retira êle próprio a espada, tinta de sangue, que o atravessa de lado a lado e entrega-a para exame, ficando-se em atitude majestosa — como quem acaba de realizar o maior prodígio que é possível conceber-se (1).

Os mesmos «invulneráveis» espetam a seguir pregos de dois centímetros no olho esquerdo, onde êles desaparecem totalmente, para daí a instantes serem retirados do direito. Não contentes com isso, espetam-nos de novo no olho direito, onde êles penetram pouco e pouco e à vista de todos, para depois os retirarem da bôca, do nariz ou dos ouvidos !

(1) Êste «truc» é de invenção ocidental. Quem o ensinaria ao pseudo Mokaddem ? Estou persuadido, pela vaidade que o coronel Mayers Prince viu na execução, que nem os próprios aïssaua conheciam o «sagrêdo» do chefe.

Concluída a demonstração, dois dos irmãos menos hábeis seguram numa espada, enquanto o devorador de pregos salta para cima do gume e passeia, sem se cortar, amparado por quatro ou cinco dos componentes da «troupe». O Mokaddem traz então para a cena vários sacos ou cestos com serpentes venenosas, que os «irmãos» tomam entre os seus dedos e metem na bôca e no seio, como quem pretende mostrar-se superior ao perigo das mordeduras. Um aïssaua esquelético, músculos atrofiados, quási morrendo de pé, resolve dar-nos uma prova da sua «fôrça muscular» e, para isso, coloca a sua mão direita — palma para cima — sôbre uma mesa robusta. Um outro dos do grupo, aïssaua forte, nutrido e alto, põe-se de pé em cima da mão, amparado por alguns «irmãos», para não perder o equilíbrio. E o esquelético aïssaua, contra tôdas as leis naturais, eleva no espaço, com a única mão que estendera sôbre a mesa, aqueles oitenta quilos de carne!

E os «milagres» continuam, sempre variados e surpreendentes, até fecharem pelos prodígios do fogo, como andar sôbre chapas de ferro ao rubro, pegar em ferros em brasa e sustentar sôbre a língua pequenos pregos incandescentes.

O coronel Mayers Prince é enormemente extenso na sua descrição e tam minucioso, que gasta dezenas de páginas para elogiar cada exhibição que, confessa, lhe é impossível explicar à luz da ciência ou da lógica. Eu, que apenas assumi o compromisso de explicar os «mistérios do fogo», sairei um pouco do caminho traçado porque, para ser agradável aos meus leitores, resolvi inserir todos os «trucs» dos «efeitos» maravilhosos que acabo de descrever.

*
* * *

Êste espectáculo formidável, repetido nos fins do século XIX pela singular «troupe» de índios que o capitão Jacobsen trouxe à Europa em 1885, foi também maravilhosamente descrito por Teunant, que nos ensina, após umas quinze páginas repletas de beleza, que os «bruxos» persas se classificam a si próprios de grandes «megh», palavra esta de onde deriva o vocábulo latino «magus» e, por consequência, «mago», «mágico» e tôdas as outras palavras que a raiz latina originou.

O Dr. Creveaux apresenta-nos idênticos prodígios, a que assistiu em África e na Índia; mas, como tantos outros viajantes ilustres, não encontra forma de os explicar e conclui por atribuir os factos observados a... «certas faculdades excepcionais que alguns homens têm demonstrado possuir!»

O imperador persa Gefangfir, duvidando da invulnerabilidade de que muitos diziam gozar, resolveu-se um dia a convidar uma «troupe» de ilusionistas persas, com o fim de julgar por si mesmo das extraordinárias maravilhas que corriam de bôca em bôca e os seus olhos, talvez por demasiado jovens, nunca tinham podido ver. Após a exhibição, tam assombrado ficou, que escreveu pelo seu próprio punho um volumoso manuscrito, onde eternizou a sua opinião — de indiscutível respeito para todos os persas da época. Segundo o que o soberano afirma, todos podem crer na origem sobrehumana dos «fenómenos», visto que nenhuma lei natural se mostra suficientemente forte para os poder provocar !

IX

Como no Ocidente se pega
em ferros em brasa

Mas antes destes aïssaua, que se exhibiram, em 1889, na Exposição Internacional de Paris, houve um ilusionista inglês, de nome Richardson, que atravessou a Mancha e, em fevereiro de 1675, se exhibiu na Cidade-Luz como domador do fogo. As suas exhibições maravilhosas são consideradas pelos técnicos da ilusão como infinitamente superiores às apresentadas pelos árabes, pelos índios e pelos persas.

De facto, o ilusionista britânico devia ser o único prodigiador da época que possuía, na realidade, verdadeiros conhecimentos científicos sobre a magia do fogo. Para se ajuizar do que afirmo, bastará dizer que Richardson começava por assar um pedacito de carne em cima da sua própria língua, metendo, para isso, um carvão acêso na bôca, cuja incandescência mantinha com o auxilio de um minúsculo fole, apropriado à função de manter permanentemente ao rubro a singularíssima forja. A seguir, manejava com as mãos nuas um grande ferro em brasa e andava, com os pés descalços, sobre chapas vermelhas pelo fogo. Infelizmente, um dos seus criadotentado pelo dinheiro, não hesitou em atraiçoar o Mestre e, aceitando a proposta de um médico que não atinava com a explicação do fenómeno, vendeu-lhe o extraordinário segredo, que deveria ter custado a Richardson vários anos de aturadíssimo estudo.

Esse segredo acha-se publicado, com grande somma de detalhes, no «Journal des Savants», primeira edição

(1675), pág. 41 e seguintes ; segunda edição (1677-1680), pág. 97, 102, 147 e 148 ; e terceira edição (1680), pág. 24, 142, 252 e seguintes.

Também antes dos aïssaua terem aparecido em França, um espanhol chamado Leonetto se exhibiu em Paris.

O fantástico «domador do fogo», que foi visto pela vez primeira em 1809, mostrou se ainda mais cénico do que o espectacular Richardson e deixou a perder de vista os mistérios dos aïssaua de 1590 e dos que mais tarde foram vistos na Exposição Internacional de Paris, em 1889.

Leonetto, como Richardson, manejava com facilidade um ferro elevado ao rubro. Mas distanciava-se do Mestre britânico de forma notabilíssima, quando deixava em repouso, sôbre os próprios cabelos, o pedaço de ferro chamejante. Além disso, colocava-o também sôbre a língua e, para concluir, punha-o seguidamente no chão e pisava-o a calcanhares nus.

Mas não é tudo !

Leonetto bebia ainda petróleo em chamas e azeite a ferver, metia as mãos em chumbo derretido e colocava parte dêste sôbre a língua, cuspindo o metal solidificado numa vasilha de vidro cheia de água. Assombrava ignorantes e sábios, eruditos e incultos, estúpidos e inteligentes. Contudo, não se dizia invulnerável nem pretendia fazer milagres.

Leonetto, após a sua exhibição em Paris, exhibiu-se também em Londres, Berlim, Viena, Moscovo e Nápoles. Nesta última cidade foi visto e admirado pelo eminente cientista e amador dos mais ilustres das ciências da ilusão, Professor Sementini, cujos trabalhos em química lhe deram, naquela época, um relêvo universal.

Sementini, apesar da sua vasta cultura, ignorava que o «Journal des Savants» havia publicado o segredo do grande prodigiador inglês. Desconhecia até que Richardson tivesse existido, visto que nunca alude a este, nem faz a menor referência àquêle (1). Além disso, o pouco que sabia dos fakires da Índia e dos aïssaua da África e da Pérsia era demasiado vago, para lhe merecer confiança. As descrições que lera, devidas a observadores incompetentes, não podiam, segundo a sua opinião, merecer o crédito de um sábio, especialmente se elle conhece a existência de uma técnica cujo objectivo supremo é ilusionar multidões.

Mas Leonetto estava ali; não na África, na Pérsia ou na Índia, onde não o poderia observar.

Em Nápoles, os seus olhos experientes poderiam constatar os fenómenos e talvez descobrir as causas.

Sementini, depois do espectáculo, procurou Leonetto e solicitou-lhe a revelação do seu segredo. O artista espanhol recusou-se delicadamente, afirmando que lhe era impossível dar uma coisa que levaria forçosamente consigo o seu modo de ganhar a vida. O sábio compreendeu a forte razão que impunha sigilo a Leonetto e não insistiu mais.

Na noite seguinte voltou ao teatro e, sempre na primeira fila, devorava com os olhos todos os movimentos do artista. Em casa, no seu laboratório, ensaiava pôr em prática o que o seu luminoso cérebro architectava em teoria.

Volvidos uns tempos, o grande cientista italiano via

(1) Tenho razões, que mais adiante focarei, para não creio sem demonstração em contrário, na suposta ignorância de Sementini.

coroado pelo êxito o seu aturado estudo. Sigamos a sua observação e vejamos, depois, a que conclusões êle chegou :

1.º — Logo que Leonetto colocava o ferro em brasa sôbre os cabelos, via-se imediatamente elevar no espaço um vapor espesso e denso ;

2.º — Quando calcava o ferro ou tocava com êle nos calcanhares dos seus pés, elevava-se dos pontos em contacto uma nuvem de fumo tam opaca e tam acre, que o olfato e os olhos se sentiam incomodados com ela ;

3.º — Leonetto pisa o ferro em brasa invariavelmente com os calcanhares e não com qualquer parte ao acaso dos seus pés ;

4.º — O ferro em brasa que Leonetto aperta nos dentes, nunca toca nos lábios, porque o artista, precisamente para evitar êsse contacto, afasta-os com o maior cuidado ;

5.º — Ao beber o azeite ou o petróleo em chamas, Leonetto retira o líquido a arder, com uma colher pequena, de dentro de um recipiente maior, de que bebe cêrca de um têrço ;

6.º — Êle mergulha rapidamente as extremidades dos dedos no chumbo fundido, colocando depois um pouco dêste sôbre a língua, em contacto com a qual põe também um ferro em brasa. Nessa altura o observador atento nota na língua de Leonetto uma camada do quer que seja, da espessura de um papel e de tonalidade grisácia.

*

* *

Como se vê, Sementini apresenta-nos uma obser-

vação profunda, absolutamente isenta de fantasias e, sobretudo, com um rigor tal, que permite ao investigador equacionar o problema. Éle próprio, como se pode ler a pág. 203 e seguintes do «Nouveau Manuel Complet des Sorciers» (nova edição — 1853), por M. Comte e prefaciada pelo grande físico Júlia de Fontenelle, diz-nos que após numerosas experiências, ensaiadas sobre si próprio, conseguiu descobrir o seguinte :

1.º — Que por meio de fricções com ácidos, especialmente com o ácido sulfúrico diluído em água, a pele se torna insensível à acção do calor produzido por um ferro em brasa (1).

Neste seu primeiro estudo, o ilustre químico italiano afirma-nos que a pele se torna insensível ao contacto do ferro incandescente, mas esquece-se de nos dizer porque razão se obtém essa insensibilidade. Também não se sabe porque motivo omitiu as proporções de ácido que devem juntar-se a certo volume de água para se chegar, sem tentativas perigosas, ao objectivo desejado. Será porque o «Journal des Savants» se mostra igualmente ignorante sobre um e outro caso ?

Sementini, como se verá mais adiante, quando se explicar tudo em detalhe, deveria talvez, para ser mais exacto e não desmerecer da sua categoria intelectual, substituir o adjectivo «insensível» pelo de «resistente», que é, de facto, muito mais próprio — e cuja significação revela eloquentemente a causa da fenomenologia

(1) Por esta afirmação e por outras que se seguem, nas quais as proporções são omitidas, sou forçado a não crer na ignorância aparentada por Sementini. Inclino-me, antes, para que éle fôsse um dos eruditos leitores do «Journal des Savants» e que conhecesse os trabalhos nêle insertos sobre o prodigiador Richardson.

ígneas, que a «insensibilidade» não deixa antever nem depõe a favor dos conhecimentos do autor e muito menos garante a realidade das experiências que elle diz ter levado a cabo com êxito. Realmente, se se tratasse apenas de insensibilidade, os tecidos cutâneos destruir-se-iam e, após uma dezena de sessões, os ossos ficariam a descoberto !

Mais adiante, como disse, não só publicarei a fórmula exacta a empregar, como explicarei, com rigor, o fenómeno operado.

2.º — Uma solução de alumen, evaporada até se tornar esponjosa — continua Sementini — é, empregada em fricções, ainda mais aconselhável, para se atingir o mesmo fim.

Da leitura dêste segundo parágrafo deduz-se que Sementini estava na posse, pelo menos em parte, do autêntico segredo ; mas, por motivos especiais, não queria revelá-lo. Se quisesse, não nos falava de uma solução, porque, mesmo que a fizéssemos até ao máximo de saturação possível — caso a que elle não alude —, o grau esponjoso que aconselha seria muito mais difícil de obter do que se evaporássemos a própria água do alumen. Mas Sementini ergue apenas uma ponta do véu e, para isso, o termo «solução», tão vago e impreciso como «insensibilidade», era mais que suficiente.

3.º — Friccionando a língua com sabão duro — eis a «camada grisácia» que Sementini supõe idêntica à de Leonetto —, ella adquire a propriedade de se tornar «insensível» ao contacto do ferro em brasa.

Sementini, após numerosas experiências realizadas sobre si mesmo, continua convencido — afirma — de que era sabão que Leonetto empregava para que o ferro em brasa não lhe provocasse dor. Mas o eminente cien-

tista esquece-se de novo de que, sem dor ou com ela, a língua ficaria destruída! É que, como veremos a seu tempo, o sabão, só por si, não resolve o problema.

4.º — Uma camada especial, composta de sabão e de uma solução a ferver saturada de alumen, colocada sobre a língua, faz com que ela não sinta a menor sensação ao contacto do ferro em brasa.

Eis a melhor indicação de Sementini, embora incompleta e revelando nitidamente o hermetismo das anteriores.

5.º — O azeite a ferver, posto sobre a língua, não podia, em tais circunstâncias, importunar Leonetto — explica-nos Sementini. No momento da operação — continua — ouvia-se um ruído particular, muito semelhante àquêle que nos impressiona quando se mete na água um ferro incandescente. O facto prova que o azeite se achava, na realidade, a uma temperatura elevadíssima. Contudo, momentos depois do ruído, esfriava naturalmente e Leonetto podia então ingeri-lo sem recear esgaldar-se.

Sementini conclui o seu trabalho por afirmar — não diz que experimentou — que Leonetto, banhando os seus cabelos com a tal solução de ácido sulfúrico, poderia, como fêz, pôr em contacto com êles o ferro em ignição.

Esta parte final não parece do grande químico, a não ser — o que é improvável — que êle desconhecesse a solubilidade dos cabelos e os perigosíssimos fenómenos de intoxicação que atingem, por via capilar, enérgicamente o cérebro.

A seu tempo e em lugar próprio, para não destruir a ordem que sigo, voltarei novamente ao assunto e explicarei com precisão e clareza tudo quanto nesta segunda parte não tem o cunho rigoroso que é meu costume pôr nos estudos que realizo.

X

Os devoradores de pedras
e de vidros

De tôda a exhibição dos aïssaua, só a fenomenologia ígnea deveria ser exposta e explicada neste livro, porque todos os outros aparentes mistérios ou pseudo maravilhas dizem exclusivamente respeito à «Magia do Oriente», a gigantesca obra de prodígios fenomenais, que insere as ilusões mais fantásticas, atribuídas por escritores, jornalistas e viajantes, a um poder sobrehumano. Contudo, como sei que o leitor ficaria desapontado se eu não explicasse muitas outras coisas a que os orientalistas se referem, vou, embora não goste de repetir-me, gastar mais algumas páginas — na solução inesperada e simples dêsses problemas aparentemente complicados e difíceis. Começarei já pela explicação do suposto fenómeno fisiológico revelado pelos aïssaua e deixarei voluntariamente para mais tarde as manipulações que os fiéis de Allah fazem com o ferro em brasa.

Está certamente na memória de todos os que me lêem os anos da sua meninice e, se bem se lembrarem, recordarão que houve um certo período da sua vida de criança em que, sem pretensões a aïssua ou a fakires, executaram, também, verdadeiros prodígios de ingestão. De facto, haverá algum dos meus leitores que se possa gabar, com verdade, de não ter comido e até com certa abundância os caroços das cerejas? As crianças, quando comem frutos de pequeno caroço, não se dão ao trabalho de separar na bôca êste último, porque, segundo parece, é preciso devorar o que o prato contém... antes que

apareçam concorrentes. Quando estes não existem, a criança procede de modo idêntico, simplesmente porque lhe parece que é preciso... pedir mais. Não está isto na memória de todos?

Deve notar-se que eu friso apenas as funções naturais, que a observação quotidiana pode confirmar a cada momento e demonstrar, pelo estudo comparativo a que podemos proceder facilmente, que o facto, na sua quasi totalidade, limita os seus efeitos, quando muito, a uma aceleração funcional do intestino. Mas o acidente, vulgaríssimo nas primeiras idades dos seres humanos, illustra, ainda melhor, o que eu quero fazer compreender. Nunca um filho teu, leitor, ingeriu um botão, uma pequena moeda, um anel, uma argolinha, uma chave minúscula, um alfinete?

Já? E que disse o médico, certamente chamado a tóda a pressa e com as preocupações que só um pai sabe sentir?

Primeiro — lembras-te? — mandou o petiz respirar fundo; depois, ainda pensativo, ordenou-lhe que falasse; e, para concluir, perguntou-lhe se sentia qualquer má impressão na garganta. Se a resposta não foi ditada pela sugestão, mostrou-se, em tais circunstâncias, absolutamente negativa. Neste caso, tratando-se de botões ou de outros objectos semelhantes, que não são atacados pelo suco gástrico nem ferem as paredes do aparelho digestivo, o médico limita-se a mandar vigiar as feses. Quando se trata de moedas de ouro ou de prata, embora o ácido clorídrico possa atacar esta última, o clínico procede da mesma forma, porque o ataque do ácido, diluído como está, não tem tempo sufficiente para dar origem a complicações desagradáveis. Antes que a moeda possa começar a sofrer o ataque, é ela evacuada pelo petiz.

Se a moeda é de bronze, o caso é um pouco mais sério e o homem de ciência, por achar conveniente acelerar a evacuação do corpo estranho, receita um ligeiro lanchante apropriado às necessidades do momento. Se, porém, se trata de um objecto perfurante, como o alfinete que acabo de citar, então o médico, visivelmente preocupado, faz mais perguntas à criança e procede a uma apalpação rigorosa, que vai desde a garganta ao ventre. Compreendendo que o alfinete já se acha no estômago, o cientista solta um suspiro de alívio e não receita purgas nem lanchantes, porque não quer que o intestino, irritado, dê mil voltas ao alfinete quando o drástico lá chegar. Se tem filhos pequeninos e é bom pai, limita-se pacientemente a envolver em algodão hidrófilo o pontegudo objecto para que êle não possa espetar-se nas paredes do aparelho digestivo. Para isso, toma uma quantidade conveniente de algodão esterilizado e faz quatro ou cinco bolinhas do tamanho de uma ervilha, aperta cada uma delas, em vários sentidos, com um pedacito de fio branco e manda-as fritar tôdas em manteiga. Depois de fritas, retira-lhes cuidadosamente os fios, porque a manteiga, esfriando, é suficiente, só por si, para manter a compressão. Para terminar o delicado trabalho, o médico mandava vir um copo de água açucarada e faz ingerir ao petiz as quatro ou cinco bolinhas de algodão. Estas, chegando ao estômago, são logo atacadas pelos sucos gástricos, que queimam a manteiga num abrir e fechar de olhos e deixam, em consequência disso, o algodão em liberdade.

Ora todos sabem como se porta o algodão hidrófilo em contacto com os líquidos: Espreguiça-se em toda a sua extensão e envolve-se, como polvo famélico, em todos os objectos que cohabitam com êle. O facto, nem

mesmo neste caso seríssimo do acidente, parece, pois, oferecer perigos excepcionais. Há apenas a considerar o caso raríssimo da moeda ou do objecto ponteagudo ter-se fixado na garganta ou em qualquer outra parte do aparelho digestivo. Então, o cientista recorrerá aos raios X e, depois de conhecer o lugar exacto onde o objecto se localizou, corta com firmeza no sítio próprio e extrai por via artificial o que naturalmente não tinha podido sair.

Mas este caso é tam raro que não atinge dois por cento nos accidentes infantis. De resto, os aïssaua não são crianças e conhecem muito bem a elasticidade da garganta e o volume das pedras, vulgarmente seixinhos do mar, que lhes convém ingerir. As grandes e as multiformes, que também se acham no taboleiro, são apenas para... espectador ver e supôr que irmão aïssaua também as come deliciado, juntamente com as outras. No fim, o que causa arrepios e é verdadeiramente espectacular, é os aïssaua pedirem aos assistentes que encostem o ouvido aos seus estômagos e notem o ruído que as pedras fazem lá dentro. Comendo meia dúzia de seixos e bebendo uns goles de água, esse ruído é já tam impressionante que faz com que imaginemos um furioso oceano a agitar, em dia tempestuoso, uma verdadeira praia de calhaus!

*

*

*

A ingestão de vidro não tem outra explicação. O que se necessita é bons dentes para o triturar. Alguns profissionais europeus usam placas de protecção para evitar que alguns estilhaços mais agudos se lhes espatem na bôca. As lâmpadas eléctricas e algumas taças de champagne são de vidro tam fino que, triturá-las e

comê-las, não passa de brincadeira de petizes. Apesar disso, há quem mande fazer objectos de açúcar candi, que se confundem com os de vidro. Concorde que estes últimos devem ser mais agradáveis, mas supponho que quem precisa de ganhar a vida não deve olhar ao paladar que o trabalho que escolheu impõe.

Quantas vezes no escritório, no consultório, na redacção ou na oficina a função do dever força o advogado, o médico, o jornalista ou o mecânico a provar bocados bem mais amargos e mais duros de roer!

E a respeito de palmas...

XI

Os aïssaua de 1889

Mas tu, leitor, apesar do que afirmei, continuas a ter o teu receio, pois se até já ouviste dizer que se pode matar uma pessoa dando-lhe vidro moído! Idiotices semelhantes predis põem para o erro e fazem germinar nos cérebros menos cultivados concepções extraordinárias, que a luz científica da razão e da verdade nem sempre consegue destruir.

Para que o receio desapareça de vez da tua consciência, deixa-me dizer-te que o «Dictionnaire des Sciences Médicales» (ano 1810 — n.º 1143) insere uma tese curiosíssima do célebre doutor Lesauvage sobre a inocência do vidro. Este cientista dos princípios do século passado, já naqueles tempos distantes do nosso quasi século e meio, realizou experiências múltiplas com diversos animais domésticos e acabou, sem nenhum perigo para a sua saúde, por comer êle próprio uma taça de

champagne... Certamente não levou palmas, porque os cientistas, em vida, nunca são aplaudidos, mas também não foi «corrido à batata», embora seja hábito dos ignorantes hostilizar os homens de ciência que, após anos e anos de estudo persistente, nos dão um migalhinho de luz. Harvey, quando descobriu a circulação do sangue, Edison quando inventou o fonógrafo, Hertz quando vislumbrou a T. S. F., Stephenson quando defendeu a tese dos caminhos de ferro, Pasteur quando apresentou ao mundo o soro anti-rábico... foram tratados como charlatães da última espécie e não os correram à batata, porque, certamente naqueles tempos, não se tinha ainda «inventado» semelhante guerra ao gênio.

A verdade, porém, é que um aïssaua, quando realiza o «prodígio» de comer um vidro ou meia dúzia de pedras, classifica-o logo de milagre e ofende-se de forma solene se alguém ousa pôr em dúvida o seu poder sobrehumano de invulnerável congénito!

Lesauvage, sem esperar prémios nem honrarias, mas simplesmente para que os seus estudos não se perdessem inútilmente no espaço e não se diluíssem no tempo, executou as suas experiências sob o testemunho — «controle» de homens eminentíssimos, como o Dr. Cayol e o Professor Lallemand. Nunca sentiu, apesar das quantidades ingeridas atingirem o triplo e muitas vezes o quádruplo das ingestões dos aïssaua, a mais ligeira impressão dolorosa ou o menor desarranjo no aparelho digestivo.

É evidente que nem Lesauvage, nem eu somos capazes de ingerir pedras demasiado volumosas e muito menos vidros enormes, como fundos de frascos de perfumaria ou gargalos de garrafas. Mas os aïssaua também o não fazem — fora do campo alucinatório do ilusio-

nismo puro. Metem-nos, de facto, na bôca; mas, quer nas vestes de Mokaddem, quer durante as evoluções grotescas a que procedem, desembaraçam-se dêles. Assim, também os amadores de ilusionismo fazem, não com gargalos de garrafa, que não estão em uso entre nós, mas com anéis, dedais, moedas, ovos, bolas de bilhar e até cigarros a arder, pedidos aos espectadores (1). Quanto a vidro, se fôr fino como certos cálices do Pôrto, até abre o apetite, segundo, espirituosamente, nos diz o grande Robert-Houdin («Confidences d'un Prestidigitateur»).

Gaston Tissandier, o sábio redactor-chefe de «La Nature», após a Exposição Internacional de Paris de 1889, resolveu fazer um inquérito aos seus leitores e pediu a todos aqueles que estivessem preparados para documentarem o seu trabalho, que lhe dissessem se era possível comer vidro, como faziam os aïssaua que se exibiam no importante certame.

De entre as várias respostas, umas de sábios e outras de simples curiosos, que apenas apontavam factos, citei as mais interessantes.

Daniel Angé, depois de nos esclarecer de que não tivera a felicidade de assistir à grande Exposição de 1889, exprime-se nestes termos:

«Achando-me de passagem em Francfort-sur-Mein, tive ocasião de ver, afixado nas paredes, um cartaz interessantíssimo, que nos apresentava um negro, M. Vitry, a devorar uma lâmpada eléctrica. A expressão do seu rosto, admirável de tonalidade, fazia-nos crer que ele comia o vidro com a maior satisfação. Êste cartaz

(1) «Magia Teatral», do mesmo autor, Livraria Progrebior Editora.

impressionou-me tanto, que eu não pude resistir à tentação de assistir, nessa mesma noite, ao singularíssimo espectáculo.

«O negro, vestido a rigor, appareceu no palco logo



Fig. 4—Vitry come, deliciado, uma lâmpada eléctrica

que o pano subiu e, num francês muito dêle, explicou aos espectadores que ia servir a si próprio um fantástico banquete, cujas iguarias constariam das coisas mais extraordinárias que seja possível conceber-se.

«Após o discurso, vários criados transportaram para o meio do palco uma mesa repleta de pratos, dentro dos quais se podiam ver os objectos mais estranhos: carvão, colheres de estanho, discos de gramofone, frascos de vidro, muitas lâmpadas eléctricas, um grande número de cálices vazios e de taças de champagne, caixas de fósforos, pedaços de cartão, etc. Ele começou depois a comer, aparentando a maior satisfação, um pouco de cada coisa. Lâmpadas eléctricas e cálices de vidro é o que elle parecia devorar com maior prazer, triturando bem tudo com os os dentes, como se quisesse obter, por uma mastigação perfeita, uma digestão feliz».

Mais abaixo, após a descrição pormenorizada dos factos observados, Daniel Angé conclui por dizer que não sabe o que pensar de semelhante fenómeno, tanto mais que M. Vitry, examinado e interrogado por elle, demonstrou usufruir a mais robusta saúde!

Seguem-se depois as respostas de Baudot, Blainville, Edouard Galloo, Laval, etc., cujos depoimentos, embora curiosíssimos, me é impossível inserir, sem estender demasiado o capítulo que dediquei aos «devoradores de vidro».

Para concluir, direi apenas que «Un vieux forain» escreveu a Gaston Tissandier, afirmando-lhe que tinha ao seu serviço um dos membros da «troupe» que se exhibira na Exposição e que este, a cada passo, executava na frente dos camaradas exactamente os mesmos «prodígios» que se haviam observado em 1889. Depois de o ter interrogado, o aïssaua declarou-lhe que o vidro não poderia fazer-lhe mal, «porque o triturava, antes da ingestão, cuidadosamente com os dentes». Quanto aos fundos de copos e de garrafas, que os dentes não conseguiam esmagar, limitava-se a fingir que os comia, pro-

curando desfazer-se dêles logo que a ocasião se mostrava propícia e a sua técnica sobre o ilusionismo podia facilmente mascarar o alijamento da carga.

Quando comia fósforos e as próprias caixas, procedia sempre com o maior critério: acendia primeiro os palitos, para lhes destruir pelo fogo a massa venenosa e inutilizava como podia, quer pelo fogo, quer por um outro processo que se lhe mostrasse prático, a camada fosfórica onde se riscam os palitos. A madeira, o carvão, a cera e o estanho dos discos de gramofone e tudo quanto ingeria não podiam, segunda êle próprio confessa, prejudicar-lhe a digestão. De facto, a saúde dêste personagem estranho é das melhores e o seu trabalho é normal — conclui, finalmente, «Un vieux forain», na sua curiosa comunicação feita ao sábio escritor M. Gaston Tissandier.

*

* *

É preciso não esquecer que a prática de todos os dias, a função mil vezes repetida, chega a emprestar ao operador uma confiança desmesurada em si mesmo e uma esperança sem limites de que «tudo correrá pelo melhor». O facto faz com que muitos prodigiadores, especialmente os míseros e famélicos artistas de feira para lutarem pela existência, cheguem a comprometer a própria vida! Alguns dêles, que a si mesmos se classificam de «Homens-Avestruzes», ingerem objectos de inconvenientes dimensões, como pregos, fundos de cálices, pedras multiformes, etc., obturando o intestino ou obstruindo o estômago — quando não produzem úlceras graves no aparelho digestivo!

Claro que estes desgraçados, cuja ignorância corre parrelhas com a sua falta de pão, acabam, mais tarde ou mais cedo, no catre de um hospital, onde os médicos, apesar de todos os seus esforços para os arrancar à morte, se sentem impotentes na reparação de tanto mal. Os infelizes, em tais circunstâncias, raras vezes sobrevivem aos estragos que a sua ignorância originou.

E o médico, filósofo e psicólogo para o qual as misérias da vida não ocultam grandes segredos, tem apenas um desabafo—que as multidões ignaras não podem traduzir nem compreender:

«É estranho que a necessidade do pão force muitas vezes a comer pedras!».

XII

Cenas de sangue

O ambiente pode, em certos casos, impor-se a tal ponto à consciência, que a razão, dominada brutalmente pelo «meio», fica à mercê das sensações exteriores — exageradas até ao infinito por sugestões mentais inconscientes que destróem totalmente as faculdades de análise.

Se a causa do fenómeno — a vontade de apreensão — partisse do interior para o exterior, a influência do «meio» só agiria solicitada. Como, porém, a consciência, no presente caso, obra em lugar secundário e, portanto, não impõe a sua vontade ao exterior, mas, pelo contrário, é subjugada por êle, os factos passam-se de forma diversa e o observador sente-se escravizado pelas influências de ambiência (1).

(1) A fenomenologia da apreensão dos sentidos, assim como as suas respectivas leis, acham-se cientificamente descritas de pág. 15 a 26 de «Magia Teatral» — Livraria Progreior, Editora.

Se assim não fôsse, os espectadores que assistiram às exhibições dos aïssaua e viram que elles abriram grandes lanhos nos braços, de onde brotavam enormes jactos de sangue, teriam compreendido a impossibilidade do facto, visto, momentos depois, a pele não registar o mais ligeiro ferimento. O mesmo se pode afirmar quanto ao corte dos dedos pelas articulações, pois que, segundos volvidos, o sangue desaparecia como por encanto e nas falanges digitais era impossível, mesmo com auxilio de lentes, descobrir a menor incisão.

Mas a consciencia, dominada pelo delirio provocado pelo «meio», propositadamente espectacular e de aparências sobrehumanas, não podia seleccionar nem distinguir as sensações que a impressionavam.

Antes de prosseguirmos, vê se te lembras, leitor, destas duas exhibiçõezitas inocentes que tu, quando frequentavas o liceu, possivelmente executaste :

Mostravam-se as mãos de ambos os lados, de forma que todos pudessem constatar que elas se achavam absolutamente livres. Depois, com o fim de darmos provas mais eloquentes da nossa «lealdade», arregaçavamo-nos até aos cotovelos e voltavamos a mostrar as mãos, que continuavam vazias. Após a espectacular apresentação, pedíamos um canivete emprestado a algum dos presentes que tivesse canivete e fazíamos um pequeno círculo no chão, garantindo que daí a momentos cairia dentro da rodinha o sangue de um professor que nós íamos ferir... em espirito. Então, apertando o cabo do canivete na mão direita e fazendo no cotovelo com o polegar da mão esquerda três círculos concêntricos, pronunciávamos em tom misterioso :

«Majalá... Majalá... Majalá...!».

Depois, sem perdermos um instante, apertávamos

fortemente o cabo do canivete com ambas as mãos — lâmina voltada para baixo — e sobre o círculo traçado no chão caía uma torrente de sangue !

Vê agora se te lembras dêste outro pequenino



Fig. 5 — «Majalá... Majalá... Majalá ...!»

«tour», igualmente executado com freqüência pelos rapazes alegres e despreocupados das escolas :

Depois de se mostrar, pelo exterior, o polegar esquerdo completamente isento de «truc», pedimos um lenço emprestado e amarramo-lo em torno dêle até à altura da falange. A seguir, solicitamos a um dos presen-

tes que nos ceda por uns minutos o seu canivete e, fingindo de aïssaua, cortamos profundamente o dedo pela respectiva articulação. O lanho enorme que os espectadores observam deixá-los-á aterrados, embora, segundos volvidos, se possa mostrar o polegar sem a menor pinta de sangue nem a mais ligeira incisão !

No primeiro caso — lembras-te ? — ocultava-se atrás da orelha direita uma pequenina esponja embebida em tinta encarnada e quando se faziam os três círculos concêntricos no cotovelo e nós levávamos, em movimento natural, a mão direita à altura da orelha dêste lado, apoderávamo-nos da esponjinha, que ficava logo oculta — dissimulada pelo canivete. Claro que depois de apertarmos a esponja e do «sangue» cair no chão, entregávamos o canivete ao dono e tirávamos o lenço do bolso para limparmos as mãos. A esponja, como não podia deixar de ser, era depois metida no bolso, quando lá guardávamos de novo o lenço que acabava de nos ser útil.

Evidentemente que êste «escamoteio» da esponja, embora de movimentos naturais, não convém a um artista, mas os artistas possuem outros recursos, de que os estudantes não carecem («Magia Teatral»).

Quanto à segunda ilusãozinha, o «modus operandi» não é mais difícil nem parece mais complexo :

Antes de mostrarmos o dedo, picamos o sulco exterior da falange com um simples alfinete, prèviamente esterilizado. O sangue, se conservarmos o dedo aberto, não saírá, porque o microscópico orifício acha-se convenientemente obturado. Contudo, se o dobrarmos e envolvermos em torno dêle um lenço, partindo da raiz do dedo, o sangue correrá em abundância e nós só teremos o trabalho de o espalhar com o canivete. No fim, bastará limpar o dedo e abri-lo — para que nada se possa notar !

Ora este «ilusionismo» de pequenos escolares era precisamente o dos aïssaua, embora executado com o rigor que a prática empresta a quem se lhe dedica, por conveniência ou por amor, algumas horas por dia.

E como julgo ter-me feito perceber, passo a outro assunto, porque este, segundo creio, não carece nem merece mais amplas explicações.

XIII

Andar sobre os gumes de espadas

Em «O mundo científico» publiquei já desenvolvidamente, a propósito de uma exhibição que se tornou notável, os principais «trucs» dos fakires e dos aïssaua (1).

Não gosto de repetir-me. Contudo, como prometi explicar todos os «efeitos» que descrevi, abro uma pequena excepção.

As espadas dos aïssaua cortam magnificamente e por isso, antes de as calcarem a pés nus, elles costumam levá-las primeiro aos assistentes para que elles as analisem e cortem com elas papéis, agucem lápis, etc. Há, porém, quem use, como Blacaman usava, espadas que só podem cortar o ar e, com um bocadinho de esforço, uma... sombra de parede. Falarei das espadas que cortam, que são, na verdade, as que os aïssaua empregam nas suas exhibições.

Devido à flexibilidade do aço, a lâmina, logo que se

(1) «Paralisação das pulsações», o «Enterrado vivo», «Perfurações cutâneas», Esmagar vidros com as costas nuas», a «Escada das espadas», a «Suspensão do fakir», «Catalépsia de circo», «Hipnotização de espectadores»...

lhe põe o pé em cima, descreve um arco de noventa graus e fica, no ponto onde se pisa, absolutamente plana. O brilho niquelado do aço não deixa notar o «truc», tanto mais que a espada nos extremos continua vertical. Só onde se pousam os calcanhares é que as espadas, com o pêso, adquirem por elasticidade a posição horizontal.

Mas há espadalhões demasiado grossos e fortes para resistirem à torsão. Estes conservam sempre a posição vertical e o aïssaua que os calque tem forçosamente de pôr os pés sôbre o respectivo gume. Apesar disso, elas acham-se tam afiadas como as outras e os espectadores podem igualmente examiná-las.

O que o público não sabe é que o aïssaua, mudando de espada, muda também de «truc». Assim, como já vimos na Índia e havemos de ver entre nós, quando eu voltar novamente às maravilhas do fogo, estes pisadores de coisas esquisitas têm umas plantas de pés tam calçadas, que as solas dos nossos sapatos, comparadas com a sua resistência, mostram-se muito inferiores !

Os aïssaua podem, pois, sem o menor perigo, pisar os gumes das espadas, sôbre os quais apenas apoiam um décimo do seu pêso, visto que os outros nove décimos são hàbilmente suportados — princípio de distribuição de fôrças — pelos colegas que fingem mantê-lo em equilíbrio. No capítulo seguinte compreender-se-á melhor o que esbocei, porque a teoria adoptada para a «Elevação do aïssaua» não é estranha à tecnologia dèste sistema de pisar espadas.

O método, muito mais interessante que o anterior, mostra-se apenas infinitamente mais trabalhoso, visto que as espadas assim tratadas, têm de afiar-se todos os dias, para conservarem a forma e oferecerem à assistência as aparências do prodígio.

XIV

Elevação do aïssaua

O título «Elevação do aïssaua» pode levar o leitor que abra o livro nesta parte, a fazer hipóteses que me desagradam, porque se prestam, após a leitura do texto respectivo, a uma censura que não mereço. De facto, quem abrir o livro nestas páginas supõe, a julgar pela epígrafe do trabalho, que vai estudar nas poucas linhas que seguem algum segredo de levitação. Ora eu, como disse na primeira parte desta obra, não posso sair da piromagia, porque foi esse o plano que tracei ao iniciar o livro e não disponho de espaço para digressões a outros sectores do vasto campo do ilusionismo. Se, por vezes, me desvio um pouco da magia ígnea, o facto deve-se apenas a ter feito, em páginas anteriores, a solene promessa de explicar em síntese os «efeitos» que descrevi a propósito das exhibições dos aïssaua.

Estou, pois, a desempenhar-me de uma obrigação que assumi e não a invadir o terreno da... «Magia do Oriente».

E agora, já tranqüilo sobre as conjecturas que possam fazer os leitores que não têm o magnífico hábito de começar as coisas pelo princípio, posso, enfim, referir-me, sem perigo de más interpretações, à «Elevação do aïssaua».

O artista esquelético e falho de forças estende a sua mão direita — palma para cima — sobre uma mesa robusta. Um outro aïssaua, nutrido e forte, amparado por cinco colegas *para não perder o equilíbrio*, põe os pés juntos em cima da mão e esta, sem o menor esforço aparente, eleva no espaço o gordanchudo personagem.

Aparentemente, para os espectadores que só vêm o lado maravilhoso do espectáculo, o caso passou-se tal qual como o descrevo acima. Na realidade, para o observador atento e habituado à investigação científica, os factos passaram-se de forma diversa :

O aïssaua a elevar pôs-se de pé sobre a mão, com as pernas bem juntas e os braços dobrados e unidos ao corpo, de modo que os cotovelos se acham, em posição vertical, um pouco acima dos quadris. Além disso, a sua cabeça, embora em posição natural, revela uma rigidez de pescoço exactamente idêntica à que se observa em tôdas as partes do corpo.

Os cinco colegas que o agarram, *para que êle não perca o equilíbrio*, acham-se, um — em frente — apoiando os extremos dos dedos indicador e médio debaixo do queixo ; dois outros, um de cada lado, ajoelhados sobre a mesa, seguram-no cada qual por sua perna ; os dois restantes, de pé, colocam os seus dedos da mão direita precisamente nos cotovelos.

Como se vê, os cinco aïssaua empregam uma única mão no trabalho de «equilíbrio» e, mesmo assim, utilizam apenas desta os dedos indicador e médio.

Pois bem. Para levantar um homem em semelhantes condições bastaria apenas um dedo e não se explica por que motivo os aïssaua vão mais além.

Quando os preparativos de «equilíbrio» estão prontos, o Mokaddem faz um sinal e as sete pessoas que tomam parte na elevação — que podiam bem ficar reduzidas a cinco ou seis, o máximo — começam a inspirar lentamente — o elevado, o elevador e os cinco que mantêm o equilíbrio — e ao mesmo tempo, em absoluto sincronismo entre si, tratam de elevar o gordo aïssaua no espaço. Se algum dos meus leitores quizer fazer a

experiência que acabo de descrever, garanto-lhe que ficará surpreendido, porque, em tais circunstâncias, a pessoa elevar-se-á quasi por si própria, sem que, de momento, a razão científica do facto acuda à intelligência. E contudo, apesar da impressão maravilhosa que nos invade, ela é bem fácil de compreender, visto que o princípio de distribuição de forças a explica com a maior clareza.

XV

Atravessar as faces com um espadim

Os fakires e os aïssaua que querem fingir de invulneráveis, costumam deitar-se em leitos de madeira — semeados de pregos agudíssimos. Outros, assegurando que por um esforço de vontade podem deter a circulação do sangue, param os movimentos da humeral, ficando sem pulsações, e imobilizam os próprios movimentos do coração para demonstrarem eloquentemente o seu domínio sobrehumano. Tudo «trucs» de execução ultra fácil — que eu tenho explicado aos meus leitores (1). Outros ainda, tanto fakires como aïssaua, perfuram os braços, as pernas e as faces com longos pregos de chapéu. Este espectáculo, outrora arripiante e de successo garantido, caíu ultimamente um pouco em desuso, porque, com a moda das injecções e o flagelo da sífilis, todos nós, sem querer, fomos armados em fakires... É raro o dia — quem o ignora?! — em que alguém não é submetido às mais estranhas perfurações cutâneas e

(1) «O mundo científico».

venosas para se lhe introduzir na economia alguns volumes de líquido! O caso, por demasiado comum, tornou-se banal para toda a gente e os fakires modernos que visitam a Europa, seguindo a tecnologia dos aïssaua

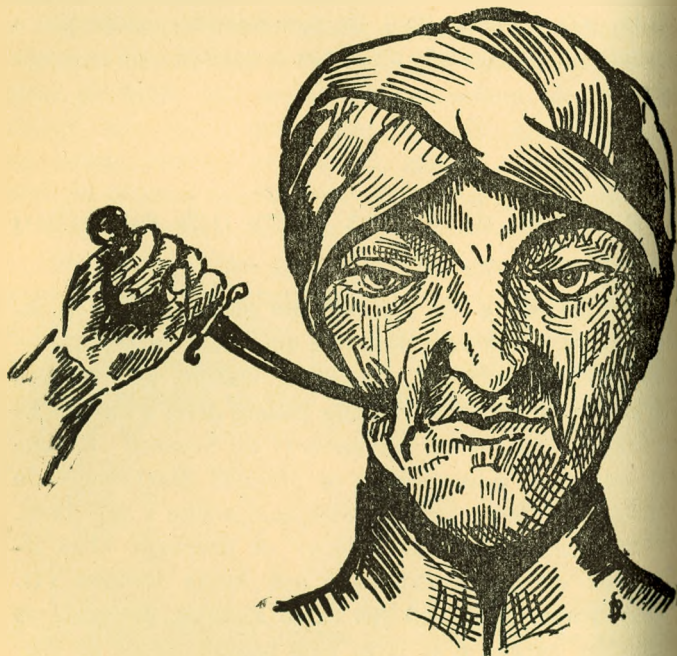


Fig. 6 — Irmão aïssaua perfura as faces com um espadim

do século passado, preferem atravessar as faces com um punhal ou espadim de longa lâmina, o que é infinitamente mais espectacular — e menos compreensível para os sifilíticos «fakires» do ocidente.

Assim, irmão aïssaua ou semi-deus fakir, depois de provar que o seu espadim é capaz de fazer a barba a um morto, pega nêle com a mão direita e, enquanto tapa a

bôca com a esquerda, espeta-o dois ou três centímetros na face do respectivo lado. A seguir, com um sorriso de superioridade retira-o lentamente e mostra por fim a pele sem o mais ligeiro ferimento.

Eis um «tour» que não terá a menor ilusão da «realidade» que se pretende obter, se um executante gordo e jovem no-lo quiser exhibir. De facto, se o ilusionista fôr novo e tiver todos os dentes e as faces rochonchudas, mesmo que abra ligeiramente a bôca, a ilusão não subjugará os sentidos.

Os aïssaua estão na posse dêste segrêdo e por isso escolhem para executar o trabalho o mais velho e esquelético da «troupe». Se êle não tiver dentes ou possuir muito poucos, o fenómeno mostrar-se-á então de uma realidade chocante. E é natural, porque a elasticidade cutânea, aliada à ausência total ou quási total dos dentes, favorece de forma notável a ilusão dos sentidos. As pessoas magras e velhas apresentam-nos umas faces cuja pele, pela ausência de músculos jovens, é de uma elasticidade pasmosa. O aïssaua em tais condições, toma o espadim, ligeiramente rombo na ponta, embora afiadíssimo na lâmina, e apoia-o contra a face direita. Como não tem dentes, não carece de abrir a bôca e, portanto, de a tapar com a mão esquerda. O espadim, esticando a pele, penetra vários centímetros no interior da bôca e dá ao observador a impressão indiscutível de que perfurou a face

Na realidade, porém, a ponta romba do espadim arrastou apenas a pele, que penetrou em forma de bolsa ou de baínha — como quiserem — no interior da bôca semi-cerrada. Ao retirar lentamente o instrumento é natural, portanto, que não se note na face nem o menor vestígio de «ferimento».

XVI

O alfanje que penetra no ventre

A mesma técnica adoptada pelos aïssaua para atravessarem as faces com o espadim de que falei no capítulo anterior, applica-se igualmente, visto a teoria da ilusão não diferir, no «tour» que elles executam para cortarem o ventre.

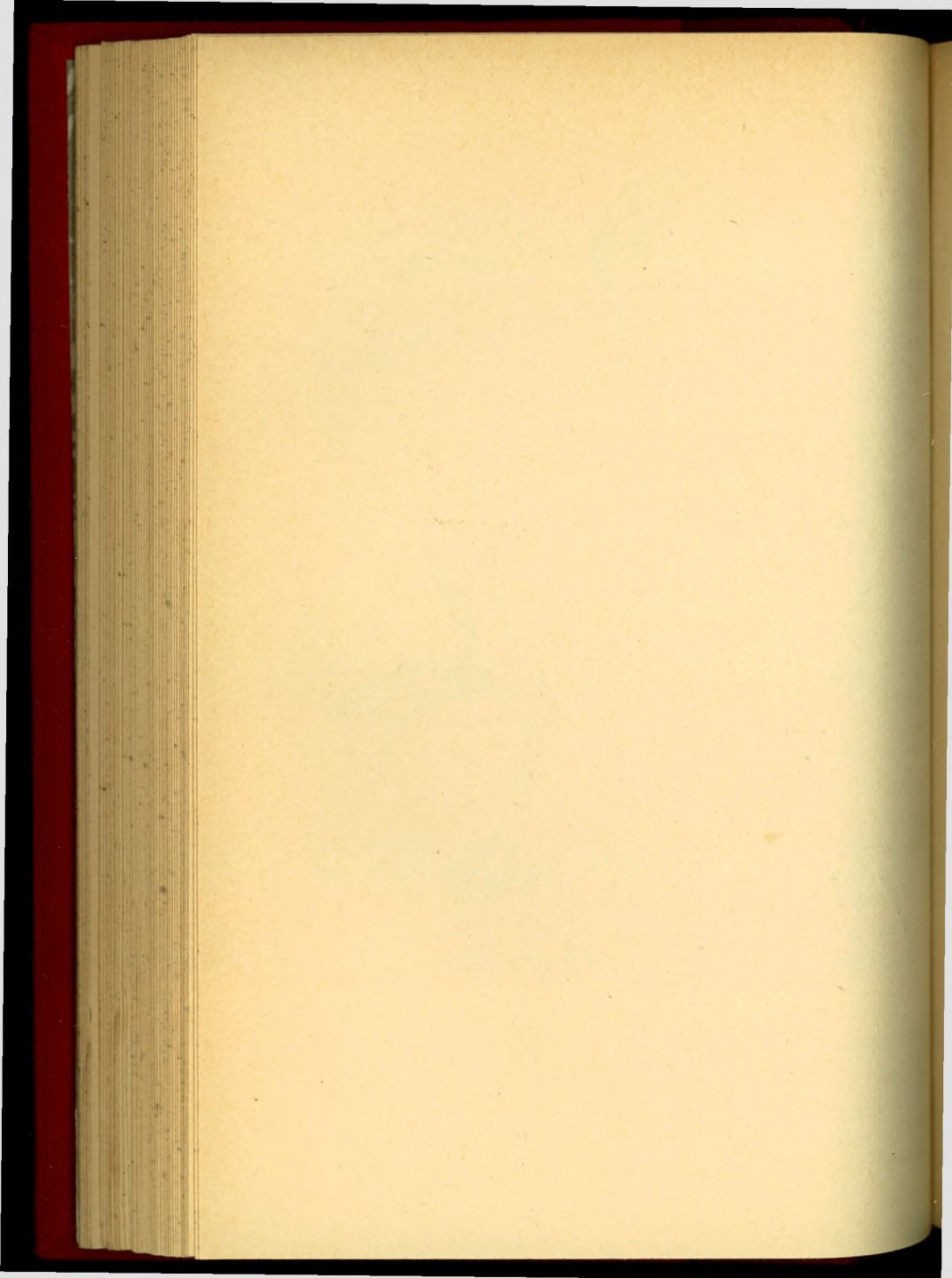
Os aïssaua de 1889 eram maus executantes e para dissimularem a sua péssima execução voltavam as costas ao público ! Um deles, de ventre dilatado e caído, collocava o abdóme em cima do alfanje, que se achava apoiado sôbre a mesa e sustido por dois dos colegas. Como se achava de costas voltadas para os observadores, collocava entre a lâmina e o ventre uma certa porção da camisa. A penetração do alfanje era, neste caso, absolutamente invisível para os assistentes e por isso os aïssaua procuravam na dedução intellectual dos espectadores a ilusão que o olhar directo não podia originar-lhes. Com esse fim, saltava para as costas do «invulnerável» um outro aïssaua, cujo pêso fazia germinar no cérebro dos assistentes a ilusão que se buscava.

A verdade é que o pêso suportado pelo «mártir» não era nenhum, porque lá estavam os quatro ou cinco aïssaua a segurarem no gorducho colega — para elle não perder o equilibrio. Já vimos no capítulo XIV o que significa esta manobra e qual é o seu objectivo.

Modernamente, porém, tanto os aïssaua como os fakires procedem à vista do público: um deles, igualmente de abdóme caído e volumoso como o anterior, põe o seu ventre ao léu. Outro dos do grupo coloca-lhe



Fig. 7—Um aïssau a cortar o próprio ventre



sobre a barriga, um pouco abaixo do umbigo, a lâmina do alfanje e um terceiro, de maço em punho, bate nas costas da lâmina até ela desaparecer por completo entre as carnes. Como o «torturado» se acha de pé e de rosto voltado para a platéia, a ilusão é perfeita, embora a teoria da penetração seja exactamente a mesma que notamos na execução anterior e na penetração da face.

Claro que o alfanje tem de estar fixo, porque, se houver deslize, o corte é absolutamente inevitável.

Já vi um ilusionista espanhol, disfarçado em fakir, provocar idêntica ilusão com uma navalha de barba. Na intimidade, golpeava a própria língua, para mostrar aos amigos a sua grande certeza. Não se recusava, para demonstrar a ausência do perigo, a experimentar em nós próprios o que em si praticava. Todos consentíamos que ele nos «esfaqueasse», porque tínhamos confiança na sua destreza inexcedível, mas nunca nenhum de nós teve coragem suficiente para manejar a navalha sem receio de se cortar.

É que para tudo se necessita estudo prolongado e atento, e poucos são os amadores do ilusionismo que gostem de se fazer «virtuoses» em «trucs» de pseudo fakirismo.

XVII

Engolir uma espada sem «truc»

O aïssaua que tem a seu cargo o maior prodígio e que, para isso, praticou durante muito tempo uma ginástica própria, pede um sabre emprestado a um dos militares que assistem à sessão ou, na sua falta, manda examinar uma das suas espadas sem «truc». Depois, inclinando a cabeça para traz, de modo a obter uma linha

recta, enfia pela bôca a ponta do sabre e introduz pouco e pouco a lâmina de aço na garganta, até ficar de fora apenas o seu respectivo punho. O sabre penetra-lhe de facto no esófago !

Em Portugal, aí por 1920, havia um saltimbanco

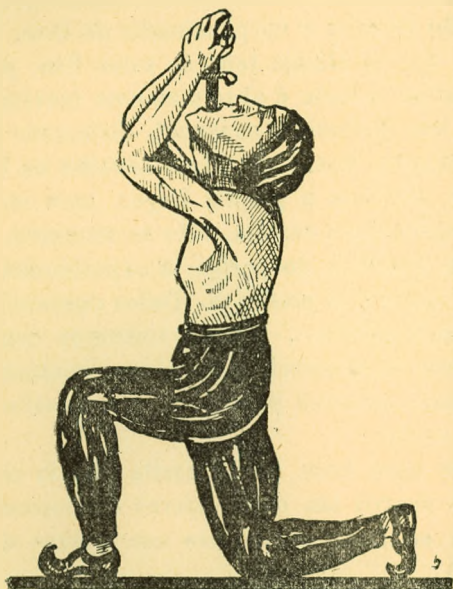


Fig. 8 — Aïssaua engolindo uma espada

muito pobre que realizava igual prodígio. Mas a sua ignorância, aliada a uma dilatação natural da garganta, faziam com que êle não se preocupasse com os exercícios próprios a que deveria submeter-se, para obter o prodigioso efeito sem perigo para a sua vida. E por isso, a maior parte das vezes, o sabre saía-lhe da bôca totalmente banhado em sangue. Tive pena do homem e falei-lhe. Dias passados procurou-me na redacção do

«Jornal de Notícias», onde o instrui convenientemente sobre a execução da «maravilha». Satisfeitíssimo, o nosso aïssaua... português quis ir mais longe e solicitou-me que lhe ensinasse ilusões menos perigosas e repugnantes, embora igualmente espectaculosas e dignas do aplauso do público.

O pobre rapaz, cuja execução primitiva ameaçava destruir-lhe a existência, tornou-se um... fakir de vastos recursos, que o público, nos circos de feira, distinguia com agrado. Em 1925 desapareceu por completo do solo pátrio. Supuz que tivesse sucumbido aos estragos de alguma úlcera que o seu trabalho de outrora lhe tivesse originado. Enganei-me. Em 1931 o correio trouxe-me da América do Norte uma lembrança principesca, reveladora da «inolvidável gratidão» que enchia a alma do jovem artista — agora coberto de glória e animado pela fortuna.

*

* *

Não aconselho nenhum amador de ilusionismo a executar semelhante barbaridade, não só porque o «truc» pertence à categoria dos repugnantes, como a «decapitação», o «corte dos braços», e a «extracção dos olhos», tão admirados pelas platéias de antanho, mas ainda porque, devido à difícil esterilização do sabre, a infecção mortal espreita a cada momento o improvisado «invulnerável».

Contudo, como prometi, não quero, porque não devo, subtrair-me a expôr nestas páginas a explicação do fenómeno.

Em primeiro lugar é indispensável que o futuro «aïssaua», que não deve ter ultrapassado muito os vinte

e um anos, seja alto e não demasiado gordo. Depois, é absolutamente necessário que se submeta, durante dois ou três meses, aos exercícios seguintes :

a) Deve praticar diàriamente uma ginástica própria à rectificação da coluna vertebral ;

b) Apertar um cinto de couro em torno dos rins e caminhar, durante meia hora, todos os dias em bicos de pés — com as mãos na cinta e a cabeça inclinada para trás ;

c) Deve introduzir na garganta, no fim de cada sessão, uma sonda de cautchú, para obter a necessária elasticidade da garganta e do esófago. Ao mesmo tempo, a sensação que produz o vômito, irá, com a perda progressiva de sensibilidade, desaparecendo pouco e pouco.

No fim de dois ou três meses o futuro «aïssau» poderá tragar uma espada qualquer, notando, porém, que a extensão da lâmina a introduzir depende da distância, variável de homem para homem, que vai da bôca ao fundo do esófago.

E agora só é preciso assépsia. A espada, antes de ser introduzida, deve ser esterilizada. O processo mais fácil consiste em submetê-la a uma chama bem grande de uma lâmpada de alcool, mas é preciso evitar que se repita o facto que, com muita graça, conta o meu amigo e distinto amator de ilusionismo, Dr. Júlio Abeillard Teixeira !

Imagíne-se que uma ocasião o ilustre médico aconselhou José Avelino a esterilizar as agulhas com que elle perfurava os braços, indicando ao querido ilusionista bracarense o processo mais pratico e mais fácil que as circunstâncias teatrais impunham — o fogo sem fumo. Pois bem. José Avelino, após a esterilização dos estiletos, limpava-os cuidadosamente a uma toalha de linho !!!

Se Pasteur se achasse na platéia seria com certeza vítima de uma síncope!

XVIII

Fascinação de serpentes

Os aïssaua introduzem na bôca e metem no seio, em estreito contacto com a pele, as víboras de que se fazem acompanhar, aparentando, assim, um profundo desprêso pela dôr e nenhum receio pela morte. Outros ilusionistas, especialmente fakires, fazem com que os tremendos répteis dancem ao som de certa música estranha que elles arrancam hàbilmente de flautas primitivas ou de assobios improvisados com qualquer pedacito de bambú.

A conclusão a que chegam os observadores inexperientes é de que se trata de um curioso fenómeno de fascinação pela música! Realmente, ninguém ignora o poder encantador que os sons exercem sôbre certos animais, especialmente sôbre as cobras. Mas o facto não pode explicar-nos a razão porque, fazendo música, a víbora não segrega veneno quando, metida no seio, procura libertar-se da prisão, cravando-nos os dentes na carne.

Pode hipnotisar-se facilmente um réptil e não é muito difficil levá-lo ao estado cataléptico. Mas, se tal fizessemos, lutaríamos com as aparências da morte e o público teria a ilusão de que lhe exhibamos répteis narcotizados ou já sem o menor sôpro de vida! Todos os que assistem às minhas experiências sôbre animais notam que a catalépsia empresta, não só aos répteis, mas aos

coelhos, aos gatos, aos cães, às galinhas, etc., uma tal rigidez cadavérica e uma imobilidade tam estranha que, por vezes, chegam a duvidar que o géllo da morte não tenha afastado a vida daqueles corpos inertes. Só o «levantamento» a que procede momentos depois os convence de que os animalitos não tinham deixado de existir! A fascinação, que se confunde com os pródromos dos estados profundos, como sucede no sugestivo, é quasi impossível nos animais inferiores sem instrumental físico. O tam-tam, certos sons agudos e fortes, os objectos muito brilhantes e até a sensação do frio, imobilisa-os parcialmente, mas o «truc» é fácil de descobrir e os fakires amam o mistério.

Em face do exposto, somos forçados a concluir que a explicação do fenómeno é outra, visto nenhuma daquelas solucionar o problema.

Podia, se quisesse, apresentar-lhes aqui os autênticos processos de que se servem os fakires e os aïssaua para obterem os maravilhosos efeitos que descrevo. Prefiro, porém, revelá-los em «Magia do Oriente» e, de momento, dar a palavra ao coronel de Neveu, explorador internacionalmente conhecido e amador dos mais illustres, a quem a ciência da ilusão deve criações notáveis.

Eis o que êle nos ensina no seu magnífico livro «*Sur les Ordres religieux chez les Mussulmans de l'Algérie*» :

«Nós conseguimos, por vezes, mercê de manobras hábeis, convencer os aïssaua a exhibirem-se nas nossas próprias casas, para onde êles se fazem acompanhar de tôda a «ménagerie». E assim é fácil a qualquer de nós constatar o lógro, pois todos os répteis que êles nos apresentam como sendo tremendas víboras (lefâ), não

passam, na realidade, de inocentes cobras (hanech). Apesar disso, ainda lhes limam os dentes, de forma que nem o veneno nem a mordedura são coisas para temer.

«As cobras (hanech) diferem muito pouco das víboras (lefâ) e aparentam, além disso, muito mais ferocidade.

«E assim se cria o mito de que os aïssaua algerianos empregam nos seus prodígios as «lefâ» mais ferozes que se podem encontrar em África !»

XIX

Espetar pregos nos olhos

Este «tour», assás fácil, não pode, por demasiado horrível, ser exibido na presença de senhoras e muito menos de crianças. Estas, porque têm espirito de imitação, como os macacos, e correm o risco de cegar; aquelas, porque, extremamente nervosas, começam a tremer nas cadeiras e acabam por desmaiar ! Ora um espectáculo que põe em perigo as crianças, horroriza os espectadores e faz desmaiar as mulheres é pouco aconselhável.

De facto, ver um aïssaua espetar lentamente num olho um prego de dois centímetros de comprido é coisa de arrepiar. Depois, quando êle, também lentamente, o retira do outro olho, nós sentimos qualquer coisa na espinha... que não sabemos classificar !

E contudo, como já disse, trata-se de um «truc» inocentíssimo, sem estudos transcendentales nem dificuldades execucionais.

Ora vejamos...

Se o introduzirmos secretamente no canto do olho

esquerdo, perto do reservatório lacrimal, entre a pálpebra inferior e o globo ocular, um pequeno prego cilíndrico, em chumbo ou prata, não sentiremos a menor sensação dolorosa e se elle não tiver mais de centímetro e meio ou dois centímetros de comprido, ficará no respectivo lugar absolutamente occulto pela carne. O público, como se deduz facilmente, ignora a existência dêste prego.

Tomando agora um prego idêntico — único conhecido da assistência —, o ilusionista mostra-o aos espectadores e, se não é um estúpido aïssaua, trata de o esterilizar. Logo a seguir, aparentando grande sofrer, espeta-o no lugar próprio do olho direito, onde elle ficará totalmente encoberto pela carne. Então, mostrando as mãos de ambos os lados, retira-se o prego do olho esquerdo, que os assistentes vêem sair lentamente e supõem ser o primeiro que se espetou no olho direito!

Não continuo. A ilusão, embora espectacular, não merece, sequer, o espaço que ocupa!

XX

Um homem atravessado por uma espada

Esta ilusão, tam horrorosa como a anterior, embora muito mais cénica e infinitamente mais impressionante, não é invenção de nenhum aïssaua ou fakir. Foi, segundo creio, inventada por um pobre ilusionista de feira, cujo nome, talvez por demasiado humilde, nunca ninguém escreveu. Os clássicos do ilusionismo referem-se a elle, mas tratam-no como um miserável anô-

nimo, embora os contemporâneos do artista tenham ouvido dos seus lábios a revelação do segredo que tanto os impressionara!

Os ilusionistas modernos aperfeiçoaram o «efeito» da ilusão e apresentam-no aos espectadores do nosso tempo com tanta graça, que eu não resisto à tentação de o descrever, não só porque o acho mais digno das platéias cultas dos nossos dias, mas ainda porque me parece mais próprio do ilusionismo despretencioso e sério de hoje.

Ei-lo :

O pano sobe e apresenta à vista dos espectadores um consultório médico. A empregada, rigorosamente vestida de branco, introduz vários clientes, com os quais, um a um, o médico realiza prodígios. Por fim é introduzido um marinheiro — calças brancas, camisola de malha azul-escuro e casaco preto. Queixa-se de obstrução intestinal... O médico receitara vários drásticos, mas nada produzira efeito! O caso começa a tornar-se muito sério e tem de ser resolvido urgentemente...

O médico, visivelmente preocupado, apalpa, ausculta, interroga e, por fim, pede qualquer coisa à enfermeira. Esta, fazendo uma careta de pasmo, vai buscar uma enorme agulha plana de mais de um metro de comprimento. O clínico enfia-lhe uma fita de seda de uns três metros, repleta de nós, e prepara-se para a melindrosa operação.

O marinheiro, de pé, ventre voltado para a assistência, espera... O médico manda-lhe afastar as abas do casaco e introduz lentamente no abdóme a agulha, que não tarda a ver-se reaparecer nas costas, arrastando a fita de seda. O homem é então mandado pôr de perfil, para que a assistência possa ver melhor o «milagre», e a

agulha é separada da fita. A concluir, o médico puxa por um extremo enquanto a enfermeira puxa pelo outro, num cómico movimento de vai-vem.

Escuso de prosseguir, porque o leitor compreende perfeitamente a beleza inexcédível do «tour».

Comparemos agora este magnífico «efeito» com aquêle que os aïssaua pretendem obter com a sua repugnante execução :

O Mokaddem toma a espada e, aparentando grande sofrer, deixa-se atravessar pelos aïssaua, pondo-se igualmente de perfil para que todos notem o grandioso martírio e vejam os fios de sangue que escorrem do ventre e das costas. Depois, a espada é arrancada lentamente e apresentada ainda ensanguentada aos assistentes, enquanto o Mokaddem, com o seu poder sobrehumano, cicatriza as enormes feridas e faz cessar, em segundos, o sofrimento que o devora.

*

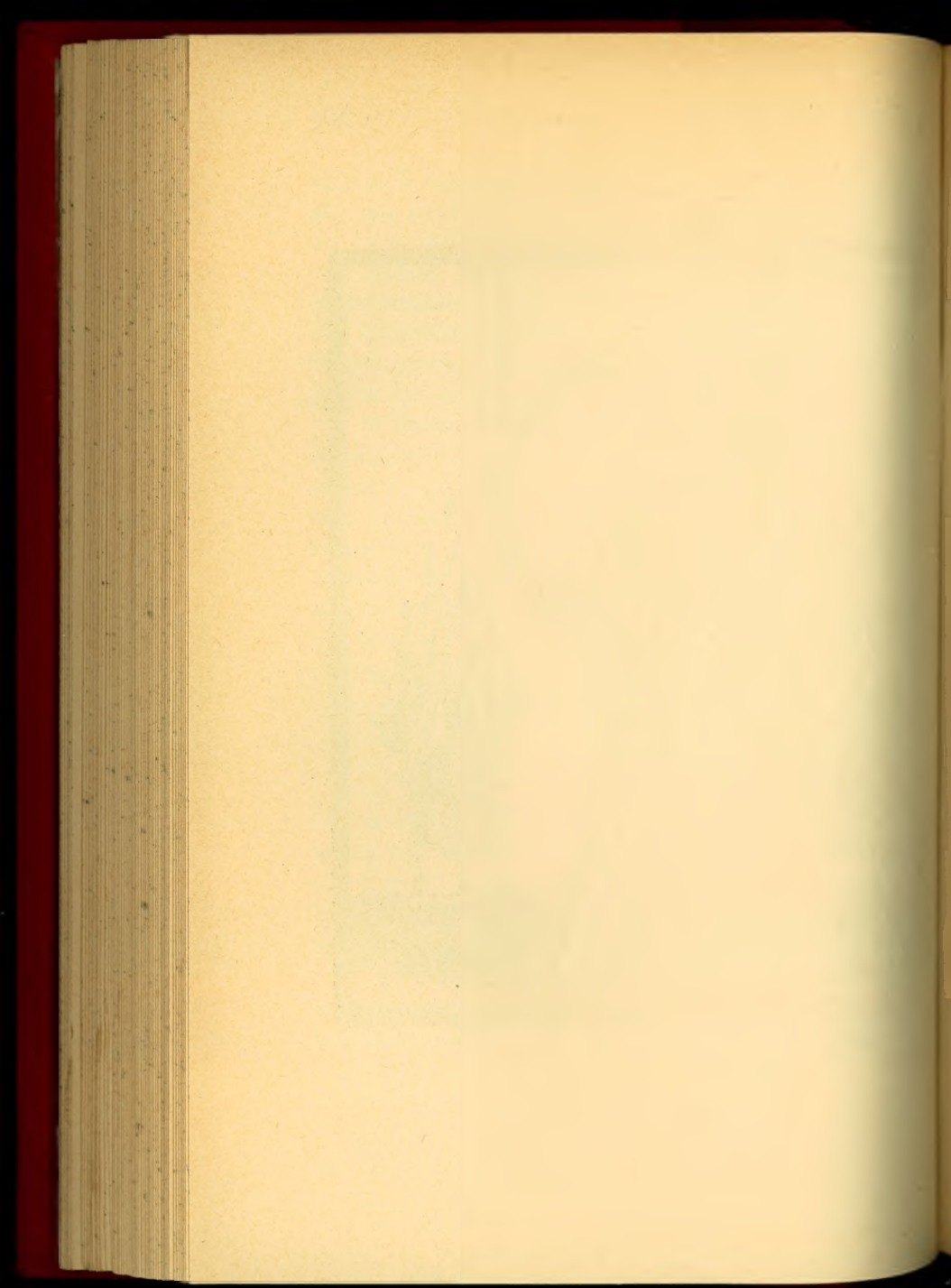
* *

A explicação do sistema aïssaua, como se verá a seguir (fig. 10), só difere no «efeito» do método ocidental. Este último, porém, é mais próprio da nossa época e mais digno dos ilusionistas que não atribuem ao milagre as suas realizações.

O Mokaddem tem em volta da cinta, em forma de semi-círculo, uma bainha de couro, cujas aberturas se acham colocadas, uma, ao cento do abdóme e outra ao centro das costas. Os aïssaua introduzem a lâmina pela abertura da frente e ela, devido à elasticidade própria do aço, segue o trajecto interior da bainha, contornando, em semi-círculo, o corpo do Mokaddem. Como no inte-



Fig. 9 — Mokaddem atravessado por uma espada



rior da báiha de couro se acha tinta cõr de sangue, é natural que logo que se abram os extremos, prèviamente obturados, ela saia em fio por ambos os lados e dê a ilusão da hemorragia.

Os artistas europeus adoptam uma báiha de metal,

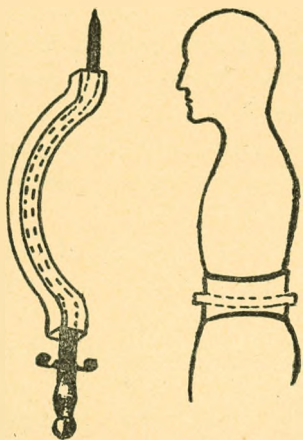


Fig. 10—Explicação esquemática do «truco»

construída de propósito para êste fim e vestem por cima dela uma camisola de malha, para que as respectivas aberturas fiquem absolutamente dissimuladas. A das costas, rigorosamente, não carece de cuidados, visto que a agulha que já conhecemos passa através do casaco.

E eis tudo !

Agora, visto que já cumpri a minha promessa, voltemos à piromagia.

XXI

Entrar num forno a grande temperatura

Os livros de ilusionismo que se ocupam de piromagia, entre os quais se acha incluído «Carteira de Satan», de David de Castro, inserem um processo verdadeiramente estúpido para se conseguir, «sem perigo», entrar num forno elevado à temperatura de cozer o pão.

O sistema indicado («Carteira de Satan», pág. 67) é, em síntese, o seguinte :

«Para simular este milagre, basta friccionar por longo tempo o corpo todo com ácido sulfúrico diluído em água».

Analisemos agora com o maior cuidado, visto que se trata de assunto muito sério, o processo que nos aconselham para a realização do prodígio:

Em primeiro lugar é preciso que saibamos que o emprego do ácido sulfúrico tem apenas como objectivo engrossar e calejar as regiões cutâneas que, mais tarde, se hão-de pôr em contacto com o fogo. A seguir, convém não ignorarmos que a pele calejada tem os respectivos poros, em toda a superfície calosa, totalmente obturados. Depois, é forçoso não desconhecemos que sem respiração cutânea e sem a eliminação de toxinas que se realiza através da superfície da pele, a vida, tal como a conhecemos, torna-se absolutamente impossível. Crê-se até que se qualquer pessoa resolvesse pintar o corpo todo com uma tinta celulósica ou mesmo simplesmente a óleo, morreria momentos depois de ter praticado a operação. Sabe-se ainda que certos indivíduos, lambidos

totalmente pela chama de um incêndio, morrem pouco tempo após o desastre, embora as queimaduras que acusam sejam superficiais e não possam, só por si, originar a morte.

A explicação é simples :

A chama, lambendo-lhe a pele, obtura-lhe tôda ou a maior parte da superfície cutânea. O brilho especial que a pele nos apresenta revela-nos a obturação dos poros e quando esta atinge dois terços da superfície total do corpo, a morte, precedida de mil sofrimentos horrorosos, mostra-se absolutamente inevitável.

Do exposto é fácil concluir da estupidez do sistema e das conseqüências fatais que êle provocaria : aos sintomas de uma intoxicação geral, viriam juntar-se os da asfixia, porque todo o ar existente no mundo, absorvido em afritivas inspirações pela bôca e pelo nariz, mostrar-se-ia insuficiente para oxigenar o sangue.

O desgraçado experimentador, sacudido por vômitos secos, teria a sensação de se lhe despedaçarem as entranhas. Um pêso horrível na cabeça obrigá-lo-ia a recolher ao leito, onde, acossado por uma falta de ar que parece destruir fibra a fibra o coração, se sentiria endoiçar. No meio de um sofrimento atroz, guela escancarada como peixe fora da água, o nosso infeliz atirar-se-ia do leito e, em evoluções de supremo desespero, rolaria pelo chão. Depois, pondo-se de pé, elevaria as mãos ao peito, como se de lá quisesse arrancar aos pedaços todo o aparelho respiratório, martirizado pela dôr. Gritos desesperados, reveladores de uma aflição indescritível, ecoariam no espaço, como dilacerantes pedidos de socorro. A vida começaria então a extinguir-se-lhe pouco e pouco, como chama açoitada pelo vento, e nenhum poder humano seria capaz de o evitar. Num gesto

inconsciente, brutal, atirar-se-ia de novo para cima da cama e, segundos volvidos, tornaria a rolar pelo solo. Os olhos, desmesuradamente abertos e injectados de sangue, pareceriam saír-lhe das órbitas. Dos seus lábios penderia um fio de sangue, que os vômitos sêcos, infinitamente dolorosos, arrancariam de lá de dentro, após mil esforços titânicos para reduzir a pedaços as paredes do estômago.

E o infeliz, decorridos uns minutos de pasmosa luta com a morte, dobrar-se-ia sôbre si mesmo, como um novelo humano, e, pela derradeira vez, caíria por terra, soltando um grito medonho, um dêsses brados formidandos que jámais se podem esquecer. Então, mas só então cessaria o seu martírio, porque o corpo, reduzido a um montão de escombros, já teria exalado de si o último sôpro de vida.

*

* *

As primeiras experiências realizadas na Europa sôbre o «efeito» espectacular que descrevo, devem-se a um espanhol chamado Martinez, que actuou, em princípios do século XIX, no Teatro Tivoli, de Paris.

Eis o que, a propósito da fantástica exhibição, nos diz o sábio Brewster (1) :

«...No Tivoli, um espanhol chamado Martinez, entrou num forno, cuja temperatura devia ser muito elevada, porque o meu termómetro, que chegou a marcar cento e quarenta graus, foi reduzido a estilhaços pela dilatação do mercúrio. Buntens e outros físicos eminentes

(1) «Magie Naturelle» (1839), pág. 240.

que assistiram ao mesmo formidável espectáculo, afirmam que o grau térmico registado ultrapassava cento e cinquenta centígrados !»

Não ignoro o segrêdo interessantíssimo de Martinez, que deduzi com relativa facilidade após o estudo cuidadoso da descrição que em «Nouveau Manuel des Sorciers» (pág. 201 e seguintes) nos dá em 1853, Mestre Comte, um dos maiores físicos da época e amador dos mais distintos das ciências da ilusão. Apesar disso, estava resolvido a não me referir a elle, porque não lhe encontro mérito bastante para figurar nas páginas de um livro do nosso tempo. Contudo, como supponho que os meus leitores estimarão conhecê-lo, vou dedicar-lhe algumas linhas, tanto mais que, segundo me informa um illustre médico portuense, o meu precioso amigo Dr. Manuel de Carvalho, existe em Portugal, como se verá mais adiante, quem realize prodígio idêntico, embora sem artilharias nem trucs, sem trabalho nem estudo, sem se rodear de precauções nem carecer de praticar em si mesmo a menor preparação.

XXII

O segrêdo de Martinez

Todos sabem, pelo menos todos aquêles que por via da prática ou da teoria conhecem a fundo o calórico e as leis da sua condutibilidade, que o corpo humano, convenientemente vestido, pode suportar exteriormente as mais elevadas temperaturas. Com um pouco de treino, é até possível aguentar mais de cento e cinquenta graus mesmo que estejamos quasi nus. O que se exige é que não haja a menor humidade, porque, se a houver, o va-

por de água produz tais dilatações no ar, que a respiração, em circunstâncias semelhantes, torna-se quasi impossível e a síncope fatal tem probabilidades de surgir, aniquiladora, de um momento para o outro. Se, porém, uma corrente de ar fresco, natural ou artificialmente provocada, bater constantemente o interior do forno, esse perigo não só fica reduzido a zero, como ainda se pode prescindir do habitual resguardo do corpo, visto que a fornalha, minutos depois de batida, desce com rapidez incrível para a temperatura ambiente.

Ora o «invulnerável» espanhol dispunha o seu forno de modo que uma corrente de ar fresco, logo após o registo da temperatura, o batesse convenientemente. Apesar disso, ainda se vestia com o maior cuidado e entrava no forno de costas — não fôsse o diabo tecê-las e mandá-lo para o inferno!...

Em Portugal, segundo me informa, como já disse, o Dr. Manuel de Carvalho, existe um forno de padeiro, cujas características naturais — êrro de construção? — fazem com que êle arrefeça minutos depois de se lhe abrir a porta e ter experimentado a temperatura. O facto, verdadeiramente curioso, dá origem a exhibições extraordinárias, que se repetem com grande número de espectadores sempre que na localidade se realizam grandes festas. Nessa altura, pessoas sem preparo algum, metem-se dentro do forno e, como não sentem qualquer mau estar, attribuem o fenómeno a causas ignotas, a que não parece estranho determinado poder... que o homem rústico das aldeias não pode qualificar!

XXIII

Métodos modernos

Hoje, porém, é fácil entrar dentro de um forno, mesmo que não exista a tal corrente de ar.

Ora estudemos um pouco as leis do calórico e da sua condutibilidade :

Se arranjarmos um recipiente de papel, sem rugas, como um hemisfério de cartolina, por exemplo, e dispusermos de um pedacito de chumbo, poderemos realizar uma experiência — que derramará muita luz sobre o que eu desejo que os meus leitores percebam. Todos sabem que o papel se inflama rapidamente ao contacto de qualquer chama de inferior temperatura ; ninguém ignora, por outro lado, que o chumbo só começa a fundir-se a uns 327 graus centígrados. Pois bem. Se collocarmos o nosso pedacito de chumbo no recipiente de papel e pusermos depois este em contacto directo com a chama, o chumbo fundir-se-á, sem que o papel se queime !

Mas há mais — e infinitamente mais interessante : Se o recipiente é vasto e a quantidade de chumbo razoável, o metal começa a fundir-se ao mesmo tempo que a temperatura do líquido desce. Mas, antes de prosseguirmos, tentemos compreender o fenómeno : no primeiro caso, o calórico não destrói o papel, porque elle é mau condutor e concentra-se apenas no metal. Assim, se pegarmos num lenço de seda e o repuxarmos em torno de uma bola metálica, de modo que não hajam rugas, podemos colocar sobre elle um pedaço de carvão em brasa, porque o calórico, concentrando-se na esfera, optimum condutor, atravessará o lenço, mau condutor, a uma temperatura insufficiente para o poder danificar.

No segundo caso, muito semelhante ao primeiro, visto a explicação científica ser quasi a mesma, o calor concentra-se na parte sólida do chumbo até a liquefazer. O metal líquido, por uma questão de nível a que não é estranha a gravidade, espalha-se pelo recipiente e o calor, que continua a concentrar-se no sólido, abandona o líquido quasi totalmente e só volta a concentrar-se nele quando no recipiente não houver matéria sólida.

Do exposto é fácil de concluir que se aquecermos um forno de padeiro à temperatura de cozer o pão e ele ficar ao rubro, a temperatura descera de forma notável após a cozedura — especialmente se tivermos o engenho de conservar a porta aberta, enquanto retiramos o pão, o maior espaço de tempo que pudermos, sem que o facto seja interpretado no verdadeiro sentido pelos que procedem à observação. Se, após tudo isto, collocarmos dentro do forno um enorme pão de cinquentá ou cem quilos, o calórico ainda existente concentrar-se á sôbre a massa a cozer e nós poderemos, sem perigo, dar um passeio por dentro do forno. É claro que a dilatação do ar dificultar-nos-á a respiração e é por isso que os fornos destinados a exhibições são altos e de portas elevadas. Apesar disso, estas devem manter-se abertas, para que a dilatação não atinja um grau que possa originar a síncope.

No fim da sessão, poderemos deixar fechar a porta durante uns segundos; mas, logo que a abram, devemos saltar, como fazia Martinez, para dentro de uma tina de água, não só porque é espectacular, mas principalmente porque o banho tonifica o coração e devolve a toda a superficie cutânea a frescura de que ella carece.

Garanto, porém, que não existe o menor perigo na execução da experiência, se ella fór levada a cabo com rigor que as leis do calórico impõem.

Mas há ainda um processo para evitar até a sensação do pequeno calórico que, apesar de tudo, impressiona o «invulnerável». Consiste em isolar-se convenientemente com trajo duplo ou triplo, confeccionado em lã e com avultado número de peles. Neste último caso, é impossível sentir-se o menor mau estar dentro do forno, salvo o da respiração. Como, porém, tudo se pode remediar, os artistas modernos adaptam um tubo ao forno, de modo que um extremo fique dissimulado lá dentro e outro venha ao exterior. Como se acha tapado com uma rolha de metal, não se corre o risco de se vêr o ar quente sair quando o forno é elevado a grandes temperaturas. O artista, logo que se acha dentro do forno e manda fechar a porta, destapa o tubo, aplica-lhe os lábios e respira a pulmão cheio. Assim, nem o calor nem as dificuldades de respiração podem opor-se à fácil realização do prodígio.

Passemos agora a outros mistérios ígneos e analisemos, um a um, os vários segredos com que os domadores do fogo de outrora tanto sucesso alcançaram.

XXIV

O segredo de Simão, o Mago

Simão, o Mago, consagra os capítulos X e XI da sua obra «*Clavis Secretorum Coelis erræ*», às maravilhas do fogo, que inicia por estes termos:

«Todos vós sabeis que os meus prestígios se devem, não só à minha divina ainda que hoje humana personalidade, mas também à minha vontade irresistível, ao fluído magnético que em grandes torrentes circula

por todo o meu ser e ao prolongado estudo que fiz da natureza, dos elementos e das coisas.

«Por isso, peço-vos que não vejais em mim apenas um poder supremo, que ninguém pode igualar. De facto, qual de vós não me viu ainda andar sôbre brasas, pegar nelas nas mãos, meter o próprio fogo na bôca e realizar outros prodígios admiráveis com objectos em ignição?

«É claro que vos é fácil acreditar que a incombustibilidade do meu corpo se deve a um dom natural da minha estranha e poderosa pessoa. Eu peço-vos, porém, que se tal acreditais, deveis pôr de parte imediatamente essa crença, porque a incombustibilidade de que gozo depende de um prestígio de Alta Magia, cujo segredo só se pode confiar unicamente aos iniciados nos seus preciosos mistérios. Eu fui iniciado nêsse grande segredo por Dossithec e recebi a confirmação respectiva do grande Menfis.

«Como, porém, êste maravilhoso segredo não pertence à categoria daqueles que não podem, sob pena de morte, ser revelados a estranhos, eu vou dizer-vos como podereis conseguir a incombustibilidade que me distingue e manipular, como eu manipulo, as próprias coisas em brasa :

«Tomareis uma quantidade conveniente de suco de malvas, uma clara de ôvo, semente de salsa e cal virgem ; pulverisai tudo convenientemente e misturais o pó assim obtido com a clara do ôvo e com o suco de um rabanete.

«Se vos friccionardes depois com esta pasta, especialmente, as mãos e os pés, ser-vos-á fácil manejar o fogo e pisar carvões em brasa. Se o calor a suportar fôr de grau elevado, aconselho-vos a dardes mais de uma demão, logo que as precedentes sequem. Se as várias

camadas estiverem bem secas, podereis, sem receardes a dôr da queimadura, passear por cima do fogo e até pegar no ferro em brasa».

E eis a fórmula, semelhante à de Artephius e de Alberto, o Grande, a que W. Grebe e o Dr. Moorne tecem os maiores elogios, concluindo por afirmar que a experimentaram e obtiveram com ela uma incombustibilidade realmente pasmosa.

Uma outra fórmula do mesmo autor, «para se obter a incombustibilidade das mãos», a que Grebe liga ainda maior importância, é a seguinte, que eu traduzo integralmente, embora procurando manter-lhe, na medida do possível, o interessante sabor do curiosíssimo original :

«Triturai carmim de qualidade superior, com alumen de rocha e juntai depois à mistura suco de sempre vivas e resina de loureiro. Quando a mistura estiver homogênea, friccionai as mãos com ela e assombrareis os próprios iniciados na Magia, pegando no ferro em brasa».

Não experimentei nenhuma das fórmulas, porque nós, como se verá mais adiante, dispomos de coisa melhor. Contudo, sou forçado a concordar que elas são absolutamente admiráveis para a época em que foram inventadas. De resto, eu estou convencido de que Simão, o Mago omitiu propositadamente o amianto em pó, que elle conhecia perfeitamente e cuja incombustibilidade não lhe convinha revelar.

XXV

O segrêdo de Richardson

O «Journal des Savants», a que já me referi largamente, é a única obra onde se encontra, mercê da tração que citei, o autêntico segrêdo de Richardson, o

grande prodigiador inglês que tanto assombrou Paris em 1675.

A 15 de fevereiro de 1677, «Le Journal des Savants» dá-nos algumas linhas sôbre uma «Experience prodigieuse touchant le Feu». Depois de se referir a uma «certaine drogue dont le nom n'est pas venu jufqu' à nous, qui avoit la vertu de réprimer l'activité du feu», alude às exibições de Richardson, a quem chama Richarfon e classifica de... «Chimifte Anglois, afirmando que êle comunica às suas mãos, aos seus pés e à sua língua as mesmas virtudes que outrora se comunicavam à madeira, para a tornar incombustível.

A 19 de julho do mesmo ano, o científico jornal publica o «Extrait d'une lettre écrite par M. Dodart à l'Auteur du Journal, au fujet du Mangeur de Feu».

Êsse extracto começa por afirmar :

«Le Mémoire que vous défirez est trop long pour être inferé entier dans votre Journal. Mais en voici l'Extrait...».

Entrando no assunto, Dodart limita-se a dizer-nos que o que o «Sieur Richarfon» tem feito em público é seguramente pasmoso e parece não poder realizar-se sem qualquer meio extraordinário (são palavras suas). Depois, espraia-se em várias hipóteses, na exposição das quais gasta muitas páginas do jornal.

Só a 26 de agôsto de 1680 é que «Le Journal des Savants» nos dá, enfim, o verdadeiro processo empregado por Richardson :

«Le secret du Mangeur de Feu communiqué à l'Auteur du Journal par M. Panthot, Doct, M. & Professeur aggregé au College de Lyon».

Panthot, a seguir ao pomposo título que encima a sua comunicação, diz-nos francamente que o segredo

agora revelado se deve inteiramente ao servo do «Sieur Richarfon, aquele inglês que há três ou quatro anos exhibiu perante nós as mais surpreendentes experiências, que grande número de sábios não atribuem a outra coisa que não seja uma habilidade rara ao serviço de um segredo maravilhosamente fantástico».

«Ora esse segredo — continua Panthot — consiste em puro espírito de enxôfre, com o qual se friccionam as mãos e tôdas as partes do corpo que devem tocar o ferro. Êste *esprit de souffre* (espírito de enxôfre) não actua, como se supôs a princípio, reprimindo a actividade do fogo, mas torna a pessoa que se utiliza dêle *brufle* e cauteriza particularmente a pele, que se endurece tanto como o couro, de maneira que pela primeira ou segunda vez não se aguenta tam facilmente o contacto do ferro em brasa, como nas seguintes, porque quanto mais se pratique mais o couro endurece, tornando-se enormemente caloso. Tanto assim é que há ferradores e ferreiros cujos contactos permanentes com o ferro em brasa fazem com que êles os tomem nas suas mãos sem provarem a menor dôr.

«Contudo, se após várias experiências levadas a cabo com êste espírito de enxôfre, nos lavarmos em água ou vinho quente, destruiremos a epiderme cauterizada e a parte endurecida e não poderemos portanto, a partir dêsse momento, tocar o ferro em brasa e muito menos pegar nêle com as facilidades de outrora. Tere-mos de esperar que a mesma droga volte a queimar e a endurecer a epiderme».

A droga a que Panthot se refere, o espírito de enxôfre, é, em linguagem contemporânea, simplesmente ácido sulfúrico.

O «valet» de Richardson não levou a sua traição a

ponto de descobrir as proporções da solução e do progressivo aumento do ácido na água, precisamente porque as desconhecia. O facto, como já vimos, reflectiu-se nas obras de todos os plagiadores modernos, que não só as ignoram também, como até, por imperdoável descuido, não sabem que a operação tem unicamente por objectivo engrossar e calejar a pele. Se não fôra semelhante ignorância, ter-nos-iam aconselhado, como David de Castro, a friccionar todo o corpo com o líquido sem proporções ou, como Sementini, a banhar os cabelos em ácido sulfúrico diluído em água, para elles não serem destruídos pelo fogo? Se não fôsse a incúria e a leviandade do sábio italiano, escusavamos de lamentar a perda de muitos dos mais ilustres amadores das ciências da ilusão. Se elle tivesse estudado com atenção o «Journal des Savants», conheceria o verdadeiro papel do ácido e saberia que os cabelos não têm pele que se possa calejar. Não daria, portanto, conselho tam criminoso, que destruiu os cabelos e parte do couro cabeludo a dezenas e dezenas de experimentadores de mérito! Não seria acertado, para bem da humanidade, meter a tempo na cadeia os sábios — e, com muito mais razão, os autores ignorantes — que se põem a versar assuntos que pouco ou nada conhecem?

«Este segredo — prossegue Panthot — aliado a um *«tour de adresse* que nunca pôde ser descoberto, permite a Richardson pôr um carvão em brasa sôbre a língua e manter-lhe a incandescência com um fole, até assar um pedaço de carne!».

É que o segredo de preparação da língua, que o próprio servo de Richardson ignorava, nada tem que ver, como veremos mais adiante, com o ácido sulfúrico. Mas Panthot, consciente da sua ignorância — o que e

próprio de sábios, verdadeiramente dignos dêste nome — aconselha a colocar sôbre a língua uma delgada fatia de carne, afirmando nos depois que a brasa posta entre duas carnes — a que se acha sôbre a língua e a que pretendemos assar — não poderá incomodar-nos. Na verdade, o que sucede não é bem isto. Contudo, o sistema indicado é bem digno de um grande cientista. A fatia de carne que se acha debaixo do calórico é vinte vezes menos batida por êle do que a que se acha em cima. O facto pertence à física vulgar e pode, por essa razão, ser compreendido por tôda a gente, incluindo os próprios rapazes dos liceus. Apesar disso, para ilustrar a lei, não resisto à tentação de lhes contar uma anedota que teve como principal protagonista o grande filósofo grego e não menos cínico — Diógenes (413-323 a. J. C.).

É esta :

Diógenes encontrára um grande número de carvões incandescentes, que desejava transportar para junto do seu barril. Não tinha, porém, coisa alguma à mão que lhe facilitasse o transporte e resolveu utilizar-se das mesmas conchas que lhe serviam para se dessedentar — as mãos. Notou, porém, que se queimava horrivelmente e resolveu pedir auxílio a uma pequena laje. Um petiz, cujo nome não recordo, porque cito a anedota de cor, resolvera o problema e, quando Diógenes regressara ao local com a pedra, já êle procedia ao transporte das brasas nas suas próprias mãos, deixando o filósofo pasmado. Colocara primeiro sôbre elas uma camada de cinza fria e, sôbre esta, as brasas que transportava. O calórico — quem o dissera ao petiz ? ! — tende constantemente a subir e por isso não podia queimar-lhe a pele.

Compreende-se, portanto, o conselho admirável de Panthot, embora eu não creia que êle resolva inteira-

mente o problema. Porém, o ilustre médico francês agarra-se entusiasticamente à sua hipótese e conclui, como que alicerçando-a :

«De resto, a brasa diminui constantemente de calor até o fogo se extinguir por completo na parte que assenta sobre a língua, devido à grande quantidade de saliva que se aglomera na boca. Só a parte superior, avivada permanentemente pelo fole, se mantém incandescente».

Ótimo ensinamento este, cujo valor continua respeitável ainda em nossos dias — a quasi três séculos de distância !

Com a língua convenientemente preparada e recoberta, apesar disso, com a delgada fatia de carne, Richardson podia, de facto, assar o pedacito de vitela sem sentir a menor sensação desagradável.

Panthot, que até aqui se nos tem mostrado uma inteligência de eleição, atrapalha-se um pouco ao manifestar-se a propósito do ferro em brasa :

«Não é, pois, difícil de compreender — diz êle — como se pode assar um pedaço de carne sobre a língua, quando se conhece o respectivo segredo e se viu, como eu vi, realizar a experiência. Mas andar em cima de ferros ao rubro é uma prova que não está ao alcance senão de certos fakires, de que nos fala Tavernier nas suas *«Viagens Maravilhosas ao Oriente»*. Contudo, o criado de Richardson afirma-me que podemos fortificar o remédio revelado por êle, se juntarmos ao espírito de enxôfre (ácido sulfúrico), já indicado, partes iguais de sal amoníaco, essência de rosmaninho e suco de alhos».

Pelo que se vê, o criado de Richardson procedia um pouco às apalpadelas, o que me leva a crer que êle não tinha absoluta certeza das afirmações que produzia. Falava por vêr o grande prodigiador comprar ou mandá-lo

comprar os produtos que, sem proporções, traiçoeiramente revelou.

A robustecer a minha suposição está o facto do traí-dor aconselhar como coisa sua a incorporação do suco de alhos, visto ser impossível que elle conhecesse os efeitos do ácido pícrico sôbre as queimaduras da pele. Richardson mandava-o talvez comprar os alhos, que esmagava na sua presença e elle, querendo fazer revelações em troca do dinheiro que lhe haviam oferecido, explicava tudo o que sabia, misturado com tudo o que imaginava saber!

A concluir, Panthot atira-nos, à falta de melhor, com outra das suas hipóteses — igualmente distante da verdade:

«Quanto aos efeitos que os carvões ígneos, o lacre em fusão, o enxôfre a arder e as outras matérias que Richardson ingere com um à-vontade que pasma, podem, na realidade, originar-lhe no estômago um determinado mau estar. Mas, sendo assim, elle vomita-as logo após a sessão, bebendo água morna e azeite de oliveira».

Esta opinião de Panthot deve ter como base um possível descuido de Richardson que, sem querer, ingeriu de facto algum dia uma pequena porção de enxôfre e, para evitar conseqüências, teria provocado o vômito na frente do maldito criado, que supoz ser manobra habitual, quando a matéria que elle imaginava ser ingerida tódas as noites lhe fizesse sensação no estômago!

*

* *

E aí fica a parte essencial da tese defendida no «Journal des Savants». É claro que não cito idiotices, como aquella em que Dodart, querendo fazer ciência,

nos afirma que o carvão não podia queimar a língua de Richardson, porque elle mantinha-o em suspensão com o lábio superior !

Em face desta afirmação, dá vontade de perguntar a nós próprios se o autor da hipótese está a brincar connosco ou se na realidade ignora que os lábios são muito mais sensíveis ao calor do que qualquer outra parte do corpo, incluindo a língua !

XXVI

O segredo de Leonetto

Barnello, assim como os mais modernos domadores de fogo do Ocidente, não têm, para suportar o ferro em brasa, sistema superior ao do célebre ilusionista espanhol. O que possuem — isso é inegável — é processos novos de prodigiar e, sobretudo, uma técnica especialíssima para obterem, sem o menor perigo, «efeitos» mais assombrosos do que os apresentados em 1809 pelo engenhoso Leonetto. Dêsses processos estupendos occupame-ei na terceira parte dêste livro. Agora, para evitar sobreposições de idéias que possam prejudicar o estudo, tratarei apenas do autêntico segredo do prestigiador setecentista, visto que elle resolve o problema do ferro em brasa e põe termo a um ciclo de investigações científicas que tanto revolucionou a humanidade culta de outrora.

Leonetto conhecia — disso não tenho a menor dúvida — os trabalhos de Richardson e resolvera aperfeiçoá-los para se exhibir em público. Assim, ao ácido sulfúrico diluído em água, juntou a quantidade que lhe pareceu sufficiente de alumen, para obter, ao mesmo tempo, o calejamento e a incombustibilidade da pele.

Os cabelos eram banhados quotidianamente com uma dissolução saturada de alumen e a língua «pintada» com uma camada de amianto em pó misturado com alumen e uma clara de ovo.

Pormenorizando, chegamos à conclusão de que, provavelmente, Leonetto conhecia exactamente os mesmos processos de que os artistas de hoje se utilizam. Falham talvez as proporções, de que não possuímos o detalhe; mas, em conjunto, Leonetto procedia com perfeito conhecimento de causa.

XXVII

Sistema contemporâneo

Como não quero voltar ao assunto, vou já descrever com precisão o método provável de Leonetto, que é exactamente o mesmo que os especialistas no assunto vendem por milhares de dólares aos artistas e amadores que desejam exhibir-se como «domadores do fogo».

Ei-lo :

Em mil gramas de água comum deitam-se duzentos e cinquenta de alumen em pó e aquece-se tudo até completa dissolução. Depois da mistura fria, adiciona-se-lhe gota a gota cinquenta gramas de ácido sulfúrico e deixa-se tudo em repouso durante umas duas ou três horas. No fim, agita-se cuidadosamente e friccionam-se as partes a calejar com o líquido assim obtido — o interior das mãos e as plantas dos pés. No dia seguinte, acrescenta-se à solução mais um grama de ácido sulfúrico e procede-se a operação idêntica. Nos quarenta e nove dias que se seguirem pratica-se exactamente a

mesma coisa, ficando o líquido com cem gramas de ácido sulfúrico e os pés e as mãos com cinquenta fricções. Desde este momento, deve começar-se a tactear o ferro em brasa, para que a pele, ao seu contacto, engrosse cada vez mais.

Como já aprendemos, não devemos lavar as partes do corpo submetidas à preparação e muito menos com água quente. Um pouco de «rudi» em água fria, na proporção de um de «rudi» por vinte e cinco de água, é o processo mais usado para satisfazer as exigências da higiene.

Há processos violentos para se obter a incombustibilidade em alguns dias apenas, mas esses prejudicam a saúde e não devem, por esse motivo, ser explicados por mim.

Se o leitor estivesse condenado à «prova do fogo», como a princesa Ema, eu não hesitaria em preparar-lhe os pés, embora tivesse depois que fazer largo uso da água bicarbonatada para diminuir os estragos. Assim, como dispomos de tempo suficiente para um preparo racional e progressivo, não vejo necessidade de praticarmos tolices.

Para os cabelos, devemos empregar uma solução saturada de alumen e cloreto de sódio, que se obtém da seguinte forma :

Num litro de água a ferver a fogo lento, deitamos trezentos gramas de alumen em pó e uns setenta e cinco de cloreto de sódio. Após a dissolução, deixamos esfriar a mistura. Como tanto o alumen como o sal marinho são mais densos que a água logo após a saturação do líquido, o pó excedente, arrastado pela gravidade, desce ao fundo da vasilha. Decantada a solução, teremos, pois, o líquido que necessitamos. Bastará agora banhar com

ele todos os dias os cabelos para, no fim de sete ou oito semanas, elles ficarem incombustiveis. Note-se, porém, que teremos de proceder quotidianamente a esse trabalho e não esqueçamos que os efeitos cessarão logo que deixemos de os banhar com a mistura a que me refiro.

Não me consta que a operação abrevie a queda do cabelo ou produza o menor mau estar ao cérebro. Apesar disso, gostaria que os meus leitores não realizassem esta experiência, tanto mais que pôr um ferro em brasa sobre os cabelos não é mais assombroso para o público do que pegar nelle com as mãos.

Tratemos agora da língua :

Numa clara de ovo de galinha, batemos tanto pó de amianto e alumen (duas partes daquele e uma deste) quanto fôr preciso para se obter uma pasta fluidica, mas densa, com a qual possamos pincelar a língua ; e cá temos o que Sementini chama sabão e diz ser utilizado pelo ilusionista espanhol !

Não occulto que o sabão, assim como certo número de gorduras, se mostram absolutamente eficazes sobre a língua, para se poder suportar determinado grau de calor. Mas não quero que os meus leitores ignorem que o ferro em brasa funde qualquer das substâncias gordurosas apontadas e, segundos depois, ficaria em contacto com a língua. O método só é aconselhável para baixas temperaturas, como lacre em fusão e outras matérias semelhantes que fundem a temperaturas inferiores a duzentos graus.

O sistema que cito e que eu supponho não differir do de Leonetto senão na precisão das quantidades, emprega-se em nossos dias até nas mãos e nos pés. De facto, quando se pega num ferro em brasa, o péso deste lança-o a um contacto demasiado estreito com os tecidos

dérmicos e a calosidade, atingida violentamente, ameaça destruir-se. Por isso, em cima da pele já engrossada pelo ácido, dão-se várias demãos da massa refractária ao calor, o que faz com que os objectos incandescentes muito pesados não produzam a menor sensação desagradável, seja qual fôr a temperatura a que tenham sido elevados.

Nos pés deve proceder-se de idêntico modo, especialmente nos calcanhares, se é com estes que pisamos, de preferênciã, os múltiplos ferros em brasa. Isto não quer dizer que o preparo que citei não possa, só por si, resistir ao calor e aos efeitos do ferro incandescente: o que se pretende com o sistema duplo é poupar a derme ao contacto directo com o fogo. Nada mais.

Quanto ao chumbo em fusão, que Leonetto metia na bôca e cuspia depois num recipiente cheio de água, está absolutamente averiguado que se trata de uma substância muito semelhante à liga de Darcet, que funde, como se sabe, a noventa e quatro graus centígrados e portanto a uma temperatura ainda inferior, por vezes, à do café que tomamos.

Esta liga confunde-se tanto, à simples vista, com o próprio chumbo, que eu admito perfeitamente que Leonetto a utilisasse até para fingir que as suas mãos poderiam suportar uma temperatura superior a trezentos e vinte e sete graus. Não se esqueça, porém, o que já afirmei sobre as leis do calórico. Tendo-as presente, o leitor poderá compreender facilmente que, mesmo que Leonetto operasse com autêntico chumbo, nunca teria de suportar nem coisa que se parecesse com o grau de fusão dêste. Apesar disso, mantenho a minha hipótese e continuo a crer que êle se utilizava da liga que acabo de citar.

Para que os meus leitores conheçam, não só a liga de Darcet, que aconselho e que todos os modernos usam, mas ainda grande número de outras cujo ponto de fusão se mostra ainda mais baixo, respigo de «O mundo

Ponto de fusão	Bismuto	Estanho	Chumbo	Cádmio	Zinco	Mercurio
53º	80	30	50	—	—	20
65º	40	20	2	—	—	10
66º	75	20	40	15	—	—
68º	75	20	20	—	—	—
70º	150	40	80	30	—	—
75º	42	20	23	8	—	—
88º	70	—	60	10	—	—
92º	50	20	30	—	—	—
94º	80	30	50	—	—	—
96º	20	10	10	—	—	—
100º	80	—	50	—	30	—
113º	80	—	80	—	30	—
123º	80	—	80	—	40	—
130º	80	—	100	—	80	—
132º	80	—	120	—	80	—
143º	80	—	160	—	120	—
146º	80	—	160	—	140	—
154º	80	—	220	—	240	—
160º	80	—	320	—	360	—
166º	80	—	32	—	280	—
172º	80	—	30	—	240	—
186º	—	30	10	—	—	—
189º	—	70	30	—	—	—
194º	—	76	24	—	—	—
232º	—	100	—	—	—	—
239º	—	16	84	—	—	—
241º	—	50	50	—	—	—
270º	100	—	—	—	—	—
327º	—	—	100	—	—	—

científico» o elucidativo quadro que publico na página anterior.

E com isto ponho termo ao trabalho que consagro a Leonetto e aos sistemas contemporâneos de incombustibilidade. É possível que no decorrer da obra, determinados «efeitos» chamem de novo a minha atenção para o primeiro «domador do fogo» que a Espanha conheceu. Se assim fôr, voltarei ao assunto — para melhor esclarecer aquêles que me honram com a sua leitura e crêem no rigor absoluto dos conhecimentos científicos que descrevo.

XXVIII

Lavar as mãos com ferro em fusão

As maravilhas dos fakires da Índia, os mistérios dos aïssau da velha África, as próprias exhibições extraordinárias de Richardson e os prodígios estupendos de Leonetto, comparados com o «efeito» inconcebível de pegar no ferro em fusão, não passam de ninharias — dignas unicamente da atenção infantil. Não há mesmo uma única pessoa sobre a Terra que, sem se documentar, creia na possibilidade de semelhante realização, seja qual fôr o princípio que se evoque, desde o engenho mais surpreendente do «truc» aos fenómenos mais incompreensíveis do milagre. Contudo, logo que o facto se observe e a explicação teórica tenha sido assimilada pelo cérebro, a razão, forçada pela verdade, curva-se à evidência e admite, até sem experiência prévia, o que antes se lhe afigurava absolutamente impossível.

Para convencer o homem das possibilidades de rea-

lização de certa fenomenologia julgada irrealizável, há apenas dois processos distintos, igualmente indiscutíveis: o «controle» directo dos factos, que envolve a experiência própria da realização do suposto mistério, e a explicação científica dos sábios de indiscutível competência na matéria que se verse.

Focá-los-ei a ambos e, para que me não acusem de exagerado, quer na exposição da teoria, quer nas realizações que levei a cabo no campo experimental, vou dar a palavra a Robert-Houdin (1). Êle, melhor do que eu, saberá instruir os meus leitores sobre o fantástico fenómeno esferóidal das moléculas do ferro em fusão.

Eis o que nos diz o Mestre :

«Folheando um dia a revista científica «Cosmos» — escreve Robert-Houdin —, pude ler o «compte rendu» de uma obra intitulada «Étude sur les corps a l'état sphéroïdal», por M. Boutigny (d'Evreux). O redactor do magazine, o sr. Abade Moigno, citava alguns passos do interessante livro, de entre os quais permito-me respigar os seguintes :

«M. Cowlet tomou a iniciativa (é M. Boutigny que fala) de aparar o ferro em fusão com as suas próprias mãos. Eu mesmo introduzi também as mãos nos moldes e nos cadinhos repletos de ferro fundido que acabava de correr de um «wilkinson» e cuja irradiação se mostrava insuportável, mesmo a grande distância. Apesar disso, durante mais de duas horas, continuamos as experiências, que variavamos a cada momento, em busca das certezas que persequiámos. Madame Cowlet, que se

(1) «Confidences d'un Prestidigitateur», pág. 342 e seguintes.

achava presente, assim como a sua filhinha, uma gentil criança de pouco mais de dez anos, meteram também as suas mãos nos cadinhos, sem que o ferro em fusão lhes causasse a menor dôr.

«Em face da consideração e respeito que merece o sábio Abade e da elevada posição científica do célebre físico M. Boutigny, autor da extraordinária tese, não me era possível duvidar do que acabava de ler. Contudo — para que negá-lo?! — o prodígio parecia-me de tal forma impossível, que o meu espírito recusava-se a aceitá-lo e, para crer, eu, como S. Tomé, desejei ver.

«Corri, pois, em busca de M. Boutigny. Logo que o encontrei, comuniquei-lhe os meus desejos de assistir a uma experiência prática de tam maravilhosa teoria, evitando, é claro, de deixar transparecer no rosto a menor dúvida sôbre o facto».

O sábio, como todos os espíritos verdadeiramente superiores, acolheu-o com bondade e até, como se verá pelo que mais tarde sucedeu, com requintes de admirável gentileza. Prometeu repetir as experiências na sua presença e ainda, para o convencer totalmente, permitir que êle próprio lavasse as mãos no ferro incandescente.

Robert-Houdin, cuja oferta o encheu de terror, continua com a maior sinceridade:

«A proposta era atraente, cientificamente falando; mas, por outro lado, eu tinha cá os meus receios e o leitor, se estivesse no meu lugar, talvez não pudesse evitar, como eu não pude, que a espinha tivesse uma sensação gelada e os cabelos se lhe pusessem de pé!

«E se houvesse um erro científico?! Se, por qualquer motivo que eu ignorava, a experiência falhasse?! As minhas mãos, a pele, os músculos, os nervos e os ossos ficariam reduzidos a nada, porque uma tempera-

tura de mais de 1500 graus não deve respeitar coisa alguma! Ora todos nós precisamos das mãos. Mas eu, que lhes devo tudo quanto sou, sinto por elas, ao mesmo tempo, necessidade e gratidão.

«O grande físico, parecendo adivinhar os meus receios e notando a hesitação da resposta que esperava, perguntou-me, um tanto scandalizado :

« — Dar-se-á o caso de você não ter confiança em mim ?

« — Deus me livre, senhor ! — respondi eu prontamente e acrescentei quasi a seguir : — Uma confiança ilimitada, mas... »

« — Mas... você tem medo — interrompeu, rindo M. Boutigny. — Pois bem. Para o tranquilizar, eu tatearei primeiro a temperatura do líquido e só depois disso é que você mergulhará nêle as suas mãos.

« — E qual é, pouco mais ou menos, a temperatura do ferro em fusão ?

« — O ferro funde a uns 1510 graus, mas só entra em ebulição a cerca de 2450.

« — Então eu vou meter as mãos num líquido cuja temperatura oscila entre 1510 e 2450 graus, não é verdade ? !

« — Isso mesmo.

« A grandiosidade da prova amortecera-me o receio. Aceitei. Estava deslumbrado ! ».

E Robert-Houdin, vivendo ainda a sua enorme ansiedade de saber, continua :

«No dia fixado por M. Boutigny, reunimo-nos nas grandes fundições de M. Davidson, do qual o distinto cientista havia obtido a licença necessária para a realização da experiência.

«Ao entrar no vasto estabelecimento metalúrgico,

não pude subtrair-me a um arrepio. O barulho infernal de todos aquêles mecanismos, aliado à visão das línguas de fogo que se escapavam dos altos fornos, traziam-me ao cérebro, exagerando-os, os perigos a que eu ia submeter-me. Havia no conjunto observado e sentido qualquer coisa de terrivelmente solene.

«O chele dos altos fornos, a quem M. Davidson havia recomendado facilidades, aproximou-se de nós e indicou-nos o forno, onde o metal, já líquido, aguardava que lhe experimentássemos a pasmosa temperatura. Esperando que o jacto incandescente corresse, ficamos silenciosos, uns momentos, ao pé da gigantesca fornalha. Após isso, M. Boutigny esclarece-me :

«— Só você seria capaz de fazer com que eu repetisse, uma vez mais, esta experiência de que não gosto, porque embora eu esteja absolutamente seguro do resultado, não posso deixar de sentir, sempre que a executo, uma grande comoção, de que é impossível defender-me.

«— Se assim é — respondi eu prontamente, invadido por um terror pânico difícil de explicar — vamos-nos daqui ! Eu creio em você sob palavra...

«— Não, não ; é absolutamente necessário que eu lhe faça compreender este fenómeno e para isso julgo indispensável que experimente por si mesmo.

«Depois, como quem esquecera algo de muito importante, continuou :

«— Ah, mas espera ! Vejamos as suas mãos...

«E logo a seguir :

«— Diabo, diabo ! Elas estão demasiado secas para a realização da nossa experiência !

«— Você crê isso ?

«— Certamente.

«— E o facto é perigoso ?

«— Poderá sê-lo...

«— Então saíamos já daqui, — disse eu cada vez mais aterrado e encaminhando-me logo para a porta.

«M. Boutigny, agarrando-me pelo casaco, para eu não lhe fugir, prosseguiu :

«— Mas para tudo há remédio... Aí tem... Meta as mãos dentro dêsse balde de água e limpe-as depois muito bem. A humidade que restar sôbre a pele será sufficiente para a realização da experiência.

«Soube mais tarde — afirma Robert-Houdin — que M. Boutigny quis apenas castigar a minha incredulidade, visto que o acto que me forçou a praticar é absolutamente indispensável. Sem mãos húmidas — húmidas ; não molhadas — a experiência seria impossível. Lastimo não poder ser mais extenso nas explicações do maravilhoso fenómeno esferóidal, mas é-me impossível inserir aqui uma tese cuja exposição gastaria, pelo menos, umas cem páginas. De resto, a obra de M. Boutigny é insubstituível na ciência que nos interessa e o leitor, por isso, deve estudá-la com vantagem. Em duas palavras, direi apenas que o metal em fusão, a tam elevada temperatura, é mantido à distância pelo fenómeno esferóidal, que origina uma força repulsiva nas moléculas líquidas, em virtude de uma evaporação instantânea da humidade da pele. Mas o facto parece ter lugar só no caso de temperaturas formidáveis, como a da fusão do ferro, por exemplo. A lei apontada por Boutigny é colossal e faz-nos um pouco de luz sôbre os «caprichos» da electricidade, que pode matar a pequena voltagem e não mata quando o número de volts atinge uma enormidade.

«Mas voltemos à experiência, porque ela, mesmo sem o auxílio da teoria, mostra-se eloquentíssima :

«Logo que acabei de limpar as mãos, os operários abriram um dos fornos e eu vi sair de dentro dêle um jacto de ferro líquido da grossura de um braço. Chispas ígneas, como um autêntico fogo de artifício, espirravam em todas as direcções. O calor, mesmo a respeitável distância, mostrava-se insuportável.

«— Esperemos alguns instantes, para que o jacto se torne mais puro e mais homogénio—recomendou o sábio. — Seria pouco aconselhável realizar a experiência neste momento.

«Cinco minutos depois, a fonte de fogo deixa de ferver e de vomitar escórias. Nesta altura o jacto líquido torna-se tam puro e tam brilhante, que ameaça queimar-nos os olhos à distância de vários metros.

«Num gesto rápido e decidido, o meu sábio compa-
nheiro aproxima-se do forno e, aparando o jacto metá-
lico, acaba por lavar as suas mãos no ferro em fusão,
com o mesmo à-vontade como o faria em água morna !

«Não posso ocultar-lhes a minha admiração e o meu terror. O coração pulsava-me tam desordenadamente, que eu cheguei a ter medo que ele me saltasse do peito! Contudo, logo que M. Boutigny terminou a sua experiência, eu avancei por meu turno e, recalcando o medo que me devorava, imitei os movimentos que acabava de ver executar ao notabilíssimo físico.

«Eu, como as crianças, chapinhei literalmente as mãos no líquido chamejante e, notando um extraordinário prazer na fantástica operação, peguei num punhado de ferro em brasa e lancei-o ao ar, vendo depois cair ao chão uma autêntica chuva de fogo.

«A impressão que senti ao tocar o ferro incandes-

cente não pode ser comparada senão com aquela que sentiríamos se tocássemos veludo de sêda liquefeito, a uma temperatura morna, infinitamente agradável!».

XXIX

Os contemporâneos

Para ilustrar o que pretendo dizer dos contemporâneos, como Barnello, Jonax Rogensky, Tching-Tchung, etc., acho interessante descrever um encontro histórico entre o maior «domador do fogo» do mundo e Harry Houdini, o internacional «rei da evasão» universalmente conhecido :

Barnello, o «rei do fogo», encontrou-se um dia com Houdini, conhecido em todo o mundo e adorado em todas as platéias como «rei da evasão».

O primeiro, como todos sabem, notabilizára-se pela sua aparente incombustibilidade e pela resistência extraordinária de que parecia dar provas quando era posto em contacto com objectos previamente elevados às mais altas temperaturas. O segundo, conhecidíssimo artista e empresário de cinema, tornára-se internacionalmente admirado pelas suas evasões invulgaríssimas («O ilusionista», pág. 83 e seguintes do 1.^o vol.) e pelo arrojo inexcelsível que revelava quando, amarrado de pés e mãos, o atiravam da ponte de Belle Island às águas geladas do Deltroi. A sua fama de «rei da evasão» atingiu o auge aí por 1912, quando elle, depois de se evadir de cofres fortes e de caldeiras de navios, aceitou o repto

da Companhia de Cristais de Pittsburg, que construira uma urna de grosso cristal para lhe impedir a fuga.

O seu filme, «Tank humano», que tanto êxito alcançou, focava as suas admiráveis faculdades de ilusionista especializado naquele género da ilusão.

O encontro dos dois artistas mundialmente conhecidos foi, como é natural, vincado pelos jornais, que chegaram até a architectar hipóteses sôbre uma possível sociedade artística a efectuar entre ambos. O que os rotativos não disseram, porque o ignoravam, é que o encontro fôra puramente casual e que, apesar dos géneros diferentes que os dois internacionais exploravam, uma pontinha de inveja, cuidadosamente disfarçada, espicava constantemente o cérebro de um pela imensa popularidade do outro. Cada um dêles sentia-se mais digno de assombro e do aplauso do público do que o outro, «cujo trabalho, sèriamente criticado, não podia explicar os triunfos que obtinha».

Dos dois, era, contudo, Harry Houdini o mais valioso. Quando subiu a director da Society of Magicians, a sua primeira resolução foi... mandar fundir o seu próprio busto em bronze, para que êle perpetuasse, através dos tempos, a sua memória na Academia e constituísse uma imagem constante «do que fôra a maior notabilidade no ilusionismo moderno»! Apenas um obstáculo — só um! — se opunha aos seus projectos: o grande Robert-Houdin, apesar de falecido havia mais de meio século, fazia-lhe muita sombra. De Buattier de Kolta nem sequer se lembrava; Hermann nem lhe ocorria ao cérebro! Só o fantasma de Robert-Houdin o enchia de insónias e lhe cobria de crepes a alma sedenta de glória!

Um dia, intoxicado pela vaidade e martirizado até

à loucura pelos seus insaciáveis desejos de triunfo, tomou uma resolução heróica e projectou reduzir a pó a obra gigantesca do insigne Mestre francês.

Todos sabem o que depois succedeu. A tremenda campanha fêz levantar contra êle os intellectuais de todo o mundo que, à fôrça de estudarem a vida de um e de outro, descobriram, na de Houdini, verdadeiras podridões.

Foi a sua morte.

Soube-se então que muitas das «suas» invenções não passavam de plágios mais ou menos disfarçados e que o primeiro americano que o notara fôra, por sua influência, expulso da Society of Magicians — apenas por que tivera a coragem de revelar tôda a verdade. O facto, absolutamente revoltante pelo elevado grau de injustiça que encerra, mais irritou os investigadores, que chegaram a descobrir a história de certo livro, que êle promettera editar e que, sem o menor escrúpulo, publicou como autor!

Mas não é tudo!

Afinal, veio a saber-se também que as suas mais extraordinárias experiências eram devidas a segredos inventados por outros e que êle — dispondo de milhões de dólares — comprava por elevado preço ou obtinha, quando a sua enorme influência o permitia, por determinados processos, que deixavam os inventores sem a sombra de um centavo!

O busto ficou, pois, fora do vestibulo do grande centro intellectual de Magia.

Mas vamos ao encontro:

Houdini, logo que viu Barnello, affectando um grande prazer, convidou-o a tomar chá. O «rei do fogo», fingendo-se encantado, aceitou o convite e os dois, de

braço dado, entraram na pastelaria. Enquanto esperavam pelo delicioso veneno, Houdini quis deslumbrar o seu rival e, para isso, contou-lhe que inventara uma nova ilusão tam extraordinariamente assombrosa, que iria encher de pasmo o público da América e da Europa. Como faltavam ainda certos detalhes — acrescentou a título de confidência — refugiara-se numa casita dos arrabaldes, onde trabalhava em silêncio para ultimar aquilo que classificava, sem favor, «a maior invenção do século!». Para estar sozinho — concluiu — até dispensara os criados. Por isso, naqueles dias, comia fora de casa; como iria dormir à quintazinha, oferecia-lhe hospitalidade.

Barnello aceitou.

Precisamente nesta altura, o criado servia o chá e Barnello, com aquêlê nervosismo que a miude lhe faz perder o «controle» de si próprio, serviu-se rapidamente de açúcar e... bebeu um longo trago do líquido. Mas o chá, que estava quási a cem graus, queimou-o horrivelmente e Barnello, depois de soltar um grito, disse com as lágrimas nos olhos:

— Irra! Até chorei!...

Houdini, visivelmente satisfeito com o desastre, acudiu logo pressuroso:

— Se o teu público assistisse ao significativo facto que eu acabo de observar, adeus popularidade!

A seguir, num requinte de inconcebível maldade, acrescentou friamente, como quem julga um condenado:

— Se te queimas com chá, como queres que os «outros» acreditem que derramas sobre a língua autêntico chumbo em fusão?!

Barnello mordeu os lábios até fazer sangue, mas calou-se.

Apesar do silêncio denso como o chumbo e da

atmosfera de guerra que pairava no ambiente, Houdini sorria satisfeito e procurava até dar ao rosto uma expressão amável.

Após o chá, os dois «soberanos», o «rei do fogo» e o «rei da evasão», meteram-se no automóvel do último e dirigiram-se velozmente para a casa de campo de Houdini. Este, quando ia abrir a porta, notou que tinha perdido a chave. Furioso, quasi fora de si, voltou-se para Barnello e disse :

— Como vês, temos de ir dormir a um hotel.

Barnello, com a maior serenidade d'este mundo, respondeu-lhe :

— Vê lá se o teu público te via neste momento ! Se tal succedesse, adeus título de «rei da evasão» e adeus popularidade que, de resto, nada há que justifique !

E depois, deixando cair as palavras uma a uma, acrescentou com ironia :

— Então como queres tu que te creiam capaz de te evadires de toda a parte, se nem sequer te é possível, porque perdeste a chave, entrar na tua própria casa ? ! Se lá estivesses dentro, lá ficavas... à espera, com certeza, que algum servo, a quem pagas, te viesse abrir a porta !

*

* *

Como já disse e parece fácil de concluir pelo que succedeu ao grande Barnello, os mestres contemporâneos não nos apresentam sistema melhor do que o de Leonetto para suportarmos o contacto do ferro elevado ao rubro. O que exibem são, como igualmente já afirmei, «efeitos» de enorme sensação espectacular que, embora não ofereçam perigo algum, originam nos espectadores

verdadeiras ondas de assombro. Mas eu reservei todos esses «segredos» para a terceira parte desta obra e não posso, por uma questão de método, inseri-los nestas páginas, exclusivamente dedicadas aos ilusionistas de antanho.

Contudo, como revelei aos meus leitores os segredos «in-extenso» dos prestigiadores mais notáveis, não quero finalizar este capítulo, sem lhes descrever, também, o método pessoal de Barnello.

Ei-lo :

«Depois de se dissolverem — ensina-nos o grande domador do fogo em «*Mysteries of Fire*» — quinze gramas de cânfora pura em cinquenta de álcool, juntam-se à dissolução trinta gramas de mercúrio e trinta e cinco de estorax líquido. À parte, num almofariz de mármore, dissolvem-se, também, sessenta gramas de hematite (peróxido de ferro) e acrescentam-se depois à solução já obtida».

E Barnello, como que a tranquilisar-nos, conclui por afirmar :

«Untando os pés e as mãos com este líquido, podeis pegar no ferro em brasa e dançar a pés nus, sem receio, sobre chapas rubras pelo fogo».

Não se imagine, pois, que os modernos, embora mais científicos, dominam as labaredas como os grandes Adeptos do Oriente ! É precisamente essa idéia, por ventura nascida no cérebro de algum dos meus leitores, que eu pretendo desfazer. Na Europa creio até que poucos seres haverá que possam realizar tal prodígio, sem recorrerem ao «truc». Os poucos Zoistas que existem com tam elevado poder, nunca se exhibiram, porque acham a exhibição um crime. Por esse motivo, nós ficamos sempre na dúvida se eles podem, de facto, realizar tais ma-

ravilhas. Conheço um desses grandes homens que supponho capaz das maiores demonstrações inabituais, tidas pelos sábios universitários da Europa como inacreditáveis prodígios sobrehumanos. Mas é tam esfíngico, tam impenetrável na sua forma de ser que, mesmo na intimidade, o grau evolutivo a que pertence mais se adivinha do que se constata. Se o surpreendemos a realizar qualquer fenómeno extrausual, que a razão não compreende nem a inteligência sabe definir, ele atribui-o imediatamente à técnica do ilusionismo, embora não nos explique o «modus operandi», porque na realidade se trata de coisa diversa. Infelizmente, porém, a Europa não é a região solitária da Índia e esse homem extraordinário, por falta de isolamento conveniente, é atingido, como todos os outros, pelas torturas do coração, que indubitavelmente influem na sua alma, diminuindo-lhe a energia e fazendo com que estacione a meio da ladeira gloriosa da sua evolução excelsa.

Ainda há dias (escrevo em setembro de 1941) surpreendi este gigante do espírito vergado em meditação profunda. O seu pensamento, quasi aniquilado pelo martírio, achava-se muito distante do seu corpo. Em cima da banca de trabalho, como que a revelar-me o mistério torturante daquele coração em fogo, estavam os seguintes versos, que ele redigira a lápis :

«Tens a grandeza infinita do Universo,
a beleza sacrossanta da Verdade ;
sem ti, não posso lutar pelo progresso,
porque me sinto morrer de saudade».

Conheço a rapariga adorável — espírito cheio de luz — a quem a quadra se refere. Não ignoro que ela

sofre tanto como êle, porque também sente a irrealização
daquele amor impossível.

Há ocasiões em que os grandes homens sofrem in-
finitamente mais do que os homens vulgares !





TERCEIRA PARTE



Sonata do Diabo — Deitar fogo pelos olhos e relâmpagos pelos dedos — Aquários chamejantes — Acender água com as mãos — Comer labaredas — Comer grandes chamas — Acender velas com a

bôca — Fósforos acesos no bôlso do colete — Devorar a chama de uma vela — O cigarro imaterial — Comer algodão e deitar fogo pela bôca — Velas acesas no bôlso do casaco — Acender velas com os dedos — Acender velas com a varinha — Transportar entre as mãos a chama de uma vela — Velas acesas com as extremidades dos dedos — 100 velas acesas com um tiro de pistola — Flores entre chamas — Detonações digitais — O candieiro humano — Bico de gás humano — Beber 100 copos de vinho de uma só vez — Caixa forte no estômago — Repuxo humano — Beber 100 ou 200 copos

de petróleo — O vulcão humano — Comer pedras, vidros, discos de gramofone, lâmpadas eléctricas, caixas de fósforos, etc. — Comer carvões ardentes — Beber petróleo em chamas — Derreter lacre sobre a língua — Lavar as mãos em chumbo em fusão — Beber chumbo derretido — Andar sobre chapas rubras — Pegar em ferros em brasa — O mistério da prisão de fogo — A caldeira infernal — Lavar as mãos em ferro fundido — O forno crematório — A cadeira do suplício.

XXX

Os Diabos Vermelhos

Os célebres «Diabos Vermelhos», norte-americanos, cuja fama pode considerar-se realmente universal, executam nos seus espectáculos de piromagia duas ou três ilusões preliminares (derreter lacre sobre a língua, meter as pontas dos dedos em chumbo derretido e beber petróleo em chamas) e concluem pelo «tour» que elles próprios classificam «Mistério da Prisão de Fogo».

Apesar das platéias delirarem com esta singela exhibição, eu quero que o leitor faça mais — muito mais e infinitamente melhor. Quero que possa executar, além das ilusões dos «Diabos Vermelhos», tidas como enormes prodígios de ilusionismo científico, muitas outras mais valiosas, de espectacularidade muito mais perturbante e de «efeitos», na verdade, muito mais incompreensíveis.

Desejo ainda sistematizar a exhibição, que terá princípio, meio e fim, de modo que seja fácil realizar um espectáculo magnífico, de interesse gradualmente crescente, cheio de surpreendentes maravilhas e, em

conjunto, de um ineditismo que brade e torne o executante absolutamente único no género.

Com êsse objectivo, criei uma seriação curiosíssima, capaz de vergar ao assombro os espectadores mais insensíveis. Após a apresentação das ilusões que redijo sistematicamente em número muito superior a trinta, inserirei as explicações respectivas — tôdas elas compreensíveis e fáceis de pôr em prática por todos quantos me lêem.

Comecemos, pois, pelos extraordinários «efeitos», como é costume começar em assuntos da ilusão :

Depois do pano subir, depara-se aos espectadores um palco armado em casa de jantar — censuravelmente iluminado. Várias serpentinas de prata, onde ardem apenas dois ou três lumes, acham-se, na sua quasi totalidade, desprovidas das necessárias velas. Entre as duas ou três acesas existe, apesar da lamentável escassez de luz, uma onde a chama não brilha. Ao centro, como uma sombra, vê-se uma pequena mesa quadrada, com pratos, talheres, garrafas e tudo quanto é costume encontrar-se em idênticas circunstâncias numa mesa de casa de jantar. A um dos lados, sôbre um velador gentilíssimo, adornado com um moderno tampo de cristal, notam-se dois lindos aquários cheios de água, onde rodopiam graciosamente vários peixinhos côr de fogo. Do lado oposto, em colonatas engrinaldadas de flores, está um vaso aparentemente sem nada e um candieiro apagado. Sôbre uma pequena mesa ripolinizada a vermelho, preto e ouro, encontra-se uma palmatória, onde se acha encastilhada uma outra vela, sem luz.

A orquestra, num ritmo que verga à meditação,

executa uma sinfonia, cuja concepção maravilhosa faz lembrar o argumento da «Sonata do Diabo».

A criação magnífica de Tartini, que faz vibrar até ao delírio as imaginações mais rebeldes, força-nos a visionar toda a realidade da sua inspiração alucinante. E assim, como se fôramos irresponsáveis autómatos nas mãos incognoscíveis do Destino, vemos que o célebre compositor italiano passeia maquinalmente de um extremo a outro do seu gabinete de trabalho. Abruptamente, como se um raio de luz lhe houvesse rasgado a alma, detem-se, leva as mãos à frente e senta-se. Depois, cerrando os seus grandes olhos, apoia a cabeça entre as mãos, mete os seus longos dedos no meio da sua vasta cabeleira e fica imóvel, estático, vergado a uma idéia fixa que parece convertê-lo no mais infeliz dos homens. A sua imobilidade cadavérica e o seu mutismo sepulcral aproximam-se da quietação única que se convencionou existir entre as lúgubres paredes de um túmulo.

Após quarenta minutos, quarenta séculos de horripilante silêncio, o grande violoncelista do século dezoito ergue a fronte vincada por um constante pensamento fixo e exclama em voz debil :

— Não posso !

Em seguida, curva novamente a cabeça e mergulha a sua alma, sedenta de luz, nas regiões ignotas do Além.

De repente, como o blasfemo revoltado contra tudo e todos, levanta-se e, louco de raiva, pergunta, fora de si :

— Mas porque será que eu não posso concluir a «sonata», que tam inspiradamente iniciei ? !

Uma detonação horrizona, seguida de um tremendo abalo sísmico, acompanham estas palavras :

— Porque eu me oponho ao teu desejo e não quero que a concluas. . .

Tartini, aterrado com a resposta invulgar que ameaça destruir-lhe os tímpanos e esfacelar-lhe a razão, recua a cabeça instintivamente e oculta o rosto com as mãos.

A voz cavernosa faz-se ouvir de novo :

— Não te assustes, grande génio. Ouve e pensa. . .

Tartini supõe-se joguete do mais tenebroso dos sonhos. Esfrega os olhos repetidas vezes, para ter a certeza de que está desperto; olha para a sua mesa de trabalho, para se convencer de que está em sua casa ; tacteia o pulso e a fronte, para se certificar da ausência da febre.

Depois, fazendo um esforço supremo, exclama :

— Já não tenho medo !

E, quasi a seguir, pergunta :

— Quem falou ?

— Eu ! — diz-lhe um personagem envolto em fogo, que se forma repentinamente ante os seus olhos atónitos.

— E quem és tu ? !

— O rei das trevas na Terra e o das chamas no Inferno !

— Acredito !... Mas para que te opões aos desejos de um artista ?

— Porque a «sonata» que tu principiaste há-de ser acabada por mim.

E o diabo, depois de fazer uma pirueta vertiginosa, mostra nas suas mãos de fogo um violoncelo incandescente !

— Vês «isto» ?

— Vejo !

Pois é neste violoncelo que eu vou tocar agora mesmo a tua «sonata» completa. . .

— Completa !?

— Sim, completa.

Tartini já não tem medo. Aguça cuidadosamente o ouvido e espera com impaciência os derradeiros acordes da sua obra magistral. Mas o diabo, que parece ter-se arrependido, toca só a parte da música que o violoncelista compôs.

— Então não tocas mais ? Disseste que a ías tocar completa !

— Disse e toco-a, mas...

— Mas o quê ? Fala !

— Mas quero a tua alma em troca da grande fama que te vou proporcionar.

Tartini fica pensativo.

— Então ? Aceitas ou não ?

— Acho muito o que me pedes !

— És tolo ! Se soubesses quão dulcíssimo é o final da tua obra, não hesitarias um só momento !...

— Está bem. Aceito.

— E a tua alma é minha ?

— É.

— Vê lá !

— É, já disse !

— Então ouve...

E o diabo, tomando impetuosamente o instrumento chamejante, faz ecoar aos ouvidos de Tartini a parte da «sonata» que o violoncelista ignorava.

Após os derradeiros acordes, treme a terra debaixo dos pés; línguas de fogo atravessam o espaço em todas as direcções; ruídos horrorosos, acompanhados por clarões sinistros, troam, como o ribombar de mil canhões gigantescos, em torno do célebre compositor, que semi-morto de medo e de cansaço, cai desamparadamente no chão.

.....
Tartini, com a queda «abaixo» do leito, acorda de repente e, recordando o sonho que tivera, vai concluir a sonata — que ainda hoje é conhecida por «Sonata do Diabo».

Primeiro acto

O ilusionista entra em cena, entrega a capa, o chapéu e as luvas ao criado e censura-o mimicamente por ter a casa às escuras. O servo desculpa-se, mas o prestigiador, furioso, continua a protestar. Dos seus olhos, com grande assombro de todos, saem chispas verdes e vermelhas e, de quando em quando, uma lágrima de fogo cai-lhe do rosto, em chamas. O criado continua a desfazer-se em desculpas, mas o ilusionista, que parece nem sequer ouvi-lo, estende os dedos em várias direcções e das suas extremidades vêem-se projectar no espaço autênticas línguas de fogo, talvez denunciadoras da cólera que lhe tortura o cérebro.

Vendo os aquários repletos de água e de peixinhos vermelhos, o ilusionista estende os dedos na sua direcção e... converte tudo em chamas! O servo, aterrado, pega nos aquários e afasta-os cuidadosamente de cena, com receio que as gigantescas labaredas possam provocar incêndio. O prestigiador, cada vez mais irritado, volta os dedos para a mesa de jantar e enche os pratos de fogo. Depois, sentando-se, toma um garfo e põe-se a devorar aquelas chamas, que todos vêem penetrar-lhe na bôca e desaparecer na garganta. A seguir, como se o apetite lhe tivesse aumentado de forma desmesurada, pega num garfo enorme e serve-se de labaredas gigantes, que igualmente devora com rapidez surpreendente.

Entretanto, o criado entra de novo em cena e, para ser agradável ao patrão, busca em tôdas as gavetas algumas velas que guardara. Como, porém, não encontrara nenhuma, volta a desculpar-se e o ilusionista, levantando-se de um salto, pega numa das velas apagadas e acende-a com a bôca. A outra, a que se acha isolada numa palmatória sôbre a pequenina mesa, acende-a também, mas tirando um fósforo, já aceso, de dentro do seu bôlso do colete. Depois, devorando-lhe a própria chama, que se vê penetrar-lhe na bôca por inspiração profunda, ergue significativamente o rosto e, como por encanto, um cigarro de ponta dourada aparece-lhe misteriosamente entre os lábios. Sem perda de um segundo, êle acende-o, satisfeito, e começa logo a fumá-lo — visivelmente bem disposto. A seguir, aspira a chama com mais fôrça e devora-a totalmente, ficando a vela apagada. Pousa o castiçal e continua a fumar tranquilamente, vendo-se o fumo, em caprichosas espirais, elevar-se no espaço.

Volvidos uns segundos, lembra-se de castigar o servo e, para isso, obriga-o a comer grande quantidade de algodão hidrófilo. Depois, fazendo sair relâmpagos dos extremos dos próprios dedos, incendeia, à distância, o algodão hidrófilo, o que faz com que saiam da bôca do criado enormes rolos de fumo, que pouco e pouco se convertem em chispas de múltiplas côres e, por fim, em verdadeiras línguas de fogo, que aterram o pobre servo e fazem pascar o público. Sorrindo e cruelmente satisfeito com o castigo invulgar que dera ao descuidado servente, o ilusionista retira do bôlso interior da casaca seis ou sete velas já acesas e coloca-as, uma após outra, nas serpentinas vazias. O criado, apalpando-se, nota com mal contido assombro que também tem algo nos bolsos

e retira de dentro dêles, mas apagadas, também três ou quatro velas.

O prestigiador sorri de novo ; mas, desta vez, da inferioridade do servo. Com ar majestoso, aproxima o seu indicador direito de uma das velas apagadas e ela, numa explosão inexplicável, fica imediatamente coroada por uma chama vivíssima. A seguir, toma a «varinha mágica», aproxima um dos seus extremos niquelados a duas ou tres velas apagadas, e elas, obedecendo a um princípio misterioso, ficam logo chamejantes. Após isso, o ilusionista pausa teatralmente a varinha, como quem acaba de executar um trabalho de certo vulto e pretende descansar. Porém, notando que ainda há uma vela apagada, aproxima as suas mãos em forma de concha da chama de uma outra acesa e transporta a labareda para o pavio sem lume da vela apagada. Esta, com grande pasmo da assistencia, fica imediatamente acesa, embora o arrebatamento da luz tenha deixado, como é natural, a primeira vela apagada. O prestigiador, notando o facto, aproxima o extremo do dedo índice da vela que acaba de acender e, inflamando-o, como se fôra um vulgar palito fosfórico, reacende tranqüilamente a vela que há momentos deixara sem chama.

Entretanto, o criado, talvez para ser agradável ao patrão, colocara sôbre as mesas dez serpentinas em forma de T, exactamente com dez velas cada uma. O ilusionista, reparando que as cem velas se acham apagadas, mostra-se outra vez furioso e... carrega febrilmente a pistola. A seguir, num gesto dominador, aponta-a ao pobre servo, que foge aterrado do palco. Então, voltando-se para o friso de velas apagadas, o ilusionista aponta e faz fogo. Ao ouvir-se a detonação, embora não esteja ninguém em cena além do prestigiador, as cem

velas acendem-se como por encanto, ficando o palco feericamente iluminado. Em tais circunstâncias, é-lhe fácil ver o vaso e o candieiro, que imediatamente prendem a sua atenção.

Aproximando-se do primeiro, estende para elle os dedos das suas mãos, como quem pretende fulminá-lo, e, logo a seguir, grandes línguas de fogo saiem do seu interior. Entre as chamas, um lindo ramo de cravos faz a sua aparição. O ilusionista, gentil, distribui as formosas flores pelas senhoras mais respeitáveis que assistem ao espectáculo. Depois, toma de novo a pistola de cima do velador, com intenção de fazer alvo do candieiro. Notando, porém, que ela se acha descarregada, põe-na de parte com enfado e, fazendo estalar os dedos, como é natural fazer-se quando se acha uma boa solução para um caso difícil de resolver, elle faz ecoar no espaço autênticas detonações. O candieiro, precisamente quando os dedos produzem a terceira detonação, acende-se como por milagre. Sem perder um momento, o prestigiador avança para elle, desparafusa-lhe o bocal, que arrasta consigo a torcida a pingar petróleo, e introduz tudo na própria bôca, continuando a torcida a arder com a mesma intensidade luminosa. Faz depois sinal ao criado, que se apodera do estojo metálico e o parafusa, de novo, no candieiro, conduzindo tudo para fora do palco e trazendo, a seguir, um tubo onde se acha adaptado um vulgar bico de gás.

O prestigiador toma-o nas mãos e aplica os lábios ao extremo oposto ao bico. O servo aproxima uma vela d'este último e elle entra logo em chamas, como se o estômago do ilusionista fôsse um verdadeiro gasómetro.

Enquanto se realiza a fantástica experiência, o criado ausenta-se várias vezes, entrando outras tantas

em cena e colocando sôbre a mesa de jantar um total de dez bandejas, com dez copos vasilos cada uma. O artista deixa de soprar e a chama apaga-se. Entrega, a seguir, o instrumento ao servo e êste leva-o para fora do palco, entrando pouco depois com duas grandes canecas cheias de vinho, que igualmente põe em cima da mesa. A seu lado, coloca mais quatro ou cinco e o prestigiador, tomando uma após outra, enche lentamente os cem copos de cristal. Depois, com uma naturalidade chocante, bebe, um a um, todos os copos de vinho.

Já com o estômago repleto de líquido, pede a um dos presentes uma nota de cem escudos, que dobra cuidadosamente e envolve num pedacito de cautchú, ingerindo a seguir o embrulho. Após isso, bate no estômago, como quem se sente magnificamente disposto e conclui por afirmar que... se o espectador quizer, pode restituir-lhe a nota... É claro que o espectador «quasi sempre» quere o seu dinheiro e, por isso, o ilusionista, depois de afirmar que o seu estômago tem por costume devolver tudo quanto lhe confiam, contrai duas ou três vezes o ventre e cospe o embrulhosito, que acaba de lhe vir à bôca, sôbre um pires de cristal. A seguir, desembrolha-o lentamente, à vista de todos, e fica com uma nota de cinquenta escudos nas mãos. «Distraidamente», entrega-a ao espectador que lhe emprestara a nota de cem. Como êle protesta, o ilusionista desculpa-se :

— Vossas excelências podem crer que não houve intenção malévola por parte do meu estômago, cuja honestidade está acima de tôdas as suspeitas... O que houve foi um pequenino engano. Mas eu explico... Ontem, na sessão da tarde, realizei a mesma experiência com uma nota de cinquenta escudos. Perguntei ao cavalheiro que ma emprestara se queria que lha restituisse e êle, talvez

para me poupar esforços, respondeu amavelmente que não se interessava pelo dinheiro. O meu estômago, supondo que eu lhe pedia o «atrazado», fez a devolução da nota de cinqüenta escudos. Descance, porém, vossa excelência que tudo se remedeia. Volto a embrulhar a nota e... engulo-a de novo...

Unindo o gesto à palavra, o ilusionista engole outra vez a nota de cinqüenta. Depois, contraindo o ventre, como a princípio, cospe no pratinho de vidro um embrulhoso idêntico.

— Eis a nota de cem ! O meu estômago é de uma probidade sem limites. Ora veja, senhor...

E, ao dizer isto, desembulha «distraidamente» o cautchú e entrega ao assistente uma nota dobrada oito vezes sôbre si mesma. O espectador desembulha-a e constata que tem nas mãos uma nota de vinte escudos !

Volta a reclamar e o prestigiador, após um estôrço de memória, explica :

— Já sei o que sucedeu ! Há dias, nos princípios da semana passada, executei a experiência com uma nota de vinte e o meu estômago, sempre zeloso, hoje quis simplesmente devolver-ma !... Mas não se aflija, cavalheiro; eu volto a engolir a nota e peço ao meu estômago que não se engane no troco... na troca, é que eu queria dizer. Perdão, senhor...

E, procedendo como há pouco, o ilusionista engole pela terceira vez mais um embrulho de cautchú e deita cá para fora outro, que igualmente deposita no pratinho de cristal. Com o maior cuidado, abre a nota éle próprio e depois, como quem já se acha tranqüilo, pergunta :

— Vossa excelência ainda quer os cem escudos ?

— Pois claro ! — responde certamente o espectador.

— Ainda bem. É que se vossa excelência não qui-

sesse a nota, eu era obrigado a ficar com ela e o facto, no futuro, poderia originar novos enganos...



Fig. 11 — Vulcão humano

A ilustração não nos dá uma idéa exacta da grandiosidade da prova. As labaredas são de mais de três metros de diâmetro. O desenhador, que nunca viu a illusão, não soube, por isso, interpretá-la.

O público ri satisfeitíssimo e o prestigiador, afirmando que já não precisa dos cem copos de vinho no estômago — mesmo porque elles podem querer subir-lhe

à cabeça! — resolve converter-se num vistoso repuxo humano.

Para isso, entrega-lhe o criado um tubo de metal cromado, no extremo do qual existe uma abertura apropriada, circundada por uma cesta de arame, igualmente cromado, e dentro da qual descansa uma pequena bola de celuloide. Aplicando os lábios à parte diametralmente oposta à cesta, o ilusionista começa a soprar o vinho que tem no estômago. Logo a seguir, um jacto de líquido eleva-se no espaço e, com êle, a bolinha de celuloide — que sobe e desce no ar, segundo a potencialidade do sôpro!

No palco existe uma enorme tina de zinco, para onde cai o vinho que se eleva no repuxo.

Concluída a espectacular experiência, o prestigeador afirma que já tem o estômago vazio e que, por isso, vai beber... qualquer coisa.

Enquanto o ilusionista faz uma palestra humorística sobre as inconveniências de se ter o estômago vazio, o criado coloca em uma mesa dez bandejas com dez copos vazios cada uma e enche a seguir os cem copos de petróleo. Alguns espectadores, a quem o criado oferece... uma pinga, podem cheirar e provar o líquido vermelho. Quási todos se contentam, porém, apenas com o sentido do olfato.

A seguir ao «controle» do líquido, o ilusionista toma um após outro os cem copos de petróleo e bebeu-os com a mesma naturalidade com que, há pouco, bebera a centena de copos de vinho!

Depois, aplica aos lábios um tubo de metal cromado, por onde sopra grandes labaredas. A seguir, pausa o tubo e, como se fôra um vulcão humano, vomita para o espaço labaredas enormes, de mais de três metros de altura.

Após isto, o pano desce lentamente, para um intervalo de quinze minutos.

Segundo acto

A seguir a uma sinfonia misteriosa, o pano sobe pela segunda vez. No palco, agora convertido numa oficina de ferreiro, vêem-se os utensílios apropriados ao trabalho, incluindo uma forja de ventoinha e várias barras de ferro. Sobre uma pequena banca vêem-se também, dispostos em pratos e bandejas, diferentes objectos de vidro, lâmpadas eléctricas, pedras vulgares, seixinhos do tamanho de caroços de cereja, palitos fosfóricos, caixas de fósforos, discos de gramofone, etc.

O ferreiro, que parece estar na hora da sua refeição, devora tudo aquilo, demonstrando pelas atitudes e pelos gestos sentir o maior prazer. Pega, por exemplo, em várias garrafas e parte-as em pequenos bocados, pondo-se depois a devorá-los, como a coisa mais deliciosa dêste mundo! A seguir a um gole de petróleo, que para êle substitue perfeitamente o vinho, o nosso homem põe-se a comer pedras, para em seguida arrancar à dentada vários pedaços a um disco de gramofone, que mastiga deliciado e engole com mal disfarçado apetite. Depois, despedaçando uma lâmpada eléctrica, põe-se a devorar-lhe o vidro, mastigando-o como fizera com o disco de gramofone e engolindo-o igualmente, sem ocultar o seu prazer. Por fim, toma uma caixa de fósforos de pau, acende-os um a um e, ainda chamejantes, mete-os na boca, devorando-os a seguir. Termina por comer a própria caixa, que desfaz aos pedacitos para mais facilmente saborear. Por cima de tudo isto, bebe ainda mais uns

copinhos de petróleo, que elle absorve até à última gota, e come grandes nacos de algodão hidrófilo — depois de com elle ter cuidadosamente limpo a bôca.

Quando o ilusionista, encarnando o papel de cliente, faz a sua aparição em cena ainda o endiabrado ferreiro está a chupar os dedos !

O prestigiador, como é natural, mostra-se admiradíssimo. Então o ferreiro, que se acha semi-nu da cinta para cima, chama-o à bôca do palco e pede-lhe mimicamente que lhe ausculte o abdóme. O ilusionista, aterado, afasta a cabeça do misterioso ventre do ferreiro e este, com a maior tranquillidade e um grande sorriso nos lábios, desce à platéia, onde os próprios espectadores podem confirmar pelo ouvido o que observaram pela visão. No interior do seu estômago, que elle agita repetidas vezes, ouve-se um barulho infernal, produzido pelo choque de todos os objectos estranhos que o invulgar homem-mistério acaba de ingerir.

Entretanto, o ilusionista descobre a um lado do palco um livro tismado pelo carvão. Lê e sorri. Pela sua expressão, é fácil de concluir que elle surpreendera, sem querer, o «segrêdo» do ferreiro. Quando este sobe e, furioso, lhe arranca das mãos a misteriosa obra, o cliente limita-se a encolher os ombros. Depois, abeirando-se da forja, põe a manivela a funcionar, o que aviva prontamente o fogo, e tomando com um garfo vários carvões em chamas, devora-os por sua vez. É a ocasião do ferreiro se assombrar. Mas o ilusionista não fica por ali... Pega num colherão enorme, enche-o de petróleo e lança-lhe fogo, depois de préviamente o aquecer. A seguir, tomando uma colher mais pequena, tira com ella petróleo em chamas de dentro da maior e põe-se descansadamente a bebê-lo, como se se tratasse de um esplêndido café !

O ferreiro, cada vez mais assombrado, vai folhear o misterioso livro ; mas, a julgar pela expressão do seu rosto, continua, por mal dos seus pecados, a não perceber coisa alguma. Por isso, resolve não mais o consultar. Fecha-o num gesto de enfado e, envolvendo-o numa larga tira de papel, lacra-o cuidadosamente — para, de futuro, nunca mais pôr os olhos no seu texto.

O ilusionista, sorrindo, tira-lhe o lacre das mãos, aproxima-o da chama de uma vela — da que o ferreiro acaba de acender para lacrar o livro — e fá-lo gotejar, em fusão, sobre a sua própria língua. Não contente com isso, aquece-o de novo e, à vista de todos, põe-no em estreito contacto com o mesmo delicado órgão.

O ferreiro, mais admirado que nunca, solicita-lhe mimicamente a explicação do fenómeno e o artista, sorrindo amavelmente, manda-lhe, para o instruir no mistério, fundir um bloco de chumbo. Ele obedece ; e o artista, depois de mergulhar os dedos no líquido lumegante e de pegar nêles nas mãos, fá-lo gotejar sobre a língua, cuspidinho o a seguir, já solidificado, num recipiente de vidro cheio de água. Depois, derramando um pouco de chumbo líquido num recipiente de barro, toma uma colher de ferro e devora-o totalmente, como se se tratasse da mais saborosa canja !

O ferreiro, aterrado, desiste da explicação. Mas o prestigiador, visivelmente satisfeito, pede-lhe que aqueça ao rubro uma chapa de ferro, enquanto descansadamente, põe os próprios pés a nu. Após isso, manda colocar a chapa ígnea sobre um estrado metálico e passeia em cima dela. No espaço ondula então um cheiro esquisito a carne destruída pelo fogo, mas o ilusionista, como um ente superior ao sofrimento, continua a passear e a sorrir, com o maior desprezo pela dor !

Entretanto, a seu pedido, um ferro é posto ao rubro na forja. Logo que o ferreiro o toma entre as garras da tenaz, o ilusionista calça-se rapidamente e, avançando para o ferreiro, arranca-lhe com as mãos nuas o pedaço de ferro chamejante. Depois de fazer com êle várias evoluções, tendentes a demonstrar a sua incombustibilidade, o artista coloca-o sôbre os seus cabelos, de onde se vê elevar no espaço densíssimos rolos de fumo. A impressão dominante é a de que os cabelos do ilusionista foram reduzidos a cinzas. Contudo, êle retira o ferro de cima da cabeça e, agitando a sua vasta cabeleira, demonstra que ela se encontra absolutamente intacta!

Depois, num gesto de enfado, põe novamente o ferro entre as garras da tenaz e manda-o aquecer outra vez. O ferreiro prefere elevar ao rubro um outro ferro mais pequeno, visto que, assim, o calórico necessário se torna muito menor. Logo que o novo ferro principia a «caldear», o ferreiro toma-o com a tenaz por um dos extremos e apresenta-o ao artista, que pega nêle entre os dentes e lhe arranca um pedaço. Êste, para que não haja dúvidas a respeito da sua temperatura, é abandonado no espaço, sôbre um recipiente de vidro cheio de água. A sua queda no líquido e a própria visão do vapor de água que se desprende da superfície, demonstram eloquentemente que se trata, de facto, de autêntico ferro em brasa.

Após esta cena arrepiante, as luzes diminuem de intensidade, enquanto vários criados colocam no centro do palco uma enorme gaiola de ferro, assente sôbre um estrado de idêntico metal. Em cima da gaiola é posto, já com as luzes à intensidade normal, um grande tejadilho de ferro, que ultrapassa o perímetro da gaiola mais de cinquenta centímetros, para evitar que as chamas, elevan-



Fig. 12—Mistério da prisão de fogo



do-se demasiado, possam provocar incêndio. No estrado, em volta da jaula, é colocada muita palha, que se rega com gasolina. O ilusionista, logo que se concluem os trabalhos de montagem, entra de novo em cena; mas, desta vez, descalço e nu. Um «cache-sexes» de malha de ferro muito espessa, evita que se murmure na platéia e faz compreender aos espectadores que qualquer outro processo de obedecer à moral não seria respeitado pelas línguas... de fogo.

Assim preparado, toma na mão esquerda um recipiente vulgar e enche-o de água fria. Com a direita apodera-se de um frango, que se acha sôbre uma mesa, já depenado e pronto a poder assar-se. Depois de chamar à atenção dos assistentes para o facto de levar na mão esquerda a água que o calor fará ferver e na direita um frango que as labaredas assarão, penetra, com passo firme, na misteriosa jaula. Após isso, o ferreiro lança fogo à palha que, por se achar embebida em gasolina, rebenta logo em chamas. Estas, com espantoso ruído, elevam-se até ao tecto da prisão, deixando ver a custo, aqui e ali, o vulto heróico do domador do fogo.

Volvidos uns minutos, que ao público parecem vários séculos, as labaredas tornam-se menos agressivas e o ferreiro açaçando-as, extingue-as por completo. O artista sai então triunfante da gaiola. Na mão esquerda traz o recipiente, onde se vê a água, fumegante, ferver com grande ruído; na direita exhibe o frango assado, igualmente cercado por uma aura de vapor.

Um «groom», tomando o frango e o recipiente numa bandeja leva tudo aos assistentes, que constatarem que a água ainda queima e que do frango, realmente assado, se desprende, apesar de já afastado do fogo, extraordinária quantidade de calor.

O ilusionista, com a pele tisonada pelas chamas, oculta o corpo sob um grande «robe» de felpo, enquanto o pano desce lentamente e o público, surpreendido e atônito, aplaude com entusiasmo.

Terceiro acto

Decorridos quinze minutos, o pano eleva-se de novo e mostra aos espectadores uma cena diversa da anterior :

Ao centro vê-se um enorme «forno crematório», onde pode entrar, à vontade, uma pessoa de pé. A visibilidade é, pois, absoluta e não pode, por essa razão, admitir-se a possibilidade de «trucs». Do lado esquerdo do forno, um pouco mais à bôca do palco, nota-se uma enormíssima panela esférica, sob a qual se acha um grande estrado de ferro. Do lado oposto, em simetria com a enorme panela, acha-se um pequeno forno eléctrico, onde um lingote de ferro é posto a derreter.

O ilusionista entra em cena ligeiramente vestido : calças e sapatos brancos, camisa-sport em malha de seda, igualmente côr de neve e, a prender-lhe as calças, um cinto de couro azul, com uma fivela cromada.

O artista entra no palco e dirige-se para a enorme panela esférica que assenta, para melhor estabilidade, sobre uma trempe circular. Debaixo da trempe e sobre o estrado de ferro existe algodão hidrófilo embebido em gasolina. O ajudante pretende lançar-lhe fogo, mas o prestigiador manda suspender a manobra. Depois, pegando por um lado e fazendo com que o ajudante pegue pelo outro, volta a bôca da esfera para os espectadores, afim de que eles tenham a certeza de que o panelão se

acha, de facto, absolutamente vazio. O ajudante, após isso, tenta de novo pôr em chamas o algodão hidrófilo, mas o artista volta a opôr-se e ordena-lhe que traga... qualquer coisa que ainda falta.

Logo a seguir, vários criados entram com muitos baldes cheios de água, que o prestigiador despeja, um após outro, dentro da colossal panela. Só depois de tudo isto é que o enorme caldeirão esférico é tapado e se lança fogo à gasolina que impregna o algodão hidrófilo. A chama é tam viva e o calor desenvolvido tam intenso, que volvidos uns minutos a água começa ruidosamente a ferver, fazendo oscilar o panelão. Na parte superior da esfera vê-se a tampa elevar-se de um dos lados e sair pela frincha aberta grandes rolos de vapor.

Quando a imensa caldeira estremece mais e o vapor se mostra abundante, sinal de que a água atingiu o máximo da temperatura, o ilusionista abeira-se do fogo e abafa-o. Logo a seguir, retira a tampa, vendo-se elevar no espaço uma grande nuvem de vapor. O artista pousa tranquilamente a tampa e bate as palmas. Imediatamente um lindo bando de pombas sai, voando, do seio da água em ebulição. O ilusionista volta a bater as palmas e, desta vez, é uma formosa rapariga, em traje de banho, que faz a sua aparição. O prestigiador bate as palmas pela terceira vez e outra gentil menina é retirada da panela. Esta, depois de tapada, é afastada de cena, enquanto o ilusionista se aproxima do forno eléctrico e prova que o lingote de ferro se acha já liquefeito.

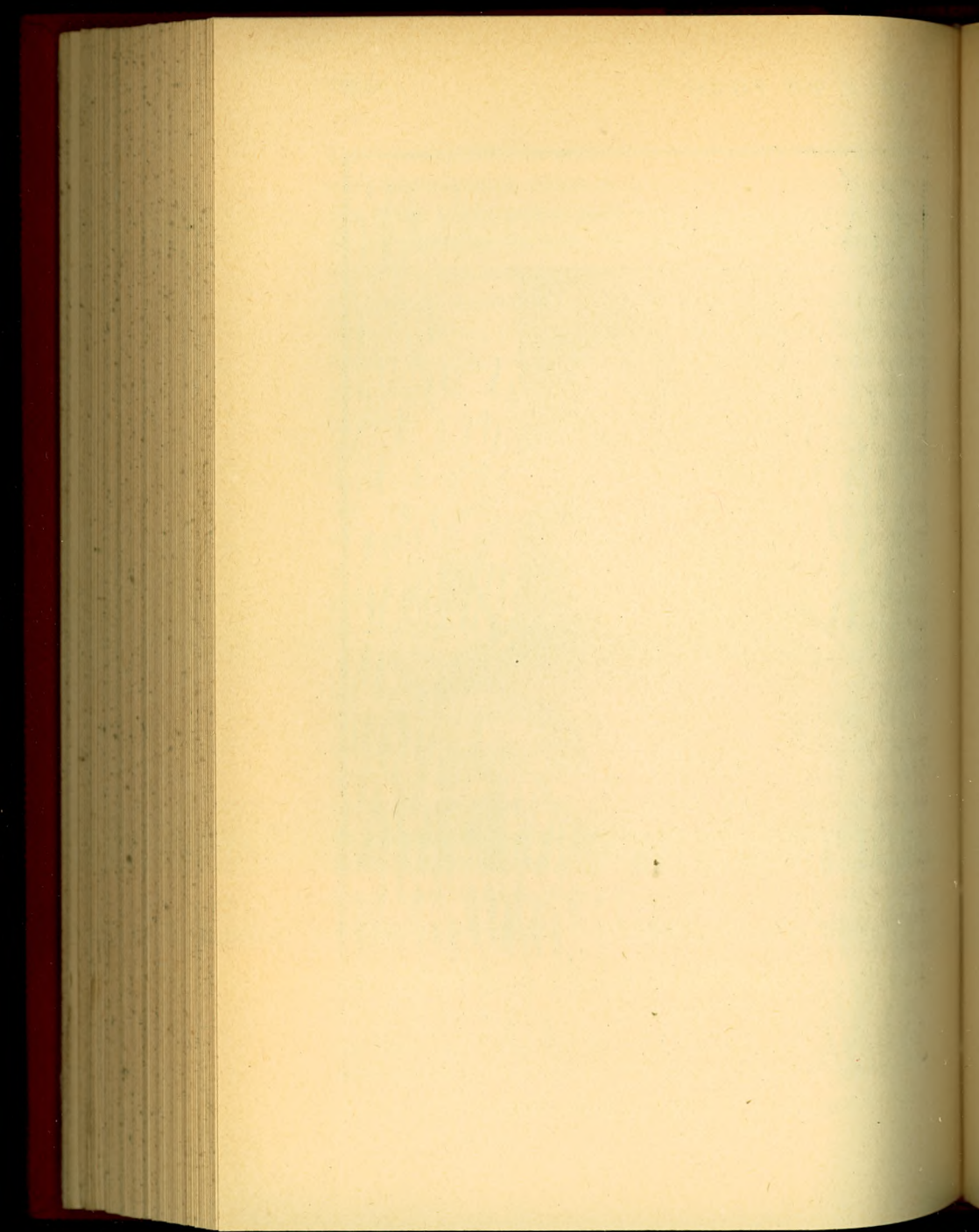
O público é convidado a constatar por si próprio as afirmações que o diabólico artista acaba de produzir. Trata-se, pois, de autêntico ferro, cujo elevado grau de fusão ultrapassa 1510 graus. Apesar disso, o prestigiador abre descançadamente a porta lateral do cadinho e

apara com ambas as mãos o jacto incandescente, que cai com enorme ruído dentro de um outro recipiente de barro. É a maior prova que se pode exigir da incombustibilidade de um domador do fogo. Não obstante, o ilusionista pretende ir ainda mais longe e manda retirar o forno eléctrico, agora já desnecessário. Entretanto, com grande quantidade de palha, regada com gasolina, procede ao aquecimento do gigantesco «forno crematório». Um enorme pão, seguido de pães pequeníssimos, é, após a limpeza habitual, introduzido na incandescente fornalha. Volvidos cinco ou dez minutos, as portas do forno são de novo abertas e de dentro d'ele retirados vinte ou trinta dos pequeninos pães, que se colocam num tabuleiro e se levam à platéia — para obsequiar com eles outros tantos espectadores. Estes, devido ao calor, não conseguem pegar n'elles, motivo porque voltam a recolher-se e se distribuem logo que o grau térmico tenha diminuído.

Após isso, o prodigiador envolve-se numa espessa capa de lã, que o oculta até aos pés, e entra no «forno crematório», fechando-se-lhe a seguir as portas. Momentos depois, estas são de novo abertas e o artista sai majestosamente e mostra a capa forrada de peles, t'oda coberta de suor. Retira-se para tomar um «douche» de chuveiro, enquanto os seus ajudantes arrastam o forno para fora do palco e colocam s'obre o estrado de ferro uma cadeira do mesmo metal, que parafusam à plataforma, para que não possa deslocar-se, mesmo que a dôr do supliciado quintuplique a fôrça dos seus músculos. Esta cadeira, de elevado espaldar, possui, no cimo, uma corrente de ferro, com a qual se prende o pescoço do artista; nos braços tem ela duas algemas, onde se fixam os pulsos do ilusionista, visto que a dôr sofrida parece tam intensa que êle, se não estivesse



Fig. 13 - Um homem devorado pelas chamas



prêso, correria o risco de ser vencido pela tentação de fugir !

Logo que se concluem os trabalhos preliminares, o prodigiador entra em cena e, como a quando do «misterio da prisão de fogo», acha-se quási nu — com o «cache-sexes» de malha metálica já muito nosso conhecido. Sob a cadeira é então colocado muito algodão hidrófilo, que se rega com gasolina e ao qual se lança fogo depois do ilusionista se sentar e ser convenientemente prêso.

A música cessa de repente. Não se ouve o mais leve murmúrio. Os espectadores, excitados, aceleram inconscientemente as pulsações do coração.

Em dado momento, o artista dá o sinal do martírio e um dos seus ajudantes lança fogo à gasolina. As labaredas, crepitando com ruído, circundam o prestigiador por todos os lados, envolvendo-o, desde os pés até muito próximo da cabeça, numa torrente de chamas.

O tremendo espectáculo não pode prolongar-se por mais de dois ou três minutos, porque as senhoras perderiam os sentidos e os cavalheiros, horrorizados, abandonariam a sala.

Por isso, logo que o ilusionista começa a ser devorado pelo fogo e a agitar-se desesperadamente, como se pretendesse fugir, o pano, a princípio lento, desce numa queda vertiginosa, enquanto a música se faz ouvir de novo e o artista, envolto num «robe», aparece à bôca do palco.

XXXI

Mistérios do fogo

Conheço a psicologia dos leitores e sei, por ter estudado particularmente o assunto, que noventa e sete por cento das pessoas que lêem, nunca o fazem, sistematicamente, da primeira página à última dos livros. Esta esmagadora maioria, por uma questão de curiosidade congénita, folheia automaticamente as obras que adquire, espreita aqui um boneco, lê ali uma ou duas linhas, acolá um terço ou meia página e, após tudo, julga-se na posse absoluta dos conhecimentos da obra !

O facto, duplamente prejudicial, porque nem o autor logra fazer-se perceber nem o leitor é capaz de sintetizar uma idéia exacta do que leu, deve ser evitado em «Magia do Fogo». Com êsse objectivo, resolvi não pôr títulos nos mistérios ígneos cuja descrição acabo de fazer. Muitos deles acham-se explicados nas páginas já impressas e outros, em número não menos elevado, nas que redijo a seguir. Garanto, por essa razão, que o leitor nada perceberá, se não me ler da primeira página à última.

E como já tranquilizei a minha consciência, vou dar início às revelações misteriosas, que nas páginas anteriores não ficaram rigorosamente esclarecidas.

Sei muito bem que os títulos facilitariam a consulta ; mas, como já disse, quero evitar os saltos de atenção e, por êsse motivo, sou obrigado a proceder de forma que leve o leitor a sistematizar o estudo e a assimilar metódicamente as várias experiências que descrevo.

XXXII

Deitar fogo pelos olhos (1)

Se, com um pouco de goma arábica, adaptarmos às pálpebras superiores pequeninas lantejoulas verdes e vermelhas, poderemos originar, em determinadas condições de luz, a maravilhosa ilusão óptica de deitar fogo pelos olhos !

Para isso, bastará collocarmo-nos em lugar pouco iluminado — princípio do primeiro acto —, porque os raios luminosos que nos atingem de frente reflectem-se nas lantejoulas e são devolvidos ao observador como chispas vermelhas e verdes. Quando uma lantejoula se descola e cai ao chão, como se trata de um minúsculo espelho de face dupla, o fenómeno observado é ainda mais curioso, visto que nos dará a ilusão de uma autêntica lágrima ígnea.

Um estudado movimento de pálpebras e uma diferença luminosa apropriada, tornarão a cena formidável, não obstante a simplicidade das causas postas em jôgo.

(1) Já depois de impressas as páginas anteriores, eu resolvi, a pedido do I. I. R. S., modificar o plano estabelecido para forçar o leitor a um estudo proveitoso. Por uma questão de método, foi julgado conveniente sistematizar e titular as experiências que publico a seguir, porque assim o estudante poderá consultar rapidamente, quando tiver necessidade de o fazer, o «modus operandi» desta ou daquela ilusão, sem que, para isso, seja obrigado a proceder à leitura geral do texto. Acedo, portanto, ao pedido do I. I. R. S. Contudo, o que fica dito quanto à psicologia do leitor é absolutamente mantido por mim, porque constitue uma verdade incontestável, digna de meditação.

Para se obter idêntica ilusão, existem vários outros processos, a que não é estranha a dilatação provocada da pupila e o emprêgo do fósforo branco. Detesto estes sistemas, que podem converter o experimentador num invisual desgraçado. A dilatação artificial das pupilas é obtida por uma solução de atropina em água destilada, mas a atropina — alcalóide da beladona — é um veneno ainda mais perigoso que o fósforo.

XXXIII

Fazer sair relâmpagos pelas pontas dos dedos

Os aparelhos que se acham no mercado para nos permitirem o «efeito» de deitarmos chispas pelos dedos, são demasiado teóricos e não produzem qualquer ilusão na prática. Assim, por exemplo, a física ensina-nos que uma corrente de fogo pode inflamar, com efeito deslumbrante, partículas de estanho ou limalha de ferro doce. Fundando-se neste princípio, os fabricantes alemães e franceses «inventaram» uma pequena lâmpada, a qual adaptaram uma pera de cautchú repleta de limalha. Soprando a chama, as partículas de ferro inflamam-se e são projectadas à distância em forma de chuva ígnea. Teòricamente, a idéia é curiosa. Na prática, o aparelho não dá resultado algum !

Como não gosto de produzir afirmações sem as fazer acompanhar da demonstração que lhes serve de base, chamarei a atenção do leitor para este facto eloquentíssimo :

Se se opera a meia luz, como convém, a chama da

lâmpada entre as mãos é perfeitamente notada pelo público; se operarmos de modo que a luz ambiente mascare a que pretendemos disfarçar, as chispas que saiem dos dedos não se tornarão visíveis.

Além de todos estes inconvenientes, que fazem do caríssimo aparelho um instrumento sem valor algum, há ainda a considerar que não temos as mãos livres e que, mudando de ilusão, temos de nos desembaraçar da lâmpada!

Como este — diga-se de passagem — há milhares e milhares de «tours», cujos «efeitos» maravilhosos tentam os amadores de todo o mundo. A tentação leva-os, por vezes, a comprar por elevado preço o objecto dos seus sonhos... e ficam-se depois a sonhar com a inutilidade do aparelho, o descaramento do inventor e a dishonestidade do fabricante.

Harry Leat publicou dois livros, «Magic of the Depôts 1923» e «Magic of the Depôts 1924», que nos dão a maioria dos «tours» que figuram vistosamente nos catálogos ilustrados de muitas casas da especialidade. Mais de setenta por cento, não obstante o elevado preço por que se vendem, são tam irrealizáveis como é, com o aparelho citado, a magnífica ilusão que acabo de descrever. Para evitar semelhantes abusos e prevenir contra os amadores inexperientes, é que em 1912 se fun-

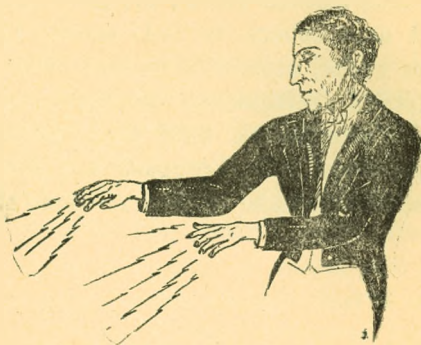


Fig. 14 — Faiscas de... ferro-cério

dou o I. I. R. S. e a Fábrica Wilson Hamley's, de Chicago, resolveu não aceitar nos seus catálogos essas pseudo invenções, que são verdadeiramente impróprias do ilusionismo de hoje.

Vejamos agora como eu resolvi o problema e em que consiste o meu aparelho — usado agora em todo o mundo pelos «domadores do fogo» :

Fiz adaptar a um «pouce» de ferro pintado côr de carne (cabeça ôca de polegar) uma pequena lima de aço. A uma cabeça de dedo médio, igualmente pintada côr de carne, mandei fixar uma pedra plana de ferro-cério (pedra de isqueiro). Colocando os instrumentos nos dedos respectivos, onde êles são invisíveis, mesmo em plena luz, é fácil produzir as chispas, friccionando, como se compreende, apenas um dedo no outro.

* *

Os artistas profissionais, antes da aparição do meu sistema, usavam um outro processo — perigoso, mas curiosíssimo — para obterem a mesma ilusão. Consistia no seguinte :

Pequenos tubos capilares, como os dos termómetros, eram cheios de ácido sulfúrico e obturados depois, a maçarico, por ambas as extremidades. Antes da sessão começar, estes tubozinhos eram embrulhados em «papier éclair» (1), juntamente com uma pitada de «piro-

(1) Papel que arde, sem deixar cinza, com a velocidade do relâmpago. Prepara-se pelo mesmo processo que nos ensinam em química para fabricar o «algodão-pólvora». É extremamente per-

foro» (1) e colocados ao alcance das mãos. Bastava tomar um, parti-lo entre os dedos e atirar logo tudo ao ar, para que a ilusão de sair relâmpagos dos dedos fôsse verdadeiramente admirável. O «efeito» é tam lindo que há ainda muitos artistas que continuam a utilizar-se do sistema.

O «papel relâmpago», cuja utilidade em ilusionismo é quási infinita, visto que se emprega na desapareição, reaparição e transformação de múltiplos objectos, fabrica-se da forma seguinte :

Mistura-se uma parte de ácido nítrico com duas de ácido sulfúrico e deixa-se repousar a mistura durante doze ou catorze horas. É necessário derramar o ácido nítrico pouco e pouco no ácido sulfúrico. A mistura abrupta produziria grande calor e, embora lhe faltasse a parte conveniente de glicerina (2), poderíamos apanhar um susto. Devemos, pois, manipular os ácidos com o maior cuidado, não só porque o seu contacto destrói os tecidos cutâneos, mas porque os próprios vapores prejudicam a saúde e põem em perigo a vida. O melhor seria, em lugar bem arejado, fazer a mistura lentamente num recipiente de porcelana ou de vidro, como os que

goso, porque se inflama com muita facilidade e é tam grande o volume de gás que origina, que as suas explosões são horrivelmente destruidoras. Deve ter-se sempre em quantidade mínima e em lugares onde, mesmo em caso de desastre, não possa causar prejuizos.

(1) Pó que se inflama instantâneamente ao contacto do ácido sulfúrico e cuja fórmula, simplicíssima, eu publiquei a pag. 190 de «Magia Teatral» — Livraria Progredior, Editora.

(2) Se a tivesse, obteríamos a tremenda «nitro-glicerina», cuja manipulação pode ocasionar tragédias.

se utilizam em fotografia, e deixá-lo aí em repouso durante o meio dia indicado.

Após isto, pega-se numa fôlha de papel fino, não muito forte, mas de boa qualidade e mergulha-se no líquido durante dois ou três segundos. O papel, que pode ser branco ou de qualquer outra côr, deve ser logo banhado em grandes águas, de modo que não fique sôbre êle o menor vestígio de ácido. Resta só pô-lo a secar em lugar fresco — não ao sol —, para termos uma fôlha do verdadeiro «papier éclair».

Não se esqueça que se lhe tocarmos com uma chama ou qualquer objecto incandescente (o cigarro aceso, por exemplo), êle desaparecerá num relâmpago, sem deixar um átomo de cinza !

XXXIV

Aquários chamejantes

Os aquários não têm «truc» — são vulgares. Contudo, em cima do líquido que serve de «meio» aos peixes, acha-se uma ligeira camada de gasolina que, por ser de densidade inferior à da água, se mantém à superfície. Inflamando a essência, o público terá uma ilusão perfeitíssima dos aquários em chamas. Como estas se extinguiriam logo que o combustível se consumisse, o criado retira-os de cena, como vimos, enquanto as labaredas, que são de mais de meio metro de altura, se elevam no espaço.

Há vários processos para inflamar a gasolina e todos êles se podem considerar muito bons, se o público os não puder notar e tiver a ilusão perfeita de que basta a imposição dos dedos... para que a água rompa em chamas !

É claro que ninguém pode pôr em dúvida a realidade do «milagre», visto que no líquido, como que a identificá-lo, acham-se peixinhos vivos. Não devemos, por isso mesmo, esquecer um pormenor importante.

É este :

Como o contacto da água com o ar não existe, os peixinhos não podem, em tais circunstâncias, resistir muito tempo à morte. Portanto, só uns segundos antes do pano subir é que se deita a gasolina nos aquários e nos preparamos para a ilusão. Esta, como se compreende, será tanto mais interessante quanto mais engenhoso fôr o processo de inflamar a essência. Indicarei dois — igualmente práticos e fáceis.

O primeiro consiste em dirigir-lhe, com os dedos, um combóio de chispas de ferro-cério, produzidas pelo meu sistema ; o segundo, ainda mais singelo, consiste em deixar cair em cima do líquido um pedacito de potássio ou de sódio-metal. O contacto da água inflamá-lo-á, como já vimos (primeira parte), e o fogo comunicar-se-á instantaneamente ao óleo essencial — que encherá, em menos de um décimo de segundo, os dois aquários de chamas.

A explicação científica do fenómeno, que já dei na primeira parte dêste livro, não pode ser repetida aqui.

*

—

*

O leitor já compreendeu certamente que a técnica de encher os pratos de fogo não difere absolutamente em nada daquela que empregamos na ilusão dos aquários. Se queremos utilizar o sistema ferro-cério, bastará que cada prato possua uma ligeiríssima camada de essência ; preferindo servirmo-nos dos metais citados, potássio ou

sódio, então teremos de proceder de modo diverso e só derramar a camada de gasolina depois de se ter pôsto nos pratos uma pequena porção de água.

XXXV

Os devoradores de fogo

Comer labaredas é, realmente, de um efeito pasmoso. Só quem assistiu uma vez à ilusão pode compreender a grandiosidade do espectáculo e o inexplicável mistério em que êle mergulha os assistentes !

Contudo, como se verá a seguir, o extraordinário prodígio mostra-se de uma facilidade chocante.

A teoria do «fenómeno» baseia-se no seguinte :

Qualquer veículo da chama, que seja possível comer sem perigo, pode ser levado à bôca, apagado por expiração lenta, invisível para o público, e ingerido depois.

Fundados neste princípio, os ilusionistas de outrora deitavam aguardente forte ou álcool puro nos pratos e, sobre o líquido, um certo número de uvas passas ou de figos de seira pequeninos. Os pratos, assim preparados, eram postos em cima da mesa antes do pano subir. No momento do espectáculo, o álcool era inflamado por qualquer processo misterioso — o do ferro-cério é hoje o preferido — e êles, munidos de um garfo, começavam a devorar as uvas em chamas. Claro que ao introduzi-las na bôca expiravam lentamente, de modo a estabelecer uma parede cilíndrica de ar fresco. Êste, além de extinguir a chama logo que ela ultrapassava os lábios, tinha ainda a enorme vantagem de refrescar a bôca e de impedir que o fogo tocasse, nem mesmo ao de leve, qual-

quer das suas partes sensíveis. Sucedia, porém, que a uva, por ter fervido no líquido, mantinha-se durante muito tempo a uma temperatura elevada ; e o ilusionista, não só a não podia ingerir, como se queimava horrivelmente, visto ser forçado pelas circunstâncias a conservá-la na bôca.

O facto deu origem a uma nova forma de operar, que mata infelizmente a ilusão. Os prestigiadores modernos, põem, como os antigos, as passas no álcool puro, mas não inflamam o líquido — para elas não aquecerem demasiado. Espetam-nas com o garfo, levam-nas à chama de uma vela que se acha em cima da mesa e, logo a seguir, metem-nas na bôca por entre a camada de ar que já conhecemos. As uvas procedendo assim, descem tam rapidamente de temperatura, que se comem com agrado.

A ilusão é que, após tanta comodidade, fica transformada dum farrapo !

Compreendendo isso, o I. I. R. S., em 1925, pediu a todos os seus membros da América e da Europa que ressuscitassem a ilusão assassinada, fazendo descer, se possível fôsse, a temperatura do veículo para pouco mais de trinta graus.



Fig. 15 — Um devorador de fogo

A solução que apresentei e que foi universalmente adoptada, explica-se em duas linhas :

Um prato é dividido a meio, quer industrialmente, como na América do Norte, quer domesticamente — com uma simples parede de gesso. No semi-círculo voltado para os espectadores coloca-se o álcool puro, ao qual se lança fogo misteriosamente com os extremos dos dedos; no outro semi-círculo, forrado de massa de amianto, para o tornar refractário ao calor, deita-se um pouco de água fria e, sobre ela, as passas que devemos ingerir. A chama que se provoca, vista do lado dos assistentes, parece ocupar o prato todo. O ilusionista, sentado de modo que o seu lado esquerdo fique voltado para a sala, espeta uma passa com o garfo e mergulha-a no álcool. Este comunica-lhe o fogo pela parte exterior e a uva é levada à bôca, onde, após a extinção da chama pelo método vulgar, se nota que o veículo está quasi frio, porque a água, penetrando-lhe no interior por capilaridade, não deixa elevar-se a temperatura. A água que se acha à superfície das uvas não impede o álcool de arder, embora lhe diminua um pouco a graduação, o que, na verdade, ainda mais facilita o trabalho e torna a ingestão muito simples.

Quanto às enormes labaredas... é tudo questão de veículo e de bôca suficientemente grande para o poder admitir. Eu uso, para obter o «efeito» descrito, figos de seira grandes ou pedaços de banana. Barnello, que é formidável em piromagia — não fôsse êle o «rei do fogo»! —, devora chamas colossais, porque os veículos que utiliza constam de bananas inteiras !

XXXVI

Acender velas com a bôca

O prestigiador toma a vela com a mão direita e, voltando-se de perfil para os assistentes (lado esquerdo para a platéia), aproxima o pavio dos lábios e abre a bôca. Ao mesmo tempo a mão esquerda eleva-se rapidamente e oculta por um segundo—só um—o pavio da vela, enquanto o polegar da direita faz girar a rodinha que produz a chispa incendiária. É evidente que neste caso a vela é fictícia e consta de um tubo de metal pintado ou enrolado em papel couché côr da vela e terminando, na parte superior, por uma torcida de algodão embebida em gasolina. Em lugar próprio, como se vê na

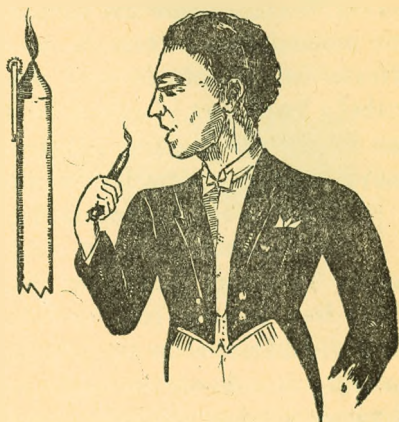


Fig. 16 — Vela-isqueiro

figura 16, deve ter-se uma minúscula rodinha que produza a centelha de ferro-cério. Na gravura, tanto a roda a que me refiro, como a respectiva hastezinha, onde se oculta a mola em espiral e a pedra de ferro-cério, são demasiado volumosas para se tornarem bem patentes ao leitor, logo ao primeiro golpe de vista. Contudo, no fabrico americano, isso é tudo tam pequenino, que não pode ver-se com a vela apagada e é inteiramente invisível

quando ela se acender. A própria chama, em vez de a mostrar, oculta-a!

Quem não tiver o aparelho, pode realizar a mesma ilusão com uma vela vulgar. Bastar-lhe-á adoptar um dos numerosos sistemas de que dispõe o ilusionismo para acender as velas comuns.

Eis o que me parece mais prático nas circunstâncias apontadas:

Toma-se uma vela qualquer e, com uma tesoura, corta-se-lhe o pavio rente. Depois, com um arame em brasa, faz-se ao lado um buraco de uns dois centímetros de profundidade e cêrca de dois milímetros de diâmetro. Nesse buraco introduzimos um fósforo de cêra, com a cabeça para fora. Como a introdução é feita logo após se ter retirado o arame quente, a estearina solidifica de novo e o pavio adere fortemente à vela.

E eis a singela preparação.

Para acendermos esta vela «sui generis», bastará, como se deduz facilmente, lixar a cabeça do fósforo. Para isso, fixamos com «presting» dois circulozinhos de lixa do diâmetro de um centímetro nos dedos médio e polegar da mão esquerda. Ao aproximar a vela da bôca, lixamos a cabeça fosfórica, pinçando-a entre os dedos, e ela, como é natural, ficará logo a arder.

XXXVII

Fósforos acesos no bolso do colete

Pega-se numa fôlha de lixa número cinco e corta-se-lhe um rectângulo de quatro por sete centímetros, que se dobra ao meio, no sentido do comprimento, como

se vê na figura 17 (A). Corta-se agora um rectângulo semelhante em pano preto, mas um pouco maior, de modo que depois de dobrado, como a lixa, a possa conter dentro de si — como se fôra a capa e a lixa as páginas de um livro. Cosen-do as partes laterais, obte-remos uma espécie de sa-co, forrado de lixa número cinco. Aos lábios do saco recém-confeccionado ada-ptom-se duas lâminas de aço BB, de forma que elles se mantenham cons-tantemente fechados. A concluir, espeta-se no ex-terior um alfinete preto de segurança e no interior põem-se três ou quatro fósforos de cera — cabeça para dentro—distantes um centímetro ou centímetro e meio uns dos outros. E obte-remos, assim, o instrumento C (fig. 17), que não vale a pena confeccionar, porque o seu preço é baratíssimo nas casas de ilusionismo.

Se fixarmos o aparelho no interior do bôlso do colete, ficaremos logo preparados para realizar o prodígio enun-ciado no primeiro acto da sessão que descrevi, porque bastará puxar por um fósforo para que elle saia logo aceso de dentro do instrumento e, portanto, do bôlso do colete.

Apesar de se tratar de uma coisa muito simples, a ilusão mostra-se admirável, porque o facio de se tira-rem, já acesos, vários fósforos do bôlso é de um inedi-tismo surpreendente.

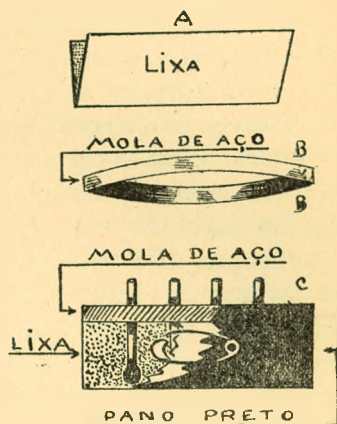


Fig. 17— Acendedor automático de fósforos

XXXVIII

Devorar a chama de uma vela

Eis um expediente cujo objectivo principal é impedir que a vela continui a arder, porque, sendo metálica ou constituída de modo que o pavio não passe de um fósforo, tem forçosamente de ser apagada, salvo se o fósforo, como é costume succeder quando se utiliza o segundo processo, inflamar no momento próprio o verdadeiro pavio.

Apagar uma vela quando, como no primeiro acto, se faz enorme barulho por se notar falta de luz, seria uma coisa estúpida e absolutamente inexplicável. Por isso recorremos ao «truc», vistossíssimo e aparentemente assombroso, de devorarmos a chama. Tomamos a vela, aproximamos a chama dos lábios e, sem receio, aspirámo-la com fôrça. Recomendo que se proceda sem receio, porque êste, se existir, faz com que nos queimemos horivelmente e matemos a ilusão. Não havendo receio, a chama, aspirada com fôrça, entra na bôca no meio da camada de ar inspirado e, sob a mesma protecção, percorre parte da garganta, onde se extingue sem produzir a menor impressão desagradável.

Quem já me viu, a título documental, executar o fenómeno com um archote, pode concluir da inocência do «truc» levado a cabo com uma simples vela. Só recomendo que se conserve a língua deitada no maxilar inferior, porque se ela fôr apanhada pelo jacto ígneo queimar-se-á irremediavelmente. Com esta precaução e sem receio, garanto que a ilusão se realizará com a maior facilidade.

XXXIX

O cigarro imaterial

A ilusão do «cigarro imaterial» pode realizar-se por dois processos distintos, um com aparelhos especiais e outro sem aparelho algum.

Na descrição que fiz no primeiro acto da interessante sessão de piromagia, dei preferência ao método mecânico, porque me parece muito mais fácil do que o processo manual. Posso, contudo, para ser agradável aos meus leitores, inserir também este último, que supponho criação do grande ilusionista Jó-Jó.

Mas comecemos... pelo princípio:

Se não quisermos comprar o aparelho já feito e pronto a funcionar, mandámo-lo construir a qualquer especialista em objectos de metal. O desenho que ilustra estas páginas (fig. 18) é, para os técnicos, infinitamente mais eloquente do que longas e maçudas explicações. A vela é constituída por um tubo de latão pintado convenientemente para se confundir com a estearina. No cimo adapta-se-lhe um coto de vela autêntico (C) e dentro põe-se-lhe um mecanismo que nada tem de complicado.

Numa abertura lateral, diametralmente oposta ao público, oculta-se um cigarro espetado numa agulha (a), soldada a uma alavanca (A). Esta alavanca gira em torno de um fulcro (E) e, quando puxamos o «gatilho» (G), localizando na asa da palmatória, o fio (F), apoiado na roldana da base (R) faz elevar o cigarro à posição horizontal (fig. 18), de modo que ele se introduz quasi automaticamente nos lábios do artista — quando ele aproxima a chama da vela da boca. Libertá-lo da agulha por um

ligeiro recuo e acendê-lo a seguir, é manobra simplicíssima que dispensa explicações.

Um outro processo semelhante consiste em liber-

tar a vela da palmatória, de maneira que ela possa ser colocada em qualquer castiçal ou serpentina. É um sistema recente, de mecanismo muito mais simples e de fabrico muito mais fácil. Só difere do já descrito na ausência da roldana (R) e na do respectivo «gatilho» (G): Um pouco acima do extremo inferior da vela acha-se um aramito invisível que o polegar pode arrastar facilmente, em dado momento, na direcção vertical. O fio que neste caso é substituído por um

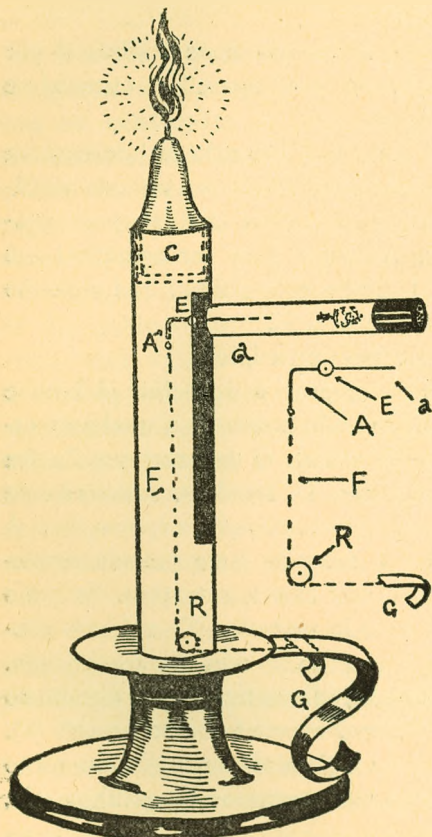


Fig. 18—Processo mecânico

arame robusto, obriga a alavanca a descer e o castiçal a descrever um ângulo de noventa graus, deixando-o, como até aqui, quasi a meter-se entre os lábios.

Quanto ao método que eu atribuo a Jó-Jó... eis o respectivo «efeito» :

Depois de se tactearem os bolsos e de se constatar a ausência de cigarros, descobre-se que apenas se dispõe de mortalhas. Toma-se uma, curva-se ligeiramente como para se lhe deitar o tabaco, que não existe, e deixa-se entre os dedos da mão esquerda, enquanto, com a direita, fingimos, por várias vezes, apanhar no espaço o tabaco de que carecemos. À terceira ou quarta vez, enrolámos a mortalha e, com grande assombro de todos, acendemos o cigarro, visto que é um autêntico cigarro que temos agora entre os lábios.

O processo é engenhoso ; mas, após uns treinos, fácil de executar.

A mão esquerda tem em suspensão italiana (C — fig. 65, pág. 216, de «Magia Teatral») um cigarro de qualquer marca. As mãos, em tais circunstâncias, continuam aparentemente livres, visto que o cigarro é invisível e os dedos podem estar abertos, mesmo separados uns dos outros.

Quando se pega na mortalha, ela, como é opaca, oculta aos olhos dos assistentes o cigarro que, no momento próprio, se deixa deslizar para trás dela. Enrolar-lhe em torno o papel e deitar depois fogo ao cigarro parece-me que não tem história nem carece de explicações. Bastará lançar um golpe de vista para a figura citada de pág. 216 de «Magia Teatral», para que tudo se compreenda num relâmpago e se possa executar a ilusão com a maior facilidade. Por consequência, fico por aqui... ou, melhor, vou expôr um outro sistema que, embora não tenha tanta beleza executiva, serve, contudo, para se obter um «efeito» semelhante — mesmo que seja em plena rua.

Consiste no seguinte :

Procura-se nos bolsos um cigarro e... só se encontra o maço vazio. Sem nos perturbarmos, inflamamos um fósforo, levámo-lo aos lábios e acendemos o cigarro que misteriosamente aparece, como por encanto, entre êles.

Nesta pequenina ilusão, que poderíamos classificar de «micromagia», o «truc», admiravelmente estudado, acha-se na caixa de fósforos. Esta, cuja gaveta possui um buraco ao canto num dos seus lados mais estreitos, oculta, num túnel construído em fósforos, um cigarro vulgar — ligeiramente de fora, para que os dentes o possam pinçar logo que a ocasião o exija. Ao lado do «túnel» (fig. 19), acham-se os fósforos sóltos, aquêles que hão-de servir para a produção da chama. Ao abrir a caixa, colocámo-la em frente da bôca e pinçamos o cigarro com os dentes. Acendendo logo o fósforo e ficando com as mãos na posição de quem protege a chama do vento, posição esta muito familiar aos fumadores, a ilusão mostrar-se-á admirável, porque o cigarro, ao retirarmos as mãos, aparece inesperadamente entre os lábios.

Antes de concluir e já que falei de Jó-Jó, quero descrever ainda outra criação do mestre — a «decapitação do cigarro».

Jó-Jó aparece no palco, preparado já para a manipulação de Zirka. Entre as mãos traz um cigarro que mete na bôca e inflama a seguir. Momentos volvidos, pede uma tesoura e corta-lhe a ponta incandescente, que atira para o chão. Mostra as mãos de ambos os lados, inteiramente livres, e pega no cigarro com os dedos da esquerda. Sopra-lhe e coloca-o de novo na bôca — inexplicavelmente aceso !

A pequenina ilusão, apesar de muito linda, mesmo espectacular, é fácil de provocar :

O cigarro que Jó-Jó traz entre os dedos acha-se aceso. Ele é que oculta a incandescência aos olhos dos espectadores. Quando o mete na boca, fá-lo com a ponta acesa para dentro e acende a exterior — naturalmente apagada. Após a... decapitação, limita-se a voltar o cigarro e a pô-lo de novo entre os lábios, o que provoca a ilusão da inflamação espontânea.

Os ilusionistas modernos, depois de executarem o formoso «tour» de Jó-Jó, concluem-no de uma forma verdadeiramente original : Pedem um lenço emprestado à assistência, colocam-lhe no centro o cigarro a arder e dão tudo, logo a seguir, para as mãos dos espectadores. Estes, desembulhando o rectângulo de linho, constataam, assombrados, que êle não só se acha intacto, sem a menor queimadura, mas ainda surpreendidos, porque do cigarro que o artista embrulhara no lenço, apesar dêle mostrar as mãos de ambos os lados, com os dedos bem separados uns dos outros, não é possível encontrar nem mesmo um átomo de cinza !

Este magnífico «fecho» da interessantíssima ilusão de Jó-Jó, que oportunamente foi comunicado a todos os sócios do I. I. R. S., originou um «tour» completo que, não obstante as grandes facilidades de execução, se mostra, em conjunto, de uma espectacularidade estupenda ! Tenho pena de o não poder inserir aqui, mas o facto é impossível, porque êle constitui ainda segredo exclusivo dos membros do I. I. R. S. e não pode, por

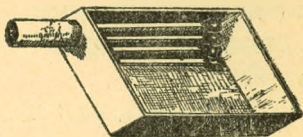


Fig. 19—Gaveta de caixa de fósforos convenientemente preparada

essa razão, ser revelado numa obra que todo o mundo pode ler. . .

XL

Deitar fumo e fogo pela bôca

A ilusão realizava-se outrora com estopa ou linho em rama e o fumo, seguido de centelhas vivíssimas, saía igualmente da bôca, originando em tôda a platéia uma atmosfera de assombro. Como o sistema moderno, embora mais cómodo e de efeitos mais surpreendentes, é filho legítimo do primitivo. começo por descrever este — para que, depois, melhor se possa compreender aquêle.

Num prato, juntamente com grande quantidade de estopa em rama, acha-se, oculta por ela, uma bucha de algodão tratado pelo nitrato de potassa — dêsse que se usava noutros tempos nos isqueiros de pedreneira.

O «fake» preparava-se assim :

Tomavam-se uns dois ou três cordões do referido algodão salitrado—que tem, como se sabe, a propriedade de só se apagar no vácuo — e forravam-se convenientemente de estopa ou linho para se obter o disfarce. Logo a seguir, lançava-se-lhe fogo e a incandescência sem fumo ia remoendo pouco e pouco o algodão, conservando-o sempre no estado ígneo até o momento de se utilizar o seu concurso. Escuso de acrescentar que, não obstante a ignição, o «fake», no meio da estopa, era absolutamente invisível para os espectadores. Para eles, como convinha, só se achava no prato unicamente estopa em rama. Nada mais.

Pois bem. O ilusionista de há vinte anos tomava da

prato uma pequena quantidade de estopa — que parecia enorme por se achar muito solta — e fingia comê-la. Na realidade, fazia com a língua uma pequena bola e ocultava-a a um dos lados da bôca, entre o maxilar inferior e a face. Depois de ter repetido o gesto várias vezes, pegava então no «fake» e colocava-o sôbre a língua, cuidando em não inspirar pela bôca a menor partícula de ar. Logo a seguir, soprava através do «fake», primeiro, lentamente e, depois, com tôda a fôrça dos seus pulmões. O resultado, interessantíssimo, não se fazia esperar: começava por sair da bôca do artista grande quantidade de fumo e acabava por se ver projectar no espaço avultado número de centelhas — produzidas pelos fios fragmentados de algodão que, em chamas, se desprendiam do núcleo ígneo.

Antes de prosseguir, vejamos como se prepara o algodão, quando não se dispõe dos necessários cordões salitrados:

Toma-se uma meada de algodão branco ou de côr e mergulha-se numa forte solução de nitrato de potassa. Passadas quatro ou cinco horas, retira-se do líquido e põe-se a secar à sombra. Logo que esteja bem seco, torce-se ou entrança-se com o número de fios proporcional à grossura do cordão que se quiser obter.

Êste fio, como já disse, revela as características de arder lenta e constantemente, o que, no caso em questão, é de uma vantagem enorme.

Vamos agora ao sistema contemporâneo:

Manda-se fazer ou compra-se já feito nas casas de ilusionismo, um tronco de cone ovalado e ôco, construído em metal e forrado exteriormente de amianto. Na parte de menor diâmetro coloca-se uma grade larga — não rêde — cujo objectivo é evitar que, com o

sopro, os pedaços de fio salitrado saíam antes da combustão.

No início do espectáculo, envolvemos o aparelho em estopa, afim de que o confundam com ela, e enchemo-lo de algodão salitrado, não só em mecha, mas também em pequenos fios soltos — destinados à produção das centelhas que hão-de seguir o fumo.

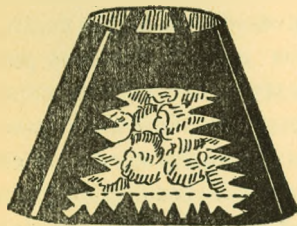


Fig. 20 — Cone metálico para deitar fogo pela boca

A concluir o preparo, lançamos fogo ao algodão e colocamos o aparelho no prato, ocultando-o na estopa que fingiremos comer.

No momento oportuno, isto é, depois de termos aparentado ingerir certa quantidade de estopa, metemos na bôca o aparelho — com a parte de maior diâmetro para dentro. Soprando, sairá pelo lado mais estreito grande quantidade de fumo, a que se seguirão as centelhas e até, por vezes, autênticos jactos de labareda!

O amianto, mesmo que o aparelho aqueça, não deixa comunicar o calórico ao exterior. Portanto, se tivermos o cuidado de abrir os lábios quando soprarmos e de inspirar sempre pelo nariz, a experiência, aparentemente perigosíssima, fica reduzida, na realidade, a uma brincadeira inocente.

O amianto, mesmo que o aparelho aqueça, não deixa comunicar o calórico ao exterior. Portanto, se tivermos o cuidado de abrir os lábios quando soprarmos e de inspirar sempre pelo nariz, a experiência, aparentemente perigosíssima, fica reduzida, na realidade, a uma brincadeira inocente.

E eis, enfim, o moderno sistema em que se converteu o primitivo processo de deitar fogo e fumo pela bôca. Claro que há outros métodos muito mais vistosos, que permitem vomitar no espaço labaredas de dois e até de três metros de altura. Mas a isso chama-se «vulcão humano» e eu, a seu tempo, occupar-me-ei das instruções respectivas.

XLI

Velas acesas no bôlso interior
da casaca

Conservar, durante muito tempo, várias velas acesas no bôlso interior da casaca não parece coisa fácil. Acendê-las no próprio bôlso — também não creio que seja simples, embora realizável com determinadas precauções. Mas o problema tem uma solução mais singela e o público, não obstante a simplicidade do «tour», é subjugado pela ilusão de que as velas acesas, já se encontravam, nos bolsos, coroadas pela chama!

Para isso, bastar-nos-á acendê-las no preciso instante em que, com uma só mão, as retiramos do bôlso. O trabalho é fácil e rapidamente praticável ao abrigo da própria casaca. Só carecemos de sistemas próprios de ignição. Ora o ilusionismo dispõe de grande número dêles. Em todo o caso, os mais aconselháveis são os dois que já expliquei, ao revelar aos meus leitores como se acendem velas com a bôca (XXXVI). O primeiro sistema, como se viu, deve-se a um processo mecânico e a vela utilizada tem forçosamente de ser metálica; o segundo, que nos é fornecido por um artifício engenhosíssimo, admite o emprêgo, como constatamos em XXXVI, de uma vela comum. Qualquer dêles resolve o problema com grande facilidade. Mas o segundo, precisamente por não carecer de instrumental próprio, deve ser o preferido pelos amadores da especialidade.

A lixa, neste caso, acha-se colada num rectângulo de cartão e êste, com dois alfinetes de segurança, fixo no fôrro da casaca. Ao retirar a vela do bôlso, risca-se

o fósforo no aparelho e, logo que a chama deixe de crepitar, apresenta-se aos olhos dos assistentes e coloca-se na serpentina. É claro que não deve esquecer-se que velas em tais condições, sob pena de comprometerem a ilusão, só devem arder uns minutos. Sucede, porém, que o fósforo comunica, por vezes, o fogo ao pavio da vela e esta continua a arder, sem que haja interrupção. Sendo assim, escusamos de nos preocupar, porque a ilusão do consumo é tam evidente como real.

XLII

Acender velas com os dedos

Nas páginas anteriores aprendemos já vários processos de acender velas misteriosamente — até com a própria bôca !

Vejamos agora como poderemos obter o mesmo «efeito» com os extremos dos dedos ou com a ponta da varinha :

No primeiro caso, deixamos arder a vela o tempo suficiente para ela criar em tórno do pavio uma cavidade cônica bastante larga para conter uma pitadinha de «piróforo» (1). Sobre êle põe-se um pedacito de sódio — já muito nosso conhecido. Um dedo, molhado em saliva ou água, inflamará o metal, que comunicará o fogo ao «piróforo» e êste ao pavio, acendendo-se instantaneamente a vela.

(1) A composição do «piróforo», muito simples, acha-se a pag. 190 de «Magia Teatral» — Livraria Progredior, Editora.

Com o extremo da varinha, o problema é muito mais fácil, pois bastará uma gota de ácido sulfúrico em cima do «piróforo» — o sódio metal dispensa-se — para a vela se inflamar. A varinha poderá conter um tubosinho de vidro cheio de ácido, que a pressão atmosférica mantém no seu interior. Aproximando-a da vela e batendo-se-lhe ligeiramente com um dedo, uma gota sairá do tubo e pôr-se-á em contacto com o «piróforo». Logo que o contacto se der, a vela, como por encanto, acender-se-á rapidamente.

Há umas varinhas especiais, fáceis de construir, mas de concepção originalíssima (1), que inflamam o «piróforo» por simples contacto com êle — sem o emprego do ácido sulfúrico. Essas varinhas, que estão sempre prontas a funcionar, tanto podem acender uma, como centenas de velas e até arrancar grandes línguas de fogo de todos os pontos da sala onde se tenha colocado uma pequena porção do nosso curioso «piróforo» (2).

É evidente que se não dispusermos dêste moderno instrumento, podemos obter «efeitos» semelhantes com uma varinha a ácido. Bastará, como facilmente se deduz, pôr montículos de «piróforo» em todos os pontos da sala de onde devam sair chamas.

Uma vareta de ferro incandescente ou um cigarro em ignição inflamam igualmente o «piróforo» e põem a vela a arder.

(1) Invenção apresentada recentemente ao I. I. R. S. e distribuída aos seus sócios em 1940 (Cm-51).

(2) «O ilusionista», 1.º vol. pág. 201: «Mistério ígneo».

XLIII

Transporte misterioso da chama
de uma vela

O transporte da chama de uma vela para outra é uma ilusão curiosa, porque pretende fazer nascer na consciência do observador uma concepção rara. Segundo o princípio alucinatório que se pretende materializar no cérebro dos assistentes, a labareda pode sobreviver à própria «source» que a alimenta !

Assim, se tomarmos entre as mãos a chama de uma vela, esta ficará apagada, mas nós poderemos reacendê-la ou acender uma outra, contanto que flagelemos o respectivo pavio com ela !

Teòricamente, como «efeito», os factos observados corroboram a hipótese; práticamente, analisando a «causa», o aparente fenómeno apresenta-se ao estudante com uma singelesa que espanta.

Ora vejamos :

Adaptando a um anel um pequeno tubo, munido de uma torcida embebida em álcool, poderemos, sem grandes dificuldades, obter o «fenómeno» descrito. Bastará enfiá-lo no anelar da mão esquerda — tubinho para o interior — e aproximar ambas as mãos, em concha, da vela cuja chama se deseja arrebatat. Enquanto ela comunica o seu fogo ao anel, a mão direita — colocada do lado opôsto à platéia — asfixia a labareda e deixa a vela sem luz. As mãos, sempre em concha, transportam depois a chama para outra vela. Logo que ela se acende, os dedos da mão direita apagam o anel. Como

as mãos continuam livres, a ilusão é perfeita — mesmo a curta distância.

Há muitos outros sistemas para se obter a mesma ilusão do transporte. Entre eles, pode citar-se o do oval metálico, pintado com cor de carne e munido de um tubozinho exactamente igual ao do anel. Empregado na palma da mão esquerda, serve, como o anel, para transportar a chama e tem a vantagem de nos podermos livrar

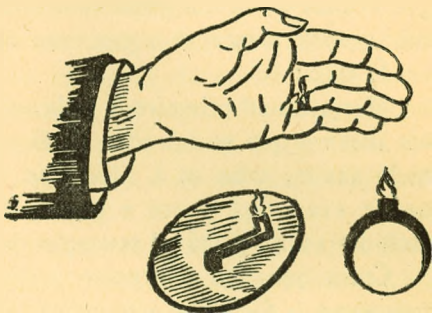


Fig. 21 — Aparelhos «invisíveis» para transportar a chama

dêle, por queda na «servante», logo após a extinção. Um simples fósforo de cera, entre os dedos, pode também substituir o anel. Contudo, o auxílio dêste último parece-me indispensável a uma boa ilusão, salvo se o executante fôr artista consumado, porque, se o fôr, qualquer processo lhe serve.

*

* *

Uma outra ilusão admirável consiste em aproximar o dedo índice de uma vela acesa e, como se fôra um fósforo, inflamá-lo descansadamente e levar o archote humano a inflamar outra vela.

O «tour», verdadeiramente impressionante, apresenta-se nos de realização tam singela, que qualquer pessoa, seja qual fôr a sua inexperiência no assunto, o poderá

executar. Bastar-lhe-á humedecer o extremo do dedo em álcool puro e aproximá-lo da chama para ele se inflamar. Acendendo logo a vela e fazendo cessar o fogo, o calor não chega a molestar a pele.

Os timoratos podem, apesar da ausência total do perigo, utilizar-se de um pequeno artifício — já indicado por mim quando descrevi o processo de ingerir labaredas.

É este :

Mergulha-se primeiro o indicador em água e só depois disso é que se introduz no álcool. A chama, procedendo assim, arde só à superfície do primeiro líquido, que se evaporará pouco e pouco, dando até ao experimentador uma agradável sensação de frescura.

Creio que não é preciso acrescentar que tanto a água como o álcool se acham, ignorados dos espectadores, em pequeninos recipientes que o público não pode notar. O mergulho dos dedos deve, portanto, ser feito disfarçadamente, pois a descoberta do «truc» aniquilaria todo o encanto da interessantíssima ilusão.

XLIV

Acender cem velas com um tiro de pistola

Acender cem velas com um tiro de pistola, custa tanto e é tam difícil de realizar, por este sistema, como acender uma única ou dezenas de milhões.

As mesas onde se colocam as serpentinas possuem minúsculas tomadas de energia eléctrica, ligadas a duplo fio que, descendo por uma das pernas, vai terminar numa pequenina ficha. Esta, adaptada no lugar próprio

do solo, fará com que a corrente percorra, quando se quiser, a superfície do fio duplo e ponha em actividade as tomadas a que me refiro. Por outro lado, no fundo de cada serpentina, existe uma ficha pequeníssima, que se adapta à tomada respectiva logo que as velas metálicas são postas em cima da mesa.

Como já disse, cada serpentina possui dez velas, que são outros tantos cilindros de metal convenientemente pintados ou forrados de papel. No cimo de cada tubo, existe um pequeno reservatório de gasolina, em forma de gargalo de vela, e de onde sai um pavio de algodão embebido na essência.

Dos lados, a distância conveniente — uns milímetros apenas — adaptam-se os polos necessários às chispas de extracorrente (1). Logo que o servo entre bastidores, vê o artista apontar a pistola, coloca os dedos no interruptor e espera que a detonação fira os ouvidos dos assistentes. Precisamente nesse instante carrega duas vezes no botão e acende instantâneamente as velas. O efeito, como se compreende, é verdadeiramente deslumbrante.

Podemos também realizar a experiência com velas comuns, quer furando-as interiormente, para introduzirmos os fios, quer utilizando certas velas que já são fabricadas com vários tubos triangulares. Neste caso,

(1) A extracorrente obtém-se pelo fenómeno de indução, produzido numa bobine constituída por um núcleo de ferro macio a dois enrolamentos, primário e secundário. No primário passa a corrente da pilha que é a corrente indutora ; no segundo produz-se a corrente induzida. Cortando bruscamente o circuito, obtém-se uma corrente instantânea, de grande intensidade, que origina a conhecida faísca denominada de extracorrente.

teremos de usar «piróforo» (1), que se inflama com a chispa eléctrica e comunica instantâneamente o fogo aos respectivos pavios.

O primeiro sistema, por servir indefinidamente, é muitíssimo mais aconselhável. Só carece de muitos cuidados, entre os quais há um que nunca se deve esquecer. Como se trata de velas metálicas, o desgaste natural não pode ser visto pelos assistentes. Por esse facto, impõe-se um expediente que a ninguém surpreenderá: retiram-se as serpentinas da cena — luz simbólica — enquanto o maquinista do teatro ilumina todo o palco.

XLV

Flores entre chamas

Os vasos, que são opacos, occultam um sistema de alavancas muito simples. A força propulsora pode ser a gravidade, se usarmos um peso, ou a elasticidade, se empregarmos uma mola de aço. As flores aparecem ao cimo dos vasos logo que o sistema se põe em movimento. Para isso, é forçoso que se queime o fio que o mantém em repouso.

Vejamos como as coisas se passam :

Num prato metálico, por onde passa o fio tensor, existem uns gramas de «piróforo». Uma gota de ácido sulfúrico ou o simples contacto da varinha apropriada, faz com que grandes labaredas saiam dos vasos, ao mesmo tempo que os fios são destruídos pelo fogo e as flores naturais fazem a sua aparição.

(1) Página 190 de «Magia Teatral»

Desprendê-las das pinças e entregá-las às senhoras respeitáveis de que falo no primeiro acto da sessão, não me parece difícil, embora demande de certo critério para se não confundir a beleza com a respeitabilidade...

XLVI

Detonações digitais

O processo de fazer detonar os dedos devo-o ao meu querido amigo Maurice Chevalier, pois foi através da sua pena brilhante que êle chegou ao meu conhecimento. Experimentei-o demoradamente e, após um grande número de execuções, levadas a cabo sempre com o maior êxito, confesso que fiquei maravilhado.

Trata-se, porém, de uma experiência delicada, cuja execução impõe uma série especialíssima de cuidados. Para que os eruditos compreendam o perigo e os leigos em ciências físico-químicas creiam na minha afirmação, bastará dizer que o fenómeno detonante se deve à produção de atrito entre o fósforo e o clorato de potássio em pó.

Eis como o grande artista francês aconselha a executar a magnífica ilusão :

«Num papel de côr semelhante ao tampo da mesa, coloca-se uma pequena porção de fósforo ; numa outra mesa distante da primeira — as substâncias nunca se devem juntar — põe-se, com idênticas precauções, uma porção mínima de clorato de potassa em pó. Apoiando o polegar direito sôbre o primeiro papel e o médio da mesma mão em cima do pó do segundo, êles ficarão impregnados, por aderência, de ligeiras porções dos respectivos produtos. Fazendo agora estalar os dedos, como

se costuma fazer em certas danças regionais, ouvir-se-á uma detonação fortíssima, sem que, procedendo rigorosamente como indico, possa registar-se qualquer perigo ou sentir-se nos dedos a mais pequena sensação».

Como se vê, o que convém evitar é a mistura das duas substâncias, porque, ao mais ligeiro atrito, elas explodiriam com tóda a certeza e, se as quantidades em contacto fossem grandes, causariam efeitos de consequências seríssimas.

É, pois, de aconselhar a execução da experiência apenas com dois ou três gramas de cada produto. O clorato, sem receio algum, pode ter-se num frasco de vidro de boca larga; o fósforo, muito mais perigoso, requere os maiores cuidados. Eu, para evitar surpresas, mantenho-o sempre dentro de um frasco cheio de água e quando o corto à tesoura, faço-o sempre num recipiente de vastas dimensões, previamente cheio do mesmo líquido. Operando debaixo de água, o perigo do metalóide fica reduzido a zero.

Sei muito bem que o fósforo em pó não pode ter-se debaixo de água, mas é aconselhável armazená-lo em pequeníssimas proporções e em frasco bem tapado, de rolha convenientemente esmerilhada, para diminuir ao mínimo o seu contacto com o ar. É preciso não esquecer que o fósforo seco, em contacto directo com o ar, está sujeito ao curiosíssimo fenómeno da inflamação espontânea. O facto, em pequeninas proporções e em frasco apropriado, mesmo que se realize, nenhum desgosto poderá ocasionar.

XLVII

O candieiro humano

O «candieiro humano», a julgar pelas descrições pomposas de muitos catálogos de ilusionismo, deve ser dos «tours» mais antigos dos «domadores do fogo» de outrora.

Eis o seu sistema, que é exactamente igual ao que ainda hoje se vende nas várias casas da especialidade :

Um candieiro é convenientemente cheio de petróleo e pôsto a arder, pelos processos vulgares, durante o espaço de tempo necessário para que a respectiva mecha se impregne totalmente do líquido. Após isso, apaga-se e circunda-se a parte inferior da torcida, logo a seguir ao bocal, com um anel de algodão hidrófilo ou uma esponjinha apropriada. Abaixo do anel uns milímetros apenas, aperta-se a mecha com um fio, de modo que nada mais seja possível passar por aquêle ponto.

Depois de tudo concluído, esvasia-se o candieiro, lava-se muito lavado e enche-se, a seguir, com água comum, colorida prèviamente com a tonalidade do petróleo. Momentos antes da execução do «tour», o bocal é pôsto de novo no candieiro, lança-se fogo à torcida e coloca-se a chaminé de vidro no respectivo lugar.

O ilusionista, quando o ajudante lhe entrega o candieiro, tira-lhe a chaminé, apaga-o e desparafusa-lhe o bocal. A seguir, bebe um pouco do «petróleo» contido no candieiro, se não preferir bebê-lo todo, coloca o bocal entre os lábios, lança vagarosamente fogo à mecha e... mais vagarosamente ainda adapta ao conjunto a necessária chaminé de vidro.

E assim, como se fôra na realidade um «homem candieiro», com o esôfago a chupar petróleo do estômago, o prodigiador mantém-se uns minutos—a percorrer as primeiras filas da sala.

Evidentemente que o perigo é nulo visto que na bôca e no estômago do artista só água será possível encontrar !

Há um sistema moderníssimo que eu gostaria de inserir aqui. Mas a invenção, que me não pertence, foi já publicada em português (1) e eu, por êsse motivo, não posso, porque me parece desnecessário, repeti-la nestas páginas.

XLVIII

O bico de gás humano

Esta ilusão, o «bico de gás humano», é ainda mais

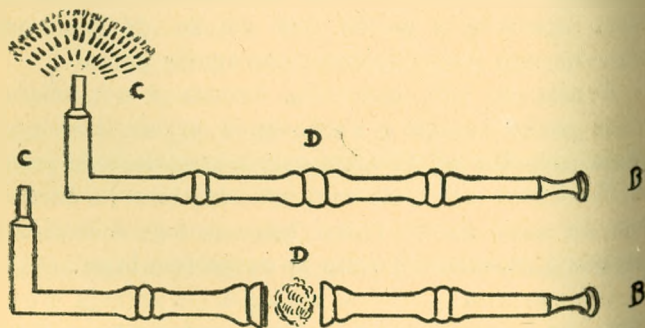


Fig. 22 — Tubo cromado para o bico de gás humano

inocente do que a inofensiva experiência que acabo de descrever.

(1) «O ilusionista», 2.º vol., pág. 61-73.

O ilusionista, antes da sessão começar, desparafusa o aparelho em D (fig. 22), embebe em gasolina a esponjinha que se acha no depósito e que os assistentes confundem com um adorno do instrumento, volta a parafusá-lo e deixa-o, pronto a funcionar, sobre uma mesa qualquer.

Quando chegar o momento (vigésimo segundo «tour» do primeiro acto), o ilusionista aplica os lábios ao bocal B e sopra, enquanto o ajudante aproxima um fósforo ou uma vela de C. A chama, alimentada pelo gás da essência, romperá logo vivíssima e manter-se-á com a mesma intensidade luminosa, apesar da inevitável mistura com o ar exalado dos pulmões.

Como se vê, a experiência não pode ser mais fácil nem menos isenta de perigos.

XLIX

Beber cem copos de vinho

Beber cem copos de vinho, um após outro, isto é, de uma só vez, não parece coisa realizável nem mesmo para... um borrachão profissional. E, contudo, se empregarmos o meu sistema, adoptado hoje por todos os ilusionistas que fazem hidro-magia, ser-nos á tam fácil beber cem ou duzentos copos de líquido, como dois ou três decilitros do melhor espumante de Champagne.

O facto, por aparentemente impossível, deu origem a uma anedocta que se conta em duas linhas :

Quando comuniquei o meu processo ao I. I. R. S., ele foi primeiro enunciado, como é costume, aos seus numerosos membros. O dr. Francech Guzman, sentindo

que não podia esperar pela publicação do «modus operandi», que só seria impresso quinze dias depois do enunciado, pediu-me que lhe confiasse antecipadamente o «segrêdo», visto que já perdera três noites e não conseguira resolver o problema nem conciliar o sono!

Neguei-me, porque me era impossível proceder de forma diversa. No I. I. R. S. não há distinções dêste género e muito menos favoritismos que possam prejudicar terceiros. As comunicações são sempre rigorosamente iguais, seja qual fôr a categoria do sócio a que se destinem ou a língua em que se achem redigidas. Não podia, portanto, aceder aos desejos do ilustre médico, embora êle fôsse, como é ainda, um dos meus mais queridos amigos.

Ao ouvir a minha recusa formal, Guzman ficou furioso e... jurou vingar-se!

Inquiri do género de vingança e êle respondeu-me que podia beber cinco almudes de vinho em três horas, mas que, para me fazer rebentar os miolos à procura da solução, também não me comunicava o seu... «maravilhoso segrêdo».

O caso era diferente, pois o dr. Francech Guzman não tinha comunicado coisa alguma ao I. I. R. S. e o tal segrêdo, se existisse, pertencia-lhe inteiramente. Como, porém, êle queria ocultá-lo, eu limitei-me a guardar silêncio.

Irritou-se pelo meu desinterêsse e eu, para lhe ser agradável, solicitei-lhe a explicação do fenómeno. Êle, com uma ironia que me deixou gelado, perguntou-me!

— Quantos litros calculas tu que tenha um almude?

— Talvez vinte e cinco, — respondi.

— Então cinco almudes devem conter cento e vinte e cinco litros, não?

— Sim, pouco mais...

— E quantos copos de quarto de litro imaginas que darão êsses cento e vinte e cinco litros ?

— Creio que deve andar por uns quinhentos.

— Está bem. E que tempo supões tu que me leva a beber um copo ?

— Sei lá... Talvez vinte segundos.

— Leva menos... Mas, admitindo que tens razão, que tempo calculas que gastarei para beber os quinhentos copos ?

— Duas horas e quarenta e tal minutos.

— Isso mesmo. Não chega, como tu próprio afirmas, às três horas que te enunciei.

— Seja assim. Mas como consegues tu meter tanto vinho no estômago ?

— Ora adeus ! Isso é facilimo... Mando-te pegar no relógio e, quando eu estiver a comer, contas os segundos que me leva a beber um copo. Nas refeições dos dias seguintes, procedes de igual modo e no fim, somando os tempos que registaste, verás que gastei pouco mais de duas horas a dar cabo dos cinco almudes !

Confesso que fiquei desconcertado ! Pelo mesmo sistema, êle poderia ter-me garantido que bebia uma pipa de vinho em três dias, porque três dias encerram setenta e duas horas e setenta e duas horas equivalem a doze mil novecentos e sessenta vezes vinte segundos !

O maroto vingara-se e vingara-se bem. E eu que o estive a ouvir com a minha melhor atenção !

Mas vamos ao meu sistema, que é verdadeiro illusionismo e não subtiliza de expressão :

Os copos, de fabrico especial, têm as paredes duplas. Essas paredes, no cimo, acham-se afastadas uma da outra cinco milímetros apenas e a interior é um cen-

tímetro mais baixa que a exterior. No fundo do copo existe um orifício de poucos milímetros de diâmetro e as bandejas comunicam, por meio de um tubo de cautchá, com um reservatório qualquer, que se oculta debaixo da mesa ou se acha sob o palco.

Quando se enchem os copos, o líquido, subindo até

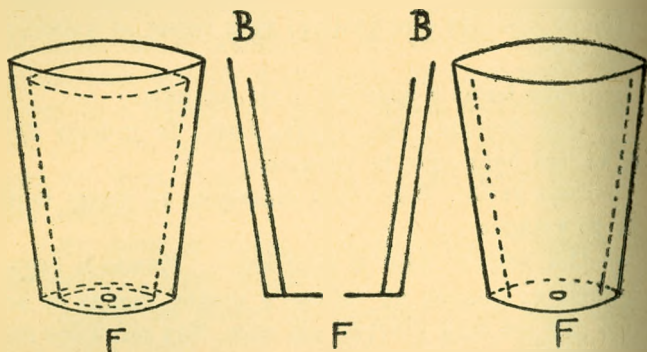


Fig. 23—Esquema elucidativo para a fabricação dos copos

à altura da parede interior, introduz-se em B (fig. 23) e enche totalmente a cavidade circular, enquanto o copo se esvasia pelo orifício F. Como, porém, a coroa continua repleta, a ilusão de que o copo está cheio não pode oferecer quaisquer dúvidas. E assim, duzentos copos de água colorida — pois é evidente que não íamos empregar vinho — não chegam, todos somados, a perfazer meio litro!

L

Estômago-caixa forte

Rogensky tinha, como Jonax, um estômago excepcional. Mas não se imagine que nasceram assim. Foi a necessidade que os levou a descobrir processo de contraírem a víscera até ao ponto de produzirem conscientemente o vômito. Primeiro, como é natural, procederam por titilações vulgares, ao alcance de toda a gente; depois, com o hábito da função mil vezes repetida, acabaram por dominar as paredes do estômago. Em princípio e após a ingestão de pequenas quantidades de água, bebiam porções mínimas de autêntico petróleo, que mais tarde chamavam à boca para produzirem as labaredas gigantes com que assombravam multidões (1).

Mais tarde, como o estômago se ia dilatando de ano para ano, as porções aumentavam até ao inconcebível e permitia-lhes a realização de verdadeiros prodígios. Rogensky, por exemplo, chegava a ingerir cinquenta decilitros de água e meio litro de petróleo. Como este é menos denso do que aquela, ficava mais perto do esófago, e era, precisamente por isso, o líquido que primeiro lhe acudia à boca. Ele pulverisava-o então sobre uma chama provocada para esse fim e a labareda, gigante, formidável, extraordinariamente cénica, projectava-se no espaço. Mas a ingestão do petróleo forçava-o a lavar o estômago diariamente, o que prejudicava a função das mucosas e

(1) Explico mais adiante, referindo-me ao «vulcão humano», como se pode, sem perigo algum para a saúde, provocar-se ilusão idêntica.

destruía uma grande parte dos sucos gástricos indispensáveis, como se sabe, aos trabalhos da digestão.

Especialmente quando se tem vinte anos, talvez porque as úlceras e os cancros raras vezes ligam importância aos jovens, nada há que nos aflija e os nossos órgãos, robustos e sãos, admitem tôda a casta de patifarias que lhes queiramos fazer. Quando, porém, se ultrapassam os trinta e os quarenta se avisinham, os protestos começam então a manifestar-se ruídosamente e, poucos anos volvidos, as ameaças de todo o aparelho digestivo tornam-se insuportáveis.

Foi o que succedeu com ambos os artistas, primeiro com o francês e pouco tempo depois com o russo, Jonax não pôde sobreviver a uma intervenção cirúrgica e Rogensky, mais atingido, nem tempo teve de a tentar. A morte, tanto de um como de outro, pode considerar-se horrorosa, porque foi dolorosíssima.

Não aconselho, portanto, os processos que distinguiram aquêles curiosos espécimes do maldito «struggle for life». De resto, como já vimos, o ilusionismo permite-nos aparentar que bebemos uma enormidade de vinho e, como veremos, que somos capazes de ingerir, copo a copo, quantidades inacreditáveis de petróleo. A estúpida realidade não nos interessa, precisamente porque é estúpida e ameaça destruir-nos a saúde e aniquilar-nos a vida.

*

*

*

Rogensky, depois de embrulhar as notas emprestadas em pedacitos de cautchú, ingeria-as de facto, embora igualmente usasse do «truc» para obter a substituição. Como tinha o estômago anormalizado, chamava os

embrulhos à bôca e, pelo volume, fazia a escolha conveniente, metendo esôfago abaixo as notas que iliminava. Para que os médicos supuzessem que as paredes do seu estômago possuíam a noção do tacto, êle punha os olhos em alvo e aparentava concentrar-se. É teatro que nós dispensamos, porque não somos anormais nem queremos levar os cientistas à tôla concepção do êrro. Só desejamos ilusioná-los e êles, quási sempre de boa vontade, acedem aos nossos desejos. Depois, maravilhados, ainda, referindo-se-nos, adoptam expressões gentis como estas, que tenho ouvidos a clínicos eminentes, como os doutores Álvaro Rosas, António Braga e José Aroso :

«Mas como diabo é que êle faz aquilo?! É inegável que se trata de um trabalho bem feito!».

E é para merecer a honrosa classificação de óptimo ilusionista, de verdadeiro subjugador dos sentidos, que o artista «bebe» cem ou duzentos copos de vinho e finge igualmente ingerir cem ou duzentos copos de petróleo. Se em vez de fingir, bebesse realmente a inconcebível porção de líquido, o executante seria um anormal; o que nunca poderia ser era um ilusionista, visto que não tinha o mérito de provocar nas platéias a alucinação colectiva. Para que êsse mérito seja real, é necessário que façamos com as notas o mesmo que fizemos com o vinho e faremos com o petróleo — que, numa palavra, ilusionemos o nosso público.

Eis o que eu vou explicar:

Compram-se numa farmácia dois ou três preservativos e cortam-se com uma tesoura, de forma a obter-se rectângulos de cautchú suficientemente grandes para circundarem as notas dobradas em oito partes. Dobramos então uma nota de cinquenta escudos e outra de vinte e envolvemo-las em cautchú, amarrando cada embrulho

com um pedacito de linha branca, prèviamente fervida.

Antes da sessão começar ou pelo menos antes de iniciarmos o «tour», colocamos os dois embrulhos na bôca, um do lado direito e o outro do esquerdo. A colocação deve ser feita no maxilar inferior entre os dentes e a face.

Se iluminarmos a bôca com uma lâmpada eléctrica, como fazia Rogensky, os embrulhos serão invisíveis, porque tanto as gíngivas como os dentes são... absolutamente opacos.

O «truc», simplícissimo, reduz-se, pois, a substituir os embrulhos e a orientar a ilusão como já expliquei, ao descrever o enunciado, nas páginas anteriores.

LI

O repuxo humano

O «repuxo humano», como vimos no início desta terceira parte, é uma ilusão interessantíssima, que tende a fixar definitivamente no cérebro dos espectadores a idéia de que ingerimos, na realidade, os duzentos copos de vinho, de que falo, indicando o meu sistema, nas páginas anteriores.

Claro que a ingestão só é feita na aparência, porque o nosso estômago é demasiado precioso para o submetermos a dilatações semelhantes. Por consequência, teremos de provocar a ilusão de deitar muitos litros de vinho pela bôca, mas só a ilusão, visto que não bebemos nem pinga...

Ora essa ilusão, para não ser repugnante, deve

apresentar-se aos espectadores sob um aspecto atraente. O melhor será collocarmos entre os lábios um tubo de metal cromado, cujo extremo, oposto ao que se acha na boca, possua uma cestinha de arame e o respectivo repuxo no fundo. Uma bola de celulóide poderá, assim, bailar sobre o jacto líquido, o que emprestará certa beleza ao «tour», sem lhe prejudicar a ilusão.

Adoptando este sistema, procederemos do seguinte modo :

Aplicamos o tubo aos lábios e fingimos vomitar o vinho previamente ingerido, o que dará ao acto o aspecto interessantíssimo, até espectacular e verdadeiramente cénico, focado na figura 24.

Na realidade, porém, não sai uma gota de líquido da boca do executante, embora êle, para produzir a necessária ilusão, inche convenientemente as faces e dê ao

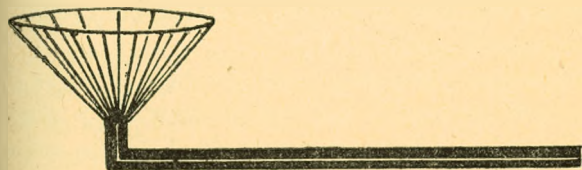


Fig. 24—Aparelho do repuxo humano

rosto a expressão de quem emprega certo esforço no... domínio do estômago.

Eis a série de artifícios de que temos de utilizar-nos para conseguir facilmente o «efeito» deslumbrante que descrevo :

Um depósito de água colorida com um corante vegetal inofensivo, preferivelmente vínico (técnica do «Magic-Bar», por exemplo), é colocado, fora dos olhares

do público, a uns cinco metros de altura. Do fundo do depósito parte um longo tubo de cautchú, cujo extremo oposto, munido em lugar conveniente de uma torneira própria, deve adaptar-se, por debaixo do palco, a uma válvula de segurança semelhante a uma rolha cônica de borracha.

No tacão do sapato direito existe um buraco apropriado, onde termina um outro tubo de cautchú que percorre, por dentro do vestuário, toda a perna direita, sobe até ao ombro direito e sai depois pela manga do casaco do mesmo lado. Nesse extremo possui o tubo uma outra rolha minúscula adaptável a um orifício existente no aparelho, de que mais adiante falarei.

Esta instalação, própria para artistas profissionais, fica um pouco dispendiosa e tem o inconveniente de só poder ser montada em salas que disponham de palco. Já realizei a ilusão sem sapatos especiais e numa sala vulgar, a uns três metros de distância das primeiras filas de espectadores.

O sistema que adoptei e que hoje todos os ilusionistas preferem pela sua simplicidade, é o seguinte:

No chão, a uns três metros de distância dos assistentes, coloco uma bacia de grande diâmetro construída em zinco ou cautchú. Por detrás da bacia existe uma mesa, onde se colocam os objectos necessários à exhibição. Esta mesa, que se acha perto do fundo, embora distante da parede, está coberta por um lindo pano alegórico, bordado, que chega até ao solo. Ora é precisamente debaixo desta mesa que, vindo do fundo, se acha o extremo do tubo. Um pouco acima do bordo da calça, ligado à perna direita, encontra-se o adaptador «femea» do tubo de cautchú oculto pelas vestes do artista. No momento próprio, este coloca-se atrás da bacia.

o que faz com que os pés não se vejam, e pega de cima da mesa no instrumento cromado, adapta-o aos lábios com a mão direita e, com a esquerda, coloca dentro da cestinha a bola de celulóide.

Enquanto êle procede a êste serviço preliminar do espectáculo, um ajudante, vindo do fundo, mete-se debaixo da mesa e fixa, oculto pela bacia, os extremos de cautchú. Logo que ouve o sinal combinado, o servo abre a torneira e a água colorida eleva no espaço a bola policroma de celulóide. A bacia, como se compreende, tem, para os espectadores, a função de recolher o líquido; para nós, ela não só presta êsse grande serviço, como ainda nos oculta o pé direito no momento da ligação tubular.

O aparelho cromado não comunica interiormente com a bôca do artista. Nesse extremo, o tubo acha-se obturado a uns centímetro dos bordos. A comunicação com o repuxo é feita por meio de um buraco lateral do tubo metálico, onde agarra a mão direita e na palma da qual existe a válvula de cautchú que prèviamente se fêz descer da manga da casaca.

O conjunto funciona admiravelmente e não fica a dever coisa alguma ao sistema profissional.

Num e noutro, não é de temer a fuga do líquido, porque êste, a pouca pressão, limita-se a percorrer o trajecto que lhe oferece resistência menor e jámais, em semelhantes condições, êle força as válvulas de junção, mesmo que elas não funcionem com a justeza precisa.

No fim, após o respectivo sinal do artista, o ajudante desanda a torneira, desliga o tubo da perna e sai de debaixo da mesa. Entretanto, o executante mete a mão esquerda dentro da cesta e retira a bola, que coloca descansadamente no respectivo lugar. Depois, com igual

naturalidade, separa os extremos tubulares e coloca o aparelho sobre a mesa, de modo que a abertura lateral fique do lado oposto à platéia.

LII

Beber com copos de petróleo

Antes de se iniciar o estudo desta ilusão, é absolutamente indispensável proceder-se, primeiro, à leitura da que já descrevi (XLIX) sob o título «Beber com copos de vinho».

E depois, lembrado o mecanismo dos copos, ser-nos-á fácil compreender o que se afirma a seguir:

Todos sabem que é difícilimo, para não dizer impossível, salvo recorrendo a processos especiais, fazer com que qualquer vasilha, uma vez cheia de petróleo, perca êsse cheiro característico, mesmo que procedamos às mais severas lavagens.

Pois bem. Os copos que utilizamos na experiência XLIX ou outros de fabricação idêntica, devem ser banhados em petróleo e, após isso, cuidadosamente lavados. O cheiro, como já disse, manter-se-á no vidro quasi com a intensidade primitiva. Se, portanto, enchermos os copos com água tingida com de... petróleo tingido, o público terá a ilusão de que nos servimos desse líquido, quer pondo em prática o sentido do olfato quer confiando apenas no da visão. Por consequência, os cem ou duzentos copos de petróleo não passarão, para o executante, de meio litro de água pura, embora criteriosamente colorida. Beber este «petróleo», nas circunstâncias apontadas (XLIX), é, pois, coisa facilísima e não carece de mais

explicações. Outro tanto, porém, não sucederia se se tratasse do autêntico fluido, porque, sendo assim, nem Rogensky nem Jonax nem pessoa alguma no mundo seria capaz de ingeri-lo em semelhantes quantidades. Se o fizesse, morreria minutos depois da estúpida ingestão. O perigo, realmente mortal, faz-me lembrar a subtilidade de um pobre famélico, descrita oportunamente por mim no «Diário de Coimbra». O nosso homem, que garantia ingerir, sem risco, certa porção de ácido sulfúrico, chegou a fazer-me pascar!

Eis em poucas linhas, embora com os necessários detalhes, a curiosíssima história:

Num café da Baixa, horas depois do almoço, dois cavalheiros elegantemente vestidos, discutem as invulgaridades do estômago de Rogensky — o conhecido artista russo que há tempos se exhibiu em Portugal.

Um outro frequentador, tipo de operário desempregado, pede licença e mete-se delicadamente na conversa para, segundo afirma, explicar o... fenómeno.

Os seus pequenos olhos encovados, semi-ocultos pelos málares exageradamente salientes, até aí baços, quasi mortos, têm um relâmpago de vida. Na cabeça daquele homem, prematuramente encanecida, parece ter passado um sublime raio de esperança.

O desgraçado, estendendo a sua mão esquelética sobre a mesa de cristal, começa assim o seu improvisado discurso:

— Infelizmente, só tenho vinte e cinco tostões... mas apostaria uma fortuna, se a tivesse, em como, depois de uma boa refeição, o estômago humano pode tolerar, não só qualquer dose de petróleo, mas até um decilitro de bom ácido sulfúrico!...

— Sou médico — disse um dos elegantes solene-

mente — e posso garantir-lhe que se tentar semelhante experiência, morrerá minutos depois, a seguir a um sofrimento atrás !

— E eu afirmo-lhe que se engana, porque, devido às minhas condições fisiológicas, posso realizar o que o célebre prodigiador moscovita nunca pôde pôr em prática.

— Será possível ! Se tal fizer...

O médico ficou pensativo. Depois, como quem tomou uma resolução inesperada, acrescentou :

— Venha connosco !

— Mas eu estou em jejum e, em tal estado, a minha vida corre perigo...

— Comerá... Venha !

.

Meia hora depois, o infeliz transpirava, vergado a uma refeição abundante. A sua tez, que apresentava a côr amarela dos ossos, está agora exageradamente rosada. O seu aspecto geral modificou-se também. Já não mostra aquela indiferença doentia, que fazia do desgraçado um vencido da fatalidade. Os seus olhos, agora iluminados de ventura, emprestavam ao rosto, há momentos morto e sem expressão, uma aura de felicidade, que já não se lembrava de viver.

O médico, vendo que o homenzinho atacava a sobremesa, ofereceu-lhe um cálice de pôrto e colocou depois sôbre a toalha um copo de vidro, com o tremendo líquido fumegante.

O nosso herói nem sequer estremeceu ! Tirou lentamente do bôlso a pequenina moeda de prata e, colocando-a ao lado do copo, disse :

— Aí tem... Perdi ! Comi tanto, tanto, que enchi

o estômago ! Não tenho agora lugar para o ácido sulfúrico !...

O médico compreendeu, e calou-se. A cena, em vez de o revoltar, comovera-o.

LIII

O vulcão humano

Rogensky, Jonax, Tching-Tchung e muitos outros domadores do fogo, cometem, como já disse, a tolice de introduzirem no estômago, logo após a ingestão de água, meio litro de petróleo. Já indiquei os inconvenientes de semelhante procedimento e entendo, como Barnello, que ninguém tem o direito de se matar, nem mesmo lutando pela vida.

Vou, pois, indicar um processo diverso para se atingir o mesmo fim. É evidente que detesto aquêle que, há uns tempos, vem sendo adoptado por certos artistas de circo e que consiste em encher descaradamente a bôca de petróleo e pulverizá-lo a seguir sôbre uma chama alimentada a gasolina. A ilusão, por êste sistema, não chega a ter um sopro de vida, porque o primeiro espectador que vença a repugnância pelo líquido poderá executar o «tour» com idêntica facilidade e obter por igual processo exactamente o mesmo «efeito».

Para que os espectadores suponham que o petróleo vem realmente do estômago, é absolutamente necessário que o líquido seja pôsto na bôca de modo que ninguém seja capaz de notar o facto. Um ajudante lança fogo a um pedaço de algodão que, embebido em gasolina, se acha fixo de uma vareta metálica de uns noventa centímetros de comprido. O artista, depois de mostrar a

bôca vasia, toma com a mão esquerda o suporte da chama que o ajudante lhe entrega e, com a direita, pega num guardanapo, cuja função, como veremos, é a de afastar a labareda do rosto.

Eis como deve proceder-se :

Depois de se contrair o estômago, como quem pretende fazer subir pelo esófago uma certa quantidade de petróleo, incham-se as faces, como se o líquido tivesse chegado à bôca e, num gesto rápido, sopra-se em cima da chama. Como o petróleo, soprado, se pulveriza em milhões de gôtas, a chama aquece-as instantâneamente e dá origem a uma labareda gigante de cêrca de três metros de diâmetro. Como o fogo, seguindo o jacto, pode retrogradar e atingir o rosto, o executante, logo após a pulverização, deve tapar a bôca com o guardanapo e limpar convenientemente os lábios. Ora é precisamente esta necessidade indiscutível, pois não há um único domador do fogo que a não reconheça, visto que todos êles utilizam o guardanapo, que nos vai servir para a natural execução do «truc».

Sôbre a mesa, em lugar próprio, isto é, ocultos aos olhos dos assistentes, existem três pedacitos esféricos de esponja, do diâmetro de uns três centímetros, embebidos em petróleo. O guardanapo acha-se precisamente sôbre êste ninho de esponjas e o artista, ao pegar nêle com a mão direita, pinça ao mesmo tempo uma das esponjzinhas. Ao aproximar o guardanapo dos lábios, logo após ter mostrado a bôca vasia, introduz-lhe o «fake». Na ocasião própria, espreme a esponja com os dentes e fica logo com a bôca cheia de petróleo. Depois da projecção do líquido, aproxima o guardanapo dos lábios e aproveita a ocasião para depositar nêle a esponjinha espremida.

Para repetir a cena, bastará pousar o guardanapo em cima das esponjas restantes, livrarmo-nos da já utilizada e pinçarmos uma outra, completamente impregnada de líquido.

É claro que tanto o «depósito» como o «pinçamento» devem obedecer a gestos naturalíssimos, cuja acção, explicável por um raciocínio singelo e rápido, dê origem a uma curva tam imperceptível da razão, que a inteligência não possa diferenciá-la da mais impecável recta. Para isso, bastará, logo que se conclua o jacto e se tenha feito o «depósito» ao limpar os lábios, examinar o suporte e a chama. Ninguém deve surpreender-se — e não se surpreenderá — de ver pousarmos o guardanapo. O procedimento é tão natural que nem sequer será notado; e o executante poderá, assim, repetir a pulverização três vezes ou mais, o que lançará no espaço igual número de labaredas gigantes que, como afirmo no primeiro acto da sessão maravilhosa que descrevi, se mostram de um «efeito» verdadeiramente fantástico.

E eis, em poucas linhas, no que consiste, na verdade, o moderno «Vulcão humano».

LIV

Os devoradores de pedras e de vidros

Ocupei-me já, quando me referi aos prodígios de Vitry, da fenomenologia invulgar dos devoradores de pedras e de vidros (pág. 73). Não repetirei aqui a explicação científica do facto nem me esforçarei por demonstrar que qualquer dos meus leitores, sem o menor perigo que se imponha, pode realizar igual «maravilha»

com facilidade surpreendente e uma singeleza tam notável, que nenhum dos seus espectadores deixará de se sentir esmagado pelo assombro. Agora, em complemento do que já disse e apenas com a preocupação do escritor que nada quere deixar incompleto, ocupar-me-ei unicamente de certos detalhes, que supponho indispensáveis para a boa compreensão dos textos e para a realização consciente dos pseudo milagres de que se jactam certos fakires e aïssaua, tidos na América e na Europa como autênticos invulneráveis.

Já vimos — página 73 e seguintes — que comer vidros e pedras, lâmpadas de iluminação eléctrica ou pedaços de garrafas, é prodígio simplicíssimo, que todos podem realizar. Comer papel, fósforos ou discos de gramofone é igualmente singelo e do mesmo modo isento de perigo, se se tomarem, como convém, as precauções indispensáveis. Assim, quando desejarmos espantar multidões, ingerindo alguns fósforos de pau, inflamámo-los primeiro, para destruir a massa venenosa, e comemos depois a madeira, triturando-a cuidadosamente com os dentes. O facto, longe de ser compreendido pelos espectadores, torna-se-lhes ainda mais assombroso, porque o executante, para obter aquêlê «efeito», introduz na sua bôca os fósforos em ignição. É claro que os «asfixia», logo que êles ultrapassam os lábios, mas os assistentes ignoram essa manobra e a visão das labaredas fazem com que o cérebro não fixe a destruição da massa fosfórica, visto que à ingestão do metalóide se sobrepõe o fenómeno da chama — realmente mais vistoso, na verdade mais inesperado, de facto mais surpreendente.

Se o artista, no fim de tudo isto, devora também a caixa, o público vê que êle come primeiro a gaveta e

depois o resto, mas «chuchando» as partes onde se acham as pinceladas fosfóricas.

Para concluir, êle mete também na bôca estas últimas — não vá o público notar a selecção e descobrir a razão científica do «fenómeno». Contudo, elas são ocultas, como já aprendemos, entre as gengivas do maxilar inferior e a face. Quando, no fim da «refeição», limpamos civilizadamente os lábios ao guardanapo ou ao lenço (gesto natural) fazemos o necessário «depósito» e libertámo-nos do perigoso «fake» pelos processos habituais, de que já dei aos meus leitores vários exemplos eloqüentes.

A explicação científica destas ingestões singulares, assim como de tôdas as outras que não cito, acha-se nas páginas anteriores. Não deve, portanto, repetir-se neste lugar. Se o leitor me seguiu cuidadosamente, compreenderá tudo quanto afirmo e não carecerá de repetições inúteis para assimilar sem esforço a razão científica dos fenómenos.

LV

Comer carvões ardentes

O carvão vegetal, como ninguém ignora, não pode prejudicar a saúde. Ingeri lo, frio e em pó, é até aconselhável em certas enfermidades do aparelho digestivo, especialmente na absorpção de gases. De resto, a sua eliminação não deve preocupar-nos, porque se realiza, como a do vidro triturado, pelas vias naturais. Só precisamos de o mastigar bem e, para isso, êle deve ceder facilmente à pressão natural dos dentes. É também in-

dispensável que a temperatura da carbonização não seja muito elevada e que, mesmo assim, desça rapidamente logo que a brasa se ponha em contacto com a saliva da boca.

Tôdas estas propriedades existem, como já vimos, na madeira de pinho. Devemos, por consequência, proceder do seguinte modo na realização do «prodígio»:

Na forja que utilizarmos, juntamente com o carvão mineral e portanto oculto por êle, pomos alguns bocados de pinho. O fogo, carbonizando-o, faz com que entre a pedra e a madeira não haja diferença notável, especialmente à simples vista. Bastará, pois, espetar com o garfo o carvão próprio, afastá-lo do núcleo ígneo durante alguns instantes, para êle descer de temperatura, e metê-lo depois na boca, previamente repleta de saliva ou tratada pelo sebo. Como poderia parecer estranho conservar o carvão ao ar livre, nós, para que o público não descubra a verdade e não possa compreender que pretendemos esfriar a brasa, tomamos o carvão no garfo e mostrámo-lo aos assistentes, de um e de outro lado, fazendo-o girar entre os dedos.

O pinho arrefece com tal facilidade, que bastará êste singelíssimo «truc» para o fazer descer muito de temperatura. Triturá-lo e ingeri-lo não é difícil, visto que, como se sabe, o pinho carbonizado mostra-se de uma fragilidade tal que até se pode esmagar entre os dedos.

Apesar de tôdas estas vantagens e das facilidades execucionais que o sistema nos oferece, há quem use, em vez do inocente carvão de pinho, pequeninos novelos de algodão carbonizado, cuja resistência à trituração é ainda menor.

Barnello vai mais longe e emprega nas suas expe-

riências pedaços de carne carbonizados, o que reduz a ilusão a uma brincadeira de crianças. Eu, que não gosto de carne assada até aquêle exagerado limite, dou a pre-



Fig. 25—Mostra-se a brasa de um lado e de outro...

ferência, quando não disponho de boa madeira de pinho, ao pão de trigo carbonizado. Êste confunde-se tanto com o autêntico carvão que até custa a seleccionar ! A sua

ingestão — adivinha-se — é ainda mais inofensiva do que a da carne de Barnello.

LVI

Beber petróleo em chamas

Esta ilusão, das mais espectaculosas dos artistas americanos, executa-se facilmente. Só se necessita, como instrumentos especiais, duas colheres de ferro cromado, uma grande, mesmo muito grande — semelhante a uma caçarola — e uma pequena, de dimensões usuais, um pouco menor do que as que se empregam na sôpa.

A caçarola, de uns dez centímetros de diâmetro por uns seis ou sete de fundo, possui um longo braço de ferro, por onde o artista pega e a coloca no fogo. Interiormente, acha-se ela dividida, a uns cinco centímetros do fundo, por uma rede metálica, de malhas apertadíssimas, como as que se utilizam na célebre lâmpada de Davy. Esta rede, como se compreende, deve ser ignorada pelos espectadores, que supõem a vasilha inteiramente vulgar. A colher, sem «truc», não merece descrição.

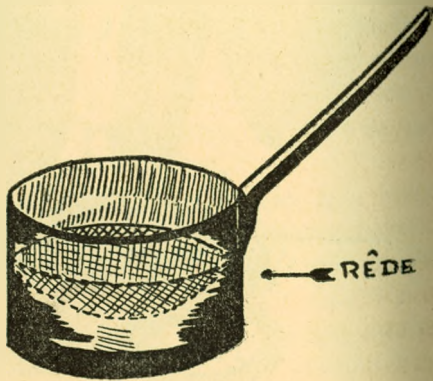


Fig. 26 — Caçarola de metal cromado

O ilusionista enche a caçarola de petróleo até ultrapassar a rede uns dez ou onze milímetros. Nestas circunstâncias, a maior parte do líquido — uns setecentos por cento da totalidade — acha-se na parte inferior da caçarola e a menor, algumas colheres apenas, um centímetro acima da rede.

Pondo esta caçarola sôbre o fogo, o petróleo aquecerá rapidamente e poderá inflamar-se com a maior facilidade. As chamas brotarão então do seu interior e elevar-se-ão no espaço, em forma de línguas de fogo, acompanhadas por espessos rolos de fumo, que emprestarão ao espectáculo um certo ar de maravilha. Mas o petróleo, que a frio não se inflama nem se evapora senão muito lentamente, desaparece com grande velocidade logo que lhe lançam fogo.

O artista, sabendo isto, começa a sua experiência imediatamente a seguir à inflamação do líquido, não só porque teme a sua evaporação, mas ainda porque não lhe convém dar tempo a que a temperatura se eleve. Mergulha, pois, a colher no petróleo e trá-la aparentemente cheia, introduzindo-a a seguir nos lábios e «engolindo» o líquido em chamas. Na realidade, o pouco petróleo que êle traz na colher consome-se por si próprio, devorado pelo fogo e transformando-se em gás. O ilusionista limita-se, portanto, a introduzir a colher quasi vazia na bôca e a «asfixiar» a chama, pela clássica expiração lenta que expus nos capítulos anteriores.

Repetindo a operação várias vezes, o petróleo que se acha na parte superior esgota-se e a chama da caçarola, como não pode ultrapassar a rede (princípio da lâmpada de Davy), acaba por extinguir-se, ficando a vasilha quasi cheia. O público, ignorando o facto, supõe que o «devorador de fogo» bebeu mais de meio litro de

petróleo e, para lhe testemunhar a sua admiração, aplaude-o com entusiasmo, enquanto um dos seus ajudantes se apodera da caçarola e a retira do palco.

Antes de concluir, quero recomendar certos cuidados com a colher, visto que ela, em certos casos, chega a ultrapassar setenta graus. Se se quiser estar com o trabalho de preparar a bôca, o facto não tem importância alguma; se, porém, quisermos executar o «tour» sem recorrermos a qualquer dos sistemas já descritos, teremos então de proceder com rapidez, para que a colher não aqueça demasiado, ou empregar uma colher confeccionada em substância má condutora do calor.

LVII

Morder ferro em brasa

Quem possuir, como Barnello, uns dentes em magnífico estado, pode realizar com êles, como êle realiza, autênticos prodígios de ilusionismo ígneo.

Eis uma das maravilhosas experiências do «rei do fogo», que os seus colegas só têm exibido com dentaduras postiças :

Barnello toma entre as suas mãos uma pequena barra de ferro quadrangular, de uns noventa centímetros de comprido, e mete uma das suas extremidades na forja. Logo que ela se põe ao rubro, pinça a parte chamante com os dentes e arranca-lhe um pedaço, que teatralmente deixa cair, incandescente, numa vasilha de cristal, totalmente cheia de água.

O trabalho, para quem dispuser de bons dentes, é fácil de executar, se — claro está — conhecer o respectivo «truc». Êste, simplicíssimo, consiste no seguinte :

Uma barra de ferro de pouco diâmetro ou uma tira de uns dez milímetros de espessura é fixa num torno a um ou dois centímetros do extremo. Nessa posição, verga-se repetidas vezes da direita para a esquerda e da esquerda para a direita — até que a parte fixa no torno ameaça desprender-se. Nessa altura, põe-se o ferro em

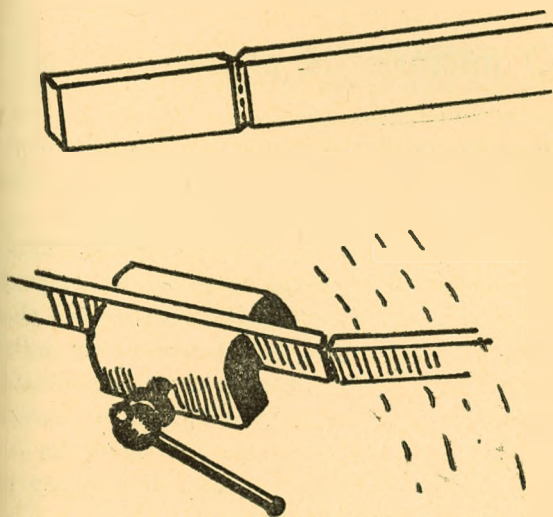


Fig. 27 — Barra de ferro preparada

linha recta, para que a barra ou a tira fique direita, e cessa-se a preparação.

O trabalho é feito a frio. Apesar disso, bastará vergar o ferro uma vez mais para lhe arrancar o pedacito. A quente, ele sai quasi por si mesmo: bastará pinçá-lo nos dentes — naturais ou artificiais — para que, após ligeiro esforço, o bocado fique suspenso.

Lançá-lo no recipiente cheio de água é puro teatro

— para valorizar a ilusão — e não merece, portanto, referência especial.

Antes de concluir, quero avisar os meus leitores de que os lábios correm grande perigo e aconselhá-los, por essa razão, a procederem como Barnello — afastando-os da barra ígnea.

LVIII

O mistério da prisão de fogo

Eis como os ilusionistas modernos executam esta magnífica ilusão, que tanto concorreu para a glória dos célebres «Diabos Vermelhos».

Uma enorme jaula de ferro, de tejadilho extensivo e de soleiras de meio metro, como a que descrevo no fim do primeiro acto, é arrastada para a cena e posta no meio do palco. Dos lados, pela frente e por detrás, as soleiras possuem dispositivos de ferro, semelhantes a alegretes ou a canteiros de flores, que se enchem de combustível — palha, algodão hidrófilo ou estopa — e regam com gasolina. Dentro da jaula, abrangendo todo o solo, procede-se de forma idêntica.

O artista, após êsse trabalho, que é verdadeiramente emocionante para os espectadores, toma uma vasilha de água na mão esquerda e um frango cru na direita. Depois, chamando a atenção do público para ambas as coisas, abre a jaula e penetra «heróicamente» no medonho recinto de ferro. Como se recordará, o ilusionista, para não destruir as roupas, submete-se ao martírio do fogo quási totalmente nu. Apenas um cache-sexes, tecido em malha de ferro cromada, satisfaz as exigências impostas pela moral.

Os ajudantes, munidos de longos archotes, lançam fogo à prisão, que imediatamente fica envolvida pelas chamas. O prodigiador, que se vê aqui e ali através das labaredas, luta desesperadamente com o fogo. As línguas ígneas lambem lhe constantemente todo o corpo, que os espectadores, comovidos e assombrados, vêem escurecer pouco e pouco, até adquirir, no rosto e no peito, a cor negra do carvão.

Em dado momento, os ajudantes apagam o gigantesco incêndio com extintores apropriados e o prodigiador, negro como a treva, sai apressadamente da jaula e entrega ao secretário o frango assado e a água em ebulição. Êste, enquanto o mestre deita pelos ombros calcinados uma capa de felpo azul, dirige-se à platéia e mostra a todos os assistentes o frango e a água fumegantes. Entretanto, o pano desce lentamente e o artista, elevando as mãos ao coração, agradece os aplausos entusiásticos com que a platéia o distingue.

*

*

*

O «truc», singelo, mas bem architectado, é o seguinte :

O algodão hidrófilo, sem preparo algum, é posto em grandes volumes por todos os lados da jaula, incluindo, como disse, o solo do próprio interior. À vasilha que contém a gasolina é que se deve a preparação... Ela, como a «garrafa de Robert-Houdin», acha-se dividida em duas partes. Na aza existem dois buracos, onde apoiam dois dedos da pessoa que está encarregada de proceder à rega do algodão. Como se sabe, para que um líquido saia do seu compartimento, é indispensável levantar

o dedo do orifício que lhe corresponde, para que, entrando o ar, a pressão atmosférica não possa impedir a saída. Ora, como um dos compartimentos se acha repleto de água e o outro de gasolina, o operador pode, à vontade, borrifar o algodão com essência ou com água.

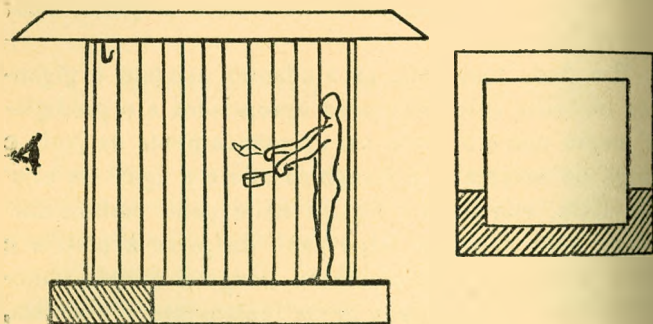


Fig. 28—Mistério da prisão de fogo

A parte tracejada é a única onde se derrama gasolina. Em todas as outras, incluindo o interior da prisão, apenas se deita água.

E assim, só a parte da frente e menos de um terço das laterais (as tracejadas) são borrifadas com gasolina, enquanto nas outras, incluindo o interior da jaula, só se derrama água pura.

O prestigiador, no fundo da prisão, suporta com facilidade o calor que o atinge. Por outro lado, logo que as labaredas irrompem, o ilusionista pendura o frango num prego, onde o fogo lhe calcina as carnes.

A vasilha que o prestigiador tem na mão esquerda é de vidro e contém uns trinta por cento de ácido sulfúrico. Este, em contacto com os setenta por cento de água, faz ferver a mistura em poucos minutos e aquece de tai

modo o recipiente, que se torna impossível pegar nêle, a não ser pela aza refractária que possui.

Antes da extinção das labaredas, o ilusionista dependura o frango e transporta-o por uma das pernas, onde prèviamente envolvera uma tira de amianto.

E eis em que consiste o «Mistério da prisão de fogo», a que os célebres «Diabos Vermelhos», norte americanos, devem a sua coroa de glória !

LIX

A caldeira infernal

A caldeira, rigorosamente esférica, deve ser construída em ferro ou em chapa muito grossa. Na parte superior (fig. 29) tem uma abertura circular de uns trinta e cinco centímetros de diâmetro. Uma tampa, igualmente de ferro, deve ajustar-se a essa abertura. Dentro, a «caldeira infernal» possui um depósito que, começando um pouco acima do «equador», vai alargando-se pouco a pouco até se tornar muito vasto no «polo» inferior da esfera. Esse depósito, na parte superior, tem uma abertura do diâmetro de seis ou sete centímetros, por onde se introduz, em dado momento, a parte mais estreita de um funil de dimensões apropriadas ao fim que descreverei a seguir.

Dentro desta esfera serão acomodadas, como se vê na fig. 30, duas lindas raparigas, vestidas ligeiramente ou em simples «maillot» de sêda. Entre elas será colocado um saco de rede, com algumas dúzias de pombas, o tal funil de que falo em cima e um aparelho especial para a produção do... vapor. Êste, que não passa de fumo branco, é obtido da seguinte forma :

Ligam-se, por meio de uma armadura metálica, dois pequenos frascos de vidro, munidos de rolhas de cauchú perfuradas e através das quais passam tubos também de vidro. Êsses tubos pequenos acham-se liga-

dos a um tubo maior, horizontal, que termina, de um lado, por uma pêra de borracha e, do outro, por um bico pulverizador (fig. 31).

Se um dos frascos contiver ácido clorídrico e o outro amoníaco, bastará comprimir a pêra para que, pelo lado oposto, saia uma nuvem de fumo.

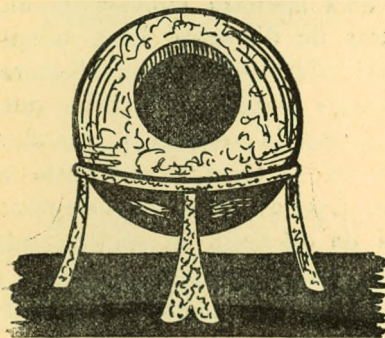
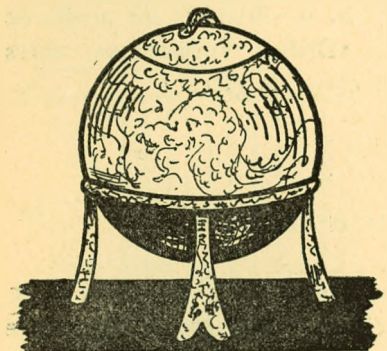


Fig. 29 — Como os espectadores vêm a caldeira infernal

A esfera, assim preparada, é conduzida para o meio do palco, juntamente com o suporte circular onde se acha apoiada. O ilusionista, fazendo-a

deslizar no suporte, volta-lhe a abertura para os espectadores, afim de os convencer de que ela se acha vazia e, além disso, totalmente isolada do solo. Como dentro da esfera não há luz e as meninas se acham «coladas» à

parede, ninguém poderá ver coisa alguma. A esfera está, por hipótese, absolutamente vazia. Como, porém, aquêlê facto não basta, só por si, para impôr aos assistentes a noção errada que pretendemos fixar nos seus cérebros,

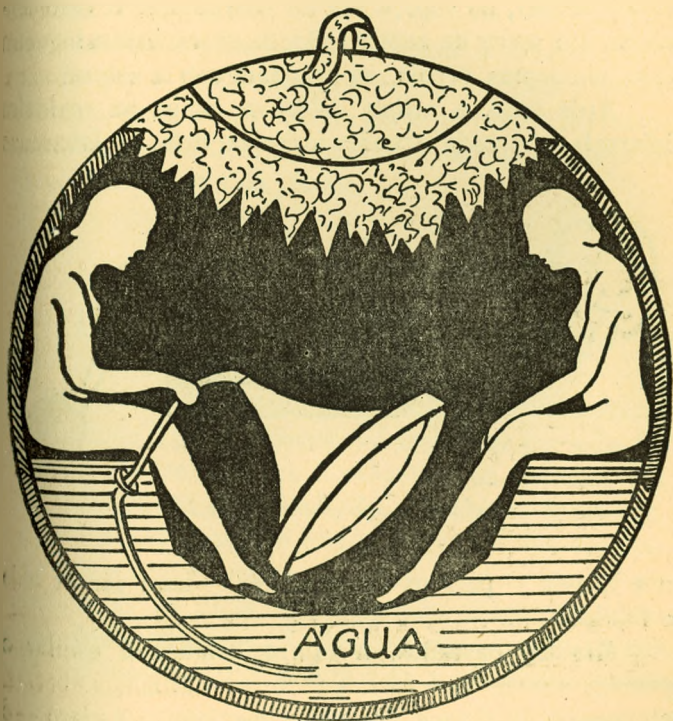


Fig. 30—Como é, na realidade, a caldeira infernal

nós mandamos vir de entre bastidores numerosos baldes de água, que despejamos na esfera. Assim, a concepção de que dentro dela não existe coisa alguma fixa-se definitivamente no cérebro dos espectadores. O que eles

não contam é com o concurso do funil, visto que ignoram a sua existência, e, portanto, o seu valor.

Uma das pequenas, logo que um balde se aproxima da boca da esfera, eleva o funil e encaminha o líquido para o depósito lateral. A água não chega, por isso, a tocar, sequer, no espaço útil do instrumento e, pelo contrário, vai servir de amortecedor da enormíssima fogueira que, momentos depois, se acenderá sob a esfera.

Após tudo, o artista coloca a tampa na «caldeira infernal» e manda acender debaixo dela as labaredas

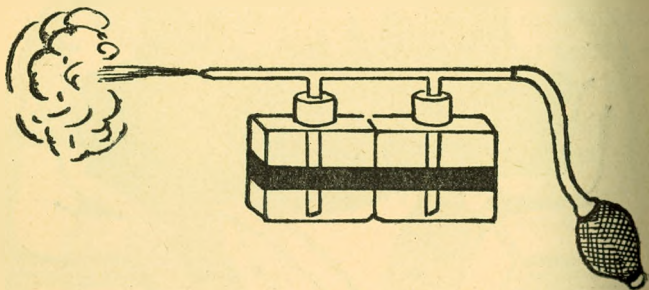


Fig. 31—Como se produz o vapor...

que hão-de — para os espectadores — fazer ferver todo o líquido.

Minutos passados, a tampa começa a oscilar e grandes nuvens de vapor, saindo pelas frinchas abertas, elevam-se no espaço. Uma das meninas — é claro — é que faz oscilar a tampa de ferro, enquanto a outra, utilizando o aparelho próprio (figura 31), origina os rolos de fumo,

Para o público — a panela ferve em cachão !

O ilusionista, logo que a idéia se fixa no espectador, retira a tampa da esfera, o que provoca gigantesca

nuvem de vapor, e dá início à segunda parte do «tour» (1): introduz uma das mãos na esfera e retira a bandeira nacional, seguida de muitas outras de reduzidas dimensões, que as raparigas lhe entregam. Depois, a uma ordem sua, um bando de muitas dezenas de pom-bas eleva-se no espaço.

O «efeito» mostra-se deslumbrante e os assistentes, supondo que a ilusão atingiu o auge, começam a aplaudir. Nesse momento, o artista mete os braços na esfera e retira de dentro dela as duas meninas, o que eleva ao delírio o entusiasmo da platéia.

L X

Um homem queimado vivo

Esta ilusão, a «cadeira do suplício», como lhe chama o meu amigo Tching-Tchung, foi inventada por mim há uns cinco ou seis anos e apresentada na América, em 1937, pelo grande Maurice Kelly. A exibição durou apenas dois minutos, mas o estado emocional dos espectadores atingiu tal grandeza, que eu, após o conhecimento experimental do facto, não aconselho ninguém a ultrapassar trinta segundos. Torturando mais tempo as plateias, os espectadores enervam-se e as senhoras desmaiavam!

De facto, quando as chamas rubras começam a envolver o artista e éste se debate na cadeira como que

(1) Quando a tampa estiver fechada não se devem produzir fumes, porque elles são muito tóxicos. A nuvem final é produzida, como as outras, unicamente para o exterior.

devorado por uma dôr impossível de descrever, os cavalleiros principiam a mexer-se nervosamente nas poltronas e as senhoras, horrorizadas pelo martírio, tapam os olhos com as mãos. Prolongar o tremendo espectáculo, em tal estado de exaltação dos sentidos, seria impróprio de um artista que conhece a psicologia do público.

Ninguém vai ao teatro para adoecer e muito menos para sentir dentro de si o fantasma apavorante da loucura. Procedendo inteligentemente e regulando a emoção, os assistentes ficarão deslumbrados e, durante muito tempo, não falarão aos seus amigos senão do facto inexplicável que tanto os impressionou. De resto, como é hábito das multidões, elles se encarregarão de exagerar tudo e de apresentar o espectáculo de modo que nem o próprio executante seria capaz de o compreender. De Kelly, houve já quem affirmasse que o seu corpo ficava reduzido a cinzas e que estas, palpitando misteriosamente, se iam convertendo, mercê de uma coesão maravilhosa, no seu esqueleto completo. Depois, os ossos iam-se recobrando pouco e pouco de carne, onde se adivinhavam os músculos e os nervos, e acabavam por se transformarem no homem primitivo — garboso e distinto que a princípio tomara herôicamente lugar na «cadeira do suplício»!

Formidável, não acham?

Mas os espectadores, quando lhes dá para o exa-gêro, não estão com meias medidas; e o que é interessante, o que se mostra verdadeiramente digno de estudo, é que elles chegam a convencer-se de que viram na verdade o que descrevem. Se alguém, mesmo que fôsse o próprio inventor, lhes dissesse que exageravam, seria tido como estúpido — se não fôsse como malcriado!

Quando os espectadores tendem para divinizar um artista e elevar ao máximo a fantasia de um «tour», que

os fêz vergar ao assombro, ninguém pode contrariá-los, porque corre o risco de passar pelo maior idiota do seu tempo !

Ora a ilusão que descrevo presta-se admiravelmente para o exagêro das platéias e nós não devemos procurar que êsse exagêro chegue a prejudicar o psiquismo das pessoas que se dignam assistir ao nosso espectáculo. E não devemos, não só porque o facto pode considerar-se um crime, mas ainda porque o «truc», apesar da espectacularidade da ilusão, é de singeleza surpreendente.

O homem que se acha na cadeira e que o público vê devorado pelo fogo, não chega a sentir, sequer, o calor tépido da chama. Esta, que é produzida a grande distância do corpo, nem mesmo pode aquecê-lo — se o «truc» fôr exibido em qualquer noite de inverno.

Mas vamos à explicação detalhada do curiosíssimo «fenómeno» :

A uns dois metros da bôca do palco, executa-se, no chão, uma abertura rectangular de um metro de largura por metro e meio de comprimento. É por esta abertura, como se verá mais adiante, que passará a imagem do fogo. Esta, sobrepondo-se ao corpo semi-nu que se acha na cadeira, fará nascer nos assistentes a tremenda alucinação que o ilusionista procura.

Para isso, em frente do rectângulo aberto no chão, coloca-se a jaula de ferro e procede-se a todos os preparativos espectaculosos que eu descrevo no fim do primeiro acto da maravilhosa sessão que abre a terceira parte do livro.

Em dado momento, quando um dos ajudantes passa naturalmente diante da abertura, faz-se subir uma lâmina de cristal que, devido à sua transparência, continua invisível para os espectadores.

Debaixo do palco põe-se um dispositivo (fig. 32), conhecidíssimo em ilusionismo sob a designação de «metempsicose», e opera-se de modo que a imagem do fogo seja vista da platéia sobre o corpo do artista (1):

O palco acha-se pouco iluminado e só um foco dissimulado no interior da prisão ilumina em cheio o corpo do homem que se senta na cadeira. Nestas circunstâncias, o vidro, totalmente invisível, deixa vêr, por transparência, todos os detalhes do quadro horroroso, que está prestes a exhibir-se.

O homem é prêso à cadeira de ferro e, como já disse, fixo pelo pescoço a uma coluna do mesmo metal. Pelo chão e enroladas nos braços e no tronco, são postas abundantes camadas de algodão hidrófilo, que se regam com água. O público, tanto pelo olfato como pela visão, julga que nos utilizamos de autêntica gasolina. Para que a ilusão se imponha, bastará que empreguemos o aparelho, a pressão atmosférica, descrito no capítulo LVIII. Recorrendo a êste «truc», poderemos derramar, segundo a nossa vontade, gasolina ou água no algodão. Portanto, se num prato de ferro pusermos uma bucha de algodão

(1) A «metempsicose» consiste na ilusão seguinte, cuja tecnologia não difere muito da que descrevo:

Após a transformação lenta de um homem num esqueleto, êste converte-se gradualmente num cão felpudo e lindo, que se leva aos assistentes para que êles possam ver que se trata, na realidade, de um animal verdadeiro.

A seguir, o cãesito é transformado num esqueleto humano e êste convertido no artista que, após tudo, se levanta da cadeira e vai agradecer os aplausos com que o distingue o seu público. Êste «tour», que foi publicado pela primeira vez em 1921, acha-se a pág. 20 e seguintes do 1.º vol. de «O ilusionista», do mesmo autor dêste livro.

hidrófilo e derramarmos sôbre êle um pouco de gasolina, poderemos mostrá-la aos assistentes, para lhes fazer nascer no cérebro a ilusão que desejamos. Após o «controle», poderemos ainda lançar fogo à bucha, o que fará com que a visão confirme o que o olfato analisou. Depois, regando com a mesma vasilha o algodão que se acha sob os pés do artista e em torno do seu corpo, ninguém se

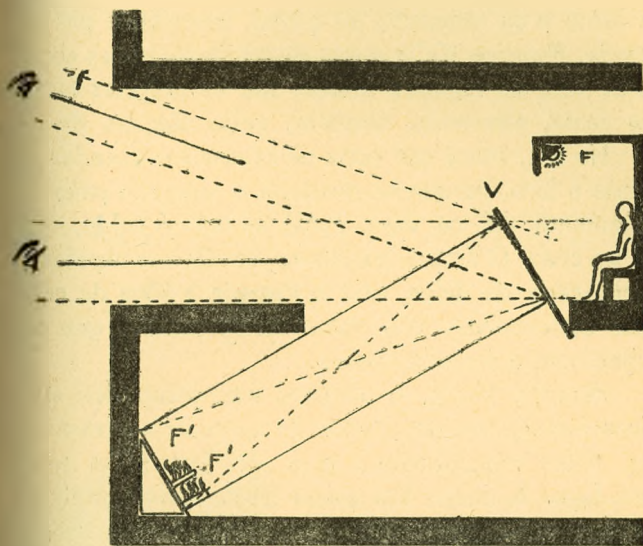


Fig. 32—Explicação esquemática da «cadeira do suplicio»

atreverá a pensar que o líquido que utilizamos não passa de água pura.

O resto percebe-se : Quando um dos ajudantes, depois da música cessar, se aproxima da jaula, o electricista apodera-se do interruptor e cumpre cuidadosamente o seu dever. Logo que o ajudante aproxima o archote chamejante do algodão, êle apaga instantâneamente o

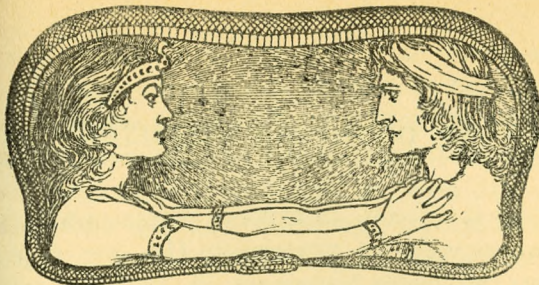
foco de luz e deixa apenas a arder (se não dispuser de resistência para diminuir a intensidade luminosa) uma lâmpada que equilibre os raios luminosos que se reflectem no vidro. Debaixo do palco, em $F' F'$, ardem com vivíssimo clarão, as fogueiras que o vidro V projecta e que os assistentes, por reflectão, vêm sobre o corpo do artista.

Para regular as distâncias, que dependem da altura do palco e da colocação do cristal, procede-se por experiência. Maurice Kelly opera de tal modo que os espectadores vêm as fogueira lambar até as próprias faces do seu rosto, envolvido, também, pelas línguas de fogo!

No fim, como não seria de aconselhar acender novamente o foco, porque se revelaria o «truc», o pano desce lentamente até ao meio e cai de um só golpe, depois, até ao chão. O artista levanta-se, envolve-se rapidamente numa capa de felpo azul e aparece à boca de cena — para corresponder aos aplausos do público que o distingue com o seu entusiasmo.

Maurice Kelly, o virtuose americano dos «trucs» sensacionais, costuma, antes de aparecer aos espectadores, tisonar rapidamente a cara com uma rolha crestada pelo fogo. A ilusão fica assim muito mais completa e o público, vendo enegrecido o próprio rosto do artista, conclui que o seu corpo deve ter-se convertido num verdadeiro torresmo!

O que é o ilusionismo!



QUARTA PARTE



poder da sugestão — Domínio
 absoluto das faculdades sen-
 soriais dos espectadores — Im-
 posição aparente da vontade-
 -fôrça — Esfera ígnea — Gar-
 rata escaldante — Varinha de
 fogo — Moeda que queima — A caldeira do suplício —
 A temperatura das mãos — Como se faz uma fogueira
 nas mãos de qualquer pessoa — Água a ferver nas mãos
 dos assistentes — Um prodígio de sugestão — Obrigar
 os espectadores a morder ferro em brasa — Incêndio
 aparente de um teatro.

LXI

O poder da sugestão

Como já afirmei, ao expôr o mecanismo da verdadeira transmissão do pensamento (1), não é possível encontrar no teatro fenómenos de autêntica sugestão. Apesar disso, as exhibições fantásticas de Donato e Onofrof, de Casanova e Stevenson, de Mariscal e Rostine levaram os cientistas a crer na realização do facto.

Os trabalhos de Sage e os anúncios pomposos de Knowles acabaram por implantar solidamente nos cérebros a crença de que a fenomenologia teatral nos oferecia, por vezes, autênticas maravilhas da imposição da vontade e prodígios notabilíssimos da exteriorização do ser; e, contudo, só em fins do século dezanove é que o grande Moutin publicou o seu magnífico livro «Le Nouveau Hypnotisme», onde esboçou, a largos traços, a possibilidade de se dominarem as pessoas—mesmo em estado de vigília.

Mas foi só em 1912 que o assunto ficou totalmente solucionado, com a criação, no Ocidente, de uma sistematologia apropriada do ensino, visto que a obra de Moutin demonstrou que era impossível, não obstante a seriedade e competência de um autor, ensinar em livros—escritos para tôda a gente em geral e, portanto, para ninguém em particular—a imposição do pensamento e a exteriorização intencional da metricidade humana. De facto, os livros não escolhem os leitores. Êstes é que,

(1) «Magia Teatral», pág. 234 a 257.

mercê do relativo livre arbítrio de que gozam, seleccionam os livros que adquirem, segundo as concepções que possuem do que julgam o Bom e o Mau. Mas a selecção, como ficou demonstrado, não dá rendimento algum. Daria — é inegável — se se fizesse um livro para cada estudante, visto que nem moral nem intellectualmente se podem encontrar no mundo duas pessoas iguais.

Em consequência do exposto, ficou assente que o estudo só poderia fazer-se com mestres especializados e, mesmo assim, depois de se estabelecer um «test» rigoroso do estudante, porque as leccionações, para merecerem a classificação de absolutamente individuais, deveriam ser redigidas de propósito para cada pessoa — segundo a sua idade e profissão, o seu temperamento e dotes intellectuais, o grau de instrução, estado civil, taras congénitas, etc.

Posto assim o problema, a solução afastava automaticamente o concurso de livros impressos ou mesmo dactilografados e fixava-se na lição quotidiana, redigida de propósito pelo mestre para o discípulo A ou B que se quisesse instruir na maravilhosa ciência que Mulford, num momento feliz da sua vida, classificara da superioridade.

Foi assim que nasceu o Zoísmo na Europa e é assim que êle, orientado pelos seus mestres, ilumina por ano muitas dezenas de cérebros e enche com o sol da esperança grande número de corações. Mas os autênticos Zoístas, êsses atletas da vontade, para quem o desejo é uma ordem e o gesto uma vitória retumbante, jámais se exibem em público (1). Preferem actuar em silêncio —

(1) «Neohipnotismo-Zoísmo».

em maravilhoso sincronismo com as harmonias excelsas da Natura.

Portanto, se os únicos homens que dominam os homens acordados não acedem a exhibir-se, os outros — joquetes dos seus próprios pensamentos — só podem realizar «trucs». De resto, pela mesma razão que um indivíduo que não sabe aritmética não pode leccionar álgebra, o homem que não se domine a si próprio não pode dominar seja quem tór. Ora não é crível que um ilusionista, que pode brilhar facilmente pelo «truc», estivesse, para se exhibir, a estudar Neohipnotismo e ainda, com mais razão, o Zoísmo Superior. E não é crível, porque, além de muitas outras razões que eu tomo a liberdade de calar, o ilusionismo científico moderno apresenta-se-nos com tal abundância de recursos, que a verdadeira fenomenologia, posta em paralelo com os seus «trucs» formidáveis, teria de empalidecer!

«Magia Teatral», livro consagrado exclusivamente ao ilusionismo científico moderno, a que aludo, constitui uma prova eloquentíssima do que acabo de afirmar. Imagine-se que até é já possível, recorrendo apenas ao «truc», transmitir-se o pensamento mais complicado e adivinhar tudo quanto os espectadores de um teatro queiram que se lhe adivinhe — à distância respeitável de centenas de quilómetros! Assim, por exemplo, um ilusionista, num teatro de Lisboa, poderá dizer facilmente ao seu público o que os espectadores de um teatro do Porto lhe transmitem com o pensamento (1).

Mas não é tudo!

(1) Comunicação n.º 15, gestetnerizada pelo I. I. R. S. em fevereiro de 1940.

O ilusionismo progride de tal modo de ano para ano, que até os sócios do I. I. R. S., os conhecedores máximos do ilusionismo científico, se mostram maravilhados !

Nos domínios da sugestão ou da pseudo-sugestão, que é a que mais interessa a esta parte especial de «Magia do Fogo», a ciência da subjugação dos sentidos tem-nos fornecido «trucs» verdadeiramente estupendos. Citarei um exemplo : Em abril de 1941 foi comunicada ao I. I. R. S. e distribuída, como habitualmente, a todos os seus membros de Portugal e do estrangeiro, uma invenção curiosíssima, intitulada «Sugestões Perfumadas», cujo enunciado é o seguinte :

* * * * *

«De mãos inteiramente livres e sem ajudantes de qualquer espécie que o auxiliem, o artista anuncia que vai, por auto-sugestão, fazer aspirar aos assistentes o perfume das flores que eles puzerem no pensamento. Preguntando depois a cada um o nome da flor preferida, ele pede-lhe o lenço e faz nêle alguns «passes» misteriosos, devolvendo-o em seguida.

«O mais curioso nesta fantástica ilusão é que o lenço, levado logo ao nariz pelo espectador, não cheira a coisa alguma. A medida, porém, que ele concentra o seu pensamento na flor que preferiu, o respectivo perfume vai-se desenvolvendo no lenço até ao ponto de, momentos volvidos, se tornar notado com tal clareza, como se o quadrilátero de pano se tivesse convertido num autêntico ramo das flores que ocupam o pensamento do espectador sugestionado !»

* * * * *

Esta invenção, primeiro prémio de 1937, é devida ao grande amador francês, Henri Plantet e foi comuni-

cada ao I. I. R. S., em abril do ano findo, pelo ilustre médico americano, dr. Lothian Hinsley.

Meses volvidos, em Julho do mesmo ano, um outro sócio apresentou-nos «Maravilhas da sugestão» :

No palco, banhados por intensos jactos de luz, vêm-se vários cavaletes : Uns com blocos de papel branco, imaculado, outros com telas prontas a ser esboçadas e ainda outros, a maior parte, com molduras automáticas, onde, num instante, se podem adaptar paisagens, caricaturas ou retratos. A um dos lados, prestes a serem arrastados para o centro, vêm-se diversos bustos, de cabeças e rostos lisos, à espera que mãos hábeis lhes dêem forma definida e lhes emprestem, num momento feliz, o sôpro divino do génio. Perto dêles, em tabuleiros de mármore, grandes quantidades de barro fresco e, mais ao lado, em suportes de cristal, latas de tinta de tôdas as côres, paletas, pinceis, carvões e muitos lápis, convenientemente afiados e prontos para o trabalho formidável que está prestes a iniciar-se.

Cada cavalete e cada busto dispõem de uma lâmpada própria que, em dado momento, pode iluminar em cheio a obra que se concluiu e se pretende exhibir. Sobre uma cadeira de espaldar, colocada à bôca do palco, está um grande lenço prêto e, a dois passos, um suporte niquelado com uma bata de sêda branca, aquí e ali, manchada de óleos de várias côres.

O ilusionista, logo que o pano sobe, apresenta aos espectadores uma criança gentil que — explica — mergulhada em «sono hipnótico» e convenientemente «sugestionada», revela as mais notáveis faculdades de um artista de génio.

A linda menina, um saxe formosíssimo de carne e ôsso, é convidada a vestir a bata e, pouco depois, a

sentar-se na cadeira — de rosto voltado para os assistentes. O ilusionista, colocando-lhe a palma da mão esquerda na frente e elevando a direita, com o indicador estendido, ordena-lhe que durma. A sua voz é seca e rápida, o seu gesto, de quem está habituado a mandar e a ser obedecido, não se presta a duas interpretações. Na sua atitude, como hipnotizador, há mesmo o quer que seja de crueldade, que contrasta de forma chocante com o aspecto bondoso e amabilíssimo que habitualmente o caracteriza. A criança, que parece temê-lo e adorá-lo ao mesmo tempo, começa a fechar lentamente os seus grandes olhos, enquanto o rosto adquire pouco e pouco a côr branca da cera virgem e o seu coraçãozito, após uma aceleração que não dura três segundos, começa a movimentar-se docemente, num ritmo que denuncia a inteira posse do sono.

O artista pega então no grande lenço de sêda preto e, depois de o dobrar sôbre si mesmo um certo número de vezes, venda-lhe carinhosamente os olhos, para — segundo afirma — a concentração sugestiva atingir o máximo de interpretação. Depois, num gesto sacudido, manda-a levantar e aproximar-se do cavalete onde se acha fixo um bloco de enormes fôlhas de papel em branco.

A gentil menina pega automaticamente num lápis e fica estática, imóvel, à espera, talvez, de ouvir as ordens do mestre...

.
O ilusionista dá a escolher aos assistentes os nomes de várias individualidades internacionalmente conhecidas. Após a escolha, que recai em seis ou sete personagens célebres, nacionais e estrangeiras, lê os nomes preferidos em voz alta e ordena ao «sujet» que ca-

ricaturize o primeiro, cujo nome lhe repete duas ou três vezes seguidas.

Em gestos rápidos, num desembaraço que espanta e com uma certeza que assombra, o «sujet» traça vigorosamente a caricatura da primeira individualidade escolhida pelos espectadores. O mestre, logo após a conclusão do trabalho, arranca do bloco a fôlha de papel já utilizada e adapta-a a uma das molduras automáticas de um dos cavaletes próximos, sôbre o qual faz incidir um novo jacto de luz. Depois, no mesmo tom de voz autoritário e decidido, que já conhecemos, pronuncia outro dos nomes preferidos e exige ao «sujet», como há pouco, a sua caricatura. O facto repete-se tantas vezes quantas são os nomes escolhidos e, no fim, a menina é de novo sentada na cadeira, desvendada e chamada à vida real das coisas.

No segundo acto, o pano volta a subir e o «sujet», depois de ter sido mergulhado em sono hipnótico, para melhor obedecer à sugestão mental consciente do seu mestre, dirige-se para um dos cavaletes, onde, fixas em grades próprias, se acham várias telas virgens. Para junto dêste cavalete é arrastado o suporte niquelado, repleto de latas de tinta.

A uma ordem do «hipnotizador», o «sujet» toma a paleta e os pinceis e, em menos de cinco minutos, oferece aos assistentes maravilhados, quer uma paisagem formosíssima, quer o retrato, a óleo, de uma pessoa marcante — de todos os espectadores conhecida.

A tela, como já sucedeu com as caricaturas, é posta, no fim, num outro cavalete, à parte, onde uma nova fonte de luz lhe faz realçar a beleza. Entretanto, o «sujet» inicia outro retrato ou outra paisagem — a aguarela ou a óleo.

.
A seguir às caricaturas de personagens célebres e às pinturas, a óleo, de várias paisagens e retratos de homens ilustres, o «sujet», obedecendo a uma nova ordem mental do seu «hipnotizador», prepara-se para modelar... Abandona a paleta e os pinceis e abeira-se de um dos bustos informes que se vêm ao lado dos cavaletes.

Depois dos assistentes terem escolhido os nomes de algumas pessoas notáveis, o ilusionista pronuncia o nome de uma delas e ordena ao «sujet» que modele prontamente o seu busto. A jovem senhora, atirando para cima do manequim várias chapadas de barro fresco, dá início ao trabalho.

Com os instrumentos próprios, talhados em ferro e em arame de tôdas as grossuras e tamanhos, começa a humanizar o barro. Momentos volvidos, um grande foco luminoso, bombardeando o «gesso» já modelado, faz soltar aos assistentes verdadeiras exclamações de assombro.

O trabalho continua com outras individualidades e sobre outros manequins que, por sua vez, são iluminados também (1).

.
Conclui-se, pois, que tudo quanto se exhiba é «truc», porque nem a própria ciência poderia, no teatro, brilhar tanto como ele. Dêmos, pois, a sua majestade o «truc» a preferência que o exhibicionismo impõe — tanto mais que «Magia do Fogo», embora seja um livro vasado em rigorosos moldes científicos, tem como objectivo principal a psicologia da ilusão.

(1) Comunicações números 72, 73 e 74, do I. I. R. S.

LXII

Esfera ígnea

O ilusionista, logo que o pano sobe, toma uma esfera entre as mãos e desce com ela à platéia. Mostra-a gentilmente a todos quantos querem pegar nela e acaba por afirmar que se trata de um objecto comum — sem preparo especial.

Realmente, a esfera, de uns quinze centímetros de diâmetro, é construída em metal dourado e não parece, mesmo após cuidadoso exame, revelar o menor «truc». O artista chama a atenção dos assistentes para esse facto e pede-lhes que tacteiem cuidadosamente a bola. Depois, com um sorriso nos lábios, acrescenta :

— Desejaria iniciar o espectáculo por algumas sugestões interessantes, para que, em face dos curiosos fenómenos observados, vossas excelências pudessem concluir da complexidade humana e da realidade controversa do poder do pensamento. Se eu quisesse, bastar-me-ia pensar na desapareição da esfera, para que ela se reduzisse imediatamente a nada nas mãos do excellentíssimo público. Mas não faço isso, porque sei que o fenómeno seria interpretado por muitos como um simples escamoteio. Prefiro vincar bem o facto da sugestão e, para isso, gostaria que me dissessem o que sentem quando põem as suas mãos em contacto com a esfera.

Momentos depois, dirigindo-se à pessoa a quem entregou a bola :

— O quê ? Vossa excelência acha que a esfera está fria ? !

E pegando no instrumento e levando-o a outro dos assistentes :

— Vossa excelência é da mesma opinião ? A esfera está, na realidade, fria ?

Ao ouvir a resposta afirmativa do espectador e notando que ela não difere de muitas outras já provocadas, o ilusionista pega de novo na bola e dirige-se, com ela, para outro lado da sala. Depois, com a maior lealdade, prossegue :

— Se mais alguém quiser tactear a esfera, peço a gentileza de o exigir, porque eu terei muito gôsto em aceder à exigência.

Depois de comprazer vários pedidos e de ouvir a confirmação da temperatura já notada — a temperatura do metal sem «truc»... — o prodigiador pega mais uma vez na esfera e, voltando-se para qualquer um dos presentes, assegura-lhe :

— Vossa excelência, a julgar por certas aparências do seu rosto, deve ser muito sugestionável. Ora vejamos... Esta esfera está quente, mesmo muito quente ! Não acredita ?

Entrega-lhe a bola para as mãos e o infeliz quasi a deixa cair ao chão !

O ilusionista, fingindo-se admirado, comenta :

— O que é a sugestão !

Depois, voltando-se para outro dos presentes — algum dos que experimentaram já a frialdade da bola, — diz :

— Mas, afinal, vossa excelência também é muito sugestionável ! Ora repare como a esfera queima...

O assistente agora escolhido para controlar o facto, assim como todos os outros que se lhe seguirem, mesmo que seja a totalidade da platéia, confirmarão os dotes notáveis do artista e poderão verificar por si próprios

que, na realidade, o singular operador possui, como poucos, um enorme poder de sugestão !

Não há, certamente, um único amador de ilusionismo que ignore a mecânica singela da clássica ilusão dos meados do século dezanove, intitulada o «Diabo no bolso».

Pois bem. «Esfera ígnea» é uma formosa neta do

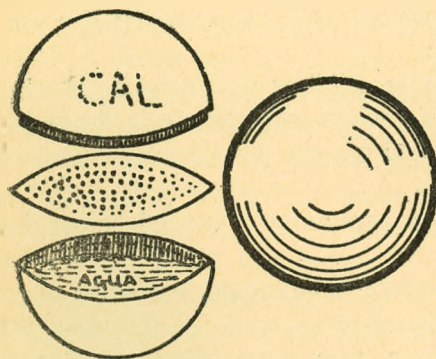


Fig. 33—Mecanismo da «esfera ígnea»

«tour» quasi centenário que fez a alegria de milhões de espectadores do século passado e deu origem a verdadeiras distinções de muitos prestímagos de outrora. A base do «truc», tanto num como noutro sistema, é singelíssima e não difere, entre si, se-

não pela apresentação grandiosa do último processo de exhibir.

A esfera, como se vê na figura 33, é constituída por dois hemisférios quasi iguais. Um deles, o ligeiramente menor, atarracha pela parte interior no outro e este, para encobrir a junção, possui um «equador» vistoso de características ornamentais. Entre ambos, a separá-los inter-

namente, acha-se fixo um círculo de metal, provido de uma boa dúzia de orifícios.

No hemisfério superior, no que se acha livre do círculo metálico, põem-se várias pedras de cal viva, mas de forma que elas fiquem bem apertadas, para que não possam oscilar, mesmo que a bola seja agitada. No inferior, onde se fixa o círculo perfurado, deita-se uma determinada porção de água. Por fim, atarracham-se ambas as partes, conservando-se sempre em lugar superior a cal, e tem-se a esfera pronta a funcionar.

Como a água é fria e o metal nenhum motivo tem para aquecer espontâneamente, é natural que os espectadores, ao segurarem a bola nas palmas das mãos, achem que a sua temperatura se encontra muito abaixo da superfície cutânea. Voltando, porém, o hemisfério que contém o líquido para a parte superior, para o que bastará dar meia volta à esfera, a água, penetrando pelos orifícios do disco metálico, irá pôr-se em contacto com a cal e, em consequência da hidratação do óxido de cálcio, desenvolver-se-á grande calor.

A princípio, o facto pouco se notará; mas, segundos volvidos, quando a cal virgem começar a converter-se em hidróxido de cálcio, o calórico atingirá uma elevação tal, que até o ilusionista se sentirá incomodado ao tocar o hemisfério oposto ao que contém o líquido. Por isso, quando a bola aquece demais, ele toma-a sempre por este último hemisfério que, por se achar refrescado pela água, nunca pode aquecer muito.

Conhecida a base do «tour», fácil se torna proceder de modo que, se quisermos, o público não possa suportar o contacto do metal e, portanto, o da própria «Esfera ígnea».

LXIII

Varinha de fogo

O ilusionista, depois de pousar a bola, toma entre as suas mãos o clássico «talisman» dos prestidigitadores — a varinha de condom — e desce de novo à platéia. A seguir, confiando-a a um dos presentes, para que elle note a sua vulgaridade, explica :

— Tem graça... Até agora, uma simples sugestão verbal, conseguiu que vossas excelências encontrassem calor onde apenas se poderia notar uma temperatura usual. Desta vez, embora eu tenha procedido só mentalmente, sem pronunciar palavra, vossas excelências accusam uma temperatura normal num objecto que, na realidade, se acha muito mais quente do que se encontrava, há momentos, a esfera que exhibi !

E, pegando de novo na varinha, dirige-se a outro dos assistentes, acrescentando :

— Vossa excelência também acha a varinha à temperatura normal ?

Como todos ouvem uma resposta positiva, o artista pega outra vez no «talisman» e declara :

— Visto que vossas excelências parecem tam facilmente suggestionáveis, eu tomo a liberdade de lhes afirmar que a minha varinha só estará quente ou fria, quando eu quizer que ela se mostre com frio ou calor... Ora vejamos... Vossa excelência acha que a varinha queima, não é verdade ?

O espectador solta um grito, muito semelhante a uma praga, e o ilusionista, depois de ouvir a resposta, dirige-se a outro dos assistentes :

— Mas vossa excelência não acha que ela está fria ?

O espectador, que tacteia primeiro a mêdo a varinha, acaba por confirmar que ela se acha, de facto, à temperatura normal do «meio». Em face disso, o prestigiador aproxima-se logo de outro e pergunta-lhe de repente, colocando-lhe nas mãos o instrumento :

— Mas, afinal, a varinha está fria ou quente ?

— Irra !— exclama o espectador. — O diabo do pau está a ferver !

Como as respostas concordam sempre com as sugestões, o prodigiador, depois de provar mais algumas vezes que a varinha se mostra quente ou fria segundo a sua vontade, passa a outra ilusão.

*

* *

A técnica dêste «tour» não difere, em princípio, da que empregamos, com êxito, na ilusão anterior. Há só esta diferença : a esfera, após a elevação térmica de um hemisfério, transmite ao hemisfério oposto grande parte do seu calor. O facto, como se compreende facilmente, prejudica um pouco a pseudo sugestão, visto que depois da elevação da temperatura é absolutamente impossível produzir sensações de frio ou mesmo de grau térmico ambiente. Com a «Varinha de fogo», êsse problema interessantíssimo fica inteiramente resolvido, por ela, como se verá a seguir, poder dar-nos, ao mesmo tempo, sensações de frio e de calor. Bastará, para que tal se realize, que toquemos com ela as pessoas pelo extremo conveniente.

A princípio, como entregamos a varinha para as

mãos dos assistentes, ela mantém uma temperatura igual em ambas as extremidades — a ambiente. Mas, logo que a voltamos e pomos na parte superior o extremo que encerra a água, o extremo oposto começa a aquecer de modo notável e, momentos passados, o seu contacto torna-se mesmo impossível. Apesar disso, o extremo que contém o líquido continua à temperatura ambiente, porque, mercê de um isolador térmico adaptado no ponto de junção de ambas as partes, éle não pode aquecer. Portanto, a varinha mostrar-se-á fria ou quente conforme a sugestão que se quiser impôr, ou, mais exactamente, segundo o extremo — quente ou frio — com que se toquem as mãos das pessoas que pretendemos... suggestionar.

Mais detalhadamente :



Fig. 34 — Mecanismo da «varinha de fogo»

A varinha, como se vê na figura 34, divide-se em duas partes metálicas envernizadas de preto e com extremos niquelados, para que os assistentes a confundam com as varinhas vulgares. Numa das partes, naquela que chamaremos superior, por ser essa a que convém conservar ao alto para evitar o aquecimento, introduzimos, como na «Esfera ígnea», várias pedrinhas de cal. Na outra, na inferior, pomos a água suficiente à produção do calórico. Entre ambas as metades existe um minúsculo círculo metálico, repleto de buraquinhos para que, como na «Esfera ígnea», a água, quando quisermos, vá de um extremo ao outro. Além disso, entre uma e outra partes constitutivas da varinha, existe um isolador de buxo, o que evita

que o calor passe de uma parte para outra. Assim, quando desejarmos dar sensações de calor, tomaremos a varinha pelo extremo frio e tocamos com a parte oposta nas mãos dos espectadores; se a sensação que pretendermos fôr diversa, inverteremos os extremos e procederemos, depois, conforme a sugestão que tivermos preferido... Neste caso — é evidente — uma sugestão de ambiência.

*

* *

A «Varinha de fogo» sofreu últimamente profundas modificações, entre as quais pode citar-se a seguinte:

Num dos extremos, aquêlê que deve apresentar aos espectadores uma temperatura elevada, coloca-se interiormente, uma pequena resistência de nicrômio ou níquelina. A seguir, ligam-se-lhe os polos de uma pilha sêca cilíndrica e faz-se com que a torsão de ambas as partes sirva de comutador. Procedendo assim, é singelíssimo elevar, quando quisermos, o extremo preparado a uma temperatura que pode até avizinhar-se da dos ferros de brunir!

Sim... Tudo isto se mostra fácil, muito fácil, mas apenas na teoria. Na prática, êste sistema de varinhas de fogo que modernamente se realiza na América, origina grandes desgostos e chega, por vezes, a comprometer uma sessão.

Motivos? Há vários, mas os principais são estes:

As pilhas, com o tempo, descarregam-se facilmente e as resistências, que a papar energia batem as lâmpa-

das de incandescência e os próprios motores, também lambem muitas vezes a que resta, mas... não aquecem coisa alguma!

Para evitar o insucesso, adaptou-se uma pilha enorme ou uma série de pilhas que ocupa tôda a varinha. Apesar disso, o problema subsiste, pelo menos, enquanto a compressão da energia não fôr um facto.

LXIV

Garrafa esaldante

— Mas como vossas excelências podem vêr na varinha ou na esfera, simples aparelhos de ilusionismo — continua o ilusionista, — eu vou tentar varrer-lhes do cérebro tôda a idéia do «truc».

Depois, como quem faz um esforço intelectual para descobrir qualquer coisa, eleva a mão direita à frente e, após curtos instantes, sorri. Logo a seguir, como quem já resolveu o problema, ordena a um dos seus ajudantes que lhe traga uma garrafa intacta de pôrto.

— Esta garrafa — explica — não pode ser acusada de «truc», visto ainda se achar intacta, como podem constatar. Peço, pois, a vossas excelências que lhe tacteiem a temperatura.

E depois :

— Nada de anormal, não é verdade?

Ouvidas meia dúzia de respostas confirmativas, o artista pega de novo na garrafa e, fingindo fazer-lhe vários «passes» magnéticos, exclama :

— O vinho começa a elevar-se de temperatura!

Olha em torno de si com soberania e continua :

— Eu quero que vossas excelências sintam a garrafa quente ! Quero mais, muito mais, que sintam o vidro esaldante e vejam o líquido a ferver !

Faz uma ligeira pausa, para estudar o efeito das suas palavras e depois acrescenta :

— Eu quero ! E, como o que eu quero sucede sempre, peço a vossas excelências que experimentem a sensação que lhes oferece o contacto... Experimentem, peço-lhes !

E a concluir :

— Não hesitem ! Garanto que não há perigo algum !

Ao terminar as suas palavras, o ilusionista, sorrindo, dá para as mãos dos assistentes a garrafa misteriosa. Mas fá-lo com certos cuidados, visto que um ou outro mais sensível ao calor, pode atirá-la ao solo e dar cabo do trabalho.

A garrafa, passados uns minutos, queima realmente tanto que ninguém a pode ter nas mãos. Por isso, o ilusionista entrega-a ao ajudante e passa a outra experiência.

*

* *

Há vários processos para a realização do «tour». Citarei dois — ambos igualmente curiosos e de execução facilíma :

Compra-se uma garrafa de pôrto e, com o maior cuidado, abre-se, não se lhe inutilizando nem o rótulo nem a cápsula. Retira-se-lhe o vinho e deixa-se a garrafa, vazia, sobre uma pequena mesa, oculta entre bastidores. No respectivo gargalo deve colocar-se um funil de vidro, pronto a ser utilizado. Junto da garrafa põe-se uma

rolha que entre com facilidade no gargalo e o feche o melhor possível. A seu lado, coloca-se a cápsula e mais adiante, dois copos, um grande e outro pequeno. Neste último deita-se um terço da capacidade da garrafa de ácido sulfúrico e no grande dois terços de água comum.

Logo que chega a vez da realização do «tour», o ajudante, sem que ninguém veja, derrama docemente os dois líquidos na garrafa, retira-lhe o funil e rolha-a convenientemente, concluindo por lhe adaptar a cápsula de estanho litografada e por a vincar com um cordel.

Enquanto não se agitar o líquido, a garrafa só aquecerá muito lentamente. Mas, se se agita a mistura, vê-se-a que ela se aproxima da ebulição e que o vidro, aquecido pelo ácido, não tardará em adquirir uma temperatura elevada.

*

* *

Outro processo, menos violento, consiste em misturar partes iguais de ácido sulfúrico e de água... côr de vinho, mas lentamente para evitar efervescência, e acrescentar depois a tudo uns gramas de alumen em pó. O líquido aquece, como não pode deixar de ser. Volvidos, porém uns quinze minutos, êle volta à temperatura normal.

Ora é êste líquido, já frio, que se deita na garrafa, com a antecipação que se quiser. A rolha, que varia da anterior por não ser isenta de preparo, é que nos aquecerá a mistura e portanto a garrafa, logo que a façamos actuar.

Vejamos em que consiste o «aparelho» :

Numa rolha vulgar de cortiça, abrimos interiormente um buraco de um centímetro de diâmetro e uns quinze milímetros de altura. Depois de se encher a ca-

vidade com limalha de zinco lavada, tapa-se-lhe a respectiva bôca com um papel de fumar e fecha-se cuidadosamente a garrafa. Se a agitarmos, compreende-se que o liquido humedecerá a mortalha e acabará por destruí-la, fazendo com que a limalha se ponha em contacto com o mordente. Êsse contacto fará ferver a mistura e esta, por sua vez, aquecerá a garrafa.

Como se vê, qualquer dos sistemas é curioso e fácil. Têm apenas um inconveniente, um único: se a garrafa estala e o ácido atinge os espectadores, o ilusionista não pode subtraír-se a um enorme desgosto.

L X V

Moeda que queima

— Eu quero,—afirma o ilusionista,—que no espírito de vossas excelências não reste, sequer, a mais ligeira sombra de dúvida sôbre os fenómenos da sugestão e do império maravilhoso da vontade. Com êsse fim, vou executar ainda mais algumas experiências.

Após o intrigante discurso, o artista pede aos espectadores uma moeda de dez escudos e solicita ao seu proprietário a gentileza de a marcar. Depois, com a maior naturalidade dêste mundo, roga a um dos presentes que a segure por uns momentos e dirige-se, sem perda de um instante, a outro ponto da sala.

O ilusionista deve aparentar indiferença, distracção e, sobretudo, muita pressa, porque, quando êle abandona a moeda nas mãos do espectador, êste, sentindo-se queimado, deixa-a logo cair ao chão. Então o artista, voltando-se, deve apanhá-la num relâmpago e entregá-la a outro dos presentes, perguntando-lhe:

— Essa moeda não queima, pois não ?

A seguir à resposta confirmativa das suas palavras, continua :

— Eu logo vi que foi sugestão...

Depois, toma de novo a moeda e dá a outro espectador, que igualmente a deixa cair ao chão.

— Bravo ! — continua o ilusionista — vossa excelência é, também, infinitamente sugestionável !

Para concluir, dirige-se ao dono da moeda e entrega-lha, dizendo :

— Viu, excelência, como a moeda é a mesma, a que eu lhe solicitei há momentos e que vossa excelência se dignou marcar ?

E logo a seguir :

— O quê ? ! Está quente ? ! Mas é a moeda de vossa excelência, não é ? Muito bem, senhor. Empréstima por uns momentos... Eu sopro-lhe duas vezes e... ei-la fria. Pode pegar nela à vontade, porque não se queimará. Eu não quero que vossa excelência se queime ! Experimente. Faça favor de pegar nela e de controlar de novo as marcas que a princípio lhe fez.

E, após tudo, conclui :

— São as mesmas, não é assim ? Muito obrigado, senhor.

*

* *

O prodigiador tem as mãos ligeiramente preparadas, porque a temperatura a suportar não vai além de cem graus. Qualquer dos processos já indicados, empregado superficialmente durante curtíssimo espaço de tempo, mostrar-se-á eficaz na realização do «prodígio».

O ilusionista, para executar o «tour», necessita, além

das mãos um-tudo-nada resistentes ao calor, uma moeda de dez escudos qualquer, à qual fará, com um simples canivete, duas marcazinhas ao acaso. Esta moeda deve ele colocá-la, durante uns dois ou três minutos, sobre a placa metálica de um pequeno fogão eléctrico. Logo que ela se ache a uns noventa ou cem graus, o prestigiador oculta-a no interior da mão direita e toma nas extremidades dos dedos um canivete já aberto.

Assim preparado — mão esquerda livre — dirige-se à platéia e solicita a moeda de dez escudos, pedindo ao amável espectador que aceda à gentileza de a marcar. Após isso, retoma o canivete com a mão esquerda e pega na moeda recém marcada nos dedos da mão direita. Sem perder um instante, procede à substituição, isto é, eleva a moeda oculta para as extremidades dos dedos e deixa cair a emprestada no interior da mão. Os dedos mínimo, anelar e médio escondem-na perfeitamente, em perfeita atitude normal. O índice e o polegar, pinçando a moeda «gimmick», afastam tôdas as suspeitas e não deixam gerar nos cérebros as idéias de «controle» (1).

Os espectadores que aguentem o calor e não deixem cair a moeda ao chão, podem, como é natural, querer verificar as marcas que o seu dono lhe fêz. Como, porém desconhecem as autênticas, quaisquer outras os satisfazem, porque são forçados, pelas leis imperiosas da ilusão, a supô-las verdadeiras.

Só o proprietário da moeda e as pessoas que lhe estão próximas, por conhecerem as marcas de «controle»,

(1) A técnica desta substituição, rigorosamente de acôrdo com as leis psicológicas do ilusionismo, acha-se claramente exposta a pág. 279 de «Magia Teatral». Por isso a não repito aqui.

seriam difíceis de ilusionar. Mas estas, como se comprehende, só vêm a moeda emprestada. Se, no fim, ela se acha aquecida, para que todos a confundam em absoluto com a outra, é porque o prestigiador a pôs alguns segundos em contacto, enquanto falava, com a moeda «gimmick».

O complemento final, engenhoso e bem architectado, tem por objectivo principal a prevenção de qualquer curva que por ventura possa surgir a meio da ilusão. Assim, o pensamento da «unidade» fixa-se por completo no cérebro dos assistentes e a recta, sem a menor queda que a desvirtue, mantém-se em absoluto na concepção do «controle» !

LXVI

A caldeira do suplício

O prestigiador, depois de operar na platéia, em estreito contacto com o público, durante mais de quinze minutos, dirige-se por fim ao palco e dá início a outra espécie de «sugestões» tam extraordinariamente espectaculosas, que ninguém, pela invulgaridade e ineditismo que encerram, jámais poderá esquecer.

Começa, para perturbar os cérebros e ficar logo à vontade, pela «caldeira do suplício».

Chama ao palco vários espectadores de boa vontade que queiram, por gentileza, controlar as experiências. Depois, dirigindo-se-lhes, pede que reparem na cena que se desenrola aos seus olhos : Aqui, barulhenta e suja, está uma caldeira a ferver, onde o chumbo, já derretido, entra em ebulição ; ali, sôbre um pequeno fogão eléctrico, acha-se uma panela de cristal, onde a água, em ca-

chão, atingiu há muito cem graus ; acolá, numa forja portátil de ventoínha, encontram-se alguns ferros ao rubro e, mais ao lado, sôbre um velador de mármore, vários frascos com enormes letreiros esquisitos e uma lâmpada de álcool, já coroadada pela chama.

O ilusionista pergunta aos espectadores qual dêles, sob o domínio da sugestão, quer mergulhar as suas mãos dentro do chumbo derretido. Para os tranquilizar garante-lhes que, mercê da sua vontade, nenhum mal lhes poderá suceder. Éle próprio, para que nada temam, é o primeiro a fazer desaparecer todos os seus dedos no seio do líquido fumegante. Depois, como se tivesse notado que o metal não é sufficiente para cobrir tôda a mão, pega num lingote de chumbo, que mostra a todos os assistentes, e deita-o inteiro da caldeira, onde o líquido se vê aumentar no volume respectivo.

— O chumbo, como sabem — explica o artista, — funde a uns trezentos e vinte e sete graus, mas só entra em ebulição perto de mil quinhentos e vinte e cinco...

— Mil quinhentos e vinte e cinco graus?!— interrompe um dos presentes.—E nós podemos aguentar semelhante calor, sem que as nossas mãos fiquem reduzidas a nada?!

— É precisamente nesse facto notabilíssimo que reside todo o encanto da experiência. Bem sei que é preciso certa valentia para se realizar tal proeza ; mas, como eu garanto que nenhum mal sucederá a quem se quizer sujeitar a ela, espero que vossas excelências confirmarão com prazer o que acabo de afirmar.

Um dos assistentes, apesar de sentir dentro de si um receio que o apavora, faz das tripas coração e promete submeter-se ao suplício da caldeira. O ilusionista, encantado com a coragem do cavalheiro, felicita-o viva-

mente e fá-lo aplaudir — aplaudindo-o também. O estratagemata faz decidir-se mais dois ou três e o tremendo espectáculo, num silêncio quási absoluto — pois até a música pára — tem, por fim, o seu início.

O primeiro espectador avança, um pouco desconfiado, para a «caldeira do suplicio». O prestigiador encoraja-o e elogia calorosamente o seu acto destemido. Em seguida, pede-lhe para arregaçar o braço direito — não vá queimar a manga do casaco! — e ordena-lhe que mergulhe, de repente, os dedos no chumbo em fusão. O espectador hesita, mas o prestigiador insiste e êle acaba por obedecer, embora roído pelo desejo de se meter pelo chão abaixo e maldizendo a hora em que se lembrou de ir ao palco.

— Torne a meter! — ordena o ilusionista. — Como vê, nenhum mal lhe succedeu.

O assistente obedece e, desta vez, já com fumaças de valentia.

O ilusionista, satisfeito pelo êxito alcançado, pois nem sempre é fácil conseguir que uma pessoa qualquer «ponha por nós as mãos no lume», afirma com certo orgulho:

— Posso garantir a vossas excelências que, mercê do império absoluto da minha vontade, que tanto escraviza os seres, como actua de forma decisiva sôbre os objectos e as coisas, todos podem suportar sem receio a temperatura do chumbo em fusão!

A coragem do primeiro espectador e a descarada mentira do ilusionista, acabam por arrastar para a caldeira todos os que subiram ao palco. Um a um, todos êles mergulham as mãos no líquido em ebulição!

— E o chumbo, como já disse — afirma o prodigador — funde a trezentos e vinte e sete graus e ferve,

como igualmente já afirmei, a mil quinhentos e vinte e cinco. Contudo, vossas excelências, apesar da grandiosidade da prova, não sentiram nos seus dedos qualquer impressão desagradável! Peço-lhes, senhores, que confirmem ao excelentíssimo público o que acabo de expor.

Os pobres diabos, verdadeiros joguetes das leis psicológicas da ilusão, não só confirmam as palavras do singular prodigiador, como ainda, maravilhados, fazem no dia seguinte aos seus amigos o maior reclame da sessão.

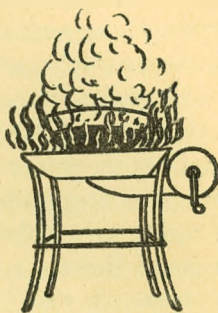


Fig. 35 — A caldeira do supêficio

✱

O «truc» é de uma singeleza tal, que os meus leitores vão ficar mais admirados com a sua explicação do que ficaram, há momentos, com a exibição do espectáculo!

✱ ✱

Realmente, nada mais simples, do que arranjar um fogão eléctrico de calor moderado e uma liga metálica que se confunda com o chumbo e derreta a uma temperatura ainda inferior à de Darcet. As fórmulas que se acham no quadro do capítulo XXVII podem muito bem resolver o problema e resolvem-no, de facto, visto que se liquefazem, algumas delas, a uma temperatura pouco distante daquela que habitualmente se nota à superfície da pele. Mas se quisermos melhor, se preferirmos uma liga que, além de se confundir com o chumbo, se funda a uma temperatura ainda inferior à do corpo humano,

então empregamos o amálgama, cuja preparação se acha a pág. 92 do segundo volume de «O ilusionista».

Quanto ao lingote de autêntico chumbo que se deita no recipiente, compreende-se que ele não se derrete e que apenas aumenta o líquido por deslocar um volume proporcional à sua massa.

É, pois, teatro puro o que o ilusionista realizou : O chumbo verdadeiro continuará, sólido, no fundo do recipiente e, por essa razão, não poderá prejudicar as mãos dos espectadores. Se o metal aderir aos dedos, por vezes carregados de impurezas de certos espectadores pouco limpos, aconselho, para evitar o inconveniente, um pouco de vaselina. Bastará friccionar as mãos com ela para que a aderência não se realize. O facto, longe de inspirar suspeitas, valorizará ainda mais a ilusão, pois todos sabem como a vaselina se emprega, para isolar o ar, logo após as queimaduras.

O ilusionista — homem providente... — utiliza-a muito antes dos seus espectadores se queimarem.

E eis tudo !

LXVII

A temperatura das mãos

— O que acaba de realizar-se — diz o prestigiador — carece de uma explicação ; e eu, que tenho todo o interesse em que compreendam o que faço, não posso subtrair-me a dá-la.

Depois, de sorriso nos lábios para amenisar a mentira, continua :

— As minhas mãos, mercê da minha vontade, podem desenvolver dentro de si a temperatura que eu qui-

ser... Ainda há pouco, como viram, puz uma moeda ao rubro... Querem vêr do que eu sou capaz? Empres-tem-me, por uns momentos, uma moeda de dez escudos. Muito bem. Agora reparem... Coloco-a na palma da mão esquerda, fecho a mão e elevo-a no espaço. Por baixo dela, à distância de uns vinte e cinco centímetros, ponho a mão direita semi-aberta. Assim... Aperto bem os dedos da mão esquerda, que se acha neste momento a uma temperatura elevadíssima, e a moeda, como vêm, começa a liquefazer-se. A prata líquida cai-me em fio na mão direita, onde o frio se acha abaixo de zero. Em consequência disso, ela solidifica rapidamente e, como a minha vontade não perde de vista a conservação da forma, eis, de novo, a moeda intacta na mão direita. A esquerda, como podem verificar, não contém uma partícula do metal!

E agora — conclui — podem-me tactear as mãos: já as puz à temperatura habitual...

*

* *

A explicação do «tour» é das mais simples, mas a execução demanda de certa técnica.

É preciso, antes de tudo, saber dar a ilusão de que se coloca um objecto na mão esquerda e, na realidade, ficar com êle na direita («Magia Teatral», pág. 208 e seguintes) (1). Sabendo fazer isto, o resto fica reduzido ao seguinte:

(1) O «tour» da fusão da moeda, incluindo tódia a tecnologia de que se carece para uma boa ilusão, acha-se claramente exposto a pág. 92 — 2.º vol. de «O Ilusionista».

Tomam-se uns gramas do amálgama a que me refiro no capítulo anterior, que funde com o simples calor da mão, e modela-se um disco, uma bola ou qualquer coisa na qual se possa pegar facilmente. No momento próprio, ocultamos o metal sólido na mão esquerda, enquanto que, com a direita, nos apoderamos da moeda de dez escudos. Após o «falso depósito», que a ilusão faz tomar por verdadeiro, eleva-se a mão esquerda e apertam-se bem os dedos, o que fará liquefazer pouco e pouco a liga metálica a que me refiro. A direita, colocada em plano inferior, apara os pingos que a esquerda lhe derrama e, no fim, entrega a moeda aos assistentes, desembaraçando-se, por qualquer dos processos habituais, dos restos da liga que ainda possua entre os dedos.

Se o leitor conhecer «Magia Teatral», compreenderá bem o que afirmo e, compreendendo-me, nada lhe parecerá difícil.

LXVIII

Uma fogueira nas mãos dos espectadores

— Mas — continua o prestigiador — não é só a temperatura das minhas mãos que eu posso, à vontade, fazer subir ou descer. É-me igualmente fácil, mercê da imposição do pensamento, fazer germinar noutras pessoas uma sugestão poderosa e, por via dela, tornar a pele tam fria ou tam quente, que nem o calor nem o frio a possam impressionar. . .

Depois de fixar nos olhos os seus admiradores,

como quem pretende adivinhar o efeito que as suas palavras produziram, o ilusionista continua :

— Assim, por exemplo, eu vou derramar nas mãos de vossas excelências um líquido extraordinariamente inflamável. Logo a seguir, com a certeza absoluta de que o pseudo martirizado não sentirá a menor dôr, lanço-lhe fogo com um fósforo ; e o archote humano poderá, enquanto eu quiser e a minha vontade vibrar, suportar o tremendo sacrifício, sem qualquer sensação desagradável !

Os espectadores sentem, desta vez, uma tentação irresistível de mandar o prodigiador à... fava. Contudo, uns por educação e outros por fanfarronice, mantêm-se em silêncio.

— Então — pergunta o ilusionista — qual é de vossas excelências que sente coragem bastante para realizar a experiência ?

E voltando-se para o primeiro dos assistentes que metera corajosamente as suas mãos na caldeira, afirma :

— Vossa excelência, de cuja heróicidade não é possível duvidar, visto que ainda há momentos nos deu provas eloqüentes da sua valentia incomparável, vai, certamente, ser o primeiro a controlar o que afirmo. Ora dê-me licença... Abra a sua mão direita e deixe-me derramar-lhe no «copo de Diógenes» umas gotas dêste líquido...

O pobre diabo, em face dos elogios que o ilusionista lhe faz, não pode recusar-se à experiência e é armado em cobaia. Mas o seu rosto, espelho vivo da sua alma torturada, muda várias vezes de côr.

O artista, notando o seu receio, volta a repetir-lhe que nenhum mal lhe sucederá e renova os elogios feitos à sua coragem. Depois, com uma vela, lança-lhe fogo à

mão que, mercê do líquido misterioso que lhe deitara, se converte numa autêntica lareira. A chama, vivíssima, eleva-se a grande altura e o espectador aterrado com a fogueira que parece devorar-lhe a mão, mostra-se de uma



Fig. 36 — Uma fogueira nas mãos dos espectadores

palidez mortal. Contudo, aguenta-se herôicamente até ao fim, porque, na verdade, o calor que sente é quasi nulo.

A experiência é renovada com todos os outros espectadores que queiram subme-

ter-se à «sugestão» e verificar por si próprios a grandiosidade inexcédível da exteriorização da vontade. . .

Se já existisse a luz fria, o «tour» agora enunciado não teria valor algum nem, por isso mesmo, espantaria ninguém. A verdade é que a chama que nada perca na sua transformação em calor, ainda não foi descoberta nem o será talvez. Por essa razão, o «tour» apresenta-se-nos com enorme valor cénico e, portanto, digno de verdadeiro estudo.

Foi o que fez o ilusionismo há mais de uma dezena de anos; e se não encontrou a luz fria, no sentido rigoroso do termo, achou pelo menos uma chama que, na

sua parte inferior, pouco pode ultrapassar — se ultrapassar — a temperatura da pele.

Essa chama é produzida pela inflamação de um líquido especial, cuja fórmula se dá a seguir, em partes iguais em pêso :

Essência de terebintina
Vaselina de petróleo
Banha de porco sem sal
Gordura de carneiro
Cal viva

(Bater bem e destilar depois a fogo lento)

É claro que todo o «tour» gira à volta dèste líquido de Minguet, por ser êle o agente principal da ilusão que deve impôr-se. É evidente, portanto, que a sua destilação deve ser cuidadosa, visto que se houver resíduos sólidos na solução, estes, aquecendo, acabarão por impressionar a pele e por queimar as mãos dos espectadores que se submetam à experiência. Se, pelo contrário, a mistura, após a destilação, ficar absolutamente homogénia, o calor, embora pouco ultrapasse a temperatura do corpo humano, só se sentirá no interior e no vértice da chama. Na sua base, isto é, na parte que se acha em contacto com a carne, a fogueira difficilmente impressionará as células dérmicas, porque, se o líquido não tiver resíduos, a temperatura manter-se-á inferior a uns trinta e cinco graus.

LXIX

Água a ferver nas mãos
dos assistentes

Numa grande panela de cristal, posta sôbre um pequeno fogão eléctrico, vêm os espectadores uns litros de água a ferver. Além das bolhas de ar quente que se elevam em grande número até à superfície do líquido, os assistentes podem ainda notar sob a tampa, igualmente de cristal, a aglomeração de vapor proveniente da ebulição da água.

O ilusionista, como que para encorajar os espectadores, retira a tampa da panela, o que faz elevar-se no espaço uma densa nuvem de vapor, e mergulha descandadamente as mãos na água a ferver. A seguir, tapa de novo o recipiente e solicita aos assistentes que procedam de igual modo.

Garanto-lhes que, mercê da sugestão que lhes imporá, elles não sentirão calor algum; mas, pelo contrário, terão a sensação nítida de terem mergulhado os dedos em verdadeira água fria!

A prova realiza-se e os espectadores são unânimes em afirmar que, apesar da água estar a ferver, notam sensações de frio!

*

*

*

O «truc», tam simples como os das illusões anteriores, explica-se dêste modo;

O fundo da panela de cristal, protegido por uma

linda cercadura de metal niquelado, comunica, por meio de um tubo hábilmente disfarçado, com o interior do fogão eléctrico.

Este, cuja ignição é apenas aparente, comunica, por sua vez, com um tubo de cautchú que, descendo por uma perna da mesa, vai terminar numa pera, existente sob o palco. Ai, mercê de um mecanismo próprio adaptado

ao tubo (capítulo LXII), um ajudante escondido, apertando a pera de borracha, não só produz as bôlhas de... vapor, como ainda, se quiser, pode fazer oscilar a tampa da panela com a mesma violência que as grandes ebulições originam.

A ilusão é tam perfeita e o vapor (capítulo LXII) mostra-se tam natural, que o próprio executante chega a ficar surpreendido !

Não admira, agora, que a água continui fria, não obstante a ilusão pasmosa de que ela se acha a ferver.

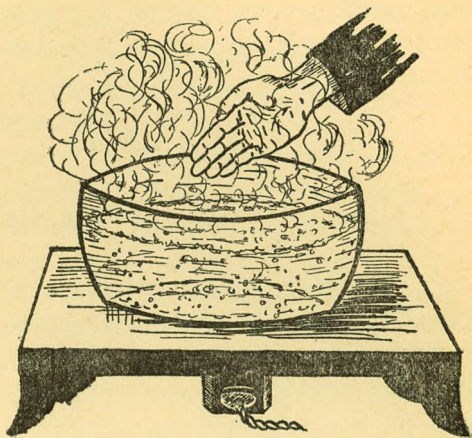


Fig. 37 —Mergulhar as mãos em água a ferver

Se, porém, se quisesse meter as mãos em autêntica

água a cem graus, bastaria, como faz Barnello, mergulhá-las previamente em éter. Mas eu não aconselho o processo, não só porque não nos dá a beleza do anterior, mas ainda, porque, devido à grande combustibilidade do líquido, podemos originar, sem querer, verdadeiras cenas de terror.

L X X

Um prodígio de sugestão

— Tenho exigido de vossas excelências — afirma o prestigiador — as maiores demonstrações de coragem. Em compensação, creio ter correspondido à confiança ilimitada que puzeram na minha ciência, pois dei-lhes, penso eu, as mais eloqüentes provas do que vale e para que serve a minha vontade-fôrça.

Depois, dirigindo-se exclusivamente ao grupo de rapazes que o cercam, o ilusionista prossegue :

— E creio que não se arrependeram de ter confiado em mim. Como viram, apesar de tudo quanto realizaram — um mundo de invulgaridades notáveis ! — nenhum mal lhes sucedeu.

Um sussurro de aprovação coroa as suas últimas palavras. O artista finge não reparar no movimento de simpatia que se desenha na platéia, e continua :

— Friso bem que nada lhes sucedeu, porque desejo submetê-los, agora, a um grande prodígio da sugestão e quero que vossas excelências continuem a crer que nenhum mal lhes sucederá.

A seguir a uma pausa muito curta, destinada a estudar o volume de curiosidade que vai crescendo no seu público, o prodigiador acrescenta :

— Vossas excelências, sob o domínio da sugestão, devem, desta vez, suportar nas suas bôcas o próprio ferro em brasa !

E, muito sério, garante :

— Claro que, como até aqui, nenhum mal lhes sucederá, porque o império da minha vontade responde pelo êxito da experiência.

A seguir às suas últimas palavras, o artista aproxima-se da forja e retira de entre os carvões em fogo um dos ferros incandescentes, que uns dez minutos antes havia posto a aquecer.

Então, com uma autoridade nunca até ali revelada, o artista chama um dos do grupo e ordena-lhe que abra a bôca. Êle obedece, aterrado.

O prestigiador, como se executasse a coisa mais natural dêste mundo, enfia-lhe por entre os lábios a parte chamejante do ferro e manda-o depois cerrar os dentes. O infeliz espectador, como que subjugado por um força estranha à sua, obedece.

E, em consequência da ordem imperiosa que se sobrepõe à sua própria consciência, arranca, como um autômato, um pedaço de ferro em brasa, que inexplicavelmente lhe fica suspenso da bôca !

O prodigiador coloca-lhe sob os lábios um pequeno pires de cristal e ordena-lhe que deixe cair nêle a prova eloqüente do prodígio. Depois, entregando o pires a um dos seus ajudantes, solicita-lhe que o leve à platéia, onde os assistentes poderão constatar que o pedacito de ferro se acha ainda em ignição !

A experiência prossegue com alguns espectadores mais, após o que o ilusionista agradece a presença no palco dos componentes do grupo e passa a outra ilusão.

*

* *

O processo adoptado pelos ilusionistas modernos para morderem, sem o menor perigo, qualquer barra de ferro em brasa, acha-se claramente exposto no capítulo LVII desta obra. Quanto ao «modus operandi» que cito e que consiste em fazer com que os espectadores substituam o ilusionista, é fácil de concluir que nenhum dos componentes do público acederá a realizar a experiência. Por isso, o ilusionista deve fazer misturar com os assistentes um ou dois dos seus ajudantes ou representantes da platéia, previamente instruídos.

É claro que é preciso ensinar-lhes a afastar os lábios do ferro ardente, para que não surjam complicações.

A «debinage» não é coisa a temer no «tour», porque os espectadores ensaiados ficarão supondo que o ilusionista lhes recomenda que afastem os lábios pela simplicíssima razão de não querer insensibilisá-los. O espectador, sem se preocupar com as razões que assistem ao ilusionista para proceder daquela forma, limita-se a executar o trabalho como lhe ordenam e a fixar a sua atenção apenas nos vinte ou trinta escudos que o ilusionista lhe oferece no fim de cada sessão.

O público, mesmo que lhe digam que se trata de um «compère», não poderá acreditar na versão, visto que morder ferro a cerca de mil graus ultrapassa tôdas as combinações que se possam imaginar; e, por isso, a idéia da sugestão mantém o mesmo volume. De resto, qual seria o espectador, sem o tranquilizarem previamente, que acederia a submeter-se a uma experiência tam invulgar?

Posso garantir que nenhum. Por essa razão, é tolerável o convénio, tanto mais que — repito — elle, no presente caso, não constitui «debinage» nem é crível para o público.

É ainda de admitir que os verdadeiros espectadores, aquêles a quem o artista não paga, acedam a imitar os pagos e, sendo assim, o «controle» mostrar-se á irrepreensível.

L X X I

Incêndio aparente de um teatro

O ilusionista, após a sessão majestosa que acaba de realizar, dirige-se teatralmente ao seu público, pedindo-lhe, com o à vontade que o prestígio alcançado lhe concede, uns momentos de atenção.

Depois, em palavras rápidas, mas eloquentes, afirma :

— Acabo de executar uma curiosa série de sugestões individuais que, como vossas excelências viram, tiveram o melhor êxito. Desejo agora provocar uma sugestão colectiva de enorme envergadura : Quero que todos vejam êste grande teatro em chamas !

E depois :

— Claro que nada poderei fazer, se as senhoras que me distinguem com a sua gentilíssima presença não acreditarem em mim, e supuzerem, por isso, que se poderão queimar. Garanto que só se queimará a pessoa que se levante da cadeira. Não posso, pois, responder por quem sair do seu lugar. E acho até preferível que as senhoras nervosas e muito impressionáveis, para se pouparem a desgostos, abandonem a tempo a sala. Se

quiserem conservar-se nos seus lugares, garanto mais uma vez que nada lhes sucederá, porque tudo quanto virem não passará de uma ilusão tremenda, obtida com flagrante fidelidade pela projecção nos seus cérebros do meu pensamento-fôrça. E agora vai descer o pano por cinco minutos. As pessoas que não tenham coragem sufficiente para assistirem a um incêndio pasmoso, com tôdas as aparências de verdade, devem abandonar a sala. As outras, as que, suceda o que suceder, não se levantem dos seus lugares, solicito-lhes que fiquem e prometto-lhes que assistirão a um espectáculo inédito e tam impressionante que jámais o poderão esquecer !

*

*

*

O pano, após uma sinfonia que faz vibrar os nervos ao máximo, eleva-se pela última vez. Dois bombeiros de cada lado, empunhando agulhetas de metal reluzente, denunciam a grandiosidade da prova que está prestes a realizar-se. O palco, totalmente livre de instrumental da ilusão, acha-se agora repleto por mecanismos e objectos de exclusivo uso dos bombeiros.

Quando o ilusionista entra em cena, a música cessa de repente e o silêncio notado a seguir mostra-se, por contraste dos sentidos, ainda mais perturbador do que o próprio ruído.

O prestigiador, logo que a música cessa, bate ruidosamente as palmas e duas línguas de fogo atravessam o espaço. Momentos volvidos, notam-se na platéia grandes clarões sinistros, que se tornam inexplicavelmente visíveis a todos os espectadores. O ilusionista eleva a sua mão direita e aponta com o índice determinada direcção

da sala. Imediatamente um jacto de fogo, como que nascido no espaço, impressiona os assistentes.

O prestigiador faz outro gesto e em ponto diverso da plateia, nova labareda se materializa aos olhos dos espectadores.

Por fim, o artista manda fazer música e logo que se ouvem os acordes fortes de uma composição tempestuosa, no palco e no próprio espaço reservado aos assistentes notam-se enormes línguas de fogo, acompanhadas de relâmpagos vivíssimos e de trovões colossais, interrompidos por silvos penetrantes e sinistros, que fazem arrepiar os seres mais indiferentes aos convites do pavor !

Em dado momento, um estrondo medonho, seguido de labaredas gigantes que se formam em pleno espaço e cruzam em tôdas as direcções, fazem, na aparência, cair o pano de um só golpe. Voltando a subir, o artista apparece de novo e curva-se ligeiramente em sinal de quem agradece...

*

* *

Em princípio, há uns cinquentá annos, o incêndio apparente de um teatro era feito por... miragem. A chama, occulta em determinados pontos da sala e do palco, era vista, por um curioso phenomeno de reflexão, junto dos espectadores. Mas não se imagine que qualquer fonte de labaredas resolvia o problema. A illusão fôra, como agora se faz em prestigiação dos nossos dias, cuidadosamente estudada por técnicos da especialidade. E foi só após demorados trabalhos práticos, de mãos dadas com ensinamentos teóricos arrancados à química, à física e à óptica, que a invenção magnífica surgiu e foi,

pelos domadores do fogo de então, exhibida nos teatros.

Êles, como ainda muitos dos contemporâneos que desconhecem os progressos do ilusionismo, distribuíam por lugares próprios (ocultos dos espectadores, mas de onde pudessem partir os reflexos provocadores da ilusão) certo número de potes de barro — esféricos e de bôca estreita. Dentro de cada um dêles punham a seguinte mistura à qual, no momento preciso, lançavam ou mandavam lançar fogo :

Cloreto de amónio	15 gramas
Cânfora	30 gramas
Alcool	60 gramas

Quando o líquido, evaporando-se, começava a produzir nuvens ígneas menos densas que o ar, estas, rubras como a chama viva, atravessavam a sala e envolviam os espectadores numa atmosfera de fogo ! (1)

Agora, a ilusão mais completa e mais rica, chega a causar desgostos, se o prodigiador inexperiente ou confiante, não puser, logo de início, o seu público ao facto do que lhe vai succeder.

Hoje, não só se provoca a ilusão formidável de um teatro devorado pelas chamas, mas ainda, para fazer vibrar ao máximo os nervos dos espectadores, se criam os ruídos próprios das enormes derrocadas, o fragor colossal do trovão e os clarões sinistros do relâmpago.

(1) As luzes do teatro estavam apagadas ou, então, reduzidas ao milésimo da sua intensidade.

*

* *

Antes da sessão começar, estendem-se em vários pontos convenientes, distantes das paredes e do teto certo número de discos invisíveis, tecidos em malha finíssima de metal. Na sua frente (lado dos espectadores) coloca-se-lhes, precisamente ao centro, um daqueles filamentos especiais que se tornam incandescentes quando um jacto de gás de iluminação os apanha no seu trajecto (1).

Atrás dêsses discos, mas ocultos na parede, existem tubos apropriados, cujos extremos opostos se acham adaptados a enormes vasilhas de aço. Estas, que contêm gás a elevada compressão, permitem, em dado momento, que o jacto gasoso atinja dois ou três metros de comprido. E assim, a coluna de gás, depois de atravessar o disco metálico e de se inflamar automaticamente com a incandescência do filamento, continua o seu trajecto, em fogo, até ao centro da sala.

Do número de bicos de gás e da sua localização no teatro, depende a boa ou má ilusão do horroroso espectáculo. Se tudo fôr executado inteligentemente e com arte, as chamas e as línguas de fogo, que começarão pouco e pouco, encherão, em dado momento, o espaço todo do teatro, enquanto clarões sinistros, produzidos pelo «cachimbo de lycopódio» (2) e ruídos formidandos ocasionados pelos mil instrumentos que já conhecemos,

(1) O instrumento é conhecidíssimo, porque, nas cidades onde ainda o gás impera, se usa em lugar dos fósforos para inflamar o fluido.

(2) «O Ilusionista», pág. 45 e seguintes do 1.º vol.

completarão a ilusão tremenda de um teatro em chamas a converter-se, em alguns minutos, num autêntico montão de escombros (1).

Os círculos de rede não deixam, como se sabe, retrogradar os jactos de fogo e é em virtude dêsse facto que ninguém pode conhecer a origem das labaredas, visto que elas apenas se notam distantes das paredes e do teto (2). A ilusão é, pois, completa e todos os artistas modernos sabem, por experiência própria, o terror que ela origina nos seus espectadores.

Ao exposto convém, para a tranquillidade de nós todos — autor, executante e público — acrescentar o seguinte :

No espaço que existe entre as paredes e os discos o gás não pode ser queimado, visto que, como já disse, a chama não volta para trás. O facto dá origem a que haja gás sem queimar, o que constitui um perigo para os espectadores. Por isso, quando se produzem os ruídos, convém fechar por segundos as garrafas de fluído, enquanto as ventoinhas de absorção limpam em alguns instantes a atmosfera do teatro.

Não procedendo assim, é natural que assistamos a fenómenos de asfixia, o que, creio eu, seria levar demasiado longe a ilusão do incêndio...

(1) «O Ilusionista», pág. 45 e seguintes do 1.º vol.

(2) A chama, como se estuda em química, não pode atravessar uma rede metálica de malhas muito finas. Davy, tirando partido inteligentíssimo do curioso fenómeno, ofereceu-nos, em princípios do século findo, a sua interessante lâmpada. A ela deve a humanidade a vida de muitos milhares de mineiros.



QUINTA PARTE



Maravilhas do fogo — Desnudar uma mulher em plena rua — Cartas misteriosas — Hálito destruidor — Vela maravilhosa — Piromância teatral — Cigarros que desaparecem das bocas dos fumadores — Revelação ígnea — O vulcão de Lémery — Brindes culturais do I. I. R. S.

LXXII

Maravilhas do fogo

A piromagia, tanto no seu aspecto profundo, que acabo de versar largamente, como no médio e no ligeiro, que versarei a seguir, oferece-nos recreações científicas de extraordinária beleza e ensinamentos preciosos que

predispõem o estudante para mais amplas relações com a química, a física e a óptica.

Até sob o ponto de vista pictórico, a magia do fogo se impõe, visto que podemos obter, com arte, verdadeiras invulgaridades a óleo chamejante, visíveis na escuridão!

«Os diabos em cena», insertos em «O Ilusionista» e, com muito mais razão, o estudo sobre «As fosforescências», a óleo, publicado em «O mundo científico», robustecem o que afirmo.

Quanto aos pequeninos «nadas», que originam, por vezes, «todos» de grande valor, elles são em tal quantidade e ocorrem ao cérebro em tam avultado número, que seria preciso consagrar-lhes muitas centenas de páginas para os inserir na íntegra. E eu, que disponho agora de pouco espaço, vejo-me forçado a seleccionar e a escolher de entre elles os que mais agradem às multidões e menos dificuldades imponham às pessoas que confiam no meu critério e honram com a sua atenção a obra que hoje lhes dedico.

Vou, pois, com o fim de continuar a merecer a confiança com que me distinguem os meus leitores e revelam nas centenas de cartas que recebo a propósito de obras já publicadas, confeccionar o «bouquet» final de «Magia do Fogo» e espero, com a certeza que nos dá o dever cumprido, fazer-me verdadeiro credor da amizade e simpatia de todos quantos me lêem.

LXXIII

Desnudar uma mulher em plena rua

Andrés Pérez Pombo, médico dos mais ilustres e amador dos mais distintos da América do Sul, comunicou em tempos ao I. I. R. S. a tremenda «ilusão» que segue :

O dr. Pérez Pombo achava-se em La Coruña, onde fôra em viagem de recreio, havia já umas semanas. Um dos seus amigos, António Muñoz, igualmente sócio do I. I. R. S., falou-lhe de certa menina, extremamente vaidosa, que era preciso... domar.

Pérez Pombo, com um sorriso nos lábios, garantiu que a presumida senhora, dentro de curto espaço de tempo, seria domesticada. Muñoz, satisfeitiíssimo, perguntou-lhe logo como. Mas o médico, habituado ao segredo... profissional, ficou mudo como um peixe.

Passados uns dias, os dois amigos voltaram a encontrar-se e Muñoz, sempre curioso, quis informar-se à viva fôrça do género de castigo que o médico americano resolvera pôr em prática.

Pérez Pombo limitou-se a perguntar-lhe :

— Conheces o costureiro da formosa menina O. R. ?

— Conheço.

— Apresentas-mo ?

— Para quê ?

— Não me faças perguntas... Apresentas-mo ou não ?

— Apresento e hoje mesmo.

— Basta. O resto... constar-te-á. Agora falemos de outros assuntos.

O. R., estonteante de beleza, no meio de um grupo de raparigas quási tam lindas como ela, passeia perto do



Fig. 38—Sem que ninguém lhe tocasse, havia ficado nua!

molhe. Em dado momento, O. R. e o seu gentil cortejo abandonam o Parque Mendez Nuñez, atravessam o Canton Grande e entram na Calle Real. Aí, às onze horas da noite, é quási impossível dar um passo, tal é a aglome-

ração de transeúntes. Ao cimo da rua, perto do Teatro Rosalia Castro, O. R. solta um grito de pasmo. Sem que ninguém lhe tocasse, havia ficado nua !

Do seu vestido, confeccionado há dias, nem mesmo a sombra se via ; e a pobre criança, em combinação de seda, é metida a tôda a pressa num «taxi» e conduzida a sua casa.

Momentos depois, igualmente de «taxi», chegam o médico e o amigo. Êste, aparentando grande surpresa, solicita a O. R., que se envolvera à pressa num elegante kimono, a explicação do facto. O. R., ainda aterrada, afirma que pouco pode acrescentar ao que as suas amigas disseram.

— Apenas sei — esclarece — que fiquei nua em menos de um décimo de segundo e que o meu vestido se fundiu em pleno espaço como se fôsse constituído por uma nuvem de fumo ! Nada mais sei ; nada mais posso dizer...

E quási a seguir :

— Só isto : Que estou assombrada e acho que a minha razão periga !

Ao pronunciar as últimas palavras, ela vê, estarrecida, que a criada entra no salão com o seu vestido nos braços.

— Afinal, — explica a serva, — o vestido estava no guarda-roupa...

— Mas — pergunta o O. R. fora de si — então êle desapareceu-me na rua e vem aparecer em casa ? ! Oh ! É horrível !

Pérez Pombo, que lhe fôra apresentado havia dias, intervém immediatemennte como médico e força a pobre pequena a recolher logo ao leito. Depois, aconselhando calma, prepara-se para sair. Mas a «doente», impressio-

nada pelo que sucedera, começa a mostrar sintomas que preocupam o cientista.

Pérez Pombo deixa-se ficar e, passados uns minutos, como O. R. continuasse nervosa e calada, resolveu contar-lhe tudo.

*

*

*

Pensando assim, começou por dizer :

— Sabe, señorita, há ocasiões em que a mais inocente «broma» corre o risco de se converter na mais tremenda tragédia !

O. R. continua silenciosa e o médico prossegue :

— Veja lá... Trata-se de uma brincadeira minha, cujas conseqüências, por eu não a saber tam nervosa, me foi impossível prever.

O. R. abre os olhos de repente e fita-os com dureza no seu amigo, perguntando-lhe atónita :

— O quê ? Uma brincadeira sua ? !

— Sim... Não me censure sem me ouvir. Depois, se quiser, poderá até castigar-me...

— Seja — responde O. R. mais tranqüila. — Não lhe direi o que sinto nem lhe farei ver o que me vai na alma, sem ouvir primeiro as suas desculpas e os motivos que o levaram a brincadeira tam... estranha.

Pérez Pombo, confiando absolutamente em si e no poder fantasista da sua imaginação, começou por se mostrar apaixonado e concluiu por afirmar que procedeu da-quele modo simplesmente para que entre ambos se estreitassem as relações e estas, continuando, fizessem germinar o amor.

A tirada, falsa de princípio ao fim, agradou muito a O. R., não só porque o médico gozava já de certa aura

no mundo intelectual, mas principalmente por ser o herdeiro de uma das maiores fortunas da América do Sul.

Risonha, quasi satisfeita, O. R. solicitou-lhe que explicasse em detalhe tudo quanto sucedera.

— É simples—continua Pérez Pombo, — Soube que você ia fazer um lindo vestido de linho. Fui ao seu costureiro e encomendei outro exactamente igual. A principio, o homem resistiu; mas depois de lhe explicar que se tratava de uma surpresa, acedeu e eu, vitorioso, impuz-lhe uma condição...

— Qual?

— Exigi que me desse o «gimmick» do seu vestido com a antecipação de três dias.

— E ele deu?

— De três dias não, mas de quatro — para me ser agradável e merecer, talvez, uma recompensa maior.

— Bem; e depois?

— Depois, logo que me apossei do vestido, tratei-o pelo sistema «éclair»... (1).

— O que é isso?

— Depois lhe explicarei mais de espaço. Agora deixe-me continuar a narrativa...

— Pois sim, continue.

— A seguir, passei-o eu próprio a ferro, visto que tinha de proceder com os maiores cuidados e a baixa temperatura, para o não fazer desaparecer, e...

— Mas então um vestido, tratado pelo tal processo «éclair», desaparece de repente?!

— Com a velocidade do relâmpago. Arde sem deixar um átomo de cinza e tam rapidamente, que nem mesmo dá tempo a que a pessoa se queime!

(1) Vide capítulo XXXIII, pág. 179 d'êste mesmo livro.

— Mas é preciso lançar-lhe fogo e ninguém me incendiou...

— Não. Aproximaram-lhe apenas do vestido o extremo incandescente de um cigarro banal.

— Só isso ? !

— Sim ; e foi o suficiente.

— Mas como fez a troca dos vestidos ?

— Valendo-me da sua criada de quarto, que nada sabe a êsse respeito, mas que inconscientemente me prestou os maiores serviços.

— É estranho !

— Não. É natural, quando não nos supõem capazes de cometer tais loucuras.

— Então Eva não sabia de nada ?

— Não. Quando cheguei, fui eu até que lhe sugeri a idéia de ir ver ao guarda-roupa se o vestido lá estava...

— Formidável !

— Sim, estupendo, se você não se zangar comigo.

— Não zango, descance, porque tenho uma missão a cumprir...

— Qual ?

— Castigá-lo, como merece. E — concluiu rindo — distante de si não poderei realizar o meu desejo...

.
O. R. jurara vingar-se e vingou-se: casou com Pérez Pombo.

Êle queimára-lhe o vestido em algumas fracções de segundo; ela, mais cruel, queimára-lhe o coração e agora põe-lhe a cabeça em fogo a miudes vezes ao dia !

LXXIV

Cartas misteriosas

Uma carta com meia dúzia de linhas a abrir, é enviada a um amigo. No texto que se redige deve-se, com elegância e correcção, excitar-se-lhe a curiosidade sobre determinado caso interessante, seleccionado entre os assuntos ligeiros que servem de tema às intrigas inocentes da juventude correcta.

No fim, para intrigar o destinatário, afirma-se-lhe que se elle quizer saber o resto, deverá continuar a leitura, — mergulhado na escuridão.

Ele, espicaçado pela curiosidade, apaga a luz e, em caracteres de fogo, lê ainda mais algumas palavras, que se extinguem no preciso momento em que a revelação mais interessa.

A carta finaliza por garantir que a parte restante, curiosíssima, só se tornará visível dentro de vinte ou trinta minutos, salvo — é claro — se a carta desaparecer antes...

Este aviso desconcertante leva o destinatário a tomar as suas precauções. Apesar disso, quer o papel seja encerrado num cofre, quer o mantenham entre as mãos, elle desaparecerá, — sem deixar o mais leve sinal de si!

*

* *

O pasmoso «tour» que descrevo foi executado em 1927 pelo meu querido amigo Maurice Kelly.

Eis a descrição do seu próprio segredo:

Numa fôlha de papel «éclair» (1), escreveu as primeiras linhas com uma tinta vulgar e as palavras seguintes com uma dissolução que pode ser substituída pelo fósforo branco ou qualquer tinta fosforescente que se leia na escuridão (2).

Mas eis a fórmula que o próprio Maurice Kelly empregou para obter o misterioso líquido com que escreveu a sua carta :

Álcool a 95 graus.	100 gramas
Fósforo.	1 grama

Após tudo, pincelou um dos ângulos do papel com a mistura seguinte :

Sulfureto de carbono	60 gramas
Fósforo	10 gramas

Como fechou a carta num sobrescrito apropriado, dentro do qual não era possível uma evaporação rápida, a missiva não desapareceu. Mas, logo que foi posta em contacto com o ar, o carbono evaporou-se e o fósforo, inflamando-se espontâneamente, fez com que o papel «éclair» desaparecesse num relâmpago, sem deixar sequer, como vestígios, um único átomo de cinza.

Antes de concluir, quero avisar o experimentador de que a solução carbono-fósforo deve ser mantida em frasco de cristal, com rôlha esmerilada muito justa, para o carbono se não evaporar. Sempre que se abra o frasco,

(1) Vide capítulo XXXIII, pág. 179.

(2) Álcool fosforado, por exemplo.

deve cerrar-se o mais depressa possível, porque a diminuição de carbono predispõe a mistura para a inflamação espontânea.

*
* *
*

A intrigante experiência foi repetida de modo diverso, em 1938, pela gentil Carmencita Múnguia.

Como a jovem amadora não dispunha da solução final que produz a inflamação espontânea do papel, escreveu em letras chamejantes que se o destinatário quisesse conhecer o «resto», devia chegar o cigarro ao ângulo direito superior da carta ou aproximar esta parte do papel da chama de uma vela ou da incandescência de um fósforo.

É evidente que a carta desaparece num relâmpago e nem a pessoa que a tem nas mãos chega a compreender que ela foi destruída pelo fogo. A rapidez é tal que nem sequer deixa perceber as causas da desapareição !

L X X V

Hálito destruidor

— Dizem — afirma o ilusionista — que há em África um réptil cujo hálito, só por si, consegue matar um homem ! É possível, embora nos pareça estranho por desconhecermos o facto. Eu, por exemplo, acredito no tremendo fenómeno e — confesso-o lealmente — nunca me foi dado vê-lo...

E depois :

— Infelizmente, porém, sou dos que têm consigo

coisa semelhante a lamentar. Imaginem vossas excelências que possuo, como o réptil africano, um hálito destruidor ! Sempre que o dirijo para qualquer objecto, êle rebenta logo em chamas e é destruído pelo fogo. Se alguém quere observar o facto, bastará emprestar-me um lenço. Claro que, como não se trata de ilusionismo, o lenço ficará inutilizado e eu, em face do exposto, sou forçado a devolvê-lo tal qual êle ficar.

A seguir, pegando no lenço que lhe oferecem, continua :

— Reparem, excelências, tenho os braços arregaçados e as mãos totalmente livres. O lenço, que é emprestado, nada encerra de suspeito. Querem ver ?... Não ?... Então observem... Bafejo-o duas ou três vezes e... ei-lo — já devorado pelo fogo !

E, a concluir, o artista acrescenta :

— Outro lenço... Quem me empresta outro lenço para eu converter em cinzas ?

*

* *

Toma-se um pedacito de fósforo e corta-se debaixo de água, com o auxílio de uma tesoura, em três ou quatro bocaditos do tamanho de um «O» maiúsculo. Depois, momentos antes de começar a experiência, metem-se na boca, ainda húmidos, entre os dentes e o lábio inferior. A humidade bucal manterá, em tais condições, os pedacitos de fósforo em respeito. . .

Para realizar a ilusão, bastará «cuspir» no lenço emprestado um dos três ou quatro pedacitos do metalóide e friccioná-lo depois no tecido. Logo que a humidade se evapore, o lenço começará a arder.

Querendo repetir o «tour», utilizar-se-ão os outros pedacitos. Porém, quer se repita quer não, o que não devemos esquecer é que tivemos um sério veneno na bôca. Por isso, o nosso primeiro cuidado será, logo após a sessão, proceder às convenientes lavagens.

Escuso de acrescentar que, antes disso, acho absolutamente perigoso engolir seja o que fôr — incluindo a própria saliva.

*

* *

Se, por lamentável descuido, um ou mais pedacitos do metalóide se meterem esôfago abaixo e forem parar ao estômago, o caso é sério, mas nada se remedeia em perder a cabeça... A primeira coisa a fazer é provocar o vômito com titilações na garganta, a vêr se o pedacito ou pedacitos de fósforo são arremessados cá fora. Mas — cuidado ! — em caso algum se devem tomar vomitórios sem prévio conselho do médico. Se êle estiver distante, poderemos então, enquanto esperamos pelo homem de ciência, proceder, segundo os casos, de qualquer destas duas formas : Admitamos primeiro que os pedacitos de fósforo foram vomitados. Neste caso, tomamos quinze gramas de sulfato de magnésia num pouco de água e esperamos tranqüillamente que o clínico dê as suas ordens ; se, pelo contrário, o metalóide não cedeu às titilações, tomamos dez gramas de essência de terebintina e esperamos igualmente que o médico actue. Em caso algum — note-se bem isto ! — devemos confiar na eficácia de um antídoto, mesmo que nos assegurem que êle, para o caso indicado, se mostra o melhor do mundo. O melhor antídoto para um veneno, seja êle qual fôr, é sempre a ciência de um médico.

LXXVI

A vela maravilhosa

Maurice Kelly, o ilusionista americano que mais se tem salientado em invulgaridades científicas, mandou há dias, dentro de um estojo apropriado, uma vela de es-

tearina a um dos admiradores das ciências da ilusão. Dias antes havia-lhe êle endereçado uma carta misteriosa (capítulo LXXIV), onde lhe solicitava que a incastigalasse e prometia, após isso, acender-lha à distância!

O destinatário obedeceu e a vela, passados uns minutos, rompeu inexplicavelmente em chamas—ardendo depois com a lentidão habitual até se consumir por completo!

Até hoje ninguém explicou semelhante «mistério». Creio, pois, que os meus leitores gostarão, certamente, que eu lhe consagre umas linhas. Prefiro dar a autêntica solução do problema e, para isso, nada me parece melhor do que inserir o verdadeiro «segrêdo» com que o próprio Maurice Kelly distinguia «Magia do Fogo»:

«Escolhi uma vela de grosso pavio e destearinisei êste,

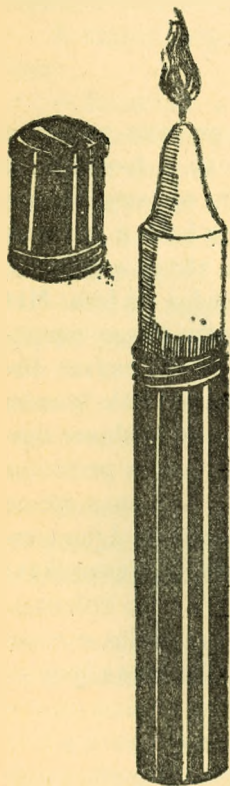


Fig. 39 — A vela maravilhosa

pelo calor, para o tornar mais impregnável no líquido que eu desejava utilizar. Depois, com o maior cuidado, embebi-o na solução carbono-fosfórica já conhecida dos meus colegas e que tem a propriedade, como nenhum de nós ignora, porque todos os sócios do I. I. R. S. estão ao facto das minhas experiências, de se inflamar espontâneamente após a evaporação do carbono (1).

«A seguir ao preparo que descrevo, encerrei a vela num tubo de metal apropriado, onde a evaporação só é possível muito lentamente, e mandei-a ao meu amigo.

«O resultado, verdadeiramente deslumbrante, já os leitores o conhecem, porque se acha descrito na abertura singela desta ilusãozinha admirável».

LXXVII

Piromância Teatral

O ilusionista mostra, de ambos os lados, uma fôlha de jornal aos espectadores. Logo a seguir, pede a um dos assistentes que jogue um dado e tome nota por escrito, para se não esquecer, dos pontos que obteve.

Depois, toma a fôlha de jornal e toca-lhe com o cigarro. Imediatamente uma chama faz a sua aparição no lugar tocado e, como que obedecendo a uma fôrça misteriosa, percorre determinado trajecto. A linha caprichosamente percorrida pelo fogo acaba por se converter num algarismo e êste, pirogravado à «jour» no papel, mos-

(1) Capítulo LXXIV, dêste mesmo livro.

tra-se absolutamente igual ao número de pontos obtidos com o dado pelo espectador!

*
* *
*

Antes da sessão começar, prepara-se uma solução ligeira ou forte (conforme se desejar muita ou nenhuma

labareda) de nitrato de potássio em simples água comum. Com a solução obtida e um pincel minúsculo «pin-ta-se» e m de terminado ponto do jornal o algarismo que nos conviere marca-se-lhe ao lado uma pequenina cruz a lápis, visto que, não procedendo assim, nunca mais



Fig. 40 — O número previsto pelo fogo

saberemos onde foi desenhado o algarismo, porque depois de seco ele se nos apresentará absolutamente invisível.

A seguir ao «controle» do jornal, damos para as mãos dos assistentes um dado comum ou mecânico e «forçámo-lo» pelo processo já exposto em «Magia Teatral» (1) a obter um número de pontos exactamente igual ao algarismo que previamente desenhámos.

Logo que isso se realiza, aproximamos o cigarro da marca a lápis e o algarismo respectivo começará, lentamente, a formar-se no papel.

*

* *

A ilusão que descrevo, embora lindíssima, pode, contudo, ser ultrapassada em beleza e tornar-se ainda mais formosa. Para isso, bastará empregar o sistema secreto de Cm-12, apresentada ao I. I. R. S. e enviada a todos os seus membros — sob o título curiosíssimo de «Fotografia do Pensamento». O princípio do «tour», adaptado ao presente caso, dar-nos-ia o maravilhoso «efeito» que segue :

«Pedem-se vários cartões de visita aos espectadores e dá-se depois a escolher um deles, que se entrega imediatamente a um dos presentes. A seguir, diz-se :

«— O bilhete que acaba de ser escolhido por vossas excelências não voltará às minhas mãos enquanto a previsão pelo fogo não se tenha realizado».

Depois de pronunciadas estas palavras, solicita-se a um dos assistentes que jogue o dado a que me refiro em cima e pede-se ao portador do cartão a gentileza de o

(1) Capítulo LIV, pág. 279 e seguintes.

ocultar entre as mãos. Após isso, dirigindo-nos à pessoa que jogou, recomendamos :

«— É indispensável que vossa excelência pense fortemente no número obtido para que o respectivo algarismo se fixe no bilhete de visita que tiveram a amabilidade de emprestar-me ».

Volvidos uns instantes, o ilusionista acrescenta, dirigindo-se, desta vez, ao detentor do cartão :

«O pensamento daquele cavalheiro acaba de fotografar-se no bilhete de visita que vossa excelência teve a bondade de ocultar, por uns momentos, entre as suas próprias mãos. Queira ver, senhor... Qual é o número de pontos que a fotografia revela ?»

E, em face da resposta, exclama, como que assombrado :

«— O quê?! Acha-se totalmente em branco!?»

Depois de elevar a mão direita à fronte, prossegue :

«—Tem razão! Que cabeça a minha! Como quero eu que vossa excelência veja a fotografia, se ela ainda não está revelada?!»

O público, nesta altura, imagina que o ilusionista se vai apoderar do cartão, para, sob pretexto de o revelar, escrever nêle o número pensado pelo espectador. Por isso, fica surpreendidíssimo, quando ouve o artista dizer :

«— Para que eu não pegue no bilhete, revele-o vossa excelência mesmo... É fácil. Basta fumo do cigarro. Uma boa fumaça sobre êle e a fotografia aparecerá. Assim... Vê?!... Agora já todos podem ler perfeitamente qual foi o número fornecido pelo dado e o algarismo que aquêlê cavalheiro pensou... Cinco, não é verdade ?».

Claro que em «Fotografia do Pensamento», a tecno-

logia é outra, visto que nem é preciso «forçar» ninguém a obter os pontos que quisermos. Saiam os que saír, o algarismo respectivo aparecerá sempre «fotografado» no bilhete de visita !

Engenhoso, não é ? Engenhoso e lindo !

LXXVIII

Cigarros que desaparecem das bôcas dos fumadores

O «tour» não pode executar-se, porque daria enorme trabalho, com os cigarros já feitos. Em todo o caso, os leitores que preferirem realizar a ilusão daquela forma, poderão satisfazer o seu desejo, comprando maquinação própria destinada ao fabrico, em pequena escala, de cigarros impecáveis. O mais vulgar, por ser mais cómodo e mais barato, é, contudo, servirmo-nos de tabaco em fio e do respectivo livrinho de mortalhas.

Assim :

Depois de fazermos um cigarro, estendemos, como habitualmente, o papel e o tabaco ao amigo que nos cerca e pretendemos ilusionar. Elle, como de costume, retirará uma das mortalhas e fará, como é de uso entre amigos, o cigarro que lhe ofertamos. Quando, porém, lhe chega a chama de um fósforo ou a incandescência de um outro cigarro, soltará um grito de surpresa : o cigarro, como por encanto, desaparecer-lhe-á de entre os lábios !

O papel, fundindo-se num relâmpago, deixa abruptamente o tabaco em liberdade e este, sem mesmo ser lambido pelo fogo, caírá, de um golpe, inexplicavelmente ao chão !

*

* *

O leitor já compreendeu certamente que se irata de mortalhas previamente submetidas ao banho do «papier éclair». De facto, assim é; mas nós, para variar o «tour», podemos também submetê-las ao banho de nitrato de potassa (capítulo LXXXVII d'este mesmo livro) e, neste caso, assistiremos a uma desapareição lenta, mas extraordinariamente cómica — pelo «efeito» invulgaríssimo que revela.

LXXIX

Revelação ígnea

Se um amigo nos oferece um cigarro ou um charuto, não devemos acendê-lo como qualquer... simples mortal. Tomámo-lo entre os dedos e pedimos ao ofertante que sopra duas ou três vezes no extremo a inflamar. Em consequência do sôpro, o cigarro entrará em chamas e nós então, descansadamente, pomos-lo entre os lábios e fumámo-lo — como costuma fazer-se.

*

* *

Como na ilusãozinha anterior, nós servimo-nos, nesta outra, de conhecimentos já adquiridos. Realmente, se humedecermos o extremo do cigarro na solução carbonofósforo (capítulo LXXIX), bastará o sôpro do amigo para evaporar o primeiro e o segundo, agindo em liberdade, porá instantâneamente o nosso cigarro em chamas.

LXXX

O vulcão de Lémery

O doutor William Price, dos amadores mais distintos que conheço, quis um dia fazer uma partida engraçada a um seu amigo milionário, que começara, havia uns meses, a dar os primeiros passos na estrada cheia de encantos aberta à juventude estudiosa pelo grande Robert-Houdin.

Eis parte da sua comunicação enviada, há tempos, ao I. I. R. S. :

«Estávamos em princípios de setembro. O meu amigo T. P. convidára-me a passar na sua casa de campo os dias que eu consagrara às minhas férias. Acedi ao convite : peguei em vários instrumentos de prestigiação moderna e dirigi-me à sua aldeia. T. P. — ainda o não disse — era um dos meus discípulos».

William Price, depois de nos contar que T. P. lhe exigira qualquer coisa formidável nas ciências da ilusão, continua :

«Pedi ao jardineiro, que já fôra meu criado e eu próprio colocara em casa do meu amigo, que enterrasse no jardim as matérias constitutivas do vulcão de Lémery. Depois, exigindo-lhe segredo, disse-lhe que no dia *x* regasse abundantemente o ponto onde enterrasse a mistura. Ora, como se sabe, logo que se humedecem as substâncias que Lémery doseou, o solo abre-se como por encanto e, se estiver calor, sai das entranhas da terra o fumo, as cinzas, as labaredas e até a própria lava que caracterizam os vulcões.

* * * * *

«Após tudo, pretextei uma chamada urgente e aban-

donei o meu amigo por cêrca de quinze dias. Uma semana antes da data fixa, escrevi a T. P., a comunicar-lhe que no dia x faria rebentar à distância, no seu próprio jardim, um autêntico vulcão.

«E graças ao meu humilde cúmplice, tudo se reali-

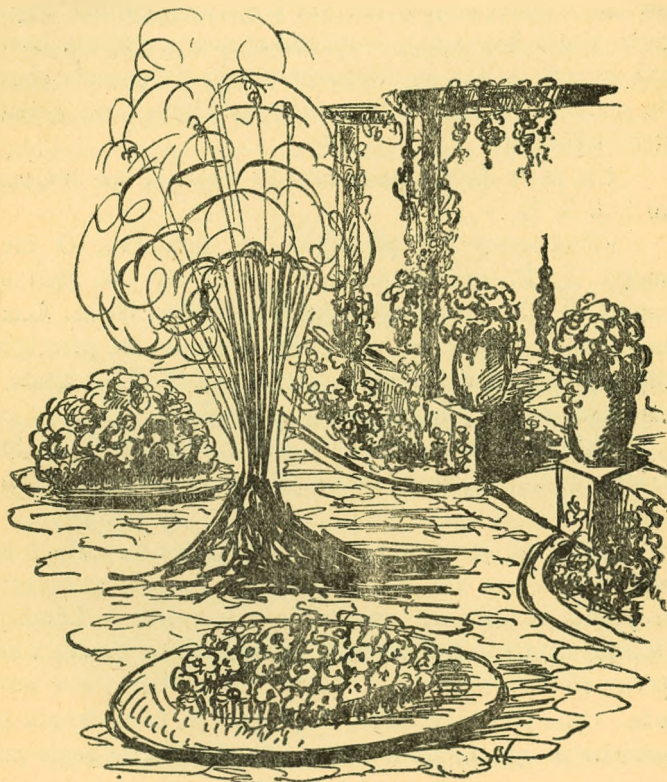


Fig. 41 — Vulcão provocado à distância

zou como eu havia previsto, ficando o meu amigo aterrado com o «efeito» Lémery.

«Antes do fim do mês, voltei a sua casa e, depois

de me rir um pedaço, expliquei a T. P., para o tranquilizar, como realizei o fenómeno.

«É claro que tive de arranjar novo emprego ao jardineiro, porque, embora eu tivesse a certeza de que elle não seria despedido, preferi afastá-lo de um patrão que lá muito no fundo não o via com bons olhos».

*

* *

Eis em que consiste e como se provoca o curiosíssimo fenómeno, que William Price nos descreve:

Se misturarmos flor de enxofre com simples lima-lha de ferro e o fizermos cuidadosamente na proporção exacta de quatro partes da primeira para sete da segunda, teremos immediatamente a matéria-prima de que carecemos para provocar um fenómeno aparentemente geofísico.

De facto, humedecendo a mistura realizada em tais proporções e abandonando-a a si mesma durante certo espaço de tempo, que varia, como é natural, com a temperatura do «meio», assistiremos, como descreve o doutor Price, a uma ilusão aterradora, que deixará sem pinta de sangue todos os espectadores que lhe ignorem as causas. O calórico desenvolvido pelas substâncias em junção, elevar-se-á lentamente e acabará por atingir tam subido grau, que originará a formação de enormes quantidades de vapor de água, resultando dêsse facto a projecção mais ou menos violenta de uma parte importante da massa.

Para melhor se comprehender o fenómeno descrito, acho conveniente recordar aqui algumas noções e leis principais daquilo que em linguagem universitária se convencionou chamar «termoquímica» :

As transformações químicas não podem reduzir-se à estreiteza concepção do aparecimento de certos corpos à custa de outros que a fenomenologia conversora faz desaparecer para sempre. Se o facto, por vezes tam aparentemente real, constituísse uma verdade incontroversa, nós poderíamos, como nos ensinam irónicamente em «Passe-Temps Intellectuels», pesar o fumo de uma acha. Bastaria, como nos descrevem na anedocta, pesar cuidadosamente o pau e, depois de o destruímos pelo fogo, subtrair do valor obtido, o que resultasse do pêso que as cinzas acusassem. A diferença — pasme-se! — dar-nos-ia o pêso do fumo...

Mas a coisa, como facilmente se compreende, é um pedaço mais complexa, visto notar-se também variações mesuráveis no conteúdo energético do sistema.

E essas variações, quando se manifestam por libertação de calor, chamam-se reacções exotérmicas; se se apresentam ao observador sob o aspecto contrário — absorção do calórico — então classificam-se também contrariamente e designam-se por endotérmicas.

Mas há mais. Além destas alterações caloríficas, um sistema pode ainda produzir trabalho. No nosso caso, esse trabalho manifesta-se pela projecção, mais ou menos violenta, das substâncias que reagem, ao carecer de trabalho, para a realização do «processo químico» respectivo. É o que sucede, por exemplo, na formação de anidrido hipocloroso e, de um modo geral, em tôdas as reacções de que resulta uma alteração do volume nos componentes gasosos — mantendo-se a pressão constante. Em qualquer dos casos, como se conclui do exposto, regista-se, portanto, alteração notável no conteúdo energético do sistema submetido a estudo. Essa modificação representa, em linguagem académica, o

«calor da reacção» do sistema referido a uma molécula-grama das substâncias que reagem.

Hess, já em 1840, defendia a tese, tida hoje como verdadeira, de que o calor desenvolvido numa reacção a volume ou a pressão constante, depende do estado inicial e do estado final e não dos intermediários.

O calor de reacção que se observa, ao formar-se um composto a partir dos seus elementos — no estado físico em que êsses elementos se encontram quando se acham a uma temperatura oscilante entre dezóito e vinte graus centígrados — tem o nome especial de «calor de formação». Ora entre o «calor de formação» e o «calor de reacção», existe uma relação importantíssima, que nos permite calcular os calores de alguns «processos químicos» que não são directamente acessíveis à análise calorimétrica (1).

As alterações energéticas que acompanham uma reacção traduzem-se, como já disse, por fenómenos de produção ou de absorção de calor e de trabalho. O ponto de partida para a análise termodinâmica do facto é, portanto, a energia interna do sistema em repouso, à qual não se pode atribuir valor numérico, salvo se se lhe aplicar a fórmula das leis da relatividade, de Einstein.

Consideremos, pois, um sistema que passa de um estado (A) a um outro estado (B). À temperatura T , o calor desenvolvido na reacção será Q . Se representarmos agora por $Q + dQ$ o calor de reacção correspondente à temperatura $T + dT$, poderemos determinar a

(1) O calor de uma reacção é a diferença entre o calor de formação dos produtos de reacção menos a soma dos calores de formação dos respectivos reagentes.

variação do calor de reacção com a temperatura. Para isso, fazemos passar o sistema do estado (A) — só com os reagentes à temperatura T — a um outro estado (B) — só os produtos da reacção à temperatura $T + dT$ — e teremos dois caminhos diferentes à nossa disposição :

a) Realizamos a transformação à temperatura constante T e elevamos depois à temperatura de dT . Na primeira modificação desenvolveram-se Q calorias e na segunda, representando por C_B a capacidade calorífica do sistema quando os reagentes se transformam completamente nos produtos de reacção, a quantidade de calor fornecido é exactamente de $C_B \cdot dT$ (consideram-se negativas as quantidades de calor fornecidas ao sistema).

O calor posto em jôgo na transformação total é pois, o seguinte :

$$Q - C_B \cdot dT$$

b) Aqueçamos o sistema no estado A, elevando a temperatura de dT ; o calor fornecido será $C_A \cdot dT$, designando por C_A a capacidade calorífica do sistema no estado A.

Efectuando agora a reacção à temperatura $T + dT$, representamos, como já disse, a quantidade de calor desenvolvido por $Q + dQ$, total de calor que interveio na transformação $Q + dQ - C_A \cdot dT$.

Se applicarmos o princípio da equivalência (1), vem :

(1) Notemos que não houve fornecimento de trabalho e que nas duas transformações a variação da energia interna foi a mesma.

$$Q + dQ - C_A \cdot dT = Q - C_B \cdot dT$$

de onde

$$\frac{dQ}{dT} = C_A - C_B$$

expressão esta deduzida por Kirchoff e que se pode enunciar assim : A derivada do calor de reacção em ordem à temperatura é igual à diferença entre as capacidades caloríficas do sistema antes e depois da reacção. Daqui tiramos a seguinte conclusão importantíssima :

Quando o calor da reacção fôr constante, a capacidade calorífica será constante também.

Efectivamente, a derivada de uma constante é nula. Logo :

$$\frac{dQ}{dT} = C_A - C_B = 0 \quad \text{e} \quad C_A = C_B$$

Antes de concluir, estudemos ainda outros princípios fundamentais da termoquímica :

Quando um sistema evolue espontaneamente — ensina-nos Berthelot —, a transformação faz-se no sentido em que há maior desprendimento de calor.

Este princípio, que se designa por «princípio do trabalho máximo», só se aplica a sistemas muito afastados do seu estado de equilíbrio e apenas se verifica para reacções irreversíveis.

Sabemos por outro lado que, segundo a lei de Koppe, o calor molecular é igual à soma dos calores atômicos dos componentes da molécula. É evidente que se designa por calor molecular a quantidade de calor que é necessário fornecer à molécula de uma substância

para se lhe elevar a temperatura de um grau, isto é, a capacidade calorífica da molécula.

E eis-nos documentados profundamente sôbre o vulcão de Lémery.



Brindes culturais do I. I. R. S.

O I. I. R. S., a quando da publicação de «Magia Teatral», acedeu, a meu pedido, em oferecer aos leitores da referida obra uma ilusão interessantíssima, intitulada «Maravilhosa adivinhação», que havia sido inventada, propositadamente para quem não tivesse agilidade, pelo distinto amator americano e meu querido amigo, dr. Joseph Power.

A julgar pelas centenas de pedidos feitos em 1940-41 e pelo grande número de cartas recebidas a elogiar a concessão, é fácil de concluir que eu proporcionei aos leitores de «Magia Teatral» um autêntico prazer. Mas se algumas dúvidas me restassem a propósito do facto, bastaria para as diluir totalmente a correspondência que, há uns meses a esta parte, me tem chegado às mãos.

Em setembro de 1941, a Livraria Progredior, editora de «Magia do Fogo», enviou a várias centenas de conhecidos amadores um impresso documental, anunciando o aparecimento, para breve, desta obra de piro-magia. Desde então, como afirmo, as cartas choveram-me

de todos os pontos do país e até de alguns do estrangeiro — Brasil, França, Espanha, etc. Nessas cartas, em que os meus leitores se mostram encantados pela entrada no prelo de «Magia do Fogo», solicita-se novo brinde do I. I. R. S. e pede-se com empenho uma ilusão das mais modernas, muito espectacular e fácil de executar.

Pois bem. Pedi e obtive para os leitores dêste livro uma invenção recentíssima, superior à do «Lenço Odin» e à própria «Tinturaria», sem aparelho visível, que fez a glória de Okito e constitui uma virtuosidade aparente do simpático Fu-Manchú.

É esta (Cm-77), inventada por Mary Ruth e apresentada há dias ao I. I. R. S. pela sua gentil colega Betty William :

«A distinta colega Mary Ruth — escreve Betty William — amadora como eu e como eu estudante de medicina e membro do I. I. R. S., depois de mostrar as mãos de ambos os lados completamente vazias, toma na direita um lenço de sêda vermelho, sem preparação alguma, e mete-o pouco e pouco, introduzindo-o com as extremidades dos dedos, na mão esquerda semi-cerrada. Ao abrir de novo esta mão, vê-se que o lenço vermelho se converteu em branco, azul, etc. Mary Ruth dá-o logo para as mãos dos assistentes, para que êles não suponham que se trata da célebre invenção de Odin !

«Claro que o «tour», cuja facilíma execução fará pasmar os colegas do I. I. R. S., está ao alcance dos mais inexperientes amadores, porque, embora seja apresentado a braços nus, é de simplicidade notável, como convém a raparigas com a nossa idade e a rapazes do I. I. R. S. que apreciem ilusões maravilhosas, que se

executam quasi por si mesmas, sem estudos de maior nem grandes trabalhos a vencer».

Como se comprehende, o aparelho nunca é visto pelos espectadores, o que os leva a crêr que o executante, operando a braços nus, possui, na realidade, uma técnica estupenda !

E, no entanto, qualquer menina, de posse do engenhoso instrumento metálico — fabrico admirável de Wilson Hamley's, da América do Norte — poderá sem qualquer difficuldade, após a leitura das três fôlhas dactilografadas, repletas de desenhos explicativos, que constituem a comunicação, executar o magnífico «tour» enunciado por Betty William.

Essas instruções, que acompanharão o aparelho conversor do género «invisível» serão, a meu pedido, traduzidas pelo I. I. R. S. e dactilografadas em português, de modo que todos os leitores de «Magia do Fogo» possam, logo após a recepção do instrumento, iniciar o respectivo estudo e executar a linda ilusão dentro do mais curto espaço de tempo.

O I. I. R. S., cujo único objectivo é banir do illusionismo puro tudo quanto possa desprestigiá-lo, só exige que nem o autor nem o editor do livro se sirvam do brinde que oferece para reclamo da obra. O I. I. R. S. impõe que o leitor de «Magia do Fogo» ignore, ao fazer a compra, que pode obter gratuitamente, se adquirir a obra, uma das ilusões mais formosas da prestigiação moderna. Quere que esta invenção-brinde, que constitui gentileza sua, seja uma coisa a mais para o leitor, mas uma coisa a mais que elle não espera e que, por isso mesmo, se pode qualificar de agradável surpresa.

Além disso, o leitor a quem a linda ilusão interresse, terá de submeter-se, ao fazer o pedido, às regras que descrevo a seguir:

1.º — Introduzir no envelope a dirigir ao I. I. R. S. (rua da Bandeirinha, 90-Pôrto), um dos seus bilhetes de visita, onde se achem impressos o nome, profissão e morada do leitor e se declare se já pediu, em devido tempo, a invenção-brinde concedida em 1940-41 aos leitores de «Magia Teatral» ;

2.º — Juntar para despesas aduaneiras, de embalagem e de transporte do aparelho Chicago-Pôrto, duas notas de vinte escudos e registar, para evitar extravios, a carta que contenha o pedido ;

3.º — Todos os leitores que se dirijam ao I. I. R. S. e não observem aquelas condições, não obterão resposta alguma.

*

E finalizo «Magia do Fogo», fazendo votos para que todos quantos me lêem encontrem nas suas páginas a solução clara e fácil dos problemas tenebrosos e difíceis que me propus resolver.

Quis que «Magia do Fogo» fôsse, como «Magia Teatral» foi, mais que um simples livro de ilusionismo, destinado exclusivamente a uma distracção estéril dos sentidos.

Teria conseguido o meu intento ? Os leitores o dirão certamente, visto que já conhecem o prazer com que os recebo, quando me honram com a sua presença, e o carinho com que lhes respondo, quando me distinguem com as suas cartas.

F I M

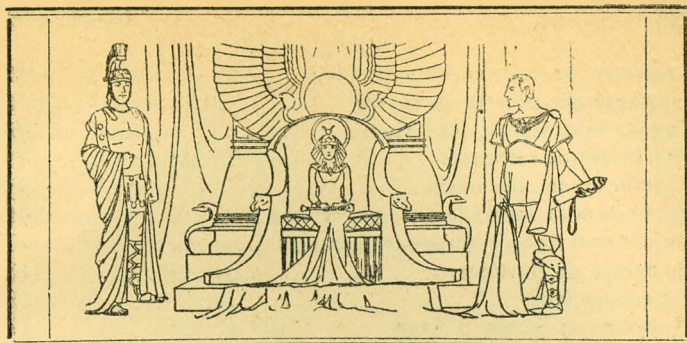
G R A L H A S

Só me preocuparam as principais gralhas e destas apenas aquelas que podem prejudicar o conveniente sentido do texto.

<i>Páginas</i>	<i>Linhas</i>	<i>Onde se lê :</i>	<i>Deve lêr-se :</i>
12	25. ^a	de pavor	do pavor
22	11. ^a	exigem	exigiam
32	10. ^a	montão	um montão
51	5. ^a	Rosália Castro	Rosalia Castro
52	31. ^a	Rosália	Rosalia
106	25. ^a	cento	centro
131	33. ^a	270°	271°
144	17. ^a	peróxido	sexquióxido (3^{a} Fe ²)
152	17. ^a	dulcíssimo	dulcisono
189	26. ^a	localisando	localisado
243	28. ^a	primeiro acto	último acto
271	15. ^a	da caldeira	na caldeira
280	16. ^a	Garanto-lhes	Garante-lhes
288	19. ^a	um fôrça	uma fôrça

Nota importante :

Pág. 85 — Fig. 5 : Os dedos da mão esquerda devem estar fechados e apertar entre elles o cabo do canivete.



Índice geral

Como nasceu a piromagia	5
A luta pelo prestígio	12
Origem dos domadores do fogo.	15
A prova do fogo	17
Mistérios do Oriente	19
Um homem queimado vivo	28
Cremação oriental.	32
O delírio do braseiro	34
Hipóteses e conjecturas	38
Explicação científica do mistério	43
O grande iniciado	49
Extraordinárias revelações de um fakir	53
As primeiras exhibições no Ocidente	58
Mokaddem vestido com grande pompa.	61
Como no Ocidente se pega em ferros em brasa	66
As investigações de Sementini	70
Os devoradores de pedras e de vidros	73
Os aïssaua de 1889.	77
Revelações de um aïssaua	81
Cenas de sangue	83
Andar sobre os gumes de espadas	87
Elevação do aïssaua	89

Atravessar as faces com um espadim	91
O alfange que penetra no ventre	94
Engolir uma espada sem «truc»	97
Fascinação de serpentes	101
Espetar pregos nos olhos.	103
Um homem atravessado por uma espada	104
Entrar num forno a grande temperatura	110
O segrêdo de Martínez.	113
Método moderno	115
O segrêdo de Simão, o Mago.	117
O segrêdo de Richardson.	119
O segrêdo de Leonetto.	126
Sistema contemporâneo	127
Ligas metálicas.	131
Lavar as mãos com ferro em fusão	133
Os contemporâneos	139
O segrêdo de Barnello	144
Um espírito superior — um Zoista	145
Os Diabos Vermelhos	148
Sonata do Diabo	150
Primeiro acto	153
Segundo acto	161
Terceiro acto	168
Mistérios do fogo	174
Deitar fogo pelos olhos	175
Fazer sair relâmpagos pelos dedos	176
Aquários chamejantes.	180
Os devoradores de fogo	182
Acender velas com a bôca	185
Fósforos acesos no bôlso do colete	186
Devorar a chama de uma vela	188
O Cigarro imaterial	189
Deitar fumo e fogo pela bôca	194
Velas acesas no bôlso interior da casaca	197
Acender velas com os dedos	198
Transporte misterioso da chama de uma vela.	200
Acender cem velas com um tiro de pistola	202
Flores entre chamas	204
Detonações digitais	205
Bico de gás humano	208

Beber cem copos de vinho	209
Estômago-Caixa forte.	213
Repuxo humano	216
Beber cem copos de petróleo	220
O vulcão humano	223
Os devoradores de pedras e de vidros	225
Comer carvões ardentes	227
Beber petróleo em chamas	230
Morder ferro em brasa	232
O mistério da prisão de fogo.	234
A caldeira infernal	237
Um homem queimado vivo	241
O poder da sugestão	268
Esfera ígnea.	256
Varinha de fogo	260
Garrafa escaldante.	264
Moeda que queima.	267
A caldeira do suplício.	270
A temperatura das mãos	274
Uma fogueira nas mãos dos espectadores	276
Água a ferver nas mãos dos assistentes	280
Um prodígio de sugestão	282
Incêndio aparente de um teatro	285
Maravilhas do fogo.	291
Desnudar uma mulher em plena rua	293
Cartas misteriosas	299
Hálito destruidor	301
A vela maravilhosa	304
Piromância teatral.	305
Cigarros que desaparecem das bocas dos fumadores	309
Revelação ígnea	310
O vulcão de Lémery	311
Brindes culturais do I. L. R. S.	318
Gralhas	322



Um novo livro? Não... Um livro novo!



UMA TESE FORMIDÁVEL

que cria uma nova escola
da psicologia da ilusão

Trata-se de *Magia Teatral*, que insere as criações mais recentes de ilusionismo científico e nos apresenta a técnica da subjugação dos sentidos sob um aspecto verdadeiramente inédito, pondo por isso mesmo ao alcance de todos, até dos amadores mais inexperientes, os maiores prodígios da memória e as mais extraordinárias adivinhações, previsões e transmissões do pensamento. Além disso, *Magia Teatral* publica ainda as experiências mais espectaculosas, como aparições, desaparecimentos e transformações de múltiplos objectos e todos os aparentes milagres que possam realizar-se com cartas, moedas, lenços, fitas, cigarros, dedais, anéis, copos, vinho, água, tinta, papel, cordas, etc.

Assim, com a maior facilidade e sem nenhum estudo prévio, os leitores de *Magia Teatral* poderão aparentar uma memória de ferro, calculando instantaneamente e de cor, por exemplo, as raízes de qualquer grau, incluindo as de índices primos, como as quintas, as sétimas, as undécimas, etc. Poderão igualmente e com idêntica facilidade, transmitir ou «adivinhar» os pensamentos dos espectadores e realizar verdadeiras maravilhas com uma infinidade de objectos, depois de analisados pelo público, e, portanto, sem preparo especial que facilite a ilusão.

Magia Teatral é um livro que todos devem ler, porque ninguém tem o direito de ignorar as suas fantásticas revelações, especialmente sobre as leis da memória, da apreensão dos sentidos e da psicofisiologia moderna.

1 grosso vol., com 320 págs., ilustrado com 67 gravuras

Brochado—15\$00 Belamente encadernado—22\$50

ENVIA-SE CONTRA REEMBOLSO

Pedidos à LIVRARIA PROGREDIOR, Editora

158, RUA DE PASSOS MANUEL, 162 — PORTO

HENRI ARDEL

Uma Aventura Imprudente (3. ^a edição) .	10\$00
A Noite Desce... (3. ^a edição) .	10\$00
O Caminho em Declive.	10\$00
A Alvorada	10\$00
É preciso casar o João!.	10\$00
Fogo Mal Extinto	10\$00
Um Conto Azul	10\$00
A Divina Canção.	10\$00

DOSTOÏEWSKY

Os Possessos (2 volumes)	20\$00
Crime e Castigo	15\$00
Os Irmãos Karamazoff	10\$00
Humilhados e Ofendidos	10\$00

J. FONTANA DA SILVEIRA

Histórias da Nossa História	10\$00
O Livro Maravilhoso	10\$00
O Guarda-Livros Prático (2. ^a edição) .	10\$00
O Correspondente Comercial (2. ^a edição) .	10\$00
Como Triunfar no Comércio (no prelo) .	\$
Crianças Bem Fadadas	6\$00

EDUARDO DE FARIA

A Volta do «Desejado».	10\$00
--------------------------------	--------

EDGAR WALLACE

Os Quatro Homens Justos — Policial . .	10\$00
--	--------

MARTINS OLIVEIRA

Os Filtros do Amor (2 volumes)	20\$00
Magia Teatral	15\$00
Magia do Fogo	20\$00

Edições da Livraria Progrebior

Rua de Passos Manuel, 162 — Porto

ACABOU DE SE IMPRIMIR AOS 29 DE DEZEMBRO DE 1941,
NA TIP. DA LIVRARIA «PROGREDIOR» — AVENIDA DE
: : RODRIGUES DE FREITAS, 383 — PÓRTO :